

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUCSP**

Anna Silvia Rosal de Rosal

**Refúgio: um mal-estar contemporâneo.
A experiência dos sírios em São Paulo**

DOCTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo

2022

Anna Silvia Rosal de Rosal

Refúgio: um mal-estar contemporâneo.

A experiência dos sírios em São Paulo

Tese apresentada ao Programa de Estudos Pós-graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de doutora em Psicologia Clínica.

Área de concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Renato Mezan.

São Paulo

2022

ROSAL, A.S.R. **Ainda sem título.** 2022. 2002 f. Tese (doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-graduados, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Renato Mezan

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP

Julgamento:

Profa. Dra. Maria Cecília Pereira da Silva

Instituição: Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Julgamento:

Prof. Dr. Carlos Fernando Bittencourt Neumann

Instituição: Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Julgamento:

Profa. Dra. Rosa Maria Tosta

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP

Julgamento:

Prof. Dr. Reginaldo Mattar Nasser

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC SP

Julgamento:

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pelo afeto e segurança.

À memória de meus avós Elias, Joaquim e Darcy.

À vovó Ruth, cujo afeto e suavidade muito ensinaram.

A minhas irmãs, sobrinhos e cunhados, pelo porto seguro.

À memória de meu amado irmão Raphael.

A todos os sírios assolados pela guerra.

Aos alunos e supervisionandos, pelas trocas ao longo do percurso.

À memória de Alberto e Jayme Salama.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Brasil.

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Brasil.

Número do processo: 1400.43/2008-7

AGRADECIMENTOS

Ao querido Prof. Dr. Renato Mezan, que tornou minha caminhada enriquecedora ao compartilhar seu vasto conhecimento e acolher a manifestação de minha singularidade. Pelo encontro autêntico, ético e acolhedor.

A cada um dos sírios entrevistados, por me permitirem conhecer seus lutos.

Ao Prof. Dr. Reginaldo Mattar Nasser, que contribuiu com sua cultura e acesso a comunidade árabe em São Paulo.

À Profa. Dra. Caterina Koltai, que muito acrescentou ao trabalho por meio de relevantes apontamentos.

À banca de defesa, pelas contribuições que certamente enriquecerão esse trabalho.

Aos professores Luís Claudio Figueiredo, Rosa Tosta, Elisa Ulhôa Cintra, Alfredo Naffah Neto, pela relevante contribuição nesse trajeto.

A Rodrigo Estramanho, pela escuta sensata, ética e afetiva concedida desde os tempos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

À memória do Prof. Dr. Ryad Simon, cujos ensinamentos a mim transmitidos entraram em ebulição ao longo da escrita desta tese, o que me trouxe a nítida lembrança do profícuo período de convivência, durante meu ingresso no campo psicanalítico.

À Ana Paula Gianesi, pela escuta acolhedora e presença encorajadora.

À querida analista Marlene Rosenberg, que me ajudou a replantar raízes.

À Rachelle Salama, pelo acolhimento ao longo da travessia de um deserto.

À Maria Helena Raimo Caldas de Oliveira, um seio bom internalizado no início de minha formação em psicanálise, quando supervisou meus primeiros atendimentos.

Ao querido amigo e colega de psicanálise Carlos Neuman, pela escuta sensível e acolhimento.

Aos colegas de pós-graduação, pela troca e convivência prazerosa ao longo da trajetória que compartilhamos em torno da busca pelo aprimoramento psicanalítico. Entre estes, em especial, agradeço a Wednei Moreira, Isabel Bernardes, Maria Cláudia Lordello, Adriana Gradin, Ricardo Cavalcante, Cláudio Oliveira Filho, Sabrina Plothow, Marcus Jacobina, Wilson Klain, Carol Hampariam e Gracieli Tavares.

À querida Adriana Abrão, que prontamente me ajudou a chegar aos sírios.

Ao Sr. Billal, pelo acesso a alguns participantes dessa pesquisa.

À Ilda Pedroso Andrade, que generosamente estreitou o caminho até alguns entrevistados, mesmo sem nos conhecermos pessoalmente.

A PUC SP, que ao acolher a pluralidade enriquece a compreensão do humano.

A reitoria da PUC SP, pelo acolhimento e respeito com que conduziu a instituição no revolucionário período pandêmico.

Ao CNPq, que permitiu a realização desse estudo. Sem este apoio não seria possível trilhar um caminho que se mostrou enriquecedor.

Os homens, ainda que devam morrer, não nasceram para morrer, mas para recomeçar.

Hanna Arendt

RESUMO

Na última década a Guerra Civil da Síria forçou mais de 13,3 milhões de pessoas a deixar o país em busca de proteção e liberdade. O rompimento com a cultura desorganiza os referenciais identitários e remete o sujeito ao desamparo. Ao mesmo tempo, o refugiado reconhece o desejo de partir e o temor que o recomeço apresenta. À vista disso, entendo o refúgio como um mal-estar contemporâneo. O objetivo desta pesquisa é compreender, à luz da psicanálise, as implicações psíquicas decorrentes da experiência do refúgio de sírios que moram na cidade de São Paulo. Os participantes da pesquisa constituíram um grupo heterogêneo em relação a idade, sexo e grau de instrução. Seus relatos apontaram que o modo como se vive as implicações decorrentes do refúgio é uma expressão da singularidade de cada sujeito. No entanto, são afetados pelo abalo identitário, insegurança e desamparo, entre outras fraturas psíquicas e culturais. A esperança na reconstrução da vida em um território seguro e democrático são essenciais para preservar a vitalidade psíquica.

Palavras-chave: Refúgio. Mal-estar. Sírios. Psicanálise. Refugiados palestinos.

ABSTRACT

In the last decade, Syria's civil war has forced over more than 13.3 million people to leave the country in search of protection and freedom. The rupture with culture disorganizes the identity references and leads the person to helplessness. At the same time, the refugee recognizes the desire to leave and the fear of starting over again. In view of this, I understand the refuge as a contemporary discontents. The aim of this research is to understand, from the Psychoanalysis reference, the psychic implications of Syrians refugees living in the city of São Paulo. The research participants constituted a heterogeneous group in terms of age, sex and level of education. In common, they are affected by the identity stunned and helplessness, among other psychological and cultural fractures. The hope to rebuild the life in a safety and democratic territory is essential to preserve psychic vitality.

Key-words: Refuge. Discontents. Syrians. Psychoanalysis. Palestinians refugees.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
1 INTRODUÇÃO	19
2 JUSTIFICATIVA	38
3 REFÚGIO.....	46
2.1 Refúgio no Brasil: legislação e políticas de públicas	52
2.2 São Paulo: destino do refúgio	58
2.3 Os primeiros sírios em São Paulo	59
2.4 Recepção de refugiados no Brasil.....	62
4 SÍRIA: Guerra. E paz?	67
4.1 A evolução do Estado sírio	73
4.2 A Primavera Árabe.....	79
5 SOBRE O MÉTODO.....	92
5.1 A entrevista.....	97
5.2 Procedimentos.....	99
6 OS SÍRIOS	103
6.1 Mohammed.....	107
6.2 Nassim	115
6.3 Rawa.....	127
6.4 Rima	139
6.5 Amal.....	147
6.6 Hanadi	160
6.7 Salam.....	167
6.8 Anas.....	172
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS	184
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	202
APÊNDICE B – CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO.....	203

APRESENTAÇÃO

“*Si tú no emigraste, emigró tu padre*”.

*José Saramago*¹

Na contemporaneidade, diversas situações levam o homem a mudar de país em uma intensidade jamais vista na história. Algumas pessoas se movem pelo mundo envoltas em uma certa aura de *glamour*, caso dos executivos expatriados, intercambistas e turistas. Esses grupos têm como motor a globalização da economia e as possibilidades decorrentes da abertura de mercado, como o baixo custo das viagens internacionais, comparado a décadas anteriores, e outras. Contudo, a aura de *glamour* esvanece quando as imposições da globalização econômica impelem os profissionais que trabalham em empresas multinacionais a acreditarem que a expatriação é indispensável a sua sobrevivência no universo corporativo e, portanto, não pode ser recusada. Em outra direção, muitos se deslocam em função de rompimentos abruptos que provocam dor e desamparo, como os refugiados, os migrantes e os deslocados. Geralmente estão fugindo de regimes ditatoriais, guerra, miséria social, economias falidas ou tragédias da natureza. Estão condenados ao desterro, restando-lhes padecer no exílio como “os degredados os filhos de Eva [...] gemendo e chorando em um vale de lágrimas.”² De todo modo, independentemente do motivo do deslocamento, há os abalos identitários que o desenraizamento promove.

O deslocamento humano é um fenômeno multifacetado que atinge o sujeito e a cultura. Para entender suas dimensões é necessário transitar por variados saberes, o que me levou a cruzar as fronteiras da psicanálise e lançar-me em outros campos, como Sociologia, História, Direito, Relações Internacionais e Psicologia. A visão de homem adotada por cada disciplina direciona o interesse dos pesquisadores para as dimensões que configuram seu objeto de estudo.

Pensar o sujeito do inconsciente inserido em uma cultura é um recorte que me instiga. Nos últimos anos, me debrucei sobre as nuances da mobilidade humana, em especial, as

¹ SARAMAGO, José. *Historia de la emigración*, 2009. Disponível em: <<https://cuaderno.josesaramago.org/52205.html>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

² “Salve, Rainha” é uma oração católica inspirada na expulsão de Adão e Eva do paraíso. Na Bíblia Sagrada está no livro de Gênesis.

questões afetas ao psiquismo. No mestrado, busquei conhecer como os executivos brasileiros significam a expatriação, quando decorrente da transferência de um profissional da matriz para alguma unidade da mesma empresa localizada no exterior.³ Além disso, enquanto docente e pesquisadora da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, realizei algumas pesquisas no contexto da expatriação, sempre interessada nas implicações subjetivas do viver entre culturas. No entanto, em um desses estudos lancei meu olhar para o modo como as empresas gerem o processo de expatriação. Meu objetivo era compreender se e como reconhecem os desdobramentos dessa experiência na vida privada de seus executivos.⁴ Para mais, investiguei o modo como famílias nômades significam a mobilidade. Nessa ocasião, entrevistei a família de um diplomata e outra, de expatriados. Esse estudo permitiu-me me aproximar da criança de terceira cultura (do inglês *Third Culture Child*, ou TCK),⁵ fenômeno que tem crescido significativamente no mundo globalizado.

Agora, no doutorado, busquei compreender os processos psíquicos que emergem em decorrência da experiência de refúgio. Cidadãos de muitos países estão refugiados no momento. Escolhi conhecer os sírios, pois a força com que rompimentos – tanto físicos quanto psíquicos – se fizeram presentes na vida dessa nação despertou minha curiosidade. O sujeito refugiado enfrenta uma experiência caracterizada pela ambiguidade entre ficar e partir, desejar e reprimir, identificar-se e negar, romper e reconstruir. Ao deixar seu país em busca de proteção à vida, rompe laços afetivos e culturais, abandona bens materiais e tantas outras familiaridades para lançar-se em terra estrangeira. Na bagagem estão dor, saudade, incerteza, insegurança, desejo e esperança na reconstrução de um cotidiano alicerçado em segurança, liberdade e paz. Essa experiência implica, portanto, mover-se em um cenário conflitivo. Afinal, como conciliar segurança e paz com o luto e a dor causados pelo desenraizamento? Por tudo isso, o refugiado é um protagonista do horror contemporâneo.

³ Mestrado realizado na PUC-SP, defendido em 2015, sob a orientação da professora Dra. Ida Kublikowski, cujo título é *Vida de expatriado: a narrativa de executivos brasileiros solteiros*. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/15406/1/Anna%20Silvia%20Rosal%20de%20Rosal.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

⁴ O resultado de um dos estudos foi publicado no artigo “Gestão de Recursos Humanos Internacional e o ajustamento intercultural do executivo expatriado”. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/24232>>. Acesso em: 26 out. 2019.

⁵ Termo usado pela primeira vez pelo casal de sociólogos John e Ruth Useem (1999), para crianças que, ao longo do período de construção da identidade, moraram em variadas culturas. Também usado para adultos que, na infância, tiveram essa experiência.

Considerando esse contexto, emergiu a seguinte pergunta de pesquisa: uma vez que o refúgio desorganiza a identidade, que implicações apresenta a vida psíquica do sujeito? Para compreender a questão fez-se necessário escutar o sujeito que recorreu ao refúgio (o refugiado) e a cultura de origem. Então, para conhecer a subjetividade do refugiado, fez-se necessário entender as dimensões legais, políticas e socioeconômicas do refúgio. Em decorrência disso, o objetivo desta pesquisa é compreender, à luz da psicanálise, as implicações psíquicas decorrentes da experiência do refúgio de sírios que moram na cidade de São Paulo.

Refiro-me aos efeitos imediatos da guerra síria, visto que ainda não há distância histórica para compreendê-los em toda sua extensão. Neste momento, inclusive, não é possível sequer vislumbrar o fim dessa guerra. Al-Assad, o presidente da Síria, intensificou a represália às regiões onde os insurgentes resistem, o que aumentou a busca por refúgio. Isso implica o risco de alguns aspectos aqui apresentados, em especial os números do refúgio, se tornarem datados entre o depósito e a defesa da tese.

Em alguma medida, o viver entre culturas, romper e reconstruir, são traços presentes em minha história, apesar de não envolver os contornos desenhados pelo horror provocado por uma guerra, como acontece com os sírios. Minha história de vida – consciente e inconscientemente – influenciou a escolha da temática estudada. Como afirma o psicanalista Renato Mezan, no texto *Freud, pensador da cultura*, “não é possível se aventurar pelos domínios da psicanálise fingindo ignorar que os temas a serem tratados dizem respeito também, e exemplarmente, ao investigador e às suas motivações.”⁶ Afinal, prossegue Mezan, “quem algum dia já se debruçou sobre um problema ‘teórico’ sabe que não existem questões em si.”

A mobilidade entre países está presente em minha vida mesmo antes de minha concepção. Sou de uma família com várias histórias de deslocamento, iniciadas com a chegada de três irmãos que trouxeram a família Rosal de Rosal da Espanha para o Brasil.⁷ Essa saga prosseguiu quando meu avô Elias (pai de meu pai) imigrou do Piauí para a Bahia, para o território que abriga hoje a quinta geração desse deslocamento. Minha mãe, também piauiense, ao casar-se mudou para a Bahia. Não por acaso ambas as ascendências são do Piauí. Meus pais são primos em quarto grau, em linha colateral, portanto, ambos são Rosal. Com isso meu nascimento retomou o nome originário da família (Rosal de Rosal), pois quando meus

⁶ MEZAN, R. *Freud, pensador da cultura*. 8ª ed. São Paulo: Blucher, 2019, p. 22.

⁷ Parte dessa história se perdeu, o que limita meu relato.

antepassados espanhóis ingressarem no Brasil um Rosal não foi transmitido aos nascidos no Brasil. Uma parte dessa história se perdeu à medida que cada um dos irmãos se instalou em um Estado diferente.

Além do deslocamento familiar relatado acima, minha cidade natal, Remanso, foi inundada pela barragem de Sobradinho em 1977, quando eu tinha dez anos de idade, aproximadamente. Uma nova Remanso foi construída e a cidade velha (como passou a ser chamada) foi inundada pelo velho Chico. Essa mudança modificou a configuração da comunidade e mobilizou intensas reações emocionais na população. Na nova cidade, algumas mudanças evidenciavam as diferenças entre o passado, o presente e o futuro que começava a ser construído. A arquitetura das moradias se modernizou, as pessoas ganharam novos vizinhos e o saneamento básico foi ampliado, entre outros progressos que vieram concomitante ao luto promovido pela demolição da cidade. Esse fato inspirou a dupla Sá e Guarabira a compor uma música que revela aspectos da inundação de Remanso e mais quatro cidades vizinhas.

As mudanças territoriais foram continuadas por mim, individualmente. Aos 18 anos de idade mudei para Salvador com a finalidade de continuar os estudos. Na sequência, quando aprovada no vestibular de Psicologia, mudei para Brasília, onde morei por nove anos. Lá tenho minha família materna. Deixaram o Piauí tão logo meus tios concluíram a faculdade (no Rio de Janeiro), pois a nova capital sinalizava vastas possibilidades de desenvolvimento. Em 1996, vim morar na cidade de São Paulo e aqui me casei com um paulistano cujos pais migraram do Egito para São Paulo quando os judeus foram expulsos, por ocasião da Revolução de 1952. Aqui, fiz formação em psicanálise na USP e comecei a clinicar, o que continuo fazendo.⁸ Por alguns anos, conciliei a clínica com o trabalho em organizações e, na sequência, com a docência no ensino superior. Nos últimos anos ministro as disciplinas de Psicanálise e Metodologia, em curso de graduação de Psicologia e de especialização em Psicanálise. Portanto, guiada pela escuta psicanalítica, me movi também no campo psi.

Muito do que se vive no refúgio é encontrado em sujeitos fixos na terra natal. Afinal, o traumático não está somente nas vítimas de guerra, como nos revelou Freud, no texto *O estranho*.⁹ Ao contrário, habita em todos, migrantes ou não. Por isso, a guerra da Síria – tão

⁸ Antes de mudar para São Paulo, iniciei na área clínica no ambulatório de onco-ginecologia do Hospital Universitário de Brasília (HUB), administrado pela Universidade de Brasília (UnB).

⁹ FREUD, S. O estranho. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 235-269.

distante geograficamente – se faz próxima por meio de muitos pacientes assolados pela estrangeiridade advinda de traumatismos vividos na infância ou decorrentes de experiências violentas da vida adulta. Por isso, os contornos do fenômeno aqui retratado podem representar a história de muitas pessoas que jamais estiveram na Síria ou em qualquer outra guerra, no entanto recorreram ao refúgio psíquico para se proteger da dor causada pelas exigências conflitantes entre o desejo e as normas culturais que instalam o mal-estar no sujeito.

Como visto, os fenômenos psíquicos e sociais que configuram meu campo de pesquisa fazem parte de minha história. Percebi com ampla clareza quando em uma sessão de análise, muito empolgada com a pesquisa, disse: *Esse é o trabalho de minha vida*. Em seguida, minha analista calmamente disse: “Sim, esse é o trabalho de sua vida.” Quantas associações vieram a partir dessa fala.

*

Uma vez delimitado o objetivo, parti para a pesquisa bibliográfica, o que permitiu conhecer o estado da arte. Para tanto, recorri a livros e artigos que abordam o refúgio, textos e documentos que contam a história da Síria, do Oriente Médio e da Primavera Árabe. No âmbito da psicanálise, recorri a relevantes publicações sobre os processos psíquicos, de Sigmund Freud a psicanalistas contemporâneos que se dedicaram ao estudo de questões correlatas, como Caterina Koltai, Marcelo Viñar, Silvia Amati Sas, Charles Melman, entre outros. Ademais, li autores não psicanalíticos que investigaram a temática em questão, como Hanna Arendt, Primo Levi, entre outros.

Diante desse universo conceitual, surgiram muitas dúvidas em relação ao modo como poderia estruturar a sequência dos capítulos e a abrangência do trabalho. Gerou muitas reflexões em torno da tessitura desta tese. Isto porque escrever não me parece tão fácil quanto percebia Pablo Neruda ao dizer: “Escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca ideias”. Esse *meio* suscita mais que ideias, mobiliza angústia, criatividade e censura, não exatamente nesta ordem. Afinal, como afirmam os psicanalistas Alfredo Naffah Neto e Elisa Ulhôa Cintra: “Quem pesquisa se entrega ao ato de escutar (escavar sempre mais) os dados de uma queixa, uma história, os milhares de trabalhos

anteriores que ameaçam esmagar com a pressão do já sabido.”¹⁰ Além disso, convocou a história e os afetos do pesquisador.

Vencida as dúvidas iniciais, cheguei ao formato descrito abaixo. Até finalizar a escrita, revisitei as seções diversas vezes, aliás, como é característico em uma pesquisa de abordagem qualitativa. Essa experiência ampliou o sentido de uma fala que surgiu nas primeiras orientações deste trabalho quando o Prof. Renato Mezan disse: “você fez uma boa pesquisa, mas deve escrever um trabalho autoral.” Entendo que além do caráter autoral ser uma característica central em uma tese de doutorado, cada experiência é, de fato, única. Entendi que a literatura é fundamental para o autor se situar em seu universo de pesquisa, pois ajuda a sinalizar a trajetória a ser percorrida. Mas, acima de tudo, mostra o quanto pode se distanciar (sem ignorar) do caminho trilhado por outros e, então, imprimir singularidade.

A construção dos capítulos dessa tese e a sequência em que foram organizados é o resultado de inquietações e elaborações oriundas, tanto da pesquisa teórica quanto do contato com os participantes e, claro, da orientação recebida do caro Professor Renato Mezan.

A **Introdução** contextualiza a mobilidade humana na atualidade, destaca o refúgio e seus efeitos no psiquismo. Para mais, apresenta o estado da arte, ou seja, o que se sabe sobre as implicações do refúgio no sujeito do inconsciente.

Na **Justificativa** apresentei os dados do refúgio, as leis que permitem e barram o ingresso de refugiados em território estrangeiro. Mostrei também as políticas públicas de recepção de refugiados. Além disso, discorri sobre o primeiro fluxo migratório da Síria para São Paulo.¹¹

O capítulo seguinte, **Síria: Guerra. E paz?** Surgiu da necessidade de contextualizar a vida dos participantes, inclusive para entender o que procede da guerra e o que antecede a experiência de refúgio. Essa seção retrata a evolução do Estado sírio, de sua constituição à guerra civil que disparou o refúgio atual. Registra a importância da Síria para a economia das grandes nações e, por fim, mostra a relação entre a Primavera Árabe e o início da referida guerra. Afinal, a cultura se mostra um objeto de saber que visa compreender a experiência de

¹⁰ NAFFAH NETO, A.; CINTRA, E. M. U. Paradoxo, noite e mistério: os labirintos da pesquisa psicanalítica. In: KUBLIKOWSKI, I.; KAHHALE, E. M. S. P.; TOSTA, R. M. (org.). *Pesquisas em psicologia clínica: contextos e desafios*. São Paulo: Educ, 2019.

¹¹ Este texto sofrerá revisão assim que o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) atualizar os dados do refúgio, o que tem ocorrido no mês de julho.

vida em sociedade, o que caracteriza a existência humana. Como afirma o psicanalista Renato Mezan, no domínio do campo cultural cada sujeito revela sua singularidade e esta é indecomponível a uma classe ou grupo.¹² Sendo assim, investigar o sujeito a partir desse contexto não significa incluí-lo na classe a que pertence. Ao contrário, implica compreendê-lo a partir de sua singularidade.

Na sequência, o capítulo intitulado *Sobre o método* discute a pesquisa psicanalítica e apresenta o modo como o método psicanalítico foi aplicado neste estudo. Retrata os procedimentos de pesquisa e conta sobre as entrevistas.

Por fim, as *Considerações finais*. Busquei discutir o objetivo desse estudo e mostrar o que a pesquisa revelou além do que já se sabia sobre o sujeito refugiado

¹² MEZAN, R. *Sociedade, cultura e psicanálise*. São Paulo: Blucher, Karnac, 2017.

1 INTRODUÇÃO

Quando cheguei em casa e vi meu corpo todo sujo de sangue, eu desmaiei. Quando acordei disse: acho que tem uma guerra. Nunca vou esquecer. Eu tento entender o que está acontecendo. Guerra aqui, dentro de quem? De quem é essa guerra? Quem eu sou agora? E agora, vou para onde? Sou de onde?

Não tinha nenhum documento falando que eu sou realmente uma pessoa. Não trouxe o registro porque não estava em casa quando foi bombardeada.

Já se acostumaram com o número de mortes na Síria. Isso é sério. Deveriam falar o nome das pessoas e não os números. Não sei quando a guerra vai acabar, mas a Síria acabou. Não tem mais volta. Era uma vez a Síria na geografia.

As falas compiladas acima foram extraídas do relato de alguns entrevistados. Sintetizam afetos e produções intrapsíquicas desencadeados pela violência da guerra e pelas implicações do refúgio na subjetividade dos entrevistados.

Não por acaso essas falas me lembraram a experiência de Primo Levi em campos de concentração. Embora tais fatos tenham eclodido em épocas e continentes distintos têm em comum a intensidade com que variados afetos abalaram os referenciais identitários do sujeito. A intensidade pulsional decorrente desse excesso foi definido por Freud como uma experiência assustadora e perigosa que provoca grave distúrbio no psiquismo em decorrência da violência de um fato externo, quando o ego teme ser prejudicado.¹ Como o trauma emergiu na narrativa de todos os participantes dessa pesquisa, entendo importante discorrer sobre a evolução desse conceito na obra de Freud.

As primeiras elaborações de Freud sobre o trauma vieram da escuta de pacientes históricas. Em 1893, no texto *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos*, afirmou Freud: “O trauma deve ter alguma relação especial com alguma parte do corpo.”² Isto porque as evidências traumáticas estavam inscritas nos corpos, sob a forma de um mecanismo de conversão. Suas pacientes relatavam abusos sexuais sofridos na primeira infância, o que o levou

¹ FREUD, S. (1955/1920/1976). *Memorandum sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra*. In: _____. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução Eudoro Augusto Macieira de Souza. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 227.

² FREUD, S. (1893/1994). *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos históricos*. In: _____. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. III. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 37.

a constatar que tais experiências estão na base do traumatismo. Inicialmente entendeu que os abusos relatados ocorriam no plano concreto ou real. Nos anos seguintes, a partir de novas observações clínicas, concluiu que a maioria dos relatos remetiam a fantasias incestuosas, próprias da cena edípica. Ao não encontrarem uma representação no psiquismo tais fantasias eram recalçadas e assim produziam os sintomas de conversão.³ Então, nesse segundo momento, Freud entendeu que o trauma era causado por pulsões sexuais reprimidas cujas lembranças retornavam à consciência, após o período de latência, inundando o psiquismo de intensa excitação. A partir disso, afirmou “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências.”⁴ Desse modo, a sexualidade mostrou-se a fonte primária das neuroses e da constituição do trauma psíquico. Colette Soler, psicanalista francesa, sintetizou essa mudança conceitual ao dizer que “a primeira descoberta do trauma era a máscara da fantasia, e é verdade que na psicanálise, quase desde o princípio, poder-se-ia dizer que o trauma encobriu a teoria da fantasia.”⁵

O contato de Freud com os soldados que serviram na Primeira Guerra Mundial revelou que a iminente ameaça de destruição, os ataques bélicos e todo o contexto social precário – característico de países em guerra – instalam no sujeito o que denominou *neurose de guerra*.⁶ De acordo com Freud: “[...] as neuroses de guerra são apenas neuroses traumáticas, que, como sabemos, ocorrem em tempos de paz também, após experiências assustadoras ou graves acidentes, sem qualquer referência a um conflito no ego.”⁷ Então, Freud reconheceu que o trauma pode ser gerado por um fenômeno produzido pela cultura em decorrência da violência de um fato externo, quando o ego teme ser prejudicado.⁸

Nesse contexto, o papel central é desempenhado pelo terror. Este se manifesta por meio de ameaça de morte, perseguição, repressão ou expulsão da terra de origem. As sociedades totalitárias colocam o terror à disposição de todos produzindo sofrimento ao próximo. Mas, não qualquer próximo, aqueles que ousam pensar diferente do mandatário. Este, por sua vez, se

³ FREUD, S. (1893/1995). Estudos sobre a histeria. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução Jayme Salomão. Vol. II. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

⁴ FREUD, S. (1893/1995). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar. In: _____. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. II. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 43.

⁵ SOLLER, C. (1937). De um trauma a outro. São Paulo: Blucher, 2001, p.13.

⁶ FREUD, S. (1919/1987). Introdução a *Psicanálise e as neuroses de guerra*. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução Jayme Salomão. Vol. XVII. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

⁷ Idem, p. 225.

⁸ FREUD, S. (1955/1920/1976). *Memorandum sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra*. In: _____. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução Eudoro Augusto Macieira de Souza. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 227.

opõe a autonomia e a dignidade do povo. O terror da guerra abala a compreensão de si mesmo, o senso de pertencimento e instala o desamparo, entre outras fraturas psíquicas e culturais. Foi esse ambiente que levou Primo Levi a nomear um de seus livros com uma questão que a humanidade não pode perder de vista: *É isto um homem?*⁹

A aproximação dos efeitos do holocausto e da Guerra Civil da Síria sobre a identidade pode ser observada também no texto de Hannah Arendt. A filósofa alemã de origem judaica narra o que viveu durante a perseguição nazista.

Perdemos a nossa casa o que significa a familiaridade da vida quotidiana. Perdemos a nossa ocupação o que significa a confiança de que tínhamos algum uso neste mundo. Perdemos a nossa língua o que significa a naturalidade das reações, a simplicidade dos gestos, a expressão impassível dos sentimentos. Deixamos os nossos familiares [...] e os nossos melhores amigos foram mortos em campos de concentração e tal significa a ruptura das nossas vidas privadas.¹⁰

Após a Segunda Guerra Mundial o número de refugiados cresceu demasiadamente. Importantes países se organizaram com o intuito de conceder proteção a essa população. Discorro sobre esse aspecto da história na sessão denominada refúgio. No entanto, desde já, faz-se importante dizer que refúgio é o termo utilizado para referir-se ao lugar ou país que abriga pessoas que buscam paz ou segurança. É ainda um instituto jurídico que reconhece a condição de refugiado ao homem que busca abrigo. As organizações que regulam o deslocamento humano declaram o compromisso proteger o refugiado como também os interesses das grandes nações. Contudo, a maioria dos países rejeita o estrangeiro que só tem a oferecer sua força de trabalho. Pois, representam ameaça ao equilíbrio social e econômico. Como diz Todorov, o refugiado é indesejado.¹¹ Consequentemente, as políticas públicas que regulam o refúgio priorizam as dimensões jurídica e econômica. Logo, não podem desprezar o compromisso de proteger as ricas nações dos indesejáveis intrusos. A partir desses critérios a entrada do estrangeiro é autorizada ou vetada. Assim, a liberdade para escolher o destino do refúgio é cerceado pelas leis de migração, pelos muros erguidos nas fronteiras territoriais. Ao

⁹ LEVI, P. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

¹⁰ ARENDT, H. *Nós, os refugiados*. Covilhã [Portugal]: LusoSofia, 2013, p. 8. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20131214-hannah_arendt_nos_os_refugiados.pdf. Acesso em: 21 mar. 2017.

¹¹ TODOROV, Z. *O homem desenraizado*. Record: Rio de Janeiro, 1999.

priorizar uma dimensão em detrimento de outra o homem é reduzido a uma categoria ou massa pasteurizada. Então, o respeito a singularidade é limitado e o sujeito do inconsciente submerge diante do sujeito de direito.

O refugiado reconhece ao mesmo tempo o desejo de partir e o temor que o recomeço apresenta. Experiências dessa natureza levam o sujeito a lançar mão de “[...] defesas alienantes que os deixam com recursos reduzidos para fazer face às demandas da vida.”¹² Desse modo, exila-se de si à medida que o conteúdo recalcado fica inacessível a rede associativa comprometendo, portanto, a atribuição de sentido. Nessa direção, o psicanalista Alexei Indursky constatou que o trauma emerge “pela dificuldade de representar ou narrar as vivências de perseguição e violência política de um sujeito cujos referenciais identitários encontram-se desorganizados.”¹³ Como disse Spinoza, o exílio representa uma triste alegria.¹⁴

Em função disso, o refúgio é compreendido como:

[...] um ato de coragem que engaja a vida dos indivíduos e ressignifica toda a história familiar dos sujeitos, inclusive por várias gerações. Este ato de coragem é vivido pelos indivíduos de forma ambivalente: desejo de partir e medo de abandonar a família, desejo de independência e de manter os laços, modo de resolução de conflitos familiares e efetivação de uma trajetória de ruptura ou de aculturação no interior de seu próprio país [...].¹⁵

Na verdade, qualquer tipo de deslocamento impõe importantes rupturas, como: o enfraquecimento de vínculos, o afastamento das redes sociais de apoio, do lugar e da cultura de origem. O conflito entre o desejo de migrar e conhecer algo novo concomitante à tendência de inserir obstáculos nesse percurso transforma a busca-imigração em um movimento de exílio-

¹² BITTENCOURT, A.-M. Exílio, repatriação e falso *self*: rupturas e suturas. *FEBRAPSI. Revista Brasileira de Psicanálise. Exílios e repatriações*, São Paulo, v.51, n. 51, p. 85-95, 2017. p. 86.

¹³ VOLKAN, 2004, *apud* INDURSKY, A. C. Pensando as tramas e enlaces da clínica com refugiados. In: CONTE, B.S.; HENZEL, S. (org.). *Exclusão e inscrição psíquica: da escuta psicanalítica no social*. Porto Alegre: Evangraf, 2012, p. 51. Disponível em: <<http://sig.org.br/wp-content/uploads/2015/04/Livro-Exclus%C3%A3o-e-Inscri%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

¹⁴ SPINOZA, B. *Traité théologico-politique*. Paris: PUF, 1670/1999.

¹⁵ MORO, R. M. Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, v. 26, n. 2, p. 186-192, 2015, p. 187. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00186.pdf>>. Acesso em: 22 out 2015.

expulsão-punição que provoca dor, confusão, isolamento e angústia.¹⁶ Em especial, nas migrações forçadas pela violência, como o refúgio, a dimensão do perdido leva o sujeito a sentir significativa dificuldade para localizar-se no mundo.

A subjetividade do refugiado é vista como parte de um grupo familiar que migra e traz aspectos do contexto cultural no qual estava inserido. Ao ser arrancado de sua cultura o sujeito perde de vista seu mundo próprio, compartilhado com outros homens em condições sócio-histórico-culturais específicas.¹⁷ O drama próprio desses sujeitos é ser um homem com uma certa concepção de mundo, implantado em sua terra de migração, em um mundo em que é estrangeiro, a terra do refúgio. Assim, perde os dois mundos e a si próprio, já que está no entre mundos. Ao perder o mundo, o sujeito refugiado perde a si mesmo como homem.¹⁸ Desse modo, repito, o refugiado tornou-se um protagonista do horror contemporâneo. Vale ressaltar, que o trauma promovido pela violência externa “o horror do trauma cresce na obscuridade do segredo e na impunidade, e declina quando assumimos a responsabilidade e o risco de sua denúncia, mesmo com a explosão do escândalo e da impunidade.”¹⁹

Nesse contexto de perdas e rompimentos de laços, a dor decorrente da saída do país de origem instala no refugiado um luto complicado pelos efeitos traumáticos. Nesse caso, o luto manifesta-se como uma experiência de coletividade ainda que vivenciado também na individualidade de cada sujeito e representa a “[...] perda de si, a perda de um pertencimento, a perda de um vínculo e a perda de um sentido [...]”²⁰ O distanciamento de suas origens impossibilita participar dos rituais familiares e sociais dificultando, assim, a elaboração do luto.²¹ Rompimentos violentos se tornam particularmente difíceis de serem elaborados porque

¹⁶ GRINBERG, L.; GRINBERG, R. *Psychoanalytic perspectives on migration and exile*. New Haven: Yale University Press, 1989.

¹⁷ OLIVEIRA, T.B. *As subjetividades no entre-mundos: escuta psicanalítica de uma família migrante*. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_217.pdf>. Acesso em: 23 out. 2015.

¹⁸ OLIVEIRA, T. B. *As subjetividades no entre-mundos: escuta psicanalítica de uma família migrante*. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_217.pdf>. Acesso em: 23 out. 2015.

¹⁹ VIÑAR, M. O enigma do traumatismo externo. Notas sobre o trauma e a exclusão: seu impacto na subjetividade. *Psicanálise*. Revista da sociedade brasileira de psicanálise de Porto Alegre. V. 12, n.1, 2010, p 205-215. p. 215.

²⁰ Méteaux (2011) *apud* PEREIRA; GIL FILHO. Uma leitura da mundanidade do luto de imigrantes, refugiados e apátridas. *GeoTextos*, vol. 10, n. 2, p. 202, dez. 2014. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/10116/8810>. Acesso em: 23 out. 2015.

²¹ Baubet; Moro (2013) *apud* MORO, R. M. Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, v. 26, n. 2, p. 186-192, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00186.pdf>>. Acesso: 22 out 2015.

não foram planejados.²² Ao contrário, ocorreram repentinamente e do modo como foi possível, o que aumenta a vulnerabilidade psíquica e intensifica o caráter traumático. À propósito, esse aspecto do refúgio apareceu fortemente na narrativa dos participantes dessa pesquisa, como mostrado adiante.

O trabalho de elaboração do luto solicita desatar-se das perdas, da nostalgia do que ficou e do que foi vivido na terra de origem. A partir disso, poderá abrir espaço para o devir, no sujeito e na nova cultura. Cada um percorrerá esse trajeto em um tempo singular. Outros, no entanto, ficarão na fronteira. Ora presos na memória recalcada, na produção de sintoma. Ora, se movendo na direção da elaboração, da atribuição de sentido. A linha que demarca o passado e o presente, a antiga e a nova cultura, denota desamparo ao mesmo tempo em que pode sinalizar um novo horizonte.

Em consonância com essa percepção, Celia Falicov, terapeuta de família que migrou da Argentina para os Estados Unidos, aponta a necessidade de minimizar a violência que configura a migração, o que se estende as demais formas de deslocamento forçado.

[...] a coisa mais dramática que distingue a migração é o desenraizamento físico, social e cultural. Se usarmos a metáfora de arrancar uma planta pela raiz, podemos dizer que quando é removida do solo, retira-se não apenas suas raízes, mas também um pouco do solo original em torno de suas raízes. O ambiente ecológico, sol, ar, proximidade de outras plantas, não é transportável, mas sim um pouco de terra. Todo bom jardineiro sabe que não deve lavar esse pedacinho de solo aderido às raízes, pois esses nutrientes fazem com que o choque do transplante seja menor e, portanto, que o transplante tenha mais sucesso (Tradução livre).²³

²² MARTINS-BORGES, L. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. *REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.* vol.21 no.40 Brasília jan./jun., 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/remhu/v21n40/09.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

²³ Texto original: “Comparada con otras pérdidas ambiguas, lo más dramático que distingue a la migración es el desarraigo a nivel físico, social y cultural. Si usamos la metáfora de arrancar una planta de raíz, podemos decir que cuando una planta se saca de la tierra, se lleva no sólo sus raíces consigo, sino también un poquito de la tierra original alrededor de sus raíces. El ambiente ecológico, sol, aire, proximidad a otras plantas, no es transportable, pero un poquito de tierra, sí. Todo buen jardinero sabe que no debe lavarle este poquito de tierra adherida a las raíces porque de estos nutrientes depende que el choque del transplante sea menor y por lo tanto que el transplante sea más exitoso”. (FALICOV, C. J. Migración, pérdidas ambiguas y rituales. Trabajo presentado en el *VIII Congreso Nacional de Terapia Familiar de la Asociación Mexicana de Terapia Familiar*, octubre 5, 2001, y en Conferencia organizada por CEFYP, Buenos Aires, noviembre 10, 2001. Disponível em: <<http://www.redsistemica.com.ar/migracion2.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2019).

Considerando esse cenário, o objetivo dessa pesquisa é *compreender as implicações psíquicas decorrentes do refúgio, à luz da psicanálise*. Portanto, essa tese pode ser entendida como um movimento rumo à compreensão do sujeito que busca no refúgio a preservação da própria vida, a reconstrução da identidade, de um cotidiano, enfim, um senso de pertença.

*

Os cuidados promovidos pelo ambiente são determinantes para o desenvolvimento saudável do sujeito. De acordo com Winnicott, “o indivíduo herda um processo de amadurecimento, que o faz progredir na medida em que exista um meio ambiente facilitador e somente na medida em que este exista.”²⁴ Na tenra idade o ambiente é a própria mãe. Nesse estágio a relação que esta díade estabelece é essencial para a diferenciação do Eu em relação ao Objeto. Desse modo, os cuidados ambientais dão contorno a unicidade do bebê.

O bebê primevo encontra-se em um estado de *dependência absoluta*. Nesse período, a figura materna funcionará como uma espécie de tradutora ou intérprete que ao atender suas necessidades o ajuda a elaborar as experiências fisiológicas e psíquicas. Acima de tudo favorece a constituição do *self*, quando o bebê começa a perceber-se integrado em uma unidade (psique e soma). No entanto, o bebê desconhece sua dependência do ambiente. Acredita que ele e o ambiente são a mesma coisa. Do alto de sua onipotência acredita que cria o mundo, o que inclui o seio. Apesar de depender totalmente do que a mãe lhe oferece esse bebê vive em pleno estado de ilusão. Precisa de ajuda para entender o ambiente, principalmente para diferenciar o que é objetivamente percebido do que é subjetivamente concebido ou imaginado.

No entanto, para a mãe desempenhar esse papel faz-se necessário desenvolver um estado psíquico que Winnicott denominou *preocupação materna primária*. Quando ocorre, inicia no final da gestação até os primeiros meses de vida do bebê. A mãe coloca-se em fina sintoma com as necessidades de seu bebê, o que Winnicott denominou *mãe suficiente boa*. À vista disso, o ambiente facilitador é representado essencialmente por três funções maternas: a sustentação psíquica (*holding*), o manejo físico (*handling*) e por fim, pela apresentação do objeto (*object-*

²⁴ WINNICOTT, D.W. O medo do colapso. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (orgs.). *Explorações psicanalíticas*: D.W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 70-76.

relating). Desse modo, a mãe (suficientemente boa) favorece a integração do bebê. Com isso, o desenvolvimento caminha para a personalização e, em seguida, para as relações de objeto.²⁵

Portanto, os cuidados maternos devem conferir sustentação ao psiquismo primitivo do lactante e assim facilitar o processo de amadurecimento – da dependência absoluta à independência relativa. Assim, possibilitará a integração corpo e mente em uma só unidade – o que Winnicott denomina *self*.²⁶

O ambiente é ampliado à medida em que o bebê ou a criança interage com um número maior de pessoas e assimila o conjunto de regras sociais. Em outra direção, quando o ambiente não atende as necessidades mutantes e singulares do bebê provoca fraturas em seu psiquismo. Compromete a constituição de uma personalidade unitária. Então, produzirá “elementos dissociados, colocados em compartimentos ou dispersos e abandonados.”²⁷ Portanto, quando o ambiente fracassa, em alguma medida, a integração é comprometida. Assim, abre espaço para as agonias primitivas, como: temor ao retorno a um estado não-integrado; a sensação de cair para sempre, deterioração do senso do real e da capacidade de estabelecer relações objetais. A intensidade dessas agonias é da ordem do impensável.²⁸ As agonias primitivas sintetizam a ideia de medo do colapso (*breakdown*). Termo designa “o impensável estado de coisas subjacente à organização defensiva.” Winnicott reconhece a equivalência entre seu conceito – o medo do colapso dirigido ao estabelecimento do *self* unitário – a ansiedade de castração descrita por Sigmund Freud.²⁹ Desse modo, ambos os teóricos reconhecem a angústia (seja de dissociação ou castração) como um afeto inerente a constituição da vida psíquica.

Apoiada no pensamento Winnicottiano, entendo que poucas experiências podem ser tão cruéis quanto ser expulso do próprio berço: a terra de origem. Nessa perspectiva, por analogia, o refúgio denuncia o fracasso do Estado-nação,³⁰ ou melhor, do Estado-ambiente. Quando a

²⁵ Idem, *ibidem*.

²⁶ WINNICOTT, D.W. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

²⁷ WINNICOTT, D.W. (1971). A criatividade e suas origens. In: _____. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975, p.10.

²⁸ WINNICOTT, O medo do colapso, *op.cit*.

²⁹ Idem, p. 70-76.

³⁰ O Estado é composto pelo sistema constitucional-legal e a organização que o garante; nação é uma sociedade politicamente organizada, *dotada de crenças e valores*, portanto, a cultura lhe confere identidade. Os cidadãos compartilham um destino comum e conta com o Estado cujos principais objetivos são: segurança ou autonomia nacional e o desenvolvimento econômico; Estado-nação é o principal resultado político da Revolução Capitalista [...]. É, portanto, “a unidade político-territorial soberana formada por uma nação, um estado e um território”.

Síria deveria garantir a segurança do seu povo, na verdade, reprimiu com violência a expressão autêntica da população: anseio por liberdade e por um Estado igualitário. Assim, os impeliu a deixar o país e a viver em meio a outras culturas. Entendo, portanto, que a guerra – enquanto fracasso ambiental provocado pelo Estado – está associado à perda da confiança no ambiente. Observo, nesse sentido, que o ambiente diz respeito a cultura, as relações objetais e ao *self*, ou mundo interno.

Dos seis meses aos dois anos de vida a criança vive o estado de *dependência relativa*. Nessa fase toma consciência de sua sujeição, o que a torna tolerante em relação as falhas ambientais. Percebe-se única e, conseqüentemente, reconhece a mãe (e o ambiente como todo) separada dela. No entanto, inicialmente o bebê entende que se relaciona com duas mães. Essa compreensão lembrou-me o conceito de cisão de objeto de Melanie Klein, citado abaixo. À propósito, outros conceitos winnicottianos evidenciam a influência de Klein em sua obra.

A primeira é a ‘mãe dos momentos de calma, de tranquilidade’, a mãe que cuidou do filho [...] e de quem ele reconheceu o rosto, a voz, as atitudes, etc. Essa mãe que zelou por seu bem-estar é ternamente amada pela criança. A segunda mãe é aquela com quem a criança se encontra na hora das refeições, em fases de excitação em que a agressividade está implicada. Em virtude do componente agressivo presente na pulsão oral, o bebê passa a imaginar que a satisfação de sua fome acarreta uma deterioração do corpo da mãe, que cava nele um buraco, um vazio.³¹

De volta a Winnicott, para integrar as duas figuras maternas a criança precisa contar com uma *mãe suficientemente boa*, aquela que irá sobreviver à medida que não se ausenta por um tempo maior que a capacidade da criança consegue suportar. Assim, o bebê consegue preservar uma representação que mantém a figura materna viva em seu mundo interno. Esse processo, permite distinguir fantasia de realidade objetiva, assim como, acreditar que sua agressividade não implica, necessariamente, em destruição do objeto ou desorganização do *self*.

Essas experiências são sentidas como um fracasso na onipotência e assim insere a criança no estágio de *desilusão*. No entanto, inaugura a capacidade de diferenciar mundo

BRESSER- PEREIRA, L. C. *Nação, Estado e Estado-Nação*. São Paulo: Bresser Pereira Website, 2008. Disponível em: <<http://bresserpereira.org.br/papers/2008/08.21.Na%C3%A7%C3%A3o.Estado.Estado-Na%C3%A7%C3%A3o-Mar%C3%A7o18.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

³¹ NASIO, J.-D. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p.191.

interno de externo ou a realidade objetiva da mãe fantasmática, por exemplo. Paulatinamente o infante se apossa da capacidade de distinguir fantasia de realidade, assim como suportar o distanciamento físico de sua mãe, até consolidar sua internalização. Contudo, isso não se dá de modo tranquilo ou automático. À vista disso, para Winnicott, “o trauma é um fracasso relativo à dependência. É aquilo que rompe a idealização de um objeto pelo ódio do indivíduo, relativo ao fracasso desse objeto em desempenhar sua função.”³² A fala de um dos participantes da pesquisa evidencia esse conceito, a seguir. “Senti raiva e nojo do povo e dos Governos árabes. Me afastei de todo árabe, até no *facebook*. Se era árabe ou descendente eu bloqueava. Eu estava com raiva de mim mesmo que sou árabe.” Em suma, o trauma promove um colapso na área da confiabilidade, no estágio da *dependência absoluta*. Então, a fé no ambiente e em si mesmo é rompida. No entanto, é impossível o ego se organizar contra o fracasso ambiental, como nos lembrou Winnicott. Em alguma medida, a dependência é um fato inerente a vida.

Apoiada nessa teoria, entendo que o refúgio favorece a desintegração, o desamparo e, portanto, o trauma. Além disso, invoca a memória da separação materna primária e, conseqüentemente do desamparo. Afinal, o adulto se relaciona com os objetos (internos e externos) a partir da constituição primeva.

Todavia, ao longo da vida, vivências traumáticas podem reativar a sensação de desamparo, como acredito ocorrer com os refugiados. Então, traumas são sobrepostos e o sujeito rememora, inconscientemente, traumas constitutivos. Nesse sentido, os aspectos primitivos da experiência individual influenciam o modo como cada sujeito enfrenta ou evita o refúgio. O modo como se vive essa experiência é uma expressão da subjetividade do sujeito.

Como visto, o refúgio não é o primeiro rompimento importante na vida do sujeito. Na tenra idade tanto o nascimento quanto o desmame colocam à prova a capacidade de sobrevivência ao desamparo provocado pela separação do bebê de sua mãe. Os bebês que não sucumbem a tais separações rumam ao desenvolvimento psíquico e à construção de uma identidade sadia, madura. Da dependência absoluta à independência relativa. Ao passo que a não elaboração dessa experiência acarreta prejuízos. Pode produzir sintomas isolados ou determinar a construção de estruturas psicopatológicas.

³² WINNICOTT, D.W. O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (orgs.), op. cit., p. 113.

*

No campo da psicanálise, o termo refúgio foi aplicado para indicar o comportamento de retirar-se de um cenário marcado pela dor psíquica. Assim, John Stein, psicanalista inglês de orientação kleiniana, apontou que o *refúgio psíquico* consiste em um lugar para onde o paciente pode se retirar com a finalidade de fugir do contato com o analista e com a realidade a sua volta. Consiste em uma organização psíquica defensiva e patológica que visa aplacar ansiedades primitivas provenientes de uma culpa insuportável. Ao contrário do refúgio, enquanto mobilidade humana, o mecanismo psíquico observado por Stein confere rigidez e estagnação, tanto à identidade quanto à própria análise desses pacientes, minimizando as possibilidades de desenvolvimento e mudança. Embora distintas, as conotações atribuídas ao refúgio estão imbricadas. Em alusão aos conceitos winnicottianos de realidade objetiva e subjetiva, entendo que, ao me referir ao refúgio, enquanto mobilidade humana, posso nomeá-lo *refúgio objetivo*. Quando tomado como um mecanismo psíquico para evitar o enfrentamento de lembranças penosas, posso denominá-lo *refúgio subjetivo*. No entanto, não raro, o refúgio objetivo leva o sujeito a recorrer ao refúgio subjetivo como um mecanismo de defesa contra a dor decorrente do desenraizamento provocado pela saída do país de origem.

Quando o homem recorre ao refúgio para proteger-se da violência da guerra transita por duas modalidades de fronteiras. Uma concreta e externa: a fronteira territorial. Essa delimitação impede o ingresso de muitos refugiados em países onde desejam viver. Intensifica o sofrimento do homem que a cada dia acumula perdas e interdições. Nessa direção, os psicanalistas Nazir Hamad e Charles Melman afirmam:

A história nos ensinou que as fronteiras geográficas, linguísticas ou religiosas foram traçadas na dor. Uma vez estabilizadas designando para cada país um dentro, um 'Nós' e um fora, um estrangeiro. Outras fronteiras internas aparecem e fragmentam o 'Nós' construído, na maioria das vezes, ao preço de milhares de mortos.

O desafio de assimilar uma nova língua e o conjunto de regras, verbais e não verbais, promove o “choque cultural causado pelo estresse múltiplo: intelectual, emocional e

fisiológico”³³, podendo comprometer a capacidade de interpretar sinais nesse novo, desconhecido e incerto ambiente: o ambiente estrangeiro.

Observo que as fronteiras territoriais foram exploradas na seção *Refúgio*. Aqui, em função do cerne da pesquisa, discorro sobre as fronteiras psíquicas.

As fronteiras internas e subjetivas delimitam a circulação das pulsões entre as instâncias psíquicas (id, ego e superego). São determinantes no processo de discriminação do Eu em relação ao objeto, do mundo interno em relação ao externo, da fantasia da realidade. Por sua vez, o estremecimento das fronteiras psíquicas pode comprometer a estrutura psíquica e produzir sujeitos refugiados em sua estrangeiridade. No entanto, Andre Green, psicanalista francês que se dedicou a essa temática, afirma:

Devemos considerar o limite como uma fronteira móvel e flexível, tanto na normalidade quanto na patologia. O limite é, talvez, o conceito mais fundamental da psicanálise contemporânea. Ele não deve ser formulado em termos de representação figurada, mas em termos de processos de transformação de energia e de simbolização.³⁴

Como citei acima, o trânsito entre fronteiras desvela a condição de estrangeiro. No entanto, Freud mostrou no conceito *unheimlich* que a condição de estrangeiro de si mesmo é indestrutível.³⁵ Em suas palavras “[...] nada vindo de fora penetrou você; uma parte da atividade da sua própria mente foi tirada do seu conhecimento e do comando da sua vontade. [...]” Desse modo, o estrangeiro pode surpreender a qualquer tempo. É inerente a vida psíquica. Então, na impossibilidade de eliminá-lo faz-se necessário integrá-lo pela via da elaboração. Senão, como disse Sófocles no enigma da esfinge, “decifra-me ou te devoro.”³⁶

Enquanto as fronteiras territoriais intensificam o mal-estar no sujeito refugiado, as fronteiras psíquicas podem protegê-lo do excesso pulsional. Aliás, não somente o refugiado,

³³ SILVA, M. B. D.; CREMASCO, M. V. F. *Migração e refúgio, contribuições da Psicologia*, s/d. Disponível em: <<http://www.dedihc.pr.gov.br/arquivos/File/2015/migracaorefugiopsicologia.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2017.

³⁴ GREEN, A. Le concept de limite. (1976). In: _____. *La folie privée: psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard, 1990, p.126.

³⁵ FUKS, B. B. Vozes do exílio: sobre o impossível da identidade. *FEBRAPSI. Revista Brasileira de Psicanálise. Exílios e repatriações*, São Paulo, v. 51, n. 51, p. 32-47, 2017.

³⁶ SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 87.

mas o sujeito do inconsciente em qualquer contexto social. Por isso, algumas fronteiras internas não devem ser ultrapassadas. Ao contrário, precisam ser respeitadas. Principalmente, a fronteira que organiza a construção do sujeito. Refiro-me a proibição do incesto. Lei sagrada desde a horda originária, como nos apresentou Freud em *Totem e tabu* (1913) e em *Psicologia das Massas e análise do eu* (1921) ao dizer que o pai originário proibiu aos seus filhos a satisfação de seus desejos sexuais diretos.³⁷ Desse modo:

A teoria do Édipo e seu complexo nuclear de castração nos remete ao conflito cruzado envolvendo atos de escolha de objeto e de reformulação de identificações. Seu referente é a angústia como articulador da falta entre o objeto e identificação, entre imaginário e simbólico.³⁸

Em decorrência do temor a castração, ao longo da vida, o homem declina de seu desejo para proteger a si mesmo e o grupo, o que lhe é exigido com a finalidade de preservar a civilização. Nas palavras do psicanalista francês J.D.- Nasio, “no Édipo é a primeira vez que na vida que dizemos ao nosso insolente desejo: ‘calma! Fique tranquilo! Aprenda a viver em sociedade!’” Em consonância com Nasio, entendo que a angústia de castração é o início da dolorosa “passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente.”

No entanto, o desfecho do complexo de Édipo pode se dá em direção oposta. Nesse caso, a criança recusa a castração e perpetua a rivalidade com a figura paterna sobre a qual busca triunfar na tentativa de evitar a queda de sua onipotência. Contudo, ao rejeitar a figura paterna como ideal de ego se depara com o vazio, o desamparo e a solidão. Esse desfecho produz intenso sofrimento na criança que ao permanecer nessa posição recorrerá a psicose ou a fetichismo para manter-se distante da constatação da realidade e assegurar, em fantasia, que seu desejo prevalece sobre a lei.

³⁷ FREUD, S. *Psicologia das massas e análise do eu*. (1921). In: _____. *Cultura, sociedade e religião. O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

³⁸ DUNKER, C. (2014) apud ROSAL, A.S.R. (2019, p.30). O triângulo edípico e a construção da identidade. In: CERVENY, C.M.O.; MOREIRA, A.A. *Relações triangulares: dois é bom, três é demais?* Curitiba: Juruá, 2018.

A elaboração do complexo de Édipo tornar-se referência para as demais relações do sujeito, uma vez que é determinante na construção de sua singularidade. É um processo intrapsíquico que se manifesta nas relações com o outro e com a cultura como um todo.

Em suma, muito do que se vive no refúgio é encontrado em muitos sujeitos fixos na terra natal. Afinal, o traumático não está somente nas vítimas de guerra, como nos revelou Freud, no texto *O estranho*.³⁹ Ao contrário, habita o humano. Por isso, a guerra da Síria – tão distante geograficamente – se faz presente na clínica por meio de muitos pacientes assolados pela estrangeiridade advinda de traumatismos vividos na infância ou decorrentes de experiências violentas da vida adulta. Desse modo, os contornos do fenômeno aqui retratado podem representar a história de muitas pessoas que jamais estiveram na Síria ou em qualquer outra guerra.

*

O rompimento com a cultura configura o primeiro passo rumo ao refúgio em terra estrangeira. O refugiado abandona o mundo que construiu ao longo de anos por meio de trabalho e dedicação. Isso inclui “bens materiais e imateriais, pessoas queridas, toda a sua história, situação que exige uma disposição descomunal para o desapego e a reconstrução.”⁴⁰ No entanto, antes de abandonar seu país sente-se abandonado. Especialmente no caso dos sírios quando o próprio governo ataca seu povo. O refugiado deixa seu país por necessidade. Para preservar a vida e a sanidade e não por um desejo genuíno. Nesse sentido lembro-me o poeta Guimarães Rosa ao dizer que o sapo não pula por boniteza e sim por precisão. Por analogia, o primeiro pulo (mudança, movimento) é a saída do país de origem. Contudo, muitos outros antecedem a chegada ao país de acolhimento.

O segundo momento dessa experiência, a viagem em si, também é uma etapa importante. Principalmente quando adquire caráter clandestino, o que implica precariedade, senso de urgência e perigo, configurando uma verdadeira odisseia. A viagem da Síria para o Brasil é

³⁹ FREUD, S. (1919). O estranho. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 235-269.

⁴⁰ HENNING, L. M. P. Em busca de um destino: redefinição no contexto das migrações no século XXI. *Atas do V Colóquio Internacional SOFELP*. Migrações, cidadania e direitos humanos: um *puzzle* para a educação? 2016, p. 55. Disponível em: <http://sofelp.com/gallery/v%20congresso%20sofelp.pdf#page=50>. Acesso em: 18 jun. 2017.

feita de avião, o que exclui o risco das precárias travessias em alto mar. A escolha do Brasil como destino final do refúgio foi influenciada pelo tipo de viagem que os conduziriam até aqui. No entanto, além disso, a concessão do visto humanitário pesou consideravelmente, uma vez que o Brasil é um dos poucos países que concede abrigo aos refugiados sírios. As questões legais se comunicam com a experiência psíquica à medida que pode tornar a vida no novo país menos árdua e hostil. Ao contrário disso, a condição de ilegalidade produz ou intensifica medos, tensão e a impossibilidade de permanecer no país escolhido para reconstruir a vida.

A terceira fase do deslocamento é a inserção na nova cultura. Reconstruir a vida, a partir de outra referência cultural, é uma experiência complexa. Tem força para transformar o sujeito à medida que seus valores são questionados e um novo mundo lhe desafia a decifrá-lo. Logo, se é assim para executivos expatriados, que mudam de país, amparados por poderosas empresas multinacionais imaginem para o refugiado que foi impelido a deixar, abruptamente, tudo para trás.

Nessa direção, a psicanalista italiana Silvia Amati Sas afirma que a violência impingida pelo trauma social está circunscrita no concreto e atual, portanto, sem relação com a história individual anterior. Em suas palavras: “Temos que fazer um esforço de abstração (a intuição das fantasias originais e dos perigos primários inconscientes) para conceber algo que é de uma ordem terrivelmente concreta e atual.”⁴¹ Nesse contexto, o trauma é compreendido “[...] não como o acontecimento em si, mas como uma consequência psíquica – a maneira pela qual o acontecimento foi acolhido e elaborado pelo psiquismo – e como o conjunto de suas consequências sintomáticas.”⁴² O traumático irrompe, portanto, como consequência da impossibilidade de elaboração da experiência vivida, o que se dá em função da emergência e intensidade de excitação, além do caráter indesejado com que o terror da guerra surpreende o psiquismo. Na experiência dos participantes desta pesquisa, a força com que a guerra – e tudo que dela decorre – se apresentou, inviabilizando tanto o recalçamento (enquanto protetor da dor psíquica) quanto a possibilidade de simbolização. Assim, a violência acometeu o ego com intensidade suficiente para ultrapassar suas bordas.

⁴¹ « Il nous faut faire un effort d’abstraction (l’intuition des fantasmes originaires et des dangers primaires inconscients) pour concevoir quelque chose qui est d’un ordre terriblement concret et actuel». (SAS, S. A. Situations sociales traumatiques et processus de la cure. *Revue française de psychanalyse*, 2002/3, v. 66, p. 923-933. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2002-3-page-923.htm#>. Acesso em: 22 dez. 2019).

⁴² KOLTAI, C. Os errantes, um desafio para a psicanálise: uma clínica da errância? *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 52, n. 3, p. 60-72, 2018, p. 65.

Desde Freud a cultura mudou fortemente revelando diversos mal-estares, contudo, o dinamismo psíquico permanece regido pela atemporalidade do inconsciente. Independente do contexto em que é pensado, o mal-estar nomeia a angústia que se pronuncia diante da ambiguidade entre a força pulsional e os obstáculos que a cultura impõe a realização do desejo. À vista disso, entendo o refúgio como um mal-estar contemporâneo.

A interculturalidade inscreve diferença, oposição, conflito, descontinuidade: encontro com o outro, o estrangeiro, o bárbaro. A diferença cultural é conhecida apenas no teste da relação com o exterior, na fronteira que constitui correlativamente o "nós" e o estrangeiro. Essa experiência é vivida com mais frequência nos valores negativos, perigosos, hostis e odiosos da estranheza. No entanto, também pode apoiar-se no desejo de encontrar o desconhecido, de experimentar a alteridade e a estranheza da filiação. De modo geral, o encontro de culturas imbricado na experiência do refúgio é um encontro de alteridade, o que revela diferenças e implica violência e conflito.⁴³

[...]. É um encontro violento por causa dos desafios para a identidade dos sujeitos. Como em qualquer encontro, o encontro cultural confronta as repressões primordiais e as figuras arcaicas nas quais cada cultura é estabelecida, com os sistemas de defesa contra a ansiedade que são 'exatamente o material de que a cultura é feita'. (G. Róheim, 1943).⁴⁴

Contudo, os efeitos do traumatismo migratório não determinam, obrigatoriamente, o surgimento de sintomas.⁴⁵ Podem também manifestar-se de modo estruturante, e destarte, iniciar uma nova dinâmica na subjetividade desse sujeito ampliando o espaço de sua criatividade. Para Marcelo Viñar – psicanalista uruguaio e importante pesquisador da migração – o trauma pode ser entendido como uma “violência capaz de reverter sua dimensão danosa e de proporcionar um destino de criatividade.”⁴⁶ Nessa direção, considerando sua história com o

⁴³ KAËS, R. Comment penser le transculturel aujourd'hui? *Rivista Plexus*, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.rivistaplexus.eu/index.php/plexus/article/view/158>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

⁴⁴ “C’est une rencontre violente à cause de ses enjeux dans l’identité de ses sujets. Comme dans toute rencontre, la rencontre culturelle confronte avec les refoulés primordiaux et les figures de l’archaïque sur lesquelles chaque culture s’établit, avec les systèmes de défense contre l’angoisse qui sont "l’étoffe même dont la culture est faite".

⁴⁵ MORO, R. M. Psicoterapia transcultural da migração. *Psicologia USP*, v. 26, n. 2, p. 186-192, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00186.pdf>>. Acesso m: 22 out. 2015.

⁴⁶ VIÑAR, M. O enigma do traumatismo extremo. *Percurso*. Figuras políticas do mal: limites do humano. Ano XXVI, jun. 2014. Disponível em: <http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1085&ori=edicao&id_edicao=52>. Acesso em: 01 nov. 2019.

refúgio, o psicanalista Daniel Delouya diz que a migração é a renovação da vida do sujeito e das culturas que o acolhe.⁴⁷ Afinal, em alguma medida, pode ser ressignificado. A mobilidade é um elemento de saúde. Ao mover-se o sujeito tem a possibilidade de se descolar dos elementos conflitos que poderiam imobilizá-los.⁴⁸ Desde que o adulto reconheça que sua reação ao desamparo é também uma defesa contra o desamparo infantil. O que se aplica a neurose de guerra.⁴⁹

Para tanto, os refugiados precisam de um trabalho de elaboração das travessias do exílio. Tal atividade passa tanto pela elaboração psíquica individual quanto pela inscrição social na nova cultura,⁵⁰ o que entendo ocorrer paralelamente. Nesse contexto, a escuta psicanalítica oferece a possibilidade de resgatar a percepção de sujeitos de suas experiências, pois “a narrativa forja a capacidade de ficcionar aquilo cuja inscrição psíquica é borrada pelo traumático.”⁵¹ O trabalho psicanalítico com refugiados passa, necessariamente, pela compreensão e pelo diálogo sobre a cultura de origem, como preconiza a Clínica Transcultural, por exemplo. Este movimento foi pensado para sujeitos imersos em experiências psíquicas desencadeadas pelo desenraizamento cultural, pelo trauma e luto oriundos da migração.

A escuta psicanalítica pode abrir espaço para a ressignificação da experiência de refúgio, pois “é a partir de tais espaços que se instaura a possibilidade efetiva de um trabalho psíquico do exílio.”⁵² Contudo, a elaboração do trauma, exige que o analista possa articular a escuta da história que ouve com a história do mundo. Caso fracasse nessa tarefa, fortalecerá os sentimentos de abandono e exclusão.⁵³ A intensidade da traumática experiência do refúgio

⁴⁷ DELOUYA, D. Migração, tempo e esperança. In: _____. *Análise, teimosia do sintoma e migração*. São Paulo: Blucher, 2021, p.325-339.

⁴⁸ VINÃR, M. Entrevista concedida a revista *Percurso. Psicanálise entrevista*, v. 1. SELAIBE, M.; CARVALHO, A. (orgs). São Paulo: Estação Liberdade, 2014.

⁴⁹ FREUD, S. O futuro de uma ilusão. (1927). In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1988, pp.15-71.

⁵⁰ Lachal (2006) citado por INDURSKY, A. C. Pensando as tramas e enlacs da clínica com refugiados. In: CONTE, B.S.; HENZEL, S. (orgs.). *Exclusão e inscrição psíquica: da escuta psicanalítica no social*. Porto Alegre: Evangraf, 2012. Disponível em: <<http://sig.org.br/wp-content/uploads/2015/04/Livro-Exclus%C3%A3o-e-Inscri%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

⁵¹ INDURSKY, A. C., op. cit.

⁵² Ibidem.

⁵³ KOLTAI, K. Os errantes, um desafio para a psicanálise. Uma clínica da errância? *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 52, n.3, São Paulo, 2018, p. 60-72.

remove o dispositivo protetor intensificando assim a vulnerabilidade do sujeito. O refugiado tem dificuldade para nomear seus sentimentos, o que aguçava o desamparo e a dor psíquica.

Dessa forma, a psicanálise precisa considerar as dimensões políticas e culturais que permeiam o refúgio. Somente a partir desse ponto, poderá levar a produção de sentido à dor psíquica. Com isso é possível favorecer o deslocamento “[...] do silêncio mortífero para uma fala possível, na aposta de que se faça aparecer o sujeito.”⁵⁴ É fundamental que o analista conheça o fenômeno objetivo que desencadeou o trauma como também entenda as reações psíquicas diante do desmantelo provocado pelo refúgio.

O rosto do sujeito refugiado só poderá aparecer em sua singularidade ao sofrer o impacto de habitar o mundo que lhe é próprio, modificando-o por meio de sua originalidade peculiar. Em última instância, só encontraremos o que é mais singular no homem na maneira como compartilha o mundo com os outros homens. Não está relacionado a optar entre os homens e o mundo, pois um não existe sem o outro.⁵⁵ À vista disso, sua subjetividade é o ponto de partida para compreendê-lo em seu mundo próprio.

Para mais, entendo que a principal contribuição desta pesquisa é jogar luz sobre a subjetividade do refugiado sírio, o que poderá ser somado às pesquisas relativas a aspectos dessa temática amplamente estudados, como, por exemplo: a legislação e o papel dos Governos nessa árdua cena da migração internacional. Tal compreensão pode ser estendida aos refugiados de outras nacionalidades, guardadas as devidas especificidades.

De modo geral, espero que este trabalho contribua para ampliar a compreensão da dimensão psíquica do refúgio, uma catástrofe humanitária de nosso tempo. Além disso, ao registrar um fenômeno em ebulição cujo desfecho ainda não é possível conhecer, poderá servir de base para pesquisas futuras. Então, será possível pesquisar a extensão dos efeitos do pós-guerra no psiquismo. Afinal, como afirma a psicanalista Rosa Tosta afirma: “A pesquisa

⁵⁴ KEHL, M.; FORTES, M.I. De uma clínica do refúgio: violência, trauma e escrita. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* v.22 n.3, São Paulo, Jul./set. 2019. Epub Oct 24, 2019, p.531. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142019000300520&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 09 abr. 2020.

⁵⁵ OLIVEIRA, T. B. As subjetividades no entre-mundos: escuta psicanalítica de uma família migrante. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_217.pdf>. Acesso em: 23 out. 2015.

científica, mesmo sendo fruto de um trabalho criativo, tem objetivos delimitados. Quando o pesquisador alcança este objetivo específico, colocam-se novas questões.”⁵⁶

⁵⁶ TOSTA, M. R. O fazer do pesquisador e a pesquisa psicanalítica. In: KUBLIKOWSKI, I.; KAHHALE, E.M.S.P.; TOSTA, R.M. (Orgs.) *Pesquisas em psicologia clínica: contexto e desafios* [recurso eletrônico]. São Paulo: EDUC, 2019, p. 293.

2 JUSTIFICATIVA

*O desgarramento dos seres humanos é uma frustração que,
de uma maneira ou de outra,
entorpece a claridade da alma.*

Pablo Neruda

O século passado foi marcado por inúmeras guerras e conflitos armados das mais variadas origens e dimensões, desde guerras setoriais, como a Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e a Guerra dos Bálcãs (1912-1913), até a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Na sequência, a Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945) e a guerra civil espanhola (1936-1939), entre outras, precederam a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A guerra civil do Líbano (1975-1990) e a Guerra do Golfo (1990-1991) encerraram a violência desse período. Esse cenário levou mais de 40 milhões de pessoas a se deslocarem ao redor do mundo, o que fez o século XX ficar conhecido como o século do desenraizamento.¹

Apesar de sua expressividade, esse número foi facilmente suplantado no século atual. Na contemporaneidade, o número de pessoas que deixaram seus países para escaparem de eventos violentos superou o crescimento demográfico mundial.² Diante desse cenário, a Organização das Nações Unidas³ reconheceu a migração contemporânea como a crise humanitária mais grave desde sua fundação, em 1945. O ápice desse aumento ocorreu entre 2012 e 2015, impulsionado pela guerra da Síria. Sendo assim, a guerra civil da Síria é o principal responsável por esse fluxo migratório, embora, concomitantemente outros eventos – de natureza política, ambiental e econômica – promoveram a fuga de diversos povos, como o terremoto que devastou o Haiti em 2010, a decadência econômica da Venezuela e conflitos

¹ RAMOS, A.C.; RORIGUES, G.; ALMEIDA, G.A. (Orgs.) *60 anos de ACNUR: Perspectivas de futuro*. São Paulo: CL-A, 2011. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/60-anos-de-ACNUR_Perspectivas-de-futuro_ACNUR-USP-UNISANTOS-2011.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

² ACNUR. *Tendências globales: desplazamiento forzado em 2019*. Copenhagen, Denmark, 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/5eeaf5664#_ga=2.192324522.1806773064.1615134057-741060973.1595342319>. Acesso em: 02 abr. 2021.

³ *Organização das Nações Unidas*, 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

armados ao redor do mundo, como no Sudão do Sul, na Ucrânia e mais recentemente em Mianmar.

Na última década o deslocamento forçado atingiu 100 milhões de pessoas. O fluxo migratório motivado pela violência praticamente dobrou, em comparação a década anterior. Em 2019 afetou 1% da população mundial, quando uma em cada 97 pessoas deixou seu país de origem em decorrência de violência.⁴ Em 2010, 41 milhões de pessoas se deslocaram contra 79,5 milhões no ano de 2019, último período de apuração dos números do deslocamento forçado, realizada pelo ACNUR. Em relação a Síria, na última década, mais de 13,3 milhões de pessoas foram forçadas a deixar o país para sobreviver a guerra.

O aumento dessa população está diretamente relacionado a conflitos armados que não param de surgir, importantes crises econômicas e, mais recentemente, do aumento da fome em decorrência da pandemia da COVID-19. Entre as pessoas que recorreram ao refúgio no ano de 2019, 45,7 milhões fugiram para regiões dentro de seus próprios países, os chamados deslocados internos. As demais pessoas cruzaram as fronteiras de seus países, a saber: 4,2 milhões aguardavam o resultado dos pedidos de reconhecimento da condição de refúgio e 29,6 milhões estavam reconhecidas como refugiadas ou deslocadas fora do país de origem.⁵ No entanto, cada vez mais as perspectivas de retorno ao país de origem diminuem. Na última década, quatro milhões de refugiados conseguiram retornar para seus países de origem, enquanto na década anterior 10 milhões logrou êxito nesse retorno. Desse modo, o refúgio distanciou-se do caráter temporário, uma espécie de arranjo provisório, pois está se transformando em uma situação duradoura. Haja vista, 77% dos refugiados no mundo recorreram ao deslocamento de longo prazo, sendo o total de refugiados, durante 2019, 26 milhões ao redor do mundo. No cômputo geral, o deslocamento forçado revelou os seguintes números:

⁴ ACNUR. Tendencias globales: desplazamiento forzado em 2019. Copenhagen, Denmark, 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/5eeaf5664#_ga=2.192324522.1806773064.1615134057-741060973.1595342319>. Acesso em: 02 abr. 2021.

⁵ Ibidem.

Quadro 1 – Deslocamento forçado em 2019

Tipos de deslocamentos/sujeito deslocado	Número de deslocados
Refugiados palestinos sob mandato da UNRWA	5,6 milhões
Refugiados (não palestinos) sob o mandato da ACNUR	20,4 milhões
Deslocados internamente	45,6 milhões
Crianças deslocadas	Entre 30 e 34 milhões
Pessoas apátridas	4,2 milhões
Solicitantes de refúgio	2 milhões
Retornados	5,6 milhões
Reassentados (em 26 países)	107.800 mil

FONTE: ACNUR, 2020.

Ao deixar seus países de origem oito em cada 10 refugiados se abrigaram em países vizinhos. Em 2019, os países que mais receberam refugiados foram: Turquia, Colômbia, Paquistão, Uganda e Alemanha.

Tabela 1 – Recepção de refugiados em 2019

País	Número de refugiados (milhões)
Turquia	3,6
Colômbia	1,8
Paquistão	1,4
Uganda	1,4
Alemanha	1,1

FONTE: ACNUR, 2020.

Em posição oposta, cinco países concentram dois terços das pessoas que buscam refúgio fora do território nacional, são estes: Síria, Venezuela, Afeganistão, Sudão do Sul e Mianmar.

Tabela 2 – Origem de refugiados em 2019

País	Número de refugiados (milhões)
Síria	6,6
Venezuela	3,7
Afeganistão	2,7
Sudão do Sul	2,2
Mianmar	1,2

FONTE: ACNUR, 2020.

Somente para cerca de 0,5% dos refugiados no mundo foi ofertada a possibilidade de reassentamento em 2019 (ACNUR, 2020). Reassentamento é a transferência de refugiados de um país anfitrião para outro Estado que concordou em admiti-los, como refugiados, e assegurar-lhes residência permanente, portanto, tem caráter duradouro. Menos de 1% das pessoas refugiadas no mundo são reassentadas por ano, pois um restrito número de Estados participa do programa de reassentamento da ACNUR. Mais recentemente, os Estados Unidos foram o principal país de reassentamento, junto com Canadá, Alemanha, Reino Unido, Austrália e os países nórdicos. Esses Estados oferecem ao refugiado proteção física e legal, bem como acesso a direitos civis, políticos, econômicos, sociais e culturais semelhantes aos concedidos aos nacionais.

De acordo com a Assembleia Geral da ONU, a ACNUR tem obrigação de conduzir o processo de reassentamento com uma das soluções duradouras para o deslocamento. Para tanto, deve evitar ou diminuir o alojamento em campos de refugiados. Em 2020, a ACNUR apresentou mais de 39.500 dossiês de refugiados para apreciação aos países de reassentamento, entre estes constavam: 18.200 refugiados da Síria, 5.900 da República do Congo, 2.100 da Eritreia e 2.200 da Somália. Desse total, aproximadamente 22.800 pessoas foram reassentadas, entre estes: 4.600 do Líbano, 4.000 da Turquia, 1.500 da Jordânia, 1.350 do Egito e 1.300 da Tanzânia.

Tabela 3 – Reassentamento em 2020

Solicitados		Concedidos	
nacionalidades mais representativas		nacionalidades mais representativas	
Síria	18.200	Líbano	4.600
República do Congo	5.900	Turquia	4.000
Eritreia	2.100	Jordânia	1.500
Somália	2.000	Egito	1.350
		Tanzânia	1.300

FONTE: UNHCR, 2021⁶

Desde 2014 a Síria se mantém como o principal país de origem de refugiados, solicitantes de refúgio e deslocados internos. No ano de 2018, 889.400 sírios foram deslocados, sendo 632.700 deslocados externos, ou seja, refugiados. Nesse período, produziu mais de meio milhão de novos refúgios e pedidos de asilo (ACNUR, 2019). No ano seguinte, havia 6,6 milhões de refugiados sírios hospedados por 126 países em todo o mundo. A maioria (83%) permaneceu em países vizinhos ou na região. A Turquia continua a hospedar o maior número de refugiados sírios (3,6 milhões), seguido pelo Líbano (910.600), Jordânia (654.700), Iraque (245.800) e Egito (129.200). Em 2019, há ainda 6,7 milhões de sírios deslocados dentro do país (ACNUR, 2020).

Tabela 4 – Destino do refúgio de sírios em 2019

País	Número de refugiados (milhões)
Turquia	3,6
Líbano	910.600
Jordânia	654.700
Iraque	245.800
Egito	129.200

FONTE: ACNUR, 2020.

⁶ UNHCR (20210). Resettlement. Disponível em: <https://www.unhcr.org/resettlement.html#_ga=2.67157395.345240848.1619887271-741060973.1595342319>. Acesso em: 01 mai 2021.

Fora da região vizinha, Alemanha (572.800) e Suécia (113.400) continuaram para hospedar as maiores populações de refugiados sírios, de acordo com a ACNUR (2018;2019).

Em decorrência do refúgio, o número de filhos de sírios que nasceram fora do país, do início da guerra até o final de 2018, já ultrapassa um milhão. Muitos destes são apátridas, uma vez que determinados países não concedem cidadania a filho de estrangeiro, como aconteceu com a filha caçula da participante Hanadi que nasceu em campo de refugiados, na Jordânia.

Ao ser indagado sobre a estatística em questão, um sírio de 29 anos de idade, refugiado no Paquistão, pai do pequeno Yousef, disse: “Este é um número assustador, porque significa um milhão sem casa de verdade [...]. Pelo menos eu tenho minhas lembranças da Síria. Yousef nunca viu seu país – ele não conhece sua casa.”⁷

Essa fala mostra com clareza a relação entre o deslocamento físico e o abalo identitário. Há a difícil tarefa de existir em suspenso, uma vez que os pés do refugiado são arrancados do solo de origem deixando marcas profundas no psiquismo. Esse aspecto da experiência de refúgio coincide com o cerne deste trabalho e será explorado ao longo da discussão em torno das questões relativas à identidade e ao traumático.

Essas pessoas permanecem por longo período na ilegalidade, em variados países, ou em precários acampamentos, morando em barracas “que fecham com um zíper,” como relatou espantada uma participante desse estudo, demonstrado na seção intitulada *Sírios*. Insegurança vulnerabilidade e incerteza são faces do alojamento provisório. Cada pessoa afetada pelo terror tem sua vida fortemente abalada e é inserida em intenso sofrimento. À vista disso entendo o refúgio é um mal-estar contemporâneo.⁸

Por outro lado, a legalidade em solo estrangeiro concede direitos e convoca o sujeito a pensar sua subjetividade. De acordo com entrevistados para essa pesquisa, o Brasil é um dos poucos países que concedem o ingresso a pessoas que pretendem solicitar o refúgio. Para mais, a lei brasileira aproxima fortemente o sujeito refúgio ao cidadão local. Apesar da legislação internacional, cada país (que reconhece o refúgio) tem uma legislação local, portanto, com

⁷ DUNMORE, C. UNHCR. *Syrian refugee aid plan launched as births in exile hit 1 million*. Amman, Jordânia, dez. 2018. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/latest/2018/12/5c0f976b4/syrian-refugee-aid-plan-launched-births-exile-hit-1-million.html>. Acesso em: 15 jan. 2019.

⁸ Vale ressaltar que a mobilidade humana não é o único comportamento que aponta o mal-estar na atualidade. Kaës, por exemplo, no artigo *O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura*, publicado na revista *Psicologia USP* (2003), aponta as mudanças na estrutura familiares, a relação entre os sexos, os laços sociais, entre outras expressões do mal-estar moderno. Contudo, explorar outras expressões (além do refúgio), distanciaria o texto do objetivo desse estudo.

variações de um país para outro. No Brasil, o *refugiado reconhecido* tem direito a receber: (a) Carteira de Registro Nacional Migratório (antigo Registro Nacional de Estrangeiros – RNE); (b) Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS); (c) Número de Identificação Fiscal Individual ou Cadastro de Pessoa Física (CPF), e; (d) um documento de viagem (passaporte). À propósito, o desejo de receber o passaporte brasileiro surgiu em várias entrevistas, entre outros aspectos, como o único meio de viabilizar a visita aos parentes que vivem em países próximos a Síria. Vale ressaltar que ao longo da espera pelo reconhecimento da condição de refugiado, portanto, os solicitantes de refúgio têm direito a obter: (a) Protocolo Provisório, válido por um ano e renovável pelo mesmo período; (b) Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), e; (c) Número de Identificação Fiscal Individual (CPF).

A população de refugiados no Brasil é inexpressiva em comparação com o número de refugiados em países do Oriente Médio e da Europa, principalmente na Alemanha. No entanto, os brasileiros superestimam em 75 vezes o tamanho da população migrante no país, como revelou pesquisa realizada pelo Instituto Ipsos, divulgada em dezembro de 2018. Tal estudo mostrou que a população refugiada no Brasil representa em torno de 0,5% da população nacional, contra os 30% da percepção captada pela referida pesquisa⁹.

No período de 2011 a 2019, o Brasil recebeu 239.706 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado. Desse montante, 54.900 solicitações foram apreciadas, 28.702 solicitações foram reconhecidas, sendo 3.768 apresentadas por sírios. No cômputo geral, a nacionalidade com maior número de pessoas refugiadas reconhecidas é a venezuelana, seguida da síria e da congoleza (ACNUR, 2020).¹⁰

No ano de 2019, o Brasil recebeu 82.552 solicitações dessa natureza, provenientes de 129 nacionalidades. Destas, 33.453 foram apreciadas e 21.302 (ou 21.515) obtiveram deferimento. As solicitações provenientes de sírios somaram 429, sendo 294 apresentadas por homens e 135 por mulheres. Do total de pedidos, 255 foram deferidos, 57 arquivados (motivo não informado) e 71 pedidos de extensão dos efeitos dos efeitos da condição de refugiado

⁹ ACNUR. *Migração, refúgio e apatridia: guia para comunicadores*. Brasília, 2019. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf. Acesso em: 19 jul. 2019.

¹⁰ ACNUR, 2020. Dados sobre o refúgio no Brasil. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

reconhecido. Em relação ao mesmo ano, consta que 192 sírios estão no mercado formal de trabalho, de acordo com o relatório Refúgio em Números (MJSP, 2020).¹¹

A despeito dos índices informados, o número exato de pessoas que vieram para o Brasil, em decorrência de guerras e perseguições, é desconhecido. Sugerindo, dessa forma, que o Governo trabalha com subnotificação. O secretário Nacional de Justiça, Sr. Vasconcelos, relata que a subnotificação pode ser explicada a partir da diferença entre solicitação de visto e solicitação de refúgio: “A solicitação de visto não é a solicitação de refúgio, necessariamente. [...]. Muitos podem ter ido para outro país ou podem não ter conseguido viajar ainda, o que explica a diferença nos números.”¹² Em função desse trânsito:

O Brasil é considerado, ao mesmo tempo, um país de origem, de trânsito e de destino de migrantes. Atender a essa complexidade é um desafio para governos, para a mídia e para a sociedade em si – um dos grandes desafios da nossa época, dada a dimensão e a importância que o tema adquiriu em nível global.¹³

Em suma, o número de refugiados sírios do Brasil é insignificante em comparação a outros países. Contudo, somado aos refugiados de outras nacionalidades é suficiente para causar impacto nos serviços públicos, como: saúde, educação, trabalho e emprego e concessão de documentos. Exige políticas públicas de acolhimento e preparação de profissionais para atender a essa população, o que implica conhecer as necessidades e os direitos do sujeito migrante, como será mostrado mais adiante, nesta seção.

¹¹ MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. *Refúgio em números*. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/Ref%C3%BAgio%20em%20n%C3%BAmeros/REF%C3%9AGIO%20EM%20N%C3%9AMEROS.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2021.

¹² RODRIGUES, M. Brasil prorroga por 2 anos emissão de visto especial a refugiados sírios. *Portal G1*, Brasília, 21 set. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/brasil-prorroga-por-2-anos-emissao-de-visto-especial-refugiados-sirios.html>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

¹³ ACNUR. Agência da ONU para refugiados. *Migrações, refúgio e apatridia*. Brasil, 2019, p. 7. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf. Acesso em: 19 jul. 2019.

3 REFÚGIO

A etimologia indica sua origem no latim como sinônimo de asilo, acolhida ou guarida. Seu uso foi associado aos templos invioláveis da Grécia que ofereciam abrigo seguro. Por sua vez, a etimologia mostra que o termo asilo é oriundo do grego *asylon* que significava proteção concedida às pessoas que buscavam abrigo seguro fora de sua cidade ou país, geralmente em decorrência de perseguição. *Asylon* é derivado do latim *asylum* que tem significado correlato.

Na modernidade, a palavra francesa *refugie* era usada em alusão ao comportamento de protestantes franceses (os Huguenotes) que se movimentaram após a anulação do Edito de Nantes e dos massacres da trágica noite de São Bartolomeu.¹ Nessa época o termo refúgio foi usado para referir-se a abrigo, no sentido de proteção.

Na contemporaneidade, refúgio é um termo utilizado para referir-se ao lugar ou país que abriga pessoas que buscam paz ou segurança. É ainda um instituto jurídico que reconhece a condição de refugiado à pessoa que busca segurança, geralmente, fora de seu país de origem, para proteger-se de situação caracterizada por extrema violência, como temor à perseguição relacionada a questões raciais, religiosas, de nacionalidade, políticas ou relativas ao pertencimento a determinados grupos sociais ou ainda em decorrência da violação generalizada de direitos humanos, ou de conflitos armados.

Conceder refúgio é uma prática antiga na história da civilização. O surgimento dos grandes impérios do Oriente Médio, como o dos Hititas, o Babilônico, Assírio e Egípcio antigo, mostra que as pessoas já fugiam de perseguições. Contudo, inicialmente esse comportamento foi denominado asilo e estava circunscrito ao âmbito religioso. Pessoas perseguidas em função de seu credo eram abrigadas em templos religiosos que as protegiam ao impedir a entrada dos exércitos e dos governantes e assim prosseguiu na Grécia Antiga e na Idade Média.

¹ CARNEIRO, W. P. O conceito de proteção no Brasil: o Artigo 1 (1) da Lei 9.474/97, p. 96 In: JUBILUT, L. L.; GODOY, G. G. (org.). *Refúgios no Brasil: comentários à Lei 9.474/97*. São Paulo: Quartier Latin do Brasil, 2017. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil-Coment%C3%A1rios-%C3%A0-lei-9.474-97-2017.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2019.

Na Idade Moderna, a França incluiu na Constituição de 1793 o conceito de proteção ao estrangeiro.² Contudo, foi a criação do sistema diplomático que retirou o caráter religioso do refúgio. Pautado na teoria da extraterritorialidade o Estado passou a gerir o refúgio. A figura do embaixador ganhou a prerrogativa de conceder proteção nos limites de sua embaixada ou residência a pessoas perseguidas. Posteriormente, essa teoria foi substituída pela teoria da jurisdição.³ A partir da Revolução Francesa, a prática do refúgio a insurgentes de regimes políticos foi consolidada. No entanto, o amadurecimento da diplomacia somado ao aumento de problemas gerados pelo crescimento populacional, como a criminalidade, derrubou a proteção do Estado a estrangeiros insurgentes, o que levou à consolidação do refúgio como importante instrumento jurídico internacional de proteção à pessoa perseguida.⁴

Após a Segunda Guerra Mundial o número de refugiados cresceu demasiadamente. Cidadãos de variadas nacionalidades deixaram seus países de origem temendo a expansão nazista. A Conferência de Bermudas (em 1943) – realizada pelo governo americano e a Grã-Bretanha – criou a Administração de Socorro e Reabilitação das Nações Unidas para Assistência e Reabilitação (UNRRA) e estendeu a proteção internacional aos refugiados. Nessa ocasião, definiu o homem refugiado como “todas as pessoas de qualquer procedência que, como resultado de acontecimentos na Europa, tiveram que abandonar seus países de residência por terem em perigo suas vidas ou liberdade, devido a sua raça, religião ou crenças políticas.”⁵ Logo em seguida, em 1946 a Assembleia Geral das Nações Unidas definiu algumas regras básicas a seguir ao atribuir a condição de refugiado, como: (a) o refúgio tem alcance e caráter internacional; (b) é obrigatório que o destino dos refugiados e qualquer pessoa deslocada, fique sob a responsabilidade de um órgão internacional; (c) a necessidade premente de estimular e ajudar o pronto retorno dessa população a seus países de origem; (d) jamais obrigar esse retorno quando implicar perigo a vida ou a integridade do sujeito.

² RODRIGUES, G.M.A. A ideia de refugiado na história do Direito Internacional. Anuário Brasileiro de Direito Internacional. N.II-1, janeiro, 2007, p. 164-178. Disponível em: <<https://international.vlex.com/vid/refugiados-uma-perspectiva-brasileira-214888541>>.

³ De acordo com a jurista Andrea Russar, jurisdição é “a realização do Direito por um terceiro imparcial em uma situação concreta. Trata-se de uma das funções do Estado”. Geralmente este terceiro é o Poder Judiciário que utilizando a força de Estado aplica a lei em situações bem específicas, presumivelmente de forma imparcial.

⁴ BARRETO, L. P. T. F. A Lei Brasileira de Refúgio – sua história. In: BARRETO, L. P. T. F. (org.). *Refúgio no Brasil: A proteção brasileira aos refugiados e seu impacto na América Latina*. Brasil: 2010, ACNUR. Disponível em: <http://caminhosdorefugio.com.br/wp-content/uploads/2014/11/Refugio_no_Brasil.pdf>. Acesso em: 18 maio 2019.

⁵ Idem, *ibidem*.

Com o objetivo de ocupar-se dos problemas remanescentes dos refugiados da Segunda Grande Guerra, em 1947, foi criada a Organização Internacional de Refugiados (OIR). Pouco depois, em dezembro de 1950, criou-se um órgão apolítico, de cunho humanitário e social, com abrangência internacional para conceder proteção aos refugiados de qualquer nacionalidade, refiro-me ao Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR).

Contudo, o direito ao refúgio teve sua origem em uma convenção da ONU, adotado formalmente em 28 de julho de 1951, quando inaugurou o Estatuto dos Refugiados. Inicialmente, o objetivo desse instrumento era acolher refugiados europeus após a Segunda Guerra Mundial. Esse tratado global é a pedra angular da proteção aos refugiados e consolida instrumentos legais que o antecederam, a saber:

[...] fornece a mais compreensiva codificação dos direitos dos refugiados a nível internacional. Ela estabelece padrões básicos para o tratamento de refugiados sem, no entanto, impor limites para que os Estados possam desenvolver esse tratamento.

Ao passo que antigos instrumentos legais internacionais somente eram aplicados a certos grupos, a definição do termo 'refugiado' no Artigo 1º foi elaborada de forma a abranger um grande número de pessoas.⁶

A Convenção Internacional de 1951 apresentou a primeira definição de sujeito refugiado, a saber:

Toda pessoa que, como resultado de acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e devido a fundados temores de ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, por pertencer a determinado grupo social e por suas opiniões políticas, se encontre fora do país de sua nacionalidade e não possa ou, por causa dos ditos temores, não queira recorrer à proteção de tal país; ou que, carecendo de nacionalidade e estando, em consequência de tais acontecimentos, fora do país onde tivera sua residência habitual, não possa ou por temor fundado não queira regressar a ele.⁷

⁶ ACNUR. Agência da ONU para refugiados. *Convenção de 1951*. Brasília, 2001-2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/>. Acesso em: 31 dez. 2019.

⁷ Idem, *ibidem*.

Nesse momento, incluiu os rompimentos e os desafios que essa população enfrenta com a mudança de país. Esse aspecto foi observado na experiência dos participantes desta pesquisa, como mostrado mais adiante. A partir de então, reconheceu o caráter subjetivo ou a condição de sujeito agregando-a aos aspectos sócio-políticos, conforme mostro a seguir.

[...] uma pessoa comum que, para preservar sua liberdade, deixou para trás emprego, família e amigos. Muitas vezes, chega sozinho e sem dinheiro a um novo país, tendo que se adaptar a um idioma e a costumes sociais que desconhece.⁸

Apesar do relevante reconhecimento a pessoa do refugiado, a Convenção de 1951 tinha um caráter limitado. Sua abrangência se restringia ao continente europeu e a eventos retroativos ao ano de sua publicação. Logo, novos conflitos impuseram a necessidade de incluir outros fluxos de refugiados sob a proteção da Convenção de 1951. Para tanto, um Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados foi submetido à Assembleia Geral da ONU, em 1966, e a Resolução 2198 (XXI) de 16 de dezembro de 1966, solicitou a submissão do referido texto aos Estados. Este Protocolo foi assinado em 31 de janeiro de 1967 e transmitido aos Governos. Entrou em vigor em 4 de outubro do mesmo ano.

A partir desse feito, os países foram levados a expandir as provisões da Convenção de 1951 para todos os refugiados enquadrados na definição da Carta, sem limite de datas e de espaço geográfico. Vale ressaltar que, embora relacionado com a Convenção de 1951, o Protocolo é um instrumento independente cuja ratificação não é restrita aos Estados signatários da Convenção em questão. O novo instrumento internacional conferiu caráter universal e atemporal à Convenção de 1951.

O Estatuto dos Refugiados determina que tanto a promoção quanto à supervisão de aplicação de instrumentos internacionais que visam proteger refugiados é de competência da ACNUR. Ao ratificar a Convenção e o Protocolo, os Estados signatários aceitaram cooperar com a ACNUR apoiando o desenvolvimento de suas atribuições. Tanto a Convenção de 1951 quanto o Protocolo de 1967 asseguram a qualquer pessoa exercer o direito de procurar e receber refúgio em outro país, desde que corresponda à designação de refugiado instituída pela ONU.

⁸ Idem, *ibidem*.

Desde 1960 o Brasil é signatário da Convenção de 1951 e ingressou para o Comitê Executivo do ACNUR, desde 1958.

À luz da lei, cada uma das adversidades que geram o deslocamento produz diferentes figuras de estrangeiros, como: (1) *apátrida*; (2) *deslocado interno*; (3) *imigrante econômico*; (4) *imigrante geográfico ou ambiental*; (5) *exilado*; (6) *retornado* e (7) *refugiado* – este último é o tema desta pesquisa.

Segundo a Lei 13.445, *apátrida* é a pessoa que não é considerada nacional por nenhum Estado. Ocorre, por exemplo, com filhos de refugiados nascidos em países que não concedem nacionalidade a filhos de estrangeiros⁹ ou quando um país deixa de existir e não é substituído por outro, ou quando outro Estado o substitui, mas não reconhece essa população como cidadão local; portanto, algumas pessoas nascem apátridas enquanto outras se tornam apátridas.

Os *deslocados internos* são pessoas que se movimentam dentro de seu próprio país, em função do mesmo evento que gerou o refúgio de tantas outras. Contudo, não cruzaram a fronteira internacional em busca de abrigo seguro. Por esse motivo, contam com a proteção legal do Estado mesmo sendo este, em muitos casos, a causa do deslocamento¹⁰.

O *imigrante econômico*, por sua vez, é a pessoa que decide mudar de país em função de crise econômica que provocou restrições significativas à sua qualidade de vida ou comprometeu severamente sua sobrevivência, mas não sofre restrições legais para retornar a seu país, se assim desejar.

O *migrante geográfico ou ambiental* é a pessoa que deixa seu país após a ocorrência de catástrofes geográficas que causaram graves danos, como: terremotos, *tsunamis*, secas, ou cheias violentas, entre outros eventos naturais.

⁹ BRASIL, N. E. *Migração Síria Contemporânea: da partida a (Re)Inserção*. 83 f. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, faculdade de Sociologia. Brasília, 2017. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19310/1/2017_EmanueldeNazarethBrasil.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.

¹⁰ ACNUR. Agência da ONU para refugiados. Brasil. *Deslocados internos*, s/d. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/deslocados-internos/>. Acesso em: 29 abr. 2018.

O *exilado*, pouco falado na atualidade, mas muito discutido no Brasil, na ocasião da ditadura militar, é a pessoa que foi expulsa de um país, geralmente pelo Estado, por ter violado a ordem política vigente. Essa expulsão pode ser temporária ou definitiva.¹¹

Os *retornados* “são refugiados e solicitantes de refúgio que retornam voluntariamente a seus países de origem”¹².

Denominam-se *refugiados* as pessoas que mudam de país para preservar a própria vida, já que são perseguidos pelo Governo e/ou por forças milicianas. Em função dessas ameaças, estão impedidos de retornar para o país de origem. Quando o perseguidor é o Governo, o impedimento de retorno é legal.

Há ainda migrantes que não correspondem exatamente a nenhuma dessas categorias e, por isso, são denominados *outros*^{13 14}.

Essa categorização emergiu sob a batuta do *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR),¹⁵ agência da ONU criada em 1950. Desse modo, para o Direito Internacional, de acordo com a razão do deslocamento as pessoas se dividem em dois grupos: os migrantes forçados e os migrantes voluntários. No entanto, para facilitar a comunicação entre os agentes que atuam nesse cenário adotou-se o termo *migrante internacional* ao se referir, de modo genérico, as pessoas em deslocamento.

Em outra direção, o filósofo francês Etienne Balibar privilegia o olhar para o sujeito em detrimento do instituto do refúgio. Em especial ao pensar o deslocamento forçado, Balibar diz que todos esses estrangeiros são, antes de tudo, *errantes*: “A parte móvel da humanidade, acossada pela violência do desenraizamento e da repressão; são a parte da população cuja condição concentra os efeitos de todas as desigualdades do mundo em que vivemos.”¹⁶

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² *Ibidem*.

¹³ QUINAGLIA, M. C. *Com lenço e com documento: condições de vida da população refugiada síria em São Paulo*. 2018. 294 f. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-São Paulo, 2018. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/332529/1/Quinaglia_MariliaCalegari_D.pdf. Acesso em: 25 jan. 2019.

¹⁴ Este grupo é assistido pela ACNUR, portanto, compõe as estatísticas da migração internacional.

¹⁵ Em português, denominada Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

¹⁶ KOLTAI, C. Os errantes, um desafio para a psicanálise: uma clínica da errância? *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 52, n. 3, São Paulo, 2018.

Entendo delicada a adoção de termos ou categorias. As terminologias atribuídas ao sujeito em deslocamento podem acentuar o estigma em torno dessa população. A filósofa Hanna Arendt, que buscou refúgio para preservar a vida, distanciando-se da perseguição nazista, chama atenção para essa questão:

Em primeiro lugar, não gostamos de ser chamados ‘refugiados’. Chamamo-nos uns aos outros ‘recém-chegados’ ou ‘imigrantes’. Os nossos jornais são jornais para ‘americanos de língua alemã’; e, tanto quanto sei, não há e nunca houve qualquer clube fundado pelos perseguidos por Hitler cujo nome indicasse que os seus membros são refugiados.¹⁷

O fato é que qualquer tipo de deslocamento impõe importantes rupturas, o enfraquecimento de vínculos, o afastamento das redes sociais de apoio, do lugar e da cultura de origem. O conflito entre o desejo de migrar e conhecer algo novo concomitante à tendência de inserir obstáculos nesse percurso transforma a busca-imigração em um movimento de exílio-expulsão-punição que provoca dor, confusão, isolamento e angústia.¹⁸ Em especial, nas migrações forçadas pela violência, como o refúgio, a dimensão do perdido leva o sujeito a sentir importante dificuldade para localizar-se no mundo, o que geralmente provoca efeitos como o desenraizamento ou a desterritorialização.¹⁹

A seguir, relato alguns aspectos da adoção do instituto do refúgio no país e as políticas de acolhimento estruturadas a partir da legislação brasileira.

2.1 Refúgio no Brasil: legislação e políticas de públicas

No Brasil, a Convenção de 1951 entrou em vigor de modo significativo na década de 1970 quando a ditadura militar perseguiu fortemente seus opositores. Assim, o caráter religioso

¹⁷ ARENDT, H. op. cit.

¹⁸ GRINBERG, L.; GRINBERG, R. *Psychoanalytic perspectives on migration and exile*. New Haven: Yale University Press, 1989.

¹⁹ ROSA, M. D. *et al.* A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 497-511, set., 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000300006. Acesso: 21 out. 2015.

extinguido em outros continentes foi determinante para a ACNUR proteger as pessoas perseguidas pelo regime militar. Estas instituições atuaram em na proteção e retirada desses brasileiros do país. Ao mesmo tempo no Chile, Argentina e Uruguai a ditadura militar agia do modo semelhante com seus cidadãos. Para se protegerem da repressão muitos perseguidos políticos buscaram asilo no Brasil.²⁰ Em 1975 a Igreja Católica, por meio da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro e a de São Paulo, começou a acolher cidadãos oriundos desses países. O número de estrangeiros em busca de abrigo no Brasil aumentou expressivamente. Em 1975 a ditadura militar ainda reprimia com intensidade qualquer reivindicação pela democracia. No entanto, valendo-se do respeito que as forças armadas tinham à Igreja Católica, ao receber um grupo de jovens por recomendação do Vicariato de Solidariedade do Chile o cardeal Dom Eugenio de Araújo Sales comunicou ao comandante geral do Exército Brasileiro que a Cáritas do Rio de Janeiro passaria a abrigar cidadãos chilenos, argentinos e uruguaios com recursos da Igreja Católica. Em São Paulo, o cardeal D. Paulo Evaristo Arns valeu-se do mesmo temor a Igreja para realizar um trabalho de assistência a refugiados. Assim a Cáritas instituía a matriz da política de recepção e assistência aos refugiados em vigor no Brasil.²¹

Na América Latina, em função desse cenário, surgiu o termo asilo diplomático enquanto outros continentes já adotavam o termo refúgio. O continente tomou como base variados documentos redigidos no continente, como o Tratado de Direito Penal Internacional de Montevideu (1889), a Convenção sobre Asilo consolidada na VI Conferência Pan-americana de Havana (1928), a Convenção sobre Asilo Político realizada na VII Conferência Internacional Americana de Montevideu (1933), o Tratado sobre Asilo e Refúgio Político de Montevideu (1933) como também a Convenção sobre Asilo Diplomático da X Conferência Interamericana de Caracas (1954).

²⁰ O termo “asilo diplomático” surgiu no continente latino-americano. Nos dias atuais, de modo informal, alguns países utilizam esse termo, mas não o reconhecem enquanto instituto de Direito Internacional. Inicialmente a América Latina adotou o termo “asilo”, enquanto em outros continentes já adotavam o termo “refúgio”, em vigor na atualidade. Isto porque tomou como base variados documentos redigidos no continente, como o Tratado de Direito Penal Internacional de Montevideu (1889), a Convenção sobre Asilo consolidada na VI Conferência Pan-Americana de Havana (1928), a Convenção sobre Asilo Político realizada na VII Conferência Internacional Americana de Montevideu (1933), o Tratado sobre Asilo e Refúgio Político de Montevideu (1933) como também a Convenção sobre Asilo Diplomático da X Conferência Interamericana de Caracas (1954).

²¹ BARRETO, L. P. T. F. A Lei Brasileira de Refúgio – sua história. In: _____. (org.) Refúgio no Brasil: A proteção brasileira aos refugiados e seu impacto na América Latina. Brasil: 2010, ACNUR. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/estrangeiros/livrorefugiobrasil.pdf>. Acesso em: 18 maio 2019.

De acordo com a Constituição Federal de 1988 o país orienta suas relações internacionais embasado nos seguintes princípios: “prevalência dos direitos humanos e da concessão do asilo político’. O asilo político é tratado, ainda, em título próprio da Lei nº 6.815, de 1980.”²²

No entanto, nas últimas décadas o refúgio foi adotado no continente latino-americano enquanto instituto jurídico, em substituição ao asilo que outrora ganhou força singular no continente. Atualmente poucos países utilizam esse termo. Quando o adotam é em caráter informalmente, pois não o reconhecem enquanto instituto de Direito Internacional.

O Brasil desenvolveu sua própria lei sobre o refúgio, a Lei n. 6.815/1980, a partir da qual concede ou nega vistos a estrangeiros baseado na Convenção de 1951 e no Estatuto dos Refugiados. Esta lei ficou conhecida como *Estatuto do Estrangeiro* e se mantém como referência nacional em relação a direitos e limitações de migrantes internacionais. Estabeleceu a condição de refúgio no Brasil:

Poderá solicitar refúgio no Brasil o indivíduo que, devido a fundado temor de ser perseguido, por motivos de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a grupo social específico ou opinião política, encontre-se fora de seu país de nacionalidade (ou, no caso de apátridas, de seu país de residência habitual) e não possa ou, devido a tal temor, não queira retornar a ele.

No entanto, o significativo aumento do ingresso de estrangeiros na última década levou o Governo Federal a rever e ampliar a legislação referente à concessão de visto, tanto temporário quanto permanente, seja para refugiados, imigrantes, apátridas ou expatriados. Em maio de 2016, o Ministério da Justiça do Brasil apresentou, em reunião do Conselho Nacional de Imigração (CNIG), a minuta de decreto que instituiria a Política Nacional de Migrações, Refúgio e Apatridia. Esta foi elaborada a partir de ações de proteção e integração, cuja finalidade é promover a inclusão social, facilitar a obtenção de documentação migratória, garantir acesso pleno e igualitário aos direitos e promover os direitos humanos das variadas categorias de estrangeiros.

O principal resultado foi a revogação da Lei n. 6.815/1980 e do Estatuto do Estrangeiro, criado durante a ditadura militar, pela Lei nº 13.445/2017, de 24 de maio 2017. Esta lei vige em

²² Idem, ibidem.

consonância com a Convenção de 1951 e foi chamada de *(Nova) Lei de Migração*.²³ Com isso, o Brasil conferiu clareza e objetividade as suas regras e, desse modo, mostrou maturidade para lidar com o tema do refúgio. Assim, passou a assegurar documentos básicos aos refugiados (como o de identificação e o de trabalho), conferir liberdade de movimento no território nacional e definiu uma série de princípios que regulam a entrada, estada e expulsão de refugiados em território brasileiro.²⁴ Tanto esta lei quanto o Decreto nº 9.199, de 20 de novembro de 2017 (que regulamenta essa mesma lei) foram regulamentados em pela Portaria 666, publicada em 26 de julho de 2019. Com isso, tanto os critérios para o ingresso quanto a deportação sumária de território brasileiro ganharam clareza. A ACNUR reconhece que:

[...] a nova Lei trata o movimento migratório como um direito humano e garante ao migrante, em condição de igualdade com os nacionais, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade. Além disso, *institui o visto temporário para acolhida humanitária*, a ser concedido ao apátrida ou ao nacional de país que, entre outras possibilidades, se encontre em situação de grave e generalizada violação de direitos humanos – situação que possibilita o reconhecimento da condição de refugiado, segundo a Lei nº 9.474/1997. (grifos nossos).

Em função desses avanços, o Brasil “[...] tem sido apontado como paradigma para a uniformização da prática do refúgio na América do Sul.”²⁵ Criou o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), órgão vinculado ao Ministério de Justiça e Segurança Pública – responsável pela elaboração de políticas para refugiados no país.²⁶

²³ BRASIL. *Lei nº 13.445 de 24 de maio de 2017*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019.

²⁴ ACNUR BRASIL (2015).

²⁵ Jubilut, J. (2007) *apud* RODRIGUES, G. M. A. O futuro do refúgio no Brasil e seu papel no cenário humanitário. In: BARRETO, L. P. T. F. *Refúgio no Brasil: A proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas*. Brasília: Ministério da Justiça, 2010, p. 136. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/estrangeiros/livrorefugiobrasil.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2018.

²⁶ Constituído por representantes governamentais e não-governamentais. Como informado pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública, os representantes governamentais que compõem o CONARE são: Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJ – presidência), Ministério das Relações Exteriores (MRE), Ministério da Saúde (MS), Ministério da Educação (MEC), Ministério da Economia (ME), e a Polícia Federal (PF). A sociedade civil está representada pela Cáritas Arquidiocesana, do Rio de Janeiro e de São Paulo. Diferentemente dos demais membros, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) possui voz, mas não tem voto. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/conare>. Acesso em: 01 jan. 2020.

Algumas medidas foram pensadas especificamente para acolher refugiados haitianos e sírios. O Brasil adotou a emissão de visto humanitário para haitianos, em 2012, e para os sírios, em 2013. Desta forma, a Resolução Normativa nº 17 autoriza o pedido de tal visto em qualquer posto diplomático fora do Brasil, o que permite o embarque legal para o país²⁷. A Resolução Normativa nº 20 prorrogou por mais dois anos o visto de ingresso de sírios no país. Firmou também assinatura de cooperação com o ACNUR para qualificar o fluxo de atendimento e informações nos postos no Líbano, Turquia e Jordânia. Em função do posicionamento adotado no acolhimento de refugiados, ao longo de sua história recente, o Brasil é reconhecido internacionalmente como um modelo a ser seguido.

O Brasil tem generosamente recebido migrantes e refugiados por décadas, e tem feito isso com respeito aos seus direitos e à sua dignidade humana. Em um mundo onde refugiados e estrangeiros são com frequência estigmatizados e marginalizados devido ao racismo e à xenofobia, nós temos muito que aprender com a positiva experiência brasileira em relação aos refugiados.²⁸

Tais ações compõem medidas humanitárias que foram tomadas em função da gravidade que se instalou no território sírio, somada ao expressivo número de refugiados desse país com visto de refúgio concedido pelo Governo brasileiro: 2.752, até 2015²⁹. Especificamente, a Resolução Normativa nº 17/2013 assegura, em seu artigo 1º:

²⁷ ACNUR. Agência da ONU para refugiados. *Sírios terão visto humanitário para entrar no Brasil*. Brasília: 2013. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2013/09/24/sirios-terao-visto-humanitario-para-entrar-no-brasil/>. Acesso em: 14 mar. 2018.

²⁸ Angelina Jolie, atriz e embaixadora da Boa Vontade do ACNUR (2018). Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil_A-prote%C3%A7%C3%A3o-brasileira-aos-refugiados-e-seu-impacto-nas-Am%C3%A9ricas-2010.pdf. Acesso em: 17 maio 2019.

²⁹ BRASIL. Ministério da justiça. *CONARE renova medida que facilita emissão de vistos a pessoas afetadas pelo conflito na Síria*. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/news/conare-renova-medida-que-facilita-emissao-de-vistos-a-pessoas-afetadas-pelo-conflito-na-siria>. Acesso em: 05 maio 2018.

Poderá ser concedido, por razões humanitárias, o **visto apropriado**, em conformidade com a Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, e do Decreto 86.715, de 10 de dezembro de 1981, **a indivíduos afetados pelo conflito armado na República Árabe Síria** que manifestem vontade de buscar **refúgio no Brasil**. Parágrafo único: Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população em território sírio, ou nas regiões de fronteira com este, como decorrência do conflito armado na República Árabe Síria (BRASIL. Resolução Normativa n. 17 de 20 de setembro de 2013). (Grifos nossos).

Recentemente, em 08 de outubro de 2019, os Ministérios de Justiça e das Relações Exteriores assinaram a Portaria Interministerial nº 9 assegurando proteção e abrigo às pessoas afetadas pelo conflito armado na Síria. Assim, instituíram o segundo visto para fins de acolhida humanitária no país, o que simplificou o visto anterior³⁰. Para além dos nacionais da Síria, essa portaria inclui também os apátridas e desburocratiza o processo de ingresso no Brasil à medida que garante residência imediata às pessoas que têm o visto humanitário, como assegura o coordenador-geral do CONARE, Bernardo Laferté:

O novo visto garante igualmente a proteção no território brasileiro, mas, agora, vem regulamentado com registro imediato e com simples e rápido acesso ao Registro Nacional Migratório, sem ter que esperar o tempo de tramitação de um processo de refúgio.³¹

A partir dessa portaria, qualquer pessoa afetada pela guerra civil da Síria pode procurar o consulado nas cidades de Beirute (Líbano), Amã (Jordânia), Cairo (Egito), Istambul ou Ancara (Turquia) e requisitar o visto temporário – válido por 90 dias. Assim, terá seu ingresso no Brasil permitido, desde que não tenha antecedentes criminais, como aconteceu com a família de Hanadi que solicitou o refúgio a partir da Jordânia. Ao chegar ao Brasil deverá solicitar junto à PF o registro do visto e a carteira de Registro Nacional Migratório (RNM). Esses documentos

³⁰ BRASIL. CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, IMPRENSA NACIONAL. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. *Portaria Interministerial n. 9, de 08 de outubro de 2019*. Disponível em: <<http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-interministerial-n-9-de-8-de-outubro-de-2019-220791848>>. Acesso em: 31 dez. 2019.

³¹ BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. *Governo brasileiro facilita visto humanitário afetados pelo conflito da Síria*. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/collective-nitf-content-1570631506.17>. Acesso em: 31 dez. 2019.

darão acesso ao CPF, a carteira de trabalho e aos serviços públicos nas áreas da saúde, educação, entre outras.

2.2 São Paulo: destino do refúgio

Para compreender os efeitos do desenraizamento no sujeito, esse trabalho elegeu o refúgio de sírios em São Paulo, como informado anteriormente. No entanto, o movimento migratório da Síria para o Brasil é antigo. Com o objetivo de localizá-lo na história começo com uma breve digressão para mostrar as origens da migração no Brasil, em especial o ingresso de sírios no Estado de São Paulo.

A partir da década de 1870, o Brasil intensificou a recepção de migrantes oriundos de variados continentes. Chegavam em navios lotados e a viagem durava de quinze dias a dois meses. Do Mediterrâneo, partiam de Gênova; Marseille e Málaga; na Península Ibérica partiam dos portos de Lisboa e Vigo; do Canal da Mancha e do Mar do Norte, saíam de Havre e Hamburgo, e; do Oriente, saíam do Japão-Kobe. Chegavam ao Porto de Santos e eram encaminhados à Inspetoria de Imigração, onde eram submetidos ao controle sanitário e inspeção da bagagem.³² Com isso, São Paulo começou a exercitar a recepção e acolhida dessa população, algo inédito até então.

Inicialmente foram hospedados em casas alugadas pelo governo, nas proximidades da Estação da Luz. Na sequência, foram transferidos para um alojamento no bairro do Pari. Tais espaços se mostraram pequenos para abrigar estrangeiros que não paravam de chegar. Então, no ano seguinte, diante da necessidade de aumentar a mão de obra na lavoura e assim garantir prosperidade econômica, o Estado paulista intensificou os esforços para receber imigrantes. Com isso, a Lei Provincial nº 36, de 21 de fevereiro de 1881, institucionalizou a construção da hospedaria do Bom Retiro. Esse prédio ficou em atividade de 1882 até 1887. Tinha capacidade para abrigar 500 pessoas tendo abrigado 31.275 imigrantes, aproximadamente, ao longo de suas atividades. No entanto, logo mostrou-se insuficiente para abrigar tantos estrangeiros. Então, em junho de 1886 o Estado iniciou a construção de mais uma hospedaria, no bairro do Brás. Foi inaugurada oficialmente em 1888, no entanto, os primeiros hóspedes foram recebidos ainda

³² Moura, S. (2008) *apud* KHOURY, J. M. *Pelos caminhos de São Paulo: A trajetória dos sírios e libaneses pela cidade*. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-10032014-095235/publico/2013_JulianaMouawadKhouri.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2020.

com o prédio em construção. Projetada para receber até 3 mil pessoas, no pico do ingresso de imigrantes recebeu até 10 mil pessoas.³³

Além de abrigar os recém-chegados, fazia parte do serviço de acolhimento praticado pela hospedaria: encaminhá-los para novos empregos, oferecer serviço médico, odontológico e de laboratório de análises, serviços de correios e telégrafo. Contava ainda com posto policial e uma Agência Oficial de Colonização e Trabalho. Em função da dinâmica social e econômica internas, na década de 1930, a hospedaria passou a recepcionar migrantes de variados Estados brasileiros, marcando, assim, que sua função original já não se sustentava. Em 1978, ano de encerramento de suas operações, recebeu pela última vez um grupo de imigrantes vindos da Coreia.

A hospedaria do Brás transformou-se no símbolo maior da imigração no Estado de São Paulo. Em 1993, foi transformada no Museu da Imigração, atualmente subordinado à Secretaria Estadual de Cultura. O museu administra o acervo do Centro Histórico do Imigrante. Em 1998, foi criado o Memorial do Imigrante e, em 2010, o prédio da Hospedaria do Imigrante começou a ser restaurado quando também o Memorial ganhou a denominação de Museu da Imigração. Por fim, em 2014, o novo Museu da Imigração do Estado de São Paulo foi inaugurado. Além do acervo físico, disponibiliza sua base de dados, virtualmente, e assim facilita o resgate de informações sobre a passagem de famílias pela hospedaria. Desde 1996, realiza a Festa do Imigrante mostrando que a função de promover a integração e a preservação de mais de 50 culturas está em franca atividade.³⁴

2.3 Os primeiros sírios em São Paulo

O primeiro fluxo de sírios para o Brasil ocorreu no final do século XVI. Ingressaram pela Bahia trazidos por missionários católicos da Síria que integravam a comitiva de colonizadores portugueses. Em 1850, após a queda do império turco-otomano, chegou o segundo fluxo de sírios. Dessa vez, acompanhados por significativo contingente de libaneses.

³³ SÃO PAULO. Estado. Museu da Imigração do Estado de São Paulo. *Hospedaria de Imigrantes de São Paulo: Tudo começou há 130 anos*. São Paulo, jun. 2016. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/hospedaria-de-imigrantes-de-sao-paulo-tudo-comecou-ha-130-anos/>. Acesso em: 07 jan. 2020.

³⁴ SÃO PAULO. Estado. Museu da Imigração do Estado de São Paulo. *Histórico*. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/o-museu/historico/>. Acesso em: 07 jan. 2020.

Entraram no país por vários estados nordestinos, embora significativa parte desse contingente tenha se instalado no interior paulista para trabalhar no cultivo do café.³⁵ No século seguinte, entre 1903 e 1913, o país recebeu relevante número de sírios, árabes e turcos. Contudo, o maior ingresso referente a esse período ocorreu em 1926, totalizando 3.369 pessoas.³⁶ Antagonicamente, o censo de 1920 apontou mais de 50 mil sírios e libaneses em território brasileiro, sendo 19 mil no Estado de São Paulo.

A maioria dessa população não solicitou ajuda do Governo brasileiro para se instalar no país, o que explica o baixo número de registro de sírios na Hospedaria de Imigrantes de São Paulo – maior centro de recepção de migrantes da história do país. Além disso, todos os migrantes do Oriente Médio (oriundos do Império Turco-Otomano) eram chamados de turcos, o que implicou na subnotificação dos sírios comprometendo um aspecto da história da imigração de sírios e de outros estrangeiros.

Os sírios, em sua maioria eram cristãos das mais diversas denominações: católicos maronitas, melquitas e jacobitas. Tinham ainda ortodoxos orientais e protestantes.³⁷ Eram, majoritariamente, do sexo masculino e à medida que se organizavam financeiramente, os casados traziam esposa e filhos. Já os solteiros buscavam pais e irmãos.³⁸ Muitos trabalharam em fazendas. Mas, a natureza dura dessa atividade os fez fugir para os centros urbanos. Na cidade começaram como mascates. No entanto, logo se estabeleceram em pontos comerciais fixos, geralmente, localizados entre os mercados e as estações de trem de ferro, passagem obrigatória para a população, o que chamava a freguesia. Em São Paulo, a região da Rua 25 de Março tornou-se o centro de atividades comerciais de sírios e libaneses. Além dessa rua, a Sé,

³⁵ ZAMBERLAM, J. O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

³⁶ MOTT, M. L. Imigração árabe: um certo oriente no Brasil. In: IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

³⁷ SÃO PAULO. Estado. Museu da Imigração. *Sobre os poucos registros para sírios e libaneses na Hospedaria dos Imigrantes*. Disponível em: <<http://museudaimigracao.org.br/sobre-os-poucos-registros-para-sirios-e-libaneses-na-hospedaria-dos-imigrantes/>>. Acesso em: 07 jan. 2020.

³⁸ De acordo com Siqueira (2006) *apud* QUINAGLIA, M. C. *Com lenço e com documento: condições de vida da população refugiada síria em São Paulo*. 2018. 294 f. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-São Paulo, 2018. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/332529/1/Quinaglia_MariliaCalegari_D.pdf. Acesso em: 25 jan. 2019.

Santa Efigênia, Barão de Duprat e a rua Paula Sousa também concentravam as atividades comerciais de sírios e libaneses.³⁹

A primeira leva de imigrantes vindos do Oriente Médio abriu igrejas, associações religiosas, sociais, culturais e comerciais. Deixou um legado que ajuda a contar a história da cidade de São Paulo, como: (a) *as igrejas ortodoxas*, a exemplo da *Igreja à Antiga* construída em 1904, em uma travessa da Rua 25 de março, reduto de sírios e libaneses, e da Catedral Ortodoxa Metropolitana de São Paulo, cuja construção começou no final da década de trinta, no bairro do Paraíso e símbolo da imponência da colônia que, à época de sua construção, já exibia expressivas fortunas; (b) o *Clube Homs*, fundado em 02 de maio de 1920, por imigrantes sírios oriundos da cidade de Homs, que tinham por objetivo preservar a memória, a cultura e lembranças dos que viveram na cidade de origem⁴⁰; (c) o *Esporte Clube Sírio*, mais conhecido como *clube sírio-libanês*, fundado em 14 de julho de 1917, por jovens sírios e libaneses com a intenção de fomentar a prática de esportes. Contudo, incluiu como propósito preservar as tradições e a hospitalidade que entendiam caracterizar os sírios que vivem no Brasil⁴¹ e; (d) o *Hospital Sírio Libanês*, cuja pedra fundamental foi colocada por meio da criação da Sociedade Beneficente de Senhoras, em 28 de novembro de 1921, quando senhoras da colônia sírio-libanesa começaram a materializar o desejo de retribuir a acolhida recebida da comunidade paulistana. O projeto foi interrompido por aproximadamente 20 anos porque o prédio – já praticamente pronto – foi tomado por duas vezes. Primeiro pelo governo paulista, para abrigar uma escola preparatória de cadetes e, na sequência, pelo Exército que utilizou as instalações do futuro hospital como escola preparatória de oficiais, o que se deu por meio de um decreto. Entretanto, a Sociedade Beneficente de Senhoras conseguiu retomar o prédio em 1959 e a inauguração oficial do hospital ocorreu em 15 de agosto de 1965. Hoje é um centro de referência nacional em saúde, ensino e pesquisa.⁴²

A presença dos sírios e libaneses se espalhou pela cidade de várias maneiras, além do legado construído por eles, como apontado acima. De modo geral, os imigrantes preferiam morar próximos uns dos outros. Os sírios e libaneses ocuparam a Vila Mariana, Paraíso, Brás e

³⁹ KHOURY, J. M. *Pelos caminhos de São Paulo: A trajetória dos sírios e libaneses pela cidade*. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-10032014-095235/publico/2013_JulianaMouawadKhouri.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2020.

⁴⁰ Clube Homs. Disponível em: <<http://clubhoms.org.br/nossa-estrutura/>>. Acesso em: 07 jan. 2020.

⁴¹ Esporte Clube Sírio. Disponível em: <<http://www.sirio.org.br/esporte-clube-sirio/>>. Acesso em: 07 jan. 2020.

⁴² Hospital Sírio-Libanês. Disponível em: <<https://www.hospitalsiriolibanes.org.br/institucional/sociedade-beneficente-de-senhoras/Paginas/historia.aspx>>. Acesso em: 07 jan. 2020.

Ipiranga, onde foi preservada a famosa mansão da família Jafet. Vale lembrar que, nesta época, era comum que os comerciantes residissem na parte superior do comércio. Em função disso, muitos moraram no Brás, até acumular certa quantia que lhe conferissem ascensão social quando então mudavam para os bairros supracitados.

Para mais, inúmeras ruas da cidade de São Paulo homenageiam membros dessa colônia, entre outras, a Avenida República do Líbano, no bairro de Moema; as ruas Cavalheiro Basílio Fafet e Comendador Abdo Schahin, na região da Rua 25 de Março; na Vila Mariana, estão as ruas Said Aiach, Abrão Dib e Jorge Chammas. Além dessas, a própria Rua 25 de Março que, apesar de o nome ser uma homenagem à Primeira Constituição Nacional, tem sua imagem fortemente associada à identidade sírio-libanesa em função de sua ocupação por esse grupo. Em função disso, a data que dá nome a esta rua foi adotada como data comemorativa da comunidade árabe no Brasil.⁴³

2.4 Recepção de refugiados no Brasil

É corrente no Brasil propagar a imagem do país como uma terra acolhedora, que aceita o estrangeiro “de braços abertos”. No entanto, tal aceitação não se materializa em muitos aspectos, haja vista a debilidade observada nas ações de inclusão social. Notadamente algo se perde entre a intenção e materialização de um acolhimento efetivo. Apesar disso, no âmbito legal, o país apresenta progressos em relação a direitos e acolhimento.

Se no campo jurídico o país é referência internacional, no campo social e da saúde o Brasil não oferece, na medida necessária, ações que contemplem as necessidades de ordem psíquica que acometem o sujeito refugiado. Em relação à saúde, no âmbito federal, quando a população em questão recorre ao Sistema Único de Saúde (SUS), uma possibilidade de atendimento psicológico se dá por meio de unidades do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). Contudo, o atendimento não escoa na medida necessária para atender à demanda. Para mais, ao analisar os dados da Agência da ONU, para refugiados (UNHCRH), referentes ao ano de 2016, observei o parco número de ações voltadas à integração dessa população, por exemplo: a oferta de 600 vagas para curso de português – distribuídas entre São Paulo e Rio de Janeiro

⁴³ KHOURY, J. M. *Pelos caminhos de São Paulo: A trajetória dos sírios e libaneses pela cidade*. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-10032014-095235/publico/2013_JulianaMouawadKhouri.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2020.

(MJ, 2016). Isto porque no Brasil as políticas voltam-se maciçamente para a concessão de documentos, como: o visto humanitário, a Carteira de Identidade e a Carteira de Trabalho. De fato, são medidas importantes, contudo, insuficientes para promover a inclusão social, um dos aspectos propostos pela Política Nacional de Migrações, Refúgio e Apatridia, do Ministério da Justiça.⁴⁴ Principalmente, não acolhem as angústias e a vulnerabilidade psíquica decorrente dos rompimentos com a terra de origem. Essa postura indica a fraca atenção conferida aos aspectos psíquicos, uma espécie de invisibilidade da condição de sujeito. Uma vez distante do risco iminente de morte (física), o sujeito refugiado quer refazer sua vida usufruindo da condição de cidadão brasileiro. Espera estabelecer um cotidiano no qual sua subjetividade possa se pronunciar.

No âmbito municipal, o Decreto 57.533, de 15 de dezembro de 2016, instituiu uma política para a população imigrante que vive em São Paulo. As ações ofertadas ocorrem principalmente por meio do Centro de Referência e Atendimento a Imigrantes (CRAI) que aciona as Secretarias Municipais para promover assistência à população em questão, independentemente da situação legal em que se encontra o migrante internacional. O CRAI declara que seu objetivo é “promover o acesso a direitos e a inclusão social, cultural e econômica das pessoas migrantes no município.”⁴⁵ Contudo, suas ações centram-se em moradia temporária a um restrito número de pessoas. Não resta dúvida que essas ações são importantes. No entanto, não atendem às diversas facetas que caracterizam as demandas do sujeito refugiado.

Todavia, atualmente os refugiados que ingressam em São Paulo não recebem apoio ou qualquer tipo de auxílio além do visto humanitário e demais documentos. Tanto as esferas governamentais quanto as instituições assistenciais ou mesmo da comunidade síria, não dispensam o apoio oferecido outrora. Essa informação foi obtida nas entrevistas e confirmado em pesquisa desenvolvida pelo Observatório das Migrações.⁴⁶ Entendo que essa situação se

⁴⁴ BRASIL. Ministério de Justiça. Secretaria Nacional de Justiça, Comissão de Anistia, Corte Internacional de Direitos Humanos. *Jurisprudência da Corte Interamericana de Direitos Humanos: Migração, refúgio e apátridas*. Brasília, 2014. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/anistia/anexos/7-migracao-refugio-e-apatridas.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

⁴⁵ SÃO PAULO. Cidade. *Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes*. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/imigrantes_e_trabalho_decente/crai/>. Acesso em: 26 out. 2019.

⁴⁶ Pesquisa Refugiados Sírios em São Paulo, realizada em 2015, citada por Calegari e Justino (2016). CALEGARI, M.; JUSTINO, L. Refugiados sírios em São Paulo: O direito à assistência. *Anais do Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”*, a ser realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/9_MC.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

justifica pela competitiva economia, pelo mercado de trabalho saturado e pela falta de espaço para atividades mais simples, como caixeiro viajante, ofício a partir do qual os primeiros migrantes sírios iniciaram suas vidas no Brasil. Essa informação foi extraída do relato dos sírios e confirmada pelo Observatório das Migrações.⁴⁷

Nesse sentido, no artigo intitulado *Refugiados sírios em São Paulo: O direito à assistência*, Calegari e Justino (2016) afirmam que:

Os refugiados sírios em São Paulo enfrentam dificuldades recorrentes para imigrantes e, especialmente, para refugiados como: idioma, preconceito, desemprego, falta de moradia, xenofobia, e assistência ineficiente. O Brasil é signatário dos principais instrumentos internacionais relativos aos direitos dos refugiados e aos direitos humanos, porém a proteção está centralizada em questões jurídicas e as políticas de integração dessa população é deixada de lado.

Em relação aos serviços oferecidos pelo Governo, a maioria dos participantes dessa pesquisa afirma que o tempo de espera para a obtenção da documentação é incompatível com a urgência para começar a trabalhar. O contrato de trabalho somente é firmado após a obtenção do visto humanitário e da carteira de trabalho. Além disso, estranharam a ausência de uma abordagem do Governo que registre o ingresso de estrangeiros no país na condição de refugiado. Como disse um dos participantes da pesquisa: “não deram um formulário para preencher no aeroporto. Na verdade, o Brasil precisa aprender muito para saber receber refugiados.”

Ao referir-se sobre o apoio buscado junto à comunidade síria, um entrevistado expressou intensa decepção. Quando pediu ajuda para comprovar residência no Brasil e assim conseguir seus documentos, disse: “[...] procurei a comunidade árabe na mesquita e pedi ajuda com o comprovante de endereço. Disseram para mim: ‘Ah! Desculpa. Já fiz 50 comprovantes, a polícia não vai aceitar.’” Outrossim, quando falávamos sobre sua integração no Brasil, perguntei se frequentava alguma mesquita, quando ele respondeu:

⁴⁷ Pesquisa Refugiados Sírios em São Paulo, realizada em 2015, citada por Calegari e Justino (2016). CALEGARI, M.; JUSTINO, L. Refugiados sírios em São Paulo: O direito à assistência. *Anais do Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”*, a ser realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo. Disponível em: <http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/9_MC.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

— Não [enfático]. Já fui quatro ou cinco vezes, mas ninguém ajuda ninguém. Pedem dinheiro, perguntam por que escolhi o Brasil e dizem ‘vai para a Turquia, vai para a Arábia Saudita. Aqui sofre muito. Ninguém tem poder para ajudar’. Daí, deixavam a gente desanimado demais e nosso caso, que é pessoa nova, não conhece ninguém, quer alguém para empurrar ele, não alguém que deixa você desanimada demais. Aí, não fui mais.

Por sua vez, uma entrevistada diz que “para trabalhar com os árabes também era muito difícil, porque não respeitam os direitos. Acham que não sabemos o [valor do] salário no Brasil. Queriam que a gente trabalhasse 12 horas seguidas”. No entanto, contraditoriamente, conseguiu trabalho em uma organização árabe.

De modo geral, os participantes dessa pesquisa que recorreram a Organizações Não Governamentais (ONGs), com exceção de Hanadi e Amal, não se sentiram acolhidos. Outra participante disse que o curso de português oferecido pela ONG não ajudou: “não aprendi nada porque o curso não vale nada.” Todos reclamaram do excesso de burocracia e do recebimento de informações padronizadas, o que nem sempre contemplam necessidades individuais. Com isso, não se sentiram olhados, o que pode ser percebido na fala a seguir: “Me falaram o que está na *internet* e isso eu já sabia, pesquisei. Mas, o modo como funciona na prática [a obtenção de documentos], tempo de espera, como se apresentar e tudo mais, só descobri depois, sozinha.”

Em São Paulo, diante da timidez das políticas públicas, ONGs e instituições religiosas (predominantemente católicas), como a *Missão Paz*⁴⁸ e a *Caritas Arquidiocesana*,⁴⁹ entre outras, abarcam significativo número de refugiados em busca de auxílio para se instalarem no país. Verifiquei que um acanhado número dessas organizações oferece programas de atendimento psicológico, como também constatou a psicanalista e jornalista Amanda Mont’Alvão Veloso, em matéria intitulada *Na busca por sobrevivência, como ficam as emoções dos refugiados?*⁵⁰ A partir dos dados dessa publicação, pesquisei ONGs que oferecem algum tipo serviço psicológico a migrantes internacionais na cidade de São Paulo, o resultado mostrou sete ONGs, a saber:

⁴⁸ Congregação dos Missionários Scalabrinianos da Igreja Católica, paróquia Nossa Senhora da Paz, no bairro do Cambuci, região central da cidade de São Paulo.

⁴⁹ ONG fundada pela Igreja Católica, presente em diversos países.

⁵⁰ HUFFPOST. *Na busca por sobrevivência, como ficam as emoções dos refugiados?* 2016. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2016/06/20/na-busca-por-sobrevivencia-como-ficam-as-emocoes-dos-refugiados_a_21688007/>. Acesso em: 15 abr. 2018.

- **Adus** – Instituto de reintegração do refugiado. Oferece atendimento psicológico pontual e regular em português, inglês, francês e árabe.
- **Cáritas** – Atendimento psicológico a refugiados de qualquer nacionalidade e apátridas. Tem parceria com a ACNUR.
- **Casa de Passagem Terra Nova** – Acompanhamento psicológico e avaliação da necessidade de encaminhamento a tratamento individual. A psicoterapia individual ocorre na *Cáritas* e no Instituto de Psiquiatria da USP.
- **Casa do Migrante** (extensão da Missão Paz) – Conta com o grupo *Veredas*, constituído por psicólogos, estudantes de Psicologia e supervisor oriundos vinculados à USP e à PUC. Realiza intervenções duas vezes por semana.
- **Cruz Vermelha** – Movimento humanitário mundial, em São Paulo, desde 1912, com atuação voltada especificamente a pessoas em situação de desastre, promovendo primeiros socorros e saúde comunitária. Em 2018, passou a oferecer atendimento psicológico (gratuito) a refugiados, como parte das ações do Núcleo de Saúde Mental (Psicologia e Psiquiatria), da Clínica Social⁵¹. Desse modo, ampliou seu escopo de atuação.
- **Instituto Sedes Sapientiae** – por meio do Projeto Ponte oferece atendimento psicanalítico para migrantes internacionais e nacionais. O valor é acordado entre paciente e psicanalista.
- **Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP)** – oferece atendimento gratuito a famílias de migrantes e refugiados com crianças e/ou adolescentes. Segue o modelo da Clínica Transcultural de Devereux, o que deu nome ao serviço criado pela Diretoria de Atendimento à Comunidade da SBPSP.

Ao contrário do Brasil, diversos países (França, entre outros) contam com programas governamentais que disponibilizam atendimento psicanalítico ao migrante internacional, a chamada clínica transcultural, mencionada anteriormente.

⁵¹ Mais informações sobre este serviço, disponível em: <https://www.maxpress.com.br/Conteudo/1,956217,Cruz_Vermelha_lanca_Nucleo_de_Saude_Mental_e_Tratamento_Psicossocial,956217,9.htm>. Acesso em: 01 jul. 2019.

4 SÍRIA: Guerra. E paz?

Só os mortos conhecem o fim da guerra

Douglas MacArthur¹

O terror vivido nos últimos anos pelos sírios tem nuances de crueldade atroz. Em função disso, confesso que, em alguns momentos, questioneei a integridade psíquica dos participantes desta pesquisa; o que gerou uma questão: suas narrativas seriam a expressão da persecutoriedade ou estariam circunscritas na brutalidade própria das guerras que a humanidade tem presenciado ao longo de sua história? A partir dessa indagação, busquei conhecer a história da guerra civil atual para entender o que é proveniente da guerra e o que é uma expressão de aspectos primitivos do psiquismo que se manifestam diante do terro. Aliás, como fez Freud quando a paciente Emmy von N. contou-lhe uma estória que disse ter conhecido no texto de Frankfurter Zeitung. Nesse caso, Freud constatou que a paciente acrescentou elementos que compuseram, na verdade, uma fala delirante.²

Para entender o sujeito faz-se relevante conhecer o evento que desencadeou a condição em que vive e assim localizá-lo em seu tempo. Nesse sentido, o psicanalista Gilberto Safra afirmou:

[...] Temos acontecimentos humanos, tipos de sofrimento, em que necessariamente precisamos ter uma visão histórica do homem. Nesse sentido, minha preocupação é restaurar o tempo no homem, a singularidade, o sofrimento específico que o paciente traz [...].³

No entanto, para entender, a guerra civil atual fez-se necessário retroceder na história do povo sírio. Essa guerra não é um fenômeno isolado nessa cultura secular. Ao contrário, se comunica com as raízes desse povo, com o sistema ditatorial que se prolonga por décadas e

¹ Militar americano (1880-1964), lutou nas duas grandes guerras.

² FREUD, S. Caso 2. In: *Estudos sobre a histeria*. _____. Obras Completas de S. Freud. Vol. II, p. 82-133.

³ Fala extraída de entrevista ao Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, publicado em 1999 (p. 4).

com a expressão singular da geração atual. Debruçar-me na história da Síria permitiu contextualizar as experiências de vida dos participantes. Nesse sentido, o psicólogo e etnólogo húngaro Georges Devereux, fundador da *Psicanálise Transcultural*, afirma que tanto psicanalistas quanto sociólogos devem conhecer profundamente o sistema cultural de seus pacientes,⁴ o que se aplica a essa pesquisa.

Em função do peso que as questões confessionais tiveram na constituição da Síria, é importante iniciar a contar a história desse país pelo sectarismo religioso sob o qual se desenvolveu sua cultura; para em seguida discorrer sobre a evolução do Estado sírio, do ponto de vista político. Na sequência, retratei os efeitos da Primavera Árabe na Síria: a atual guerra civil.

A religião é um princípio essencial na cultura de um povo. Ao longo da história da civilização, influenciou a organização de sociedades, em particular, no mundo árabe. Especificamente na Síria, o sectarismo religioso mantém aquecido um caldeirão que nunca esteve totalmente em estado de latência, mas conheceu períodos de relativa tranquilidade. No entanto, de tempos em tempos, entra em ebulição. “Um sírio nasce em sua religião, assim como um americano nasce em sua nacionalidade”. A afirmação do historiador Philip Hitti (1886-1978), natural do Líbano e radicado nos Estados Unidos, acende a importância da religiosidade nessa cultura⁵.

A República Árabe Síria é um país multiétnico em sua composição demográfica, tanto em relação à origem de seu povo quanto ao credo. A sociedade síria organizou-se a partir de divisões em torno do islã ou islamismo, sua religião oficial, contudo, na atualidade tal divisão não tem o peso que tivera outrora. Essa religião monoteísta surgiu no século VII d.C., no interior da península arábica, e seus seguidores são denominados muçumanos. Estima-se que atualmente 1/4 da população mundial é muçumana e está concentrada, predominantemente, no Oriente Médio e no Norte da África. De acordo com a etimologia, islamismo significa submissão, obediência irrestrita aos ensinamentos de Alá, o Deus do islamismo. Ao longo de 22 anos, Alá teria revelado Leis Sagradas ao profeta Maomé (*Mohammed, em árabe*), o que teria ocorrido por meio do anjo Gabriel. A primeira resposta ao surgimento desses ensinamentos

⁴ DEVEREUX, G. *Essais d'etnopsychiatrie générale*. Traduit de l'anglais par T. Jolas et H. Gobard, 3. éd. rev. et corr., Paris : Editions Gallimard, 1977.

⁵ TRUZZI, O. Religiosidade cristã entre árabes em São Paulo: Desafios no passado e no presente. *Relig. soc.* v. 36, n. 2, Rio de Janeiro, July/Dec. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872016000200266>. Acesso em: 14 fev. 2020.

foi a unificação das tribos nômades do deserto, que se deu em dez anos a partir de 622 d.C. Esse movimento denominou-se Hégira ou revolução da fé ao profeta Maomé⁶.

Os seguidores do islamismo devem, invariavelmente, voltar-se para Meca (cidade natal do profeta Maomé) cinco vezes por dia e orar a Alá. A figura religiosa que realiza as celebrações islâmicas não é o *sheik*, mas o imã, ao contrário do que o senso comum indica, pelo menos no Brasil. No sentido estrito, *sheik* significa chefe ou líder (não somente religioso) de idade avançada, detentor de amplo conhecimento, praticamente um sábio. O templo do islamismo é a mesquita e seu livro sagrado é o Alcorão (ou Corão), que inclui diversas passagens do Antigo Testamento e tem, entre seus profetas, Adão, Abraão, Moisés, Jesus e Maria. Apesar do aspecto sacro, adquiriu caráter de doutrina moral e política, explicando assim o uso da fé islâmica como força de mobilização política.⁷ O Alcorão é composto por 114 capítulos, chamados de suras (ou suratas) e 6236 versos. Foi escrito para ser recitado e, naturalmente, à medida que é recitado é ouvido, o que mantém os ensinamentos de Alá impregnados em seus fiéis. Os muçulmanos mais ortodoxos acreditam que a palavra de Alá não pode ser modificada ou sequer reinterpretada.

A morte de Maomé desencadeou divergências em torno de um nome para sucedê-lo, portanto, em relação a quem deveria tornar-se califa. A partir de tal divergência, o islã se dividiu em diversas seitas, tal configuração nos que leva à seguinte definição da Síria⁸:

[...] uma das sociedades mais divididas no contexto do Médio Oriente e do Norte de África, um mosaico imenso de etnias que se cruzam, por sua vez, com uma multiplicidade de línguas e religiões, desaguando numa grande diversidade identitária e, sobretudo, numa elevada compartimentação dentro dos próprios grupos.

⁶ VISENTINI, P.G.F. *O grande Oriente Médio: da descolonização à primavera árabe*. Campos, 2014.

⁷ PINTO, P. G. H. Ritual, experiência mística e Lei islâmica nas comunidades sufis de Aleppo, Síria. *Anuário Antropológico/2004* Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005: 51-94. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202004/2004_paulopinto.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2019.

⁸ SANTOS, S. J. *À lupa – a guerra na Síria*. Luanda, Angola, 2014, p.2. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_%c0%20lupa-Guerra%20na%20S%edria.SofiaJoseSantos.RedeAngola.Fevereiro2014.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

As principais seitas islâmicas são o sunismo e o xiismo. Os sunitas são maioria na Síria, representam 68,4% da população. São também os vencedores na disputa do califado, papel extinto no início do Século XX. Os sunitas admitem a *suna*, livro que conta a biografia de Maomé e auxilia na interpretação do alcorão. Os xiitas, por sua vez, interpretam o alcorão literalmente. Não aceitam a adoção de literatura de apoio, pois não admitem que seus dogmas sejam influenciados. Esse grupo soma 3,2% da população síria⁹.

Contudo, na Síria, o protagonismo da disputa político religiosa está entre os alauítas e os sunitas. O povo alauíta é visto como inferior aos demais em função de esconderem sua origem religiosa. Representam 11,3% da população, segundo maior grupo religioso em território sírio. O conceito de traidor atribuído ao povo alauíta deve-se ao comportamento camaleônico que marca sua existência¹⁰. Muitos vivem no anonimato e somente revelam sua identidade quando os convêm, comportamento em conformidade com a Taqiya, negação religiosa cujo intuito é proteger os fiéis da perseguição confessional.

Os drusos formam uma comunidade religiosa autônoma, presente também no Líbano, Israel, Turquia e Jordânia. Seguem uma religião derivada do Islã, mas com identidade própria. Além de preceitos islâmicos adotam alguns oriundos do cristianismo e do judaísmo, entre outros¹¹. Assim como os alauítas, os drusos são adeptos da Taqiya, por isso, exigem lealdade completa de seus seguidores ao Governo do país em que moram para que, desta forma, se protejam de perseguição religiosa. Representam 3,2% da população síria.

Contudo, como o Oriente Médio é o berço do Cristianismo e do Judaísmo, entre os grupos não étnicos da Síria estão: os cristãos e os judeus¹². Somam-se a estes, os armênios e os curdos. Estes últimos, no entanto, aderiram ao islamismo sunita. São considerados mais moderados, em comparação ao Al-Nusra de quem sofreram retaliações. Habitam predominantemente o Norte da Síria, região povoada também por cristãos. Há registros de combates entre

⁹ O percentual de cada grupo religioso citado no texto é de Yzadi (2000) citado por ZAHREDDINE, D. A crise na Síria (2011-2013): Uma análise multifatorial. *Revista Conjuntura Astral*, v. 4, n.20, out. Nov. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387/27333>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

¹⁰ FIGUEIRAS, I. R. *Recortes da diáspora síria*. Fortaleza: Demócrito Dummar, 2017. 104 p.

¹¹ Encyclopædia Britannica. Síria. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/S%C3%ADria/482622>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

¹² Os cristãos são 11,2% da população.

milícias curdas e cristãs em torno da política curda, que busca garantir o controle absoluto das áreas que habitam.¹³

De acordo com o levantamento realizado para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os chamados cristãos do Oriente Médio dividiam-se em quatro grupos:¹⁴ (1) os maronitas, oriundos do Líbano; (2) os ortodoxos, vindos da Síria e do Líbano; (3) os melquitas, de origem síria, palestina e egípcia; e, por fim, (4) os coptas, do Egito. Entre o emaranhado religioso constituído por católicos os *maronitas* têm como chefe espiritual o Patriarca de Antioquia, leem a Bíblia em árabe e estão em união estreita com o Igreja Católica Romana, pois o Patriarca é confirmado pelo Vaticano. Os *melquitas* também estão sujeitos ao Patriarca de Antioquia e apesar do vínculo com a Santa Sé, seguem o ritual bizantino. Os *ortodoxos* creem conservar a doutrina e ritual dos Apóstolos, daí a denominação. Porém, não possuem um Papa nem outra autoridade suprema.¹⁵ Ao contrário disso, contam com uma federação de igrejas autônomas, que celebram o culto em sua própria língua e costumes. Por fim, os *coptas* acreditam exclusivamente na divindade do Cristo, recusando a sua humanidade. Sua linguagem litúrgica provém do egípcio antigo, porém escrito com maiúsculas gregas, uma língua morta só usada em caráter religioso. Têm como chefe espiritual o Patriarca de Alexandria.¹⁶

Mais recentemente, os refugiados palestinos ganharam representatividade entre a população síria. Em 29 de novembro de 1947, a ONU aprovou a Resolução 181 que dividia a Palestina em dois Estados: um judeu e outro árabe. Em maio de 1948, 800 mil palestinos se refugiaram nos países vizinhos, sendo 100 mil na Síria.¹⁷ Estes refugiados e seus descendentes são reconhecidos legalmente como *refugiados palestinos*. Portanto, em seus passaportes, no campo nacionalidade, está grafado *refugiado palestino*, incluindo a geração que nasceu na Síria.

¹³ ASSUMPÇÃO, M.N.H. *As causas históricas do conflito na Síria*. Trabalho de conclusão de curso de especialização em Ciências Militares, 2015. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/5285938-As-causas-historicas-do-conflito-na-siria.html>>. Acesso em: 29 dez. 2018.

¹⁴ MOTT, M. L. Imigração árabe: um certo oriente no Brasil. In: IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

¹⁵ QUINAGLIA, M. C. *Com lenço e com documento: condições de vida da população refugiada síria em São Paulo*. 2018. 294 f. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-São Paulo, 2018. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/332529/1/Quinaglia_MariliaCalegari_D.pdf. Acesso em: 25 jan. 2019.

¹⁶ MOTT, M. L. Imigração árabe: um certo oriente no Brasil. In: IBGE. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

¹⁷ ÁLVAREZ-OSSORIO, I. Una independencia turbulenta. In: _____. *Síria contemporânea*. Espanha: Síntesis, 2009, p. 49-61. Disponível em: <https://www.academia.edu/2335914/Siria_contempor%C3%A1nea>. Acesso em: 15 nov. 2018.

Do ponto de vista sociocultural, tal ação é uma resposta à necessidade de apaziguar os conflitos da primeira guerra árabe-israelense, quando Israel passou a dominar quase 80% do território que pertencia à Palestina. Estima-se que entre os 18,27 milhões de sírios,¹⁸ 500 mil são refugiados palestinos. Desse total, 80% viviam em Damasco até a eclosão da guerra em curso. Em 2012, a Agência das Nações Unidas para Refugiados Palestinos no Oriente Médio (UNRWA), declarou que a guerra civil da Síria afetou de 300 a 500 mil refugiados palestinos que viviam no país. Contudo, em função da mobilidade interna e do refúgio, hoje não é possível precisar este dado.

Boa parte dos refugiados palestinos levou na bagagem a chave da casa onde moravam, pois esperam voltar e retomar a vida como antes do refúgio. Esperam entrar em suas antigas propriedades abrindo a porta principal com sua chave, no sentido literal. Sentem que a Palestina é, e sempre será, seu lugar no mundo.¹⁹ Contudo, já se passaram mais de 70 anos. Enquanto esse dia não chega, transmitem a seus descendentes esse forte traço identitário. Aqui, antecipo a fala de um entrevistado para ilustrar essa questão: “[...]. Tem uma lei na ONU, Lei nº 194 que diz que retornaremos para a Palestina para pegar as terras e casas que os sionistas roubaram de nossas famílias.” Esta situação lembrou-me o poema *José*, do poeta Carlos Drummond de Andrade: “E agora José? Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta. [...] José, e agora?” As fissuras que a saída da Palestina provocou na identidade dessa população foram passadas como uma herança psíquica para as gerações seguintes, como mostrado nas entrevistas.

Voltando as questões sacras, diante do caldeirão religioso que se configurou ao longo da existência da Síria, Al-Assad regula o exercício da fé em conformidade com a Constituição, aprovada por referendo em 2012. Abaixo um trecho da Constituição Síria, publicado na íntegra pela *Aid to the Church in Need*:^{20 21}

[...] o artigo 3º da Constituição da Síria, [...]: *A religião do Presidente da República é o Islamismo. A jurisprudência islâmica deve ser a fonte principal de legislação.* O Estado deve respeitar todas as religiões e garantir a liberdade para desempenhar todos os rituais que não prejudiquem a ordem pública. O estatuto pessoal das comunidades

¹⁸ População anterior à guerra atual.

¹⁹ Tanto os palestinos refugiados na Síria quanto os refugiados em outros territórios.

²⁰ ACN, 2016, p.2). ACN. *Aid to the Church in Need*. Vaticano, 2016. Disponível em: <<https://www.acn.org.br/wp-content/uploads/attachments/RLRM-2016-Siria.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

²¹ Fundação Pontifícia com sede no Vaticano, presente em mais de 140 países. Tem por objetivo conceder assistência a católicos em locais nos quais são mais perseguidos e carentes.

religiosas deve ser protegido e respeitado. [...] O artigo 42º protege a ‘liberdade de crença de acordo com a lei.’ O Governo restringe o proselitismo e a conversão. *O Governo proíbe a conversão de muçulmanos a outras religiões, uma vez que isso é contrário a sharia, e não permite a conversão do islamismo ao cristianismo, mas reconhece os cristãos que se convertem ao islamismo [...].* (grifos nossos).

A mão forte de Al-Assad remete a uma passagem da carta de Freud a Einstein sobre os horrores da Primeira Guerra Mundial: “[...] as leis são feitas por e para os membros governantes e deixa pouco espaço para os direitos daqueles que se encontram em estado de sujeição.”²² Freud não anteviu, especificamente, o que acontece hoje na Síria. Na verdade, sua percepção continua válida porque quase nada mudou nas relações de poder, da Primeira Guerra Mundial até a atualidade, em especial no Oriente Médio.

4.1 A evolução do Estado sírio

A República Árabe Síria é um território cercado pelos interesses político-econômicos de seus vizinhos: Turquia, Iraque, Líbano, Jordânia e Israel. Sua história é marcada por disputas territoriais, ingerência internacional, nomadismo – praticado principalmente por beduínos e ciganos – longos períodos de opressão e divergências religiosas. Ocupa uma área 185,180 km² e suas fronteiras foram fixadas pela primeira vez na década de 1920. Já a última alteração sofrida em seus domínios territoriais ocorreu durante a Guerra dos Seis Dias, 1987.²³ Aleppo, Hamah e Homs figuram entre as principais cidades, depois da capital Damasco, uma das mais antigas cidades do mundo.²⁴

Contudo, a região da atual Síria já era habitada há mais de 4.500 anos. Sua civilização, portanto, precede a Era Cristã. Vem dos povos arameus e assírios e de um período marcado

²² FREUD (1932/3). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

²³ COSTA, R. P. *Uma história da Síria do século XXI: para além do sectarismo religioso*. 136 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-24082016-153949/publico/2016_RenataParpolovCosta_VCorr.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2019.

²⁴ Encyclopædia Britannica. Síria. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/S%C3%ADria/482622>>. Acesso em: 28 dez. 2019.

fortemente pela rivalidade entre Mesopotâmia e Egito. Em seguida, o território sírio foi ocupado pelos persas e depois conquistado por Alexandre III, da Macedônia. No período helenístico,²⁵ tornou-se o centro do reino dos selêucidas²⁶ e se transformou em uma província romana no século I a.C. Com o apogeu do islamismo, ocupou a centralidade na civilização árabe. O Império Turco-Otomano dominou a região durante 600 anos, no período entre 1299 e 1922. No ano de 1516, conquistou a Grande Síria – território constituído pela Síria, Líbano, Cisjordânia, Israel, Faixa de Gaza, Jordânia, parte da Turquia e parte do Iraque. No período entre 1800 a 1924, o território sírio ficou conhecido como Levante e, nesse momento, correspondia a extensa área do Oriente Médio que compreendia: a Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Líbano e Chipre.²⁷ Durante o Império Turco-Otomano, divergências religiosas geraram muitas desavenças. Entre as principais, em 1860, destaca-se o massacre de cristãos maronitas pelos drusos que tinham os turcos como aliados. Em decorrência disso, muitos cristãos imigraram e alguns destes tiveram o Brasil como destino, como mostrado na seção denominada *Justificativa*.

A Síria Moderna (ou Estado Sírio) surgiu em 1918, com a queda do Império Otomano, durante a Primeira Guerra Mundial quando, pela primeira vez, foi incluída no mapa mundial. Em 1920, foi dividida pelas potências que saíram vitoriosas da Grande Guerra: França e Inglaterra. Com o objetivo de assegurar a submissão do povo sírio, os europeus alardearam a inexperiência política das elites locais e o importante vazio de poder que possivelmente levaria a ocupação do território sírio; e a consequente dependência de outros Estados. No entanto, secretamente, em 16 de maio de 1916, França e Reino Unido se anteciparam a possível derrota do Império Otomano na Grande Guerra, dividindo entre si o Império Otomano no Oriente Médio, o que aconteceu por meio do Acordo Sykes-Picot.²⁸ Os ingleses ficaram com a Palestina, o Iraque e a Transjordânia; enquanto os franceses receberam o Líbano e a Síria. Desse modo, definiram as fronteiras da Síria – ainda prevalentes na maior parte do território comum entre Síria e Iraque – como também delimitaram o poder sobre esse território. Tal acordo tinha como objetivo assegurar os interesses (da França e do Reino Unido) em relação ao Canal de Suez, construído em 1867, importante escoador de gás e petróleo, combustíveis abundantes na

²⁵ Período que compreende as conquistas de Alexandre Magno (336 a.C.) até o domínio romano da Grécia (146 a.C.).

²⁶ Após a morte de Alexandre, o Grande, em 323 a.C. seu império dividiu-se em várias facções. Uma destas eram os selêucidas cuja base se instalou na Síria.

²⁷ Ministério das Relações Exteriores do Reino Unido (1920).

²⁸ Acordo batizado com a junção dos nomes dos diplomatas envolvidos nesta negociação: o francês François Georges-Picot e o britânico Mark Sykes. O acordo foi negociado em novembro de 1915.

região, pois concentra 1/4 do montante existente no mundo. Os franceses apresentavam-se como protetores das minorias cristãs, enquanto os ingleses se mostravam protetores das minorias judaicas. Isso intensificou as tensões locais, em especial, levou as minorias étnico-religiosas a protagonizarem a política internacional²⁹.

O acordo Sykes-Picot levou a divisão do território sírio em diferentes Estados ocupados por sírios pertencentes a grupos religiosos distintos: no Líbano, os cristãos; no Estado Alauíta,³⁰ como indica o nome, os alauítas; no Estado do Monte Druzo, os druzas; nos Estados de Aleppo e Damasco, o povo sunita.³¹ As consequências mais desastrosas foram o declínio da identidade nacional, o sectarismo étnico religioso, além de sangrentas revoltas lideradas pelas estruturas políticas locais, reprimidas pelos franceses com violência proporcional aos ataques³².

Em 1924, a Síria voltou a ser unificada aos Estados de Damasco e Aleppo, porém, sem a inclusão do Líbano. Logo depois, especificamente em 1936, os Estados de Jabal Druze e o Alauíta foram anexados à Síria. Ao longo do domínio francês, os civis protestaram inúmeras vezes em prol da libertação da Síria. Sofreram diversas derrotas intensificando, assim, as diferenças entre os interesses dos variados grupos sírios; acirrou a divisão da sociedade; acentuou o enfraquecimento da ideologia nacionalista e a influência do poder local, levando a consolidação do Governo francês. Após 25 anos de submissão, em 1945, a Síria passou a República Parlamentar e atingiu legalmente sua independência ao tornar-se membro fundador da ONU.³³ Apesar disso, as tropas francesas permaneceram em território sírio até abril de 1946. Nesse momento a Síria formalizou sua independência e manteve cerca de 70% da população formada por mulçumanos sunitas e uma série de minorias relevantes, como: cristãos, alauítas e drusos, entre outros.³⁴

²⁹ VISENTINI, P. G. F. *O grande Oriente Médio: da descolonização à primavera árabe*. Campos, 2014. 336 p.

³⁰ As seitas sírias serão apresentadas na subseção seguinte.

³¹ Danny Zahreddine (2013). Líder do Grupo de Estudos do Oriente Médio e Magreb e professor de Relações Internacionais da PUC Minas.

³² SANTOS, S. J. *À lupa – a guerra na Síria*, 2014. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_%c0%20lupa-Guerra%20na%20S%edria.SofiaJoseSantos.RedAngola.Fevereiro2014.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.

³³ Ibid.

³⁴ ZAHREDDINE, D. A crise na Síria (2011-2013): Uma análise multifatorial. *Revista Conjuntura Astral*, v. 4, n.20, out. Nov. 2013, p. 11. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387/27333>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

No período entre 1946 até 1958, a República Síria teve 10 mandatos presidenciais. O primeiro presidente foi Shukri Al-Quwatli, que governou de 1946 a 1949. Na sequência, oito presidentes comandaram o país, até Shukri Al-Quwatli retomar o poder, em 1955. No entanto, em 1958, foi substituído por Gamal Abdel Nasser, que presidiu não somente a Síria, mas a República Árabe Unida (RAU), junção da Síria com o Egito. Em 1961, a RAU chega ao fim, quando foi atribuída sua independência em relação ao Líbano. A RAU extinguiu a cidadania síria e egípcia. Com isso, os habitantes desses países passaram a ser chamados de árabes. A independência da Síria, em 17 de abril de 1946, leva o partido Baath Sírio ao domínio e a implementação de importantes mudanças políticas, chegando a tomar o poder em 1963.³⁵ No ano seguinte, esse partido muda o nome do país para República Popular da Síria, imprimindo o caráter Pan-arabista e socialista ao Estado. No período entre 1949 a 1970, ocorreram sete golpes de Estado. Diversos grupos internos passaram a brigar entre si. As tensões decorrentes dessa disputa (política, étnica e religiosa) abriram espaço para o poder legal intensificar a presença militar, apresentada como a única forma de assegurar a lei e a ordem necessárias para restaurar o equilíbrio doméstico. O último golpe, a chamada Revolução Corretiva de Novembro, cujo objetivo era derrotar a facção dominante ultra esquerdista do partido Baath, resultou no início do Regime Al-Assad, em 22 de fevereiro de 1971.

Hafez al-Assad, um oficial da aeronáutica e alauíta, portanto, integrante de uma minoria religiosa, conseguiu criar um cenário para controlar com rigor as forças armadas e os principais grupos político-confessionais da Síria. Para tanto, nomeou seus aliados a cargos políticos e públicos, como: reitor de universidades, chefias no exército, entre outros. Com isso, fortaleceu a fidelidade de um grupo coeso em torno de seu Governo e de sua família³⁶. Permaneceu 29 anos no comando de um país ainda hoje pulverizado por etnias cujas diferenças acirram a rivalidade em torno, principalmente, de preceitos religiosos. A Síria se manteve livre dos processos de fragmentação nos últimos 42 anos. Zahreddine atribui duas razões principais a essa calma:

³⁵ De acordo com Moubayed (1996) citado por ZAHREDDINE, D. A crise na Síria (2011-2013): Uma análise multifatorial. *Revista Conjuntura Astral*, v. 4, n.20, out. Nov. 2013, p. 11. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387/27333>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

³⁶ ZAHREDDINE, D. A crise na Síria (2011-2013): Uma análise multifatorial. *Revista Conjuntura Astral*, v. 4, n.20, out. Nov. 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387/27333>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

[...] 1) a criação de um exército muito fiel ao seu presidente, e 2) pela utilização da violência para inibir qualquer perturbação da ordem pública, seja pelo uso das forças armadas ou das forças de segurança do Estado (serviço de inteligência).³⁷

O mandato de Hafez Al-Assad terminou com sua morte, em 10 de junho de 2000, quando foi sucedido por seu filho do meio, Bashar. De acordo com a legislação síria Hafez deveria ser sucedido pelo filho mais velho, Basil. No entanto, este morrera em um acidente de carro em 1994. Hafez preparou sua sucessão à medida que sua saúde foi declinando. Bashar foi convocado para retornar de Londres quando começou sua preparação para assumir a presidência da Síria. Leis foram alteradas para que assumisse o poder já que não tinha a idade mínima necessária para suceder seu pai, como determinado pela legislação do país. Apesar da Síria não ser uma monarquia, a vitaliciedade exercida por Hafez Al-Assad e a transmissão do poder para seu filho Bashar configurou a primeira sucessão hereditária em uma república árabe.

Há divergências em torno da reação das elites locais (políticas e militar) em relação à indicação do Bashar. Alguns autores afirmam que o nome do ex-vice-presidente Abd Al-Halim Haddam foi cogitado para suceder a Hafez. Outros pesquisadores apontam que o filho mais novo de Hafez Al-Assad também foi considerado para o cargo³⁸. No entanto, prevaleceu o consenso em torno do nome do Bashar, o que as elites viram como uma forma de evitar qualquer ameaça a continuidade do regime político que lhes assegurava privilégios. Além disso, imperou o senso de obediência e gratidão ao patriarca Hafez.

Bashar Al-Assad estudou Medicina em Londres, especializou-se em oftalmologia e casou-se com Alma, sunita filha de sírios, nascida no Reino Unido. Assumiu o Governo aos 34 anos de idade. O parlamento votou sua nomeação a presidente em 26 de junho de 2000, 16 dias após a morte de seu pai. No dia 10 do mês seguinte foi realizado um referendo nacional quando – candidato único – obteve 97,2% dos votos. Iniciou suas atividades políticas pautado em um discurso idealista em torno da modernização da Síria onde a mulher exerceria importante papel. Permitiu o ingresso da *internet* e prometeu reformas; e com isso, ganhou a simpatia do povo.

³⁷ Ibid., p.13.

³⁸ COSTA, R. P. *Uma história da Síria do século XXI: para além do sectarismo religioso*. 136 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-24082016-153949/publico/2016_RenataParpolovCosta_VCorr.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2019.

No entanto, ao perceber que Bashar era mais receptivo a críticas que seu pai, a oposição identificou um espaço a ser ocupado. Variadas demandas emergiram de grupos opositores constituídos por artistas, intelectuais, profissionais liberais e ativistas de direitos humanos. Apesar de a oposição não estar unificada em torno das reivindicações suas ações inauguraram o clima de revolta que levou o povo as ruas. Inicialmente as manifestações eram acanhadas, mas, fortemente reprimidas. Apesar disso, a revolta popular continuou pungente. Os protestos cresceram até desembocar na guerra civil em curso.

Na verdade, antes mesmo da morte de Hafez Al-Assad a oposição se reuniu e organizou a *Associação de Amigos da Sociedade Civil*. Desse movimento surgiu, já em setembro de 2000 (três meses após a morte de Hafez), um documento intitulado *O Manifesto dos 99* que se centrou na defesa dos direitos democráticos, como a liberdade de expressão. Teve como resultado, no mês seguinte a sua publicação, a liberação de 600 presos políticos e o fechamento da prisão de Al-Mazza local de confinamento dos opositores do Governo. A “benevolência” do moderno ditador fortaleceu as iniciativas políticas da oposição dando origem a fóruns de discussão sobre democracia e direitos humanos até atingir a população síria, portanto, não se restringindo mais a grupos de intelectuais.³⁹

Paralelamente, Al-Assad demorou mais do que o esperado para implementar mudanças. Apostou na iniciativa privada enquanto possível geradora de emprego. No entanto, provocou um desequilíbrio de forças ao privilegiar novos correligionários e enfraquecer aqueles que sempre foram fiéis a seu pai. A ascensão de nova oligarquia que passou a concentrar ganhos astronômicos, fruto do monopólio sobre serviços e produtos, fortaleceu a disputa entre a nova e a velha elite. Tudo isso expôs a fragilidade do Governo e favoreceu o crescimento da oposição, o que foi reprimido severamente por Al-Assad. Em 2001 instituiu a repressão batizada de *Inverno de Damasco* com o claro objetivo de desacreditar a oposição alegando conluio com agentes externos. A repressão resultou na prisão da maioria dos líderes de oposição e no fechamento dos fóruns de discussão.

Até pouco antes de a Primavera Árabe chegar à Síria, Bashar Al-Assad era visto como um chefe de Estado ambíguo que oscilava entre o carisma e as numerosas controvérsias que costuma promover, como podemos observar na polêmica declaração: “O prêmio Nobel da Paz

³⁹ COSTA, R. P. *Uma história da Síria do século XXI: para além do sectarismo religioso*. 136 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2016. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-24082016-153949/publico/2016_RenataParpolovCosta_VCorr.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2019.

deveria ter sido dado a mim”⁴⁰. Nesse mesmo período, para a comunidade internacional, a imagem do presidente sírio era muito diferente da imagem dos demais presidentes de sua região, afinal estes já enfrentavam a Primavera Árabe enquanto Bashar passeava tranquilamente pela Europa. Em dezembro de 2010, foi recebido com sua esposa pela elite parisiense que os descreveu como *visitantes cosmopolitas*. Nessa ocasião visitaram museus, frequentaram jantares elegantes, foram fotografados por importante revista de moda que destacou os trajes de alta costura da primeira-dama síria. No mesmo ano, o jornal *New York Times* retratou a Síria como importante destino turístico, pois oferecia excelentes hotéis, gastronomia e rica cena cultural, o que atribuiu ao moderno governo de Al-Assad. Na sequência, em janeiro de 2011, em entrevista ao *Wall Street Journal* declarou que seu país estava a salvo da Primavera Árabe, pois seu governo mantinha estreita conexão com as crenças do povo sírio.⁴¹ No entanto, enquanto isso tudo ocorria a indignação do povo sírio já começava a efervescer e cresceu a ponto de instituir a Primavera Árabe nos domínios de Al-Assad.

Com a chegada da Primavera Árabe a Síria o carisma de Bashar Al-Assad não resistiu a demolição da vida do povo sírio. Com isso, a figura do homem alto, culto, elegante, de olhos azuis celeste destoa do tirano que no período entre 2011 e 2018 foi responsável pela morte de 511 mil sírios durante a guerra civil em curso, como mostrado a seguir.

4.2 A Primavera Árabe

Em 2011 Bashar Al-Assad sentiu a estrutura de seu Governo estremecer com o reflexo do movimento político-social iniciado na Tunísia. Assim como um rastilho de pólvora, essa revolta popular alastrou-se pelo Oriente Médio, Norte da África e Golfo Pérsico. Os protestos eram dirigidos às monarquias constitucionais e a regimes ditatoriais. Recebeu o nome de Primavera Árabe em alusão a Primavera de Praga⁴².

⁴⁰ SANTOS, S. J. *À lupa – a guerra na Síria*, 2014, p. 32. Disponível em: https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_%c0%20lupa-Guerra%20na%20S%edria.SofiaJoseSantos.RedeAngola.Fevereiro2014.pdf. Acesso em: 15 dez. 2018.

⁴¹ Lesch (2012) *apud* COSTA, R. P. *Uma história da Síria do século XXI: para além do sectarismo religioso*. 136 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-24082016-153949/publico/2016_RenataParpolovCosta_VCorr.pdf. Acesso em: 28 dez. 2019.

⁴² Movimento liderado pelos reformistas do Partido Comunista Tcheco com o objetivo de promover relevantes mudanças na estrutura política, econômica e social.

A origem da Primavera Árabe está relacionada ao fracasso das ditaduras seculares, ao alto índice de desemprego, ao difícil acesso à educação e ao terrorismo do Al-Qaeda, ponto que resgatarei adiante. Para mais, tem ligação com a antiga e perene ameaça islâmica: o desejo de instituir o nacionalismo árabe.⁴³ Em todos os países nos quais se manifestou, em maior ou menor intensidade, era caracterizada pela falta de líderes e ideologias claras como também pela homogeneidade presente na demanda dos protestos.⁴⁴ Objetivamente, a Primavera Árabe começou em 2010, quando o estudante universitário Mohammed Bouazizi ateou fogo ao próprio corpo, ao ter sua licença para vendas de verduras confiscada pelo inspetor Sidi Bouzid. Cansado de constantes humilhações e perseguições por parte do Governo tunisiano, Bouazizi praticou autoimolação em frente à sede do Governo, local bastante significativo do ponto de vista simbólico. Em outra época, provavelmente, esse comportamento não tivesse passado de um ato isolado, no entanto, ao ser registrado por uma câmera de telefone celular:⁴⁵

[...] imediatamente, a Tunísia – e todo o mundo – tomou conhecimento de seu drama. Ativistas usaram o *Twitter* e o *Facebook* para mobilizar as pessoas e divulgar avisos sobre concentrações e ações policiais. [...]. Repórteres da TV árabe Al Jazeera enviavam notícias ao vivo, repercutindo as demandas dos manifestantes.

O apoio dos meios de comunicação às manifestações civis levou o Governo a declarar, nos primeiros dias de protesto, que “as manifestações são a ‘discórdia’ causada pelas ‘redes de redes de televisão via satélite’”⁴⁶. O fato é que a repercussão da morte de Sidi Bouzid alcançou significativo contingente, abastecendo de coragem a população de muitos países vizinhos.

⁴³ NASSER, R.M. Turbulências no mundo árabe: rumo a uma nova ordem? *Revista Tempo do Mundo*, v. 3, n. 2, ago. 2011. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6204/1/RTM_v3_n2_Turbulencias.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019).

⁴⁴ OLIVEIRA, J. P. F. *O Conselho de Cooperação do Golfo e sua atuação na manutenção do status quo na Primavera Árabe*. Dissertação de mestrado. 107 f. Departamento de pós-graduação em Ciências Políticas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9FYF6M/disserta_o_jo_o_paulo_ferraz_oliveira.pdf?sequence=1>. Acesso em: 02 jan. 2019.

⁴⁵ NASSER, R. M. Turbulências no mundo árabe: rumo a uma nova ordem? *Revista Tempo do Mundo*, v. 3, n. 2, ago. 2011, p. 146. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6204/1/RTM_v3_n2_Turbulencias.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019.

⁴⁶ Pierret (2011) *apud* COSTA, R.P. *Uma história da Síria do século XXI: para além do sectarismo religioso*. 136 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016, p. 94. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-24082016-153949/publico/2016_RenataPapolovCosta_VCorr.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2019.

Desencadeou uma onda de protestos cada vez maior, o que entendo como uma forma de catarse coletiva que liberou os sentimentos de injustiça e de opressão acumulados ao longo das ditaduras da região em questão. Tal fenômeno possibilitou, portanto, à população organizar manifestações, algo impensável até então em um território cuja historicidade é marcada pelo fundamentalismo, submissão e controle ditatorial. Sendo assim, como afirma Nasser:

[...]. As ondas de protesto em todos os países árabes mostraram o quão poderosas, em termos organizacionais, são as mídias sociais, que, ao se conectarem em tempo real com a opinião pública internacional, mostraram a fragilidade dos sistemas de segurança e dos serviços de inteligência. As instituições e os aparatos de segurança já não têm capacidade ou instrumentos para suprimir movimentos de resistência civil num mundo interconectado por cobertura de satélite e meios de comunicação social.⁴⁷

Entre os resultados obtidos pela Primavera Árabe estão: o rompimento da população com a submissão que imperava na região, a queda de Governos tiranos e o assassinato do então presidente da Líbia, Muammar Al-Gaddafi, cometido pelo povo líbio com requintada crueldade.

Na Síria, algumas manifestações modestas antecederam o fato que reconhecidamente instaurou a Primavera Árabe no país: a prisão de garotos, entre oito e 12 anos de idade, que picharam o muro de uma escola com a frase “abaixo o governo”. Esses garotos foram torturados e assassinados. A população protestou de modo contundente e o Governo respondeu com intensa repressão, desencadeando assim, sucessivos conflitos, os mais violentos na história do Oriente Médio. A partir disso, “[...] rebeldes e desertores do exército resolveram lutar contra o regime, inclusive, criando o seu próprio exército, denominado ‘Exército Livre da Síria’ [...]”.⁴⁸ Em 2012, a oposição se consolida e os protestos se fortalecem como uma espécie de contágio, no sentido descrito por Freud. Desse modo, uma vez que alguém ou um grupo infringe a ordem estabelecida os demais sentem-se tentados a seguir o exemplo e, desse modo, se realiza um

⁴⁷ NASSER, R. M. Turbulências no mundo árabe: rumo a uma nova ordem? *Revista Tempo do Mundo*, v. 3, n. 2, ago. 2011, p. 164. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6204/1/RTM_v3_n2_Turbulencias.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2019.

⁴⁸ BRASIL, E. N. *Migração Síria Contemporânea: da partida a (Re)Inserção*. 83 f. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, faculdade de Sociologia. Brasília, 2017, p. 7. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19310/1/2017_EmanueldeNazarethBrasil.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

desejo até então reprimido. Nesse mesmo ano, ao constatar que o saldo de mortos atingiu 59.648 mil, o Comitê Internacional da Cruz Vermelha decretou que a Síria se encontrava em guerra⁴⁹.

Em oposição a este movimento, por muito tempo, importante parcela da população se manteve passiva frente à opressão do Estado. Contudo, a guerra civil atual mostrou que muitos cidadãos sírios se desprenderam desse lugar e recuperaram a capacidade de criticar os desmandos de seu carrasco. O que me lembra o poeta Pablo Neruda ao dizer: “não há silêncio que não termine”⁵⁰. A partir desse ponto, muitos sírios se indignaram, foram às ruas, lutaram e morreram na esperança de estancar às imposições do Governo, algo impensável em um passado recente. Com isso, a população síria quebrou o tabu da desobediência ao Governo. Nesse sentido, Freud nos lembra que os tabus são “[...] impostos por chefes e sacerdotes para proteção de seus próprios privilégios e propriedades⁵¹”.

Tal desobediência trouxe retaliações severas à população. Como todo opressor, o presidente sírio também sabe que “[...] a violação de certas proibições tabus constitui um perigo social que deve ser punido ou expiado por todos os membros da comunidade se é que não desejem sofrer danos⁵²”. À vista disso, para conter a cólera da população, Bashar Al-Assad recorreu ao controle dos meios de comunicação, mas não funcionou. Além disso, diante da ocupação de várias cidades, ordenou ataques aéreos. Foi acusado de disparar bomba química na cidade de Duma, próximo à Damasco, o que nega veementemente. Como muitos militares desertaram, o Governo passou a recrutar civis para fortalecer seu exército, o que levou Mohammed, participante desta pesquisa, e tantos outros homens sírios a deixar o país. Com isso, a guerra civil da Síria passou a ser considerada a maior catástrofe humanitária mundial, sem precedente na história. Em meio a esse caos, em 2014, Al-Assad convocou eleição nos distritos que o apoiam e obteve 87% dos votos, renovando assim seu mandato por mais sete anos. Foi acusado de fraude por organizações estrangeiras independentes, e diversos países ocidentais não reconhecem a legitimidade desse processo eleitoral. No entanto, o fato é que Al-Assad permanece no poder e a guerra civil da Síria não sinaliza um fim.

⁴⁹ DOTH, C.J.T. A terra prometida brasileira: sírios em busca de um novo lar. *Leopoldianum*, v. 43, n. 121, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/viewFile/754/635>. Acesso em: 09 out. 2018.

⁵⁰ NERUDA, Pablo. Para todos. In: *Plenos Poderes*. 3 ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1974.

⁵¹ FREUD, S. (1013/1995). Totem e Tabu. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p.52.

⁵² Idem, p.50.

O governo sírio tem o apoio da comunidade alauíta e do *Hezbollah* (ou Partido de Deus), grupo terrorista oriundo da reunião de xiitas extremistas. Apesar de ser uma organização paramilitar possui uma estrutura similar a um exército. Enquanto é visto como um grupo terrorista, por países como Estados Unidos, Israel, Canadá e Reino Unido é respeitado na região árabe e muçumana. Exalta a extinção do Estado de Israel e a construção de um Estado Islâmico Libanês. Foi criado em 1982, durante a guerra civil do Líbano. Atua a partir desse território enviando militares para fortalecer o poder de fogo do presidente Al-Assad, ao mesmo tempo em que é armado continuamente pelo próprio Governo sírio. Desponta no bloco de oposição pró-Síria no Líbano e serve “como uma carta para Damasco em seu confronto com Israel em torno da ocupação das Colinas de Golã.”⁵³ Conta ainda com voluntários xiitas do Iraque e do Irã como seus aliados. Seu braço armado é conhecido como *Jihad Islâmica*. Contraditoriamente, realiza trabalhos sociais em escolas e hospitais xiitas e apoia atividades agrícolas no Líbano. Assim, ocupa cada vez mais a cena política local. Tem também um braço político por meio do qual ocupa assentos no parlamento do Líbano, tem uma estação de rádio e um canal de TV (via satélite).⁵⁴

Entre os grupos opositores ao regime de Al-Assad, a *Al-Qaeda* se destaca pela forte presença na Síria. É um grupo terrorista que adota uma interpretação ortodoxa do Islã. Acredita haver permanentemente uma guerra do Ocidente contra o Islã. Em sua origem este grupo não adotava o terrorismo, o que ocorreu a partir do momento em que Osama Bin Laden assumiu o comando. Busca derrubar o regime atual para instaurar um Estado Islâmico na Síria. Exerce importante influência junto a grupos jihadistas, como a *Jihad Islâmica*⁵⁵, que defende a luta violenta em prol da ascensão ao poder. Na Síria o Al-Qaeda está dividido em duas facções. Uma facção é chamada *Al-Qaeda do Iraque*, cujo líder, à época, Abu Bakr Al-Baghdadi transferiu a base de suas operações para o território sírio. A outra facção é denominada *Jabhat*

⁵³ BBC NEWS. *Brasil*. 25 jan. 2011. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110125_perfil_hezbollah_ji>. Acesso em: 10 jan. 2020.

⁵⁴ SANTANA, A. L. *Hezbollah*. *Infoescola*. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/hezbollah/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

⁵⁵ “Jihad islâmica” significa guerra santa contra o Ocidente. Segundo o Corão, significa supremo sacrifício pessoal para exaltar a palavra de Alá, o que seria dever de todo muçumano. (AMORIM, A.S. A globalização do radicalismo islâmico: um estudo de caso da Al Qaeda sob a luz do choque de civilizações. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília, DF, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/1486>>. Acesso em: 17 fev. 2019).

Al-Nusra, conhecido com Al-Qaeda da Síria, é liderada por Mohammad Al-Golan.⁵⁶ No entanto, estas superam suas diferenças quando o combate ao regime de Al-Assad está em questão. Vale ressaltar, em 26 de outubro último, Abu Bakr Al-Baghdadi foi assassinado por missão militar comandada pelos Estados Unidos. Sua posição no Al-Qaeda foi ocupada por Abu Ibrahim Al-Hashimi Al-Quravshi, e assim o terror mantém sua continuidade.

Além da Al-Qaeda, figuram entre os opositores do governo sírio o Estado Islâmico (EI)⁵⁷ e as *Forças Democráticas da Síria* (SDF). Esse primeiro grupo, o EI, é um antigo braço armado iraquiano do Al-Qaeda de quem tornou-se rival. É um dos mais violentos grupos terroristas. Adota uma direção fundamentalista sunita do Islã e luta para criar um Estado religioso, como seu nome sugere. Foi formado em 2013 quando passou a perseguir a minoria curda. Em resposta a essa perseguição, no ano seguinte, atraiu os curdos para o conflito. Estes têm o controle das regiões ao norte da Síria, em Rojava. A partir do ingresso do EI e dos curdos na guerra da Síria o conflito que fora iniciado por motivos políticos adicionou um caráter religioso, se tornando mais complexo e arraigado. Já as *Forças Democráticas da Síria* são constituídas por diferentes milícias opositoras ao governo sírio e ao EI. Controlam o nordeste da Síria e estão sob a liderança dos curdos das *Unidades de Defesa Popular* (YPG), portanto, eram aliados dos EUA.

Outras facções curdas também lutam contra Bashar Al-Assad, além do Conselho Nacional Sírio (CSN), formado no início do conflito sírio, em dezembro de 2011, por diversos grupos de oposição ao governo de Al-Assad.⁵⁸ Para mais, a insurgência jihadista sunita tem o *Al-Nusra*⁵⁹ e o ELS, entre outros grupos, lutando ao seu lado. Portanto, no âmbito doméstico os opositores de Al-Assad são, na verdade, constituídos por muitos grupos religiosos/partidários unidos pelo propósito de depô-lo, mas distantes em relação a um consenso em torno de seu

⁵⁶ ZAHREDDINE, D. A crise na Síria (2011-2013): Uma análise multifatorial. *Revista Conjuntura Austral*, v. 4, n. 20, out./nov., 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387/27333>. Acesso em: 02 jan. 2019.

⁵⁷ Também conhecido como Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL), Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS) ou ISIS em inglês. Está presente no Iraque e domina metade do território sírio. Nos últimos anos, cometeu atos terroristas na Europa, principalmente na França. De modo geral, defende ações violentas totalmente desligadas de qualquer dogma, contudo uma vertente nova segue as leis da Sharia e do Alcorão, como informou o professor Reginaldo Nasser em entrevista ao portal G1. Disponível em: <https://www.ig.com.br/tudo-sobre/estado-islamico/>. Acesso em: 02 jan. 2019.

⁵⁸ G1. *Oposição da Síria forma conselho nacional para combater o regime*. São Paulo, 02 dez. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2011/10/oposicao-da-siria-forma-conselho-nacional-para-combater-o-regime.html>. Acesso em: 09 jan. 2020.

⁵⁹ Grupo criado em 2012, braço do Al-Qaeda, considerado milícia terrorista pelo governo americano.

sucessor. Tal qual na torre de Babel, a oposição síria fala diferentes línguas e, ao mesmo tempo, desafia o “Deus” sírio: seu presidente Bashar Al-Assad.

À primeira vista, a guerra civil da Síria tem dois lados claramente definidos: o Governo e os insurgentes. Contudo, como mostrado, dentro dos variados grupos de rebeldes há ideologias distintas, o que pode ser constatado a seguir:

Na verdade, grande parte dessas facções que se escondem sob o rótulo do ELS (Estado Islâmico da Síria) persegue um programa islâmico às vezes parcialmente moderado, às vezes radical. Ao mesmo tempo, outros grupos continuam a perseguir objetivos seculares. [...]. Charles Lister, analista especializado em Oriente Médio do *think tank* americano *Brookings Institution*, listou quase 80 unidades e associações diferentes que se aliaram sob o nome ELS, ou melhor: que agem sob ele. Politicamente, esses grupos abraçam objetivos muito diferentes. O nome ELS sugere uma unidade que não existe há muito tempo (Grifos nossos).⁶⁰

A composição dos insurgentes, mostrada acima, lembra o sujeito em estado psicótico que em seu delírio ouve muitas vozes gritando, ao mesmo tempo, ordenamentos distintos, o que em uma analogia corresponderia aos inúmeros grupos ou seitas opositoras a Al-Assad. Isso sugere que, diante de tamanha complexidade, atingir um acordo que pacifique o país é um delicado desafio. Afinal, se há variados interesses em discussão, em torno do que um acordo de paz poderia ser deliberado? Contudo, não é objetivo desse texto aprofundar em meandros dessa natureza.

Apesar do cenário descrito acima ter vigorado durante muito tempo, recentemente, em outubro de 2018 Al-Assad obteve significativo ganho quando surpreendentemente, aos olhos menos atentos, recebeu o apoio de aproximadamente 35 mil homens do grupamento de combatentes do ELS. Contudo, a viagem de uma delegação do ELS para Washington já sinalizava algum ruído em sua estrutura. O comandante Mustafa Sejari avisou a Agência Central de Inteligência do governo americano (CIA) que a suspensão do apoio recebido dos EUA aumentaria a influência iraniana na Síria. Como publicado no site da Deutsche Welle,

⁶⁰ Matéria da agência de notícias alemã Deutsche Welle publicada, em 2018, no portal de notícias G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/a-transformacao-ideologica-do-exercito-livre-da-siria.ghtml>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

agência alemã de notícias, Sejari teria dito: “O tempo urge. É hora de transformar palavras em ação. As milícias iranianas estão se espalhando pela Síria sem qualquer resistência séria.”⁶¹ Menos de uma semana após esta declaração foi possível entender que nas entrelinhas se referia a dissidência em questão. A partir de então, parte expressiva do ELS se aliou a opositores seculares de Al-Assad e passou a lutar contra os curdos da Síria. O exército fundado em julho de 2011 como uma fusão de opositores seculares do presidente sírio Bashar al-Assad luta agora contra cidadãos de um país cuja democracia um dia foi defendida pelo ELS.

No entanto, o fato mais recente na guerra civil da Síria é o fortalecimento da ofensiva de Al-Assad a grupos armados extremistas que mantêm resistência no Noroeste do país cujo controle havia perdido desde o início da guerra. Tais ofensivas foram reiniciadas em abril de 2019 e se intensificaram em outubro do mesmo ano, quando o Governo concentrou os ataques no Sul de Idlib, na fronteira com a Turquia⁶², cidade de duas entrevistas nesta pesquisa: Amal e Hanadi. Desde a retomada dos ataques de Al-Assad, centenas de civis foram mortos. Nesse embate, o Governo sírio conta com o apoio do Irã e da Rússia.

Idlib é um dos últimos redutos que briga pela saída de Al-Assad do poder. Sua população resiste com o apoio dos jihadistas que, por sua vez, são apoiados pelo Governo turco. Após dois acordos de cessar fogo nessa região fracassarem⁶³, em primeiro de março de 2020, a Turquia abateu dois aviões sírios na região de Idlib. Como resposta, o governo russo ameaçou com possível ataque a aviões turcos que venham a sobrevoar o espaço aéreo da Síria. Por sua vez, o governo sírio abateu 33 soldados turcos em ataques aéreos. Como publicado pelo jornal *O Globo*, o escritório da Presidência da Turquia declarou:

⁶¹ A profunda transformação do Exército Livre da Síria. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-profunda-transforma%C3%A7%C3%A3o-do-ex%C3%A9rcito-livre-da-s%C3%ADria/a-42461110>>. Acesso em: 09 jan. 2020.

⁶² O GLOBO. *Síria avança na ofensiva contra último reduto rebelde*. 23 ago. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/siria-avanca-na-ofensiva-contra-ultimo-reduto-rebelde-23899336>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

⁶³ Como informado pelo site do jornal *O Globo*, Moscou e Teerã, aliados da Síria, e o governo turco firmaram, em 2018, um acordo para estabelecer uma zona militarizada em Idlib. Posteriormente, em outubro de 2019, um segundo pacto foi criado com o objetivo de o governo da Turquia remover os grupos insurgentes que financia em áreas próximas da fronteira entre os dois países.

Em um telefonema, Erdogan disse que os ataques violam um cessar-fogo em Idlib e prejudicam os esforços por uma solução para o conflito na Síria [...]. A mais recente ofensiva pôs as tropas turcas em Idlib na linha de fogo e põe em risco as esperanças de Ancara de evitar que uma nova onda de refugiados chegue às suas fronteiras.⁶⁴

Esse cenário levou uma nova onda de sírios a deixar o país, gerando, assim, o maior número de refugiados desde o início da guerra em curso, cerca de 700 mil pessoas⁶⁵. A ACNUR declarou que os campos e assentamentos que abrigam os refugiados sírios nessa região estão superlotados, o que levou muitos sírios a se abrigarem em mesquitas e prédios inacabados. Evidentemente, a precariedade dessas acomodações torna o refúgio ainda difícil. Essas pessoas se dirigiram à fronteira turca com a intenção de migrarem rumo ao continente europeu. Dentre elas, 300 mil se deslocaram somente no mês de fevereiro de 2020⁶⁶.

O mapa da participação internacional na guerra da Síria é tão complexo quanto o sectarismo religioso desse país. Em oposição a Al-Assad, nos primeiros anos da guerra, os EUA apoiaram diversos grupos rebeldes moderados e os *curdos*.⁶⁷ Ao mesmo tempo, se colocam contra o Estado Islâmico. No entanto, recentemente, em outubro de 2019, os Estados Unidos retiraram o apoio concedido aos curdos deixando-os vulneráveis para uma ofensiva turca, o que ocorreu no Nordeste da Síria. Esse conflito opõe as forças leais ao Governo sírio em relação ao Estado Islâmico, aos curdos e a outros grupos rebeldes divididos em diferentes facções, inclusive islâmicos e pró-democracia.⁶⁸

Israel se aliou aos EUA, pois entende que a presença do Hezbollah nas Colinas de Golã é um risco que pode se materializar por meio de ataques bélicos a seu território. Por sua vez, a

⁶⁴ O GLOBO. *Rússia e Turquia não chegam a acordo sobre violência na Síria e tensões voltam a aumentar*. 11 fev. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/russia-turquia-nao-chegam-acordo-sobre-violencia-na-siria-tensoes-voltam-aumentar-24241876>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

⁶⁵ ONU NEWS. *Síria: ONU quer aumentar apoio a vítimas de deslocamento recorde em Idlib*. 11 fev. 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/02/1703741>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

⁶⁶ MARCOU, E. *Portal R7*. (REUTERS). *Imigrantes enfrentam polícia síria na fronteira com a Turquia*. Portal R7, 03 mar. 2020. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/risco-de-nova-crise-migratoria-preocupa-a-europa-entenda-03032020>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

⁶⁷ Nação apátrida com aproximadamente 30 a 40 milhões de pessoas vivendo em partes do Irã, Iraque, Síria, Armênia e Turquia, na região conhecida como Curdistão. Têm idioma próprio, mas também falam árabe. É formada por uma maioria muçulmana sunita e minorias que seguem outros credos, além de grupos laicos.

⁶⁸ FOLHA DE SÃO PAULO. *Dois dias após saída dos EUA, Turquia inicia ataque contra curdos na Síria*. São Paulo, 09 out. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/10/apos-trump-retirar-tropas-turquia-inicia-operacao-militar-contr-curdos-na-siria.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Arábia Saudita apoia os rebeldes sunitas e a Turquia apoia a coalizão liderada pelos EUA e pelos rebeldes, mas se opõe aos separatistas curdos. A propósito, em relação à participação da Turquia, vale ressaltar que em 2011, ao constatar que a pressão exercida sobre Al-Assad para implementar reformas não teria êxito, rompeu formalmente com o Governo e passou a apoiar a oposição armada e grupos políticos contrários a Al-Assad. Contudo, desde o início do conflito apoiava indiretamente a oposição a Al-Assad, o que se evidenciou ao permitir que o ELS atacasse a Síria a partir de seu território e ao tolerar a instalação do CNS em Istambul.⁶⁹ A partir de então, “[...] a Turquia gradualmente consolidou-se como um dos mais importantes atores envolvidos na guerra da Síria e, conseqüentemente, em todos os seus desdobramentos.”⁷⁰

Enquanto isso, o Governo sírio conta com o apoio da China, do Irã, Iraque, Israel e da Rússia.⁷¹ Esta última, aliás, permanece em território sírio mesmo após o fim da Guerra Fria. O apoio da Rússia visa “assegurar para si um lugar de poder no Oriente Médio e no mundo [...]”⁷² e assim fazer frente aos Estados Unidos. Buscando garantir sua influência no Governo sírio, tanto a Rússia quanto a China têm bloqueado decisões multilaterais que implicassem na intervenção da Síria.⁷³

Concomitantemente, outros fazem oposição aberta à Síria.⁷⁴

⁶⁹ Phillips (2012) *apud* NASSER, R. M.; ROBERTO, W.M. A Política Externa Turca no Pós-2011: das revoltas árabes à ascensão do Estado Islâmico. *Rev. Carta Inter.*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, 2016, p. 5-27. Disponível em: <<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/555>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

⁷⁰ NASSER, R.M.; ROBERTO, W.M. A Política Externa Turca no Pós-2011: das revoltas árabes à ascensão do Estado Islâmico. *Rev. Carta Inter.*, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, 2016, p. 5-27, p. 24. Disponível em: <<https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/555>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

⁷¹ ASSUMPCÃO, M. N. H. *As causas históricas do conflito na Síria*. Trabalho de conclusão de curso de especialização em Ciências Militares, 2015. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2015.

⁷² NASSER, S. H. Olhares sobre as revoltas no mundo árabe. *Projeto História*, São Paulo, n. 46, pp. 115-133, p. 131. Abr, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/17133/13753>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

⁷³ Idem.

⁷⁴ ZAHREDDINE, D. A crise na Síria (2011-2013): Uma análise multifatorial. *Revista Conjuntura Astral*, v. 4, n.20, out. Nov. 2013, p. 16. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387/27333>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

O que se percebe no embate entre governo sírio e oposição é o forte apoio iraniano ao governo sírio, com envio de material bélico e efetivo militar, enquanto o governo saudita envia dinheiro e armas à oposição, na tentativa de derrubar o governo. A disputa por esta zona de influência deixa transparecer também o embate xiismo (Irã) versus sunismo (Arábia Saudita), o que confere ao conflito ainda mais violência, em função de seu teor confessional.

Como visto, em meio a essa mixórdia, atores internacionais se manifestam. Muitos destes para armar os insurgentes ou aumentar o efetivo de rebeldes. Outros, para mediar a paz. Como os aliados da Síria não compartilham a mesma visão sobre sua guerra civil, até o momento, não conseguiram criar uma estratégia para encerrar o jogo político e os interesses econômicos que atraem os atores internacionais.⁷⁵ Desse modo, esta guerra transborda o cenário doméstico à medida que é patrocinada por grandes potências econômicas que brigam pela manutenção da influência e do poder que exercem sobre o Governo sírio.⁷⁶ Nesse cenário, um novo chefe de Estado poderia minar a força das potências internacionais, o que explica tanto a duração da guerra quanto à permanência de Al-Assad no poder. Todos estes elementos retardam um desfecho para essa barbárie. Por isso, até o momento, as tentativas de paz da ONU fracassaram. Estas têm se mostrado insignificantes diante dos interesses dos gigantes econômicos.

Ainda que o sectarismo religioso permeie os meandros da cultura síria e, desse modo, habite o conflito atual, esta guerra não é sustentada no âmbito confessional. O enfrentamento do Governo pelo povo foi causado pelo esgotamento da tolerância ao totalitarismo do Estado. Soma-se a isso a interferência de países vizinhos e de grandes potências mundiais que aproveitam o cisma local para ganhar força em um território cuja importância é vital para o escoamento do petróleo produzido no Oriente Médio, como mencionado anteriormente. Para mais, o conflito entre as elites governista e oposicionista, a corrupção no setor público e a violência contra civis também pesaram nessa balança.⁷⁷ Assim sendo, antes de tudo, esta é uma

⁷⁵ KANAT, K.; USTUN, K. U. S. Turkey Realignment on Syria. *Middle East Policy*, v. XXII, n. 4, inverno de 2015. Disponível em: <<https://www.mepc.org/journal/us-turkey-realignment-syria>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

⁷⁶ ZAHREDDINE, D. A crise na Síria (2011-2013): Uma análise multifatorial. *Revista Conjuntura Astral*, v. 4, n.20, out. Nov. 2013, p. 16. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387/27333>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

⁷⁷ COSTA, R. P. *Uma história da Síria do século XXI: para além do sectarismo religioso*. 136 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2016.

guerra laica. Contudo, é interessante para tais potências fomentar o contrário disso: a ideia de que esta é uma guerra sacra. Assim, criam uma cortina de fumaça para desviar a atenção do real motivo da presença de potências estrangeiras em um conflito doméstico.

Agora, em 2021, a guerra civil da Síria completa 10 anos, portanto, já dura mais que a Segunda Guerra Mundial. A crise econômica local foi acentuada pela pandemia da COVID-19 e a moeda teve uma queda drástica. Mas, nada disso cessa a guerra. No Norte do país continua, sem perspectiva de terminar. Como afirma Karabekir Akkoyunlu, professor de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas: “A Síria deixou de ser uma tragédia aguda para ser uma tragédia crônica.”⁷⁸ Para escapar do terror causado por esta hecatombe, expressivo número de sírios busca no refúgio uma saída para a vida. Desde 2011, a Síria produziu milhões de refugiados e deslocados internos. Muitos refugiados estão em campos ou alojamentos fornecidos pela ACNUR. Ainda assim ficam expostos a toda sorte de perigos, como: fome, estupro, intempéries da natureza, discriminação sofrida por pessoas LGBTI,⁷⁹ e mais recentemente ao contágio da COVID-19, potencializado pela precariedade da infraestrutura disponibilizada nos acampamentos. Outros, no entanto, se refugiam na Europa, no Brasil e, principalmente, nos países ao redor da Síria, como mostrado na seção *Justificativa*.

Por outro lado, os sírios que permanecem em seu solo de origem enfrentam falta de energia elétrica e de água. São privados de educação, saúde e, principalmente, vivem em constante estado de apreensão porque podem ser atacados a qualquer momento. Muitos perderam suas casas e foram atingidos por bombas, o que causou doenças e mutilações, em pessoas das mais variadas idades. São 13,4 milhões de sírios (vivendo na Síria) precisando de ajuda. De um modo ou de outro, a guerra da Síria lembra Freud ao apontar as três fontes do sofrimento humano, a saber:

Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-24082016-153949/publico/2016_RenataParpolovCosta_VCorr.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2019.

⁷⁸ BALAGO, R. Guerra na Síria completa 10 anos e destrói perspectivas de uma geração. FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 20 fev. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/03/guerra-na-siria-completa-10-anos-e-destroi-perspectivas-de-uma-geracao.shtml?origin=folha>>. Acesso em: 01 mai 2021.

⁷⁹ Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intersexuais.

[...] a primeira é a força arrasadora da natureza, a segunda, a fragilidade de nosso corpo, a terceira, *a insuficiência de nossos métodos para regular as relações dos homens entre si, no seio da família, do Estado ou da Sociedade.* (grifos nossos)⁸⁰

Em suma, a guerra civil rompeu a relativa harmonia que pautava a convivência em solo sírio, iniciada quando Hafez al-Assad ascendeu ao poder, há mais de 40 anos. O caminho adotado pelo velho Al-Assad ruiu sob a influência da Primavera Árabe. A intensa transformação pela qual o mundo passa nas últimas décadas chegou a Síria, ainda que em pequena escala, mas foi suficiente para a população se organizar e protestar por democracia. No entanto, um traço do mandato de Hafez permanece por meio do filho Bashar: reprimir as manifestações populares com forte violência. Nesse sentido, parece que Bashar Al-Assad tomou para si o lugar de Maomé e, assim, espera que o povo lhe ofereça, o que à luz do Islã, deveria dirigir a Deus: submissão e obediência irrestrita aos seus ensinamentos.

Resta saber se, no contexto atual, surgirá um líder capaz de promover a retomada do ambiente apaziguado em que viviam os sírios antes da eclosão da Primavera Árabe. Na carta a Einstein, citada anteriormente, o pai da psicanálise aponta o caminho para a humanidade tornar-se pacifista; o que poderia, em tese, ser aplicado a qualquer contexto de guerra, incluindo a guerra civil da Síria: “[...] tudo o que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra.”⁸¹ Mas, em uma ditadura como a sustentada por Al-Assad, o restrito acesso à cultura e aos demais meios que favorecem o desenvolvimento de uma civilização, deram lugar a barbárie e a restrição da liberdade de seu povo.

Se o Brasil não é para principiantes⁸² a Síria é para poucos. A complexidade dessa cultura e o restrito acesso à informação requer acompanhamento contínuo. Para mais, a abertura para pensar laços improváveis em outras culturas, como a participação de tantos Estados e milícias em uma guerra civil.

⁸⁰ FREUD, S. (1929/1987), 2. ed. O mal-estar na civilização. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

⁸¹ FREUD, S. Por que a guerra (1932/1994). 2. ed. Tradução Jayme Salomão. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1994, p. 208.

⁸² Frase atribuída ao compositor Tom Jobim.

5 SOBRE O MÉTODO

*Penso que é perfeitamente lícito que o ser humano persiga
o fio da meada de alguma hipótese até onde quer que seja,
ou por simples curiosidade científica,
ou no papel de advocatus diaboli,
que nem por isso vendeu a alma ao diabo.*

Sigmund Freud

“A pesquisa em psicanálise é um assunto cercado por muita confusão”. Ao fazer esta afirmação, o psicanalista Renato Mezan¹ pontua com clareza aspectos importantes, embora às vezes relegados, como: o que é e como se faz pesquisa em psicanálise. Nesse sentido, não raras vezes nos deparamos com questionamentos, como: *a psicanálise é, ou não, uma ciência?* Entendo que essa pergunta não ecoa entre os psicanalistas na intensidade suficiente para levar a psicanálise ao divã, apesar da reflexão sobre seus caminhos ser uma constante entre psicanalistas desde os primórdios. Na verdade, os psicanalistas estão bem mais ocupados com elucubrações em torno do legado de Freud e da evolução desse patrimônio do que com os questionamentos acerca do caráter científico da psicanálise. Ainda assim, desde Freud, diversos autores discorreram sobre essa celeuma e discutem a pesquisa em psicanálise. No Brasil, Fabio Hermann, Miriam Debieux Rosa, Luiz Cláudio Figueiredo, Luiz Cláudio Nogueira, Gilberto Safra, Marion Minerbo, Daniel Kupermann, Alfredo Naffah Neto, Elisa Ulhôa Cintra, além do próprio Renato Mezan, são alguns exemplos.

O que parece fomentar as questões apontadas acima é a essência do objeto de estudo da psicanálise: a subjetividade. Diferente da objetividade, exaustivamente medida em várias áreas da Academia, a subjetividade não pode (e não deve) ser tratada com distanciamento tampouco priorizando a mensuração dos fenômenos psíquicos em detrimento da singularidade do sujeito. Ao contrário, não somente a subjetividade dos participantes das pesquisas, mas a do próprio pesquisador, em alguma medida, está implicada em sua escuta. Afinal, “se a psicanálise se

¹ MEZAN, R. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. *Jornal de psicanálise*. São Paulo, v.39. n.70, p. 227. São Paulo jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015>. Acesso em: 03 ago. 2018.

propõe como ciência, só pode se definir como uma ciência do singular.”² É justamente esse recurso (a escuta do singular) que conduz o pesquisador em psicanálise em contato com seus entrevistados e no desenvolvimento de seu texto, seja dissertação, tese ou artigo. Isso implica uma escrita própria, diferente da pautada pelo excesso de normas que regula o texto científico padrão, nesse caso, influência da concepção positivista.

Sim. Psicanalistas têm uma escrita peculiar, resultado da continuidade de seu pensamento. No entanto, às vezes, essa assinatura leva ao distanciamento, quase total, do formato da pesquisa acadêmica. Assim, favorece a estranheza em torno dos relatos psicanalíticos, dando origem ao questionamento de seu caráter científico. Por outro lado, a burocracia presente na rigidez do texto acadêmico padrão entra em conflito com a fluidez de pensamento necessária à elaboração de um texto psicanalítico. Seguir à risca o modelo normativo vigente na Universidade pode, além de comprometer a criatividade, limitar a produção à mera reprodução do que já se conhece, o que é observado no excesso de citações em muitos relatórios de pesquisa. Desse modo, “[...] a face burocratizante da universidade tende a esmaecer o vigor do gesto singular por meio do qual se assina uma contribuição à discursividade psicanalítica. [...]”³

Contudo, as normas acadêmicas contribuem para arejar o modo de a psicanálise mostrar-se para a sociedade, à medida que favorecem a compreensão da mensagem nos diversos meios nos quais circula. Isso acontece quando o pesquisador psicanalista se rende minimamente ao formato exigido na Academia, o que nem sempre ocorre. Já me deparei com teses e dissertações sem resumo e palavras-chave, por exemplo. Esses recursos conferem objetividade a quem está realizando uma pesquisa bibliográfica nas extensas bases de dados eletrônicas e precisa eleger critérios de seleção diante da vastidão de trabalhos disponíveis. Tais contradições parecem orquestrar um descompasso entre a psicanálise (cuja origem é o modelo clínico) e a Universidade, o que se traduz em modos distintos de construção do conhecimento, evidenciados no texto produzido por seus atores.

Essas divergências podem ser dirimidas se partirmos do princípio de que as peculiaridades de cada área, assim como os diferentes objetos ou fenômenos estudados impõem

² NETTO, A.N.; CINTRA, E.M.U. Paradoxo, noite e mistério: Os labirintos da pesquisa psicanalítica. In: KUBLIKOWSKI, I.; KAHHALE, E.M.S.P.; TOSTA, R.M. (Orgs.) *Pesquisas em psicologia clínica: contexto e desafios* [recurso eletrônico]. São Paulo: EDUC, 2019, p. 26.

³ KUPERMANN, D. Sobre a produção psicanalítica e os cenários da universidade. *Psico*. v. 40, n. 3, pp. 300-307, jul./set. 2009. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/25530258.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

caminhos distintos, ainda que todos sejam pautados por um método de pesquisa. Por isso, é essencial que cada disciplina imprima singularidade ao trilhar o caminho metodológico. Afinal, assegurar o caráter científico é diferente de engessar a investigação, o que poderia comprometer a essência própria de cada universo, não somente da psicanálise. Assim como é impossível estudar uma célula por meio da escuta, também é incompatível compreender o sujeito, suas angústias e pulsões, pela perspectiva da pesquisa experimental, já que esta persegue o distanciamento e a generalização. Como nos lembra Renato Mezan, no texto *O futuro de uma ilusão*, Freud esclarece: "Não, nossa ciência não é uma ilusão. Mas seria uma [ilusão] procurar alhures o que ela não nos pode oferecer."⁴

Desde seu surgimento, por definição, a psicanálise é um método de pesquisa bastante subordinado ao projeto científico, além de um método psicoterapêutico.⁵ Assim, me desobriga descrever o método adotado nesse estudo. Mas, em tempos de *internet*, teses e dissertações correm o mundo na velocidade de um *click* e passam por mãos de pessoas com diferentes graus de conhecimento acerca da psicanálise. Por isso, entendo importante mostrar os princípios metodológicos somados ao método psicanalítico, apresentados nas subseções *Entrevistas* e *Procedimentos*. Antes, porém, faço uma digressão com a finalidade de contextualizar a pesquisa em psicanálise realizada no país, no âmbito acadêmico.

No Brasil, nas últimas décadas, a presença da psicanálise se intensificou além dos domínios da clínica. O saber psicanalítico está em organizações públicas, privadas e não governamentais, sem fins lucrativos (ONGs), tanto no âmbito da saúde, da educação quanto da justiça, como observou o psicanalista Daniel Kupermann:

[...] os analistas estão, hoje em dia, presentes em muitos lugares, enfrentando os desafios do mal-estar contemporâneo e dando provas de seu saber e de sua prática de várias formas, o que é muito bem-vindo. Afinal, a psicanálise é um objeto demasiado importante para ficar restrito aos psicanalistas.⁶

⁴ MEZAN, R. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 39(70): 227-241, jun. 2006. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a15.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

⁵ SAFRA, G. Investigação em psicanálise na universidade. *Psicol. USP*, vol.12 no.2 São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200014&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 10 nov. 2019.

⁶ KUPERMANN, D. *Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático*. São Paulo: Zagodoni, 2017, p.102.

O resultado prático dessa questão modificou o cenário das pesquisas em psicanálise realizadas nas Universidades brasileiras. Ao longo de mais de 20 anos orientando dissertações e teses no programa de pós-graduação da PUC SP, Mezan constatou que nos últimos anos tanto as pesquisas apoiadas em casos clínicos quanto as relativas à metapsicologia dividem espaço, cada vez mais, com estudos que buscam ampliar a compreensão do trabalho que psicanalistas realizam em instituições, o que denomina *teses sobre a atividade terapêutica em âmbito institucional*.⁷ Observou também aumento significativo de pesquisas em psicanálise dirigidas à literatura, teatro, artes, aspectos da história, das relações sociais e teses sobre as interfaces psique/sociedade, onde entendo se localizar meu estudo. Como afirma Mezan, esses pesquisadores:

[...] identificam uma questão e a investigam com os meios conceituais oferecidos pela psicanálise. [...] Poderíamos imaginar as diversas áreas em que se desdobram as investigações como raios de uma roda cujo centro é a clínica *stricto sensu*, a qual se encontra mais explicitamente em algumas, mais indiretamente em outras. Pois é nela e dela que surgem os conceitos cardeais da psicanálise, os instrumentos com que opera qualquer pesquisa em nossa disciplina.⁸

Na verdade, a psicanálise nunca esteve sentenciada aos consultórios. Desde os primórdios escoava para a cultura, o que levou Freud a escrever os chamados textos sociais. Nesses escritos desenvolveu variados conceitos ao observar a influência mútua entre o sujeito e a cultura, assim como os desdobramentos dessa relação no funcionamento psíquico. Para citar um exemplo, no texto *Psicologia de grupo e análise do ego* compreendeu os efeitos da ascendência do líder e o poder do contágio sustentando a coesão entre os membros de um grupo psicológico. Nesse texto também aprofundou o conceito de identificação. Logo, o estudo da relação do sujeito com a cultura pode ser integrado ao arcabouço teórico da psicanálise e assim contribuir para ampliar o que se conhece sobre o psiquismo, o singular.

Mezan afirma que em psicanálise há dois níveis distintos de pesquisa, um individual e outro coletivo. “[...] a Psicanálise não é só uma pesquisa de ‘fatos’, mas que estes fatos estão

⁷ MEZAN, R. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. In: O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

⁸ Idem, p. 535.

materializados numa pessoa, como que ‘engastados’ nela.⁹ Em relação à pesquisa psicanalítica realizada fora do *setting* clínico,¹⁰ faz-se necessário que o pesquisador se apoie na escuta do inconsciente ao longo do contato com os participantes do estudo; seja ao realizar entrevistas, aplicar testes ou por meio de outros métodos de coleta de dados e deve seguir assim na construção do relatório. Afinal, como afirma Mezan:

Não é pelo fato de que não se trabalha com estatística, ou com experimentos no sentido tradicional, que em Psicanálise qualquer coisa pode ser dita de qualquer jeito, seja na publicação dos conhecimentos adquiridos, seja na forma de os adquirir.¹¹

Em relação à pesquisa acadêmica, o método psicanalítico se distancia de seu caráter terapêutico e a escuta do inconsciente é mediada pela cultura. Em consonância com a psicanalista Hanna Segal,¹² nascida na Polônia e refugiada na Inglaterra em decorrência da perseguição nazista, reconheço que minha experiência clínica foi essencial para a compreender a dinâmica dos processos mentais desencadeados pelo refúgio.

Como mencionado anteriormente, o objetivo desse estudo é compreender os efeitos do refúgio sobre o psiquismo de sírios e palestinos (nascidos na Síria) que escolheram a cidade de São Paulo como destino, enquanto lugar de ancoragem. Nesse contexto, na relação entre o sujeito e a cultura, se deu a escuta do inconsciente. Esta pesquisa, portanto, não se dedicou a estudar um fenômeno social em si. Deveu-se, primordialmente, a compreender o psiquismo tomado por dois fenômenos sociais: o refúgio e a guerra que o precedeu.

Em suma, de modo mais amplo, a “pesquisa em ciência refere-se exclusivamente à tentativa de obter conhecimento novo e de apresentá-lo de modo a que possa se incorporar ao já existente, seja como complemento, seja como nova perspectiva,”¹³ isso se aplica à

⁹ MEZAN, R. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 227-241, jun. 2006, p. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a15.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

¹⁰ O que chamo fora do *setting* clínico, Fabio Hermann nomeou psicanálise em extensão, e Laplanche, de psicanálise extramuros.

¹¹ MEZAN, R. Sobre a pesquisa em psicanálise. *Psychê*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 81, São Paulo, 1998.

¹² SEGAL, H. Psicanálise, literatura e guerra. Artigos 1972-1995. Org. Steiner, J. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

¹³ MEZAN, R. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. *J. psicanal.* v.39 n.70, São Paulo jun. 2006, p. 231. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a15.pdf>

psicanálise. *Stricto sensu*, a pesquisa em psicanálise se sustenta na própria definição de psicanálise: “um método de investigação que consiste essencialmente em evidenciar o significado do inconsciente, das palavras, das ações, das produções imaginárias (sonhos, fantasias, delírios) de um sujeito. [...]”,¹⁴ o que entendo exequível em pesquisas realizadas fora do *setting* clínico. No entanto, reconheço que essa modalidade de pesquisa não oferece a possibilidade de conhecer a singularidade dos entrevistados em extensão equivalente ao que o processo psicanalítico exitoso pode atingir.

Nessa pesquisa, a escuta do inconsciente se deu por meio de entrevistas, o que será retratado a seguir.

5.1 A entrevista

Em cada modalidade de pesquisa psicanalítica a entrevista se propõe a um determinado fim. Somente dessa maneira os dados obtidos por meio desse instrumento podem favorecer o alcance dos objetivos adotados em cada *setting*.

No âmbito da pesquisa acadêmica a entrevista psicanalítica visa a escutar “[...] o sujeito psicológico ou sociológico, para resgatar a experiência compartilhada com o outro, escuta como testemunho e resgate da memória.”¹⁵ Desse modo, é adotada meramente com a finalidade de coletar dados que ajudem ampliar a compreensão de determinado fenômeno. Conseqüentemente, a relação do psicanalista/pesquisador acadêmico com os participantes de seu estudo não permite intervenções. No *setting* clínico, ao contrário, o psicanalista busca conhecer a história do paciente com a intenção de que algo mude em sua economia psíquica.

Apesar da distinção apontada, a pesquisa clínica se aproxima das demais modalidades de pesquisa, no âmbito psicanalítico. Em comum, primam pela escuta do inconsciente como também consideram que a subjetividade e a cultura se influenciam mutuamente. Essa compreensão foi apresentada por Freud no texto *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921).

¹⁴ LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.B. Vocabulário de Psicanálise. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 384.

¹⁵ ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329-348, set. 2004. Disponível em: <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1509>>. Acesso em: 17 jan. 2019.

[...] a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. (p.91).

Nessa pesquisa realizei entrevistas individuais orientadas pelos seguintes objetivos: (a) compreender os efeitos do refúgio no psiquismo; (b) observar se o refúgio produz elementos psíquicos comuns a todos – quais seriam estes, como e porque se repetem. Desse modo, busquei conhecer mais sobre a condição humana.

Defendo que os objetivos da pesquisa acadêmica não devem comprometer a escuta da singularidade dos entrevistados. Apesar disso, fui ao encontro do primeiro participante com a memória repleta de informações acerca da temática em questão, pois já havia mergulhado no estado da arte. A resposta à minha primeira pergunta revelou um aspecto surpreendentemente singular: Mohammed não recorreu ao refúgio com o objetivo de salvar a própria vida, o que contrapõe a ideia prevalente na literatura. Ao contrário disso, a decisão de deixar a Síria foi tomada para salvar a vida de tantos outros sírios com quem teria que lutar, o que temia fortemente. Isto porque muitos militares desertaram levando o governo a convocar civis para servir no conflito. A partir dessa resposta pude me reposicionar de modo que a teoria não interferisse, de fato, na escuta da singularidade dos participantes. Afinal, é “a partir da escuta psicanalítica de depoimentos e entrevistas, colhidos em função do tema do pesquisador que, por sua vez, reconstrói sua questão [de pesquisa] nessa relação.”¹⁶

Independente do *setting*, a entrevista psicanalítica é orientada pela escuta do inconsciente, como citado. À vista disso, os mesmos elementos psíquicos que emergem no *setting* clínico podem se manifestar, em intensidade moderada, na entrevista realizada no campo da pesquisa acadêmica. Em consonância com os psicanalistas Luís Cláudio Figueiredo e Marion Minerbo entendo que “a atitude clínica pode se manifestar em outras condições e sempre terá como efeito a transformação das partes em jogo, o “objeto” e o “sujeito” da pesquisa [...]”.

Nesse sentido, em diversos momentos, observei que a fala dos entrevistados desencadeou emoções significativas e levou a livre associação de ideias. Para mais, reconheço que a transferência se manifestou e contribuiu para ampliar a escuta da singularidade dos

¹⁶ Idem, ibidem

entrevistados, como apontando na entrevista da Rima. Contudo, na entrevista de pesquisa acadêmica assim como em outras relações interpessoais a transferência não alcança a intensidade observada no *setting* clínico. Em consonância com a psicanalista Mirian Debieux Rosa, acredito que no campo da pesquisa acadêmica as “observação dos fenômenos está em interação com a teoria, produzindo o objeto da pesquisa, não dado a priori, mas produzido na e pela transferência.”¹⁷ Ao mesmo tempo, a transferência de alguns entrevistados mobilizou em mim afetos relativos à contratransferência, como mostrei na entrevista com Salam. Como nos mostrou a psicanalista Paula Heimann – uma das principais responsáveis pela ampliação do conceito em questão – entendo a contratransferência como uma importante ferramenta de pesquisa do inconsciente.¹⁸ A partir da elaboração da contratransferência pude ampliar a escuta de elementos que alguns entrevistados manifestaram pela via da metacomunicação, a exemplo de Salam ao mostrar seus dotes artísticos e culinários antes falar sobre os rompimentos, lutos e mudanças que sofreu em decorrência da guerra e do refúgio.

Além disso, por meio da contratransferência o pesquisador pode identificar os efeitos das narrativas sobre sua subjetividade, o que me rendeu ricas e dolorosas sessões de análise. Afinal, “a história do pesquisador psicanalista não seria a mesma sem estas passagens e desvios pelos seus ‘objetos’ e pelas interpretações que suscitam.”¹⁹

5.2 Procedimentos

Inicialmente, os critérios de inclusão dos participantes da pesquisa foram definidos assim: (a) sírio, refugiado em decorrência da guerra civil atual; (b) adulto; (c) morar na cidade de São Paulo; (d) estar no Brasil há, pelo menos, três anos, período necessário para assimilar e, em alguma medida, elaborar o viver em terra estrangeira, aspecto relativo a última fase do refúgio. No entanto, os critérios “a” e “b” sofreram alteração. A justificativa para tal mudança apoia-se na relevância da narrativa da adolescente Amal, cujos contatos anteriores a entrevista

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ HEIMANN, P. (1950). On Counter-Transference. *J. Psycho-Anal.* 31. In: http://perso.wanadoo.es/quipuinstituto/Paula_Heimann/P_Heimann_1950_ingles.html Heimann, P. (1960). Counter-transference. *J. Med. Psychol.*, 33(9), 15J.

¹⁹ FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *J. Psicanál.*, v. 39, n. 70, São Paulo, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017. Acesso em: 14 jan. 2019.

não sinalizaram sua idade e no fato de alguns entrevistados – nascidos na Síria – se reconhecerem refugiados palestinos, uma vez que seus antepassados nasceram na Palestina e se refugiaram na Síria. Nesse último caso, têm validação jurídica dessa identidade: refugiado palestino, independente do país de nascimento. Os aspectos psíquicos dessa identidade legal tratados por outras disciplinas mostraram-se relevantes serão discutidos na análise das entrevistas. Com isso, os dois primeiros critérios de inclusão dos participantes da pesquisa ficaram assim: (a) pessoas nascidas na Síria, refugiados em São Paulo em decorrência da guerra civil atual; (b) adultos e adolescentes.

Chegar aos sírios foi bastante difícil. As ONG's que trabalham com essa população são refratárias à participação de refugiados em entrevistas. Alegam que estes são exaustivamente abordados por tantos profissionais interessados em suas histórias provocando assim, desgaste emocional. A princípio não captei a dimensão dessa situação. Só pude entendê-la quando emergiu na fala de uma entrevistada (Rawa), o que será demonstrado na seção intitulada *Sírios*.

Uma vez identificados, os participantes conheceram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e o termo pós-informado, por meio dos quais tomaram ciência dos moldes em que a pesquisa seria desenvolvida e conheceram o objetivo desse estudo. Os modelos desses documentos constam nos apêndices A e B. Com isso, busquei elucidar possíveis dúvidas como também obter, formalmente, a concordância de participação na pesquisa. Nesse momento, solicitei que atribuíssem um nome fictício que os representaria no texto. Metade dos entrevistados o fizeram. Os demais pediram para serem identificados pelo seu próprio nome. Para atender a este desejo, pedi que declarassem no TCLE.

Em função da dificuldade encontrada junto às ONGs, citada anteriormente, busquei outros caminhos para chegar aos sírios. O primeiro participante foi indicado por um refugiado africano motorista de aplicativo. Ao perceber seu sotaque falei da pesquisa e perguntei se conhecia algum sírio com quem poderia me colocar em contato. Assim cheguei a Mohammed, que prontamente aceitou conversar comigo. Disponibilizou-se para vir à minha casa (bem distante de sua moradia), o que não permiti, afinal o interesse surgiu de minha parte. Fiz questão de ir ao seu encontro, o que ocorreu em sua residência, como sugerido por ele. Entendo que Mohammed precisava falar, ser ouvido e, assim, validar sua experiência, pois, como citado anteriormente: “[...] a narrativa forja a capacidade de ficcionar aquilo cuja inscrição psíquica é

borrada pelo traumático.”²⁰ Na sequência, entrevistei Nassim e Rawa, refugiados palestinos nascidos na Síria. Ambos foram entrevistados na mesma data, porém, individualmente. Cheguei a eles por indicação de um importante pesquisador do Oriente Médio, alguém que conhece muitos refugiados que vivem em São Paulo. Ao conversar com esses participantes, me deparei com um aspecto até então desconhecido: a forte consciência de nacionalidade implicada na identidade do povo palestino que, para o bem e para o mal, sucessivos refúgios não destroem. Tanto Nassim quanto Rawa nasceram na Síria e lá moraram até o refúgio no Brasil. Nunca foram à Palestina, terra natal de seus antepassados, mas compartilham a esperança (ou a utopia) de um dia retomarem a esse território – ainda que nunca pisaram nesse solo. Em função de terem nascido e vivido na Síria até a eclosão da guerra civil, acrescentam um aspecto bastante importante para a compreensão do tema dessa pesquisa.

Somente oito meses após entrevistar Nassim e Rawa, tive acesso a outros participantes. Publiquei em minhas redes sociais que buscava essas entrevistas e uma amiga me passou o contato de uma senhora que ela achou que trabalhava com refugiados, o que não procedia. No entanto, essa senhora me indicou Rima, sua massagista, uma síria de 44 anos, que mora em São Paulo desde 2015. Com isso, retomei a coleta de dados. Em seguida, outra amiga me indicou uma síria que atendera em uma ONG, Amal. Apesar de essa amiga saber que meu foco era entrevistar adultos, para minha surpresa, no encontro face a face, constatei que Amal tem 16 anos. O conteúdo das conversas que antecederam a entrevista não levantou essa questão. De fato, se mostra muito mais madura do que costuma ser uma adolescente comum, que não passou pelos horrores de uma guerra. Contudo, à medida que a entrevista avançava, aspectos pertinentes a seu crescimento emergiram com bastante ênfase, aproximando Amal de adolescentes que não conhecem o refúgio objetivo. Muito receptiva, indicou sua mãe para participar da pesquisa e assim entrevistei Hanadi, 39 anos de idade, casada, mãe de três filhos.

De acordo com a ideia inicial, teria concluído as entrevistas. No entanto, um ano depois, a seis meses do prazo de entrega, conclui que ampliando o número de entrevistas poderia, talvez, perceber algo novo ou mesmo ampliar a compreensão de questões narradas nas primeiras entrevistas. Retomei as fontes de indicação e cheguei a Salam. Filho de refugiados palestinos, nascido na Síria, não atribui o mesmo peso que Nassim e Rawa colocam em sua origem. Está

²⁰ INDURSKY, A.C. Pensando as tramas e enlaces da clínica com refugiados. In: CONTE, B.S.; HENZEL, S. *Exclusão e inscrição psíquica: da escuta psicanalítica no social*. Porto Alegre: Evangraf, 2012. Disponível em: <<http://sig.org.br/wp-content/uploads/2015/04/Livro-Exclus%C3%A3o-e-Inscri%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2018.

no Brasil desde 2015 e tem 51 anos de idade. A última pessoa a ser entrevistada foi Anas, um homem de 33 anos de idade, solteiro. Conheci sua página em uma rede social e me apresentei. Prontamente, concordou em participar. Ao explicar o objetivo da pesquisa e os resultados esperados, seu interesse aumentou. Anas entende que tem a responsabilidade de lutar – com sua fala e por meio da escrita – pelos Direitos de todos os humanos que sofrem discriminação e não são vistos em sua singularidade. Em suma, no período que compreendeu setembro de 2018 a março de 2021, foram ouvidos uma adolescente e sete adultos.

A meu ver, a mudança dos critérios de inclusão dos participantes enriqueceu o universo da pesquisa à medida que a escuta do sujeito refugiado se deu também pela lente de uma adolescente e de pessoas que viveram sucessivos refúgios: os palestinos nascidos na Síria. Vale ressaltar que a participante Rawa era adolescente quando saiu da Síria, tinha 17 anos. Portanto, suas lembranças da guerra e do início do refúgio remetem à adolescência, o que amplia a compreensão da experiência em questão.

As entrevistas duraram, em média, duas horas. Sete foram gravadas e, na sequência, transcritas para posterior análise. Uma participante mostrou desconforto em relação a gravação, o que foi substituído por anotações. Optei por não disponibilizar na íntegra o conteúdo das entrevistas. A ideia é proteger algumas particularidades da vida dos entrevistados. Até porque quando participantes decidem revelar a identidade faz-se necessário ampliar os cuidados. Em relação a entrevista realizada à distância, entendi desnecessário gravar a imagem. Somente o áudio foi gravado para posterior análise.

Isso posto, é importante registrar que, tendo observado as normas que asseguram a aplicação da ética na realização de pesquisas com seres humanos no Brasil, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC, em 30 de novembro de 2018, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 01373818.0.0000.5482.

6 OS SÍRIOS

*Mesmo quando tudo parece desabar,
cabe a mim decidir entre rir ou chorar,
ir ou ficar, desistir ou lutar, porque descobri,
no caminho incerto da vida,
que o mais importante é o decidir.*
Cora Coralina

Esta seção apresenta o relato dos sírios entrevistados e a discussão desse material à luz da psicanálise. Os oito entrevistados constituíram um grupo heterogêneo em relação a variadas características. Entrevistei homens e mulheres, adolescente e adultos, solteiros, casados e separados. A diversidade também foi observada em relação ao grau de instrução, como nível médio em andamento ou concluído e algumas pessoas com formação superior, em artes e agronomia. Desse modo, pude conhecer os desdobramentos da violência da guerra, do refúgio e a inserção na nova cultura à luz da singularidade dos entrevistados. A maioria chegou ao Brasil no ano de 2015, pico do refúgio de sírios quando a guerra estava bastante intensa. Alguns vieram sozinhos e outros com a família. A maioria não tinha contato com a colônia síria instalada há muitas décadas em São Paulo. Dois motivos foram determinantes na escolha do Brasil como destino do refúgio: o visto humanitário concedido pelo país e a segurança que a viagem oferece, pois exclui a travessia em precárias embarcações marítimas.

Os participantes da pesquisa têm em comum a desorganização da vida instalada pelos horrores da guerra, o sofrimento desencadeado pelo refúgio e os desafios que a inserção na nova cultura apresenta. Para mais, partilham a esperança na reconstrução da vida em um território seguro.

Todos falam português e se comunicam com facilidade, exceto um participante que não apreendia parte do que eu falava. Nesse caso, contei com um jovem sírio, amigo do entrevistado, para traduzir alguns trechos da entrevista. O tradutor mora no Brasil há aproximadamente sete anos e estuda na Unicamp, portanto, tem fluência em português. Muitos psicanalistas adotam a participação de um intérprete na clínica psicanalítica transcultural. Na França, por exemplo, esta prática é adotada pela psicanalista Rose Marie Moro, espanhola que migrou da Espanha para Paris. Geralmente é um migrante da mesma nacionalidade do paciente. É previamente orientado para preservar o sentido das palavras, não interferir e traduzir tudo que

o paciente falar – dentro do possível. Como a entrevista de pesquisa não tem o mesmo propósito da sessão psicanalítica, o tradutor foi orientador pouco antes da entrevista. Algo similar é realizado pela Sociedade Brasileira de Psicanálise, de São Paulo, no atendimento de famílias refugiadas.

Como anteriormente informado, sugeri aos entrevistados escolherem um nome fictício para preservar o anonimato. Desse modo, pretendia também seguir a legislação que regula a pesquisa com seres humanos no Brasil. Contrariando a habitualidade local, metade do grupo dispensou a oferta. Um dos participantes reagiu do seguinte modo: “[...] gosto de meu nome e assim quero ser chamada. Não abro mão disso”. Adotar um nome fictício provavelmente aumentaria a confusão em torno do que está nebuloso: a identidade. Há controvérsia sobre o uso desse termo no campo psicanalítico. No entanto, entendo que identidade é um termo bastante apropriado para referir-se à singularidade, o que se dá a partir dos processos de identificação. Em consonância com Mezan, entendo identidade como “aquilo por meio do qual nos reconhecemos como ‘nós mesmos.’”¹

As falas foram reproduzidas sem alteração respeitando, assim, a singularidade dos novos falantes da língua portuguesa. Escolhi apresentar as histórias considerando a ordem em que as entrevistas aconteceram, da primeira entrevista com Mohammed – realizada em setembro de 2018 – até a mais recente com Anas, ocorrida em março de 2021. Esta última entrevista foi realizada por meio de uma plataforma eletrônica, em função do isolamento social imposto pela pandemia da covid-19.

Antes de apresentar a narrativa dos entrevistados recorro a ideia defendida por Renato Mezan, no livro *O tronco e os ramos*. “Todo estudante de psicanálise, num momento ou noutro de sua trajetória, vem a experimentar uma curiosa sensação de vertigem.” Nesse momento abandona a ilusão de “[...] formar sem muita dificuldade um quadro coerente da teoria psicanalítica, defronta-se um belo dia com a contestação escandalosa: os psicanalistas não falam a mesma língua!”² À luz dessa compreensão as reflexões sobre a narrativa dos entrevistados foram elaboradas sem o compromisso de seguir exclusivamente uma matriz psicanalítica. Portanto, a depender da formação do leitor pode causar vertigem.

¹ MEZAN, R. *Sociedade, cultura e psicanálise*, cit.

² MEZAN, R. *O tronco e os ramos: estudos de história da psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p.21.

A seguir, apresento os entrevistados, o relato individual dos refugiados sírios que participaram do estudo e minhas reflexões sobre a experiência de refúgio.

Quadro 2 – Apresentação dos entrevistados

Nome	Mohammed	Nassim	Rawa	Rima	Amal	Hanadi	Salam	Anas
Idade	39 anos	29 anos	23 anos	44 anos	16 anos	39 anos	51 anos	33 anos
Sexo	Masculino	Masculino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino
Estado civil	Separado	Solteiro	Solteira	Solteira	Solteira	Casada	Casado	Solteiro
Naturalidade	Damasco	Damasco	Homes	Latakia	Idlib	Idlib	Damasco	Damasco
Escolaridade	Nível médio	Nível médio	Técnico em cinema	Superior	Nível médio (em curso)	Fundamental	Superior	Superior
Religião	Mulçumana	Mulçumana	Mulçumana	Não tem, mas acredita em Deus	Mulçumana	Mulçumana	Mulçumana	Mulçumana
Data de saída da Síria	2012	2011	2014	2015	2011	2011	2012	2012
Primeiro país de refúgio	Arábia Saudita	Líbano	Turquia	Brasil	Jordânia	Jordânia	Líbano	Líbano
Chegada ao Brasil	2015	2015	2015	2015	2015	2015	2015	2015
Ocupação profissional na Síria	Comerciante	Técnico de ar-condicionado	Estudante	Engenheira agrônoma	Estudante	Dona de casa	Empresário, comerciante e artista plástico	Jornalista
Ocupação profissional no Brasil	Motorista de aplicativo	Garçom	Cineasta e agente cultural	Massoterapeuta	Estudante	Dona de casa	Empresário e artista plástico	Promotor de eventos culturais, perfumista e palestrante
Data da entrevista	12/2018	05/2019	05/2019	01/2020	02/2020	02/2020	01/2021	03/2021

6.1 Mohammed

“Senti raiva e nojo do povo e dos Governos árabes. [...].

Eu estava com raiva de mim mesmo que sou árabe”.

Mohammed

Natural de Damasco, Mohammed tem 39 anos de idade, dois irmãos e chegou ao Brasil há cinco anos. Em decorrência da guerra, sua irmã migrou para Omã com a família, pois o marido tem nacionalidade omani. Seu irmão está desaparecido desde que ingressou no Exército por convocação do Governo, no auge da guerra. Seus pais continuam morando na Síria. Mohammed concluiu o ensino médio e fala inglês com fluência. Na época dessa entrevista, trabalhava como motorista de aplicativo. Contudo, logo que chegou ao Brasil trabalhou como operador de máquinas em fábricas de laticínios no Sul do país.

Ao perguntar como o refúgio surgiu em sua vida, ele respondeu: “Saí da Síria para não matar. [...] não quero matar ninguém. A revolução não estava armada naquele momento, então, escolhi sair da Síria”. Diz isso porque temia ser convocado pelo Governo para servir o exército e, então, enfrentar os insurgentes, como aconteceu com seu irmão. Diante dessa perspectiva, entendeu que tinha duas opções: lutar contra os civis ou sair da Síria para proteger sua vida e a de seus conterrâneos, em suas palavras:

— Eles vão me chamar com força para entrar no exército e já imaginava eles me mandando matar o povo sírio que é contra o governo. Então, eu vou fazer pedido dos chefes, pedido do exército. Se me chamam vou ter duas opções: matar o povo civil ou os chefes do exército vão me matar porque eu estaria contra o Governo.

Diz ainda que a população civil lutava pelo que ele também deseja: liberdade, o que somente entendem possível com a queda do governo de Bashar Al-Assad. Mesmo em meio ao caos, com muitas limitações, Mohammed fez uma escolha: o refúgio. Assim, ao se deparar com uma situação extrema (a guerra) sua singularidade se expressou.

Antes de vir para o Brasil, viveu por dois anos na Arábia Saudita. Relata que durante esse período sofreu intensamente, pois foi explorado e tolhido de sua liberdade. As empresas retêm os documentos dos trabalhadores estrangeiros e estes ficam impossibilitados de deixar o país, como ocorreu com Mohammed que não tinha meios legais para rescindir seu contrato de trabalho. Quando esse contrato expirou foi convidado a renová-lo, mas sem possibilidade de aumento salarial, o que não entendeu justo. Em sua percepção: “[...] não quiseram aumentar meu salário porque eles sabem que quem é da Síria não vai voltar porque lá tem guerra. Daí não gostei desse jeito que eles queriam fazer com força”. Então, decidiu deixar a Arábia Saudita e mudar-se para “um país bem distante do Oriente Médio”.

Em suas pesquisas na internet apurou que a maioria dos países, inclusive os vizinhos, concede visto de turista aos sírios. Esse tipo de concessão restringe o modo de vida em diversos aspectos, como constatou Mohammed: “[...] não pode comprar carro, casa, nada. Só gasta seu dinheiro e depois volta para a Síria. Aí que fiquei com raiva dos países árabes”. Em relação aos países do Oriente Médio, diz: “São países muito grandes e ricos. Eles fazem assim, mesmo os sírios tendo a mesma religião e língua que a deles! Fiquei com raiva e nojo dos *árabes e dos governos*” (grifo nosso)¹. Reclama incisivamente da insensibilidade desses países que apesar da proximidade cultural e geográfica não acolhem os refugiados sírios, como mostra sua fala:

— *Omã, Dubai é tudo a mesma coisa. Imagina todos os países árabes precisa de visto para os sírios. Mesmo sangue, religião, comida, clima, imagina! Mas, quando a pessoa tem cidade que não é de país árabe é sempre bem-vindo na maioria dos países árabes.*

Ao perguntar por que era tratado desse modo em um país árabe, respondeu:

— *Eu acho que é uma organização por trás, acho que são os maçons que se juntam para roubar os países árabes. Não quero entrar nesse negócio, mas coisas de maçons para quebrar e roubar os países árabes. Todos os presidentes, com o apoio dos maçons, querem controlar e roubar o mundo. Eles não querem dinheiro, mas querem poder. O Brasil também rouba o povo. É um país rico, mais rico do que os países árabes: tem verdura, água. Mas, os presidentes roubam.*

¹ Ao falar ‘árabes’ refere-se a elite local, pequena parcela da população que concentra parcerias comerciais com o governo, como fornecedores de produtos e serviços em variadas áreas da economia.

Nessa mesma pesquisa verificou que somente Turquia e Brasil aceitavam o ingresso de sírios para viver como um local. Então, diz: “Eu escolhi o Brasil porque é mais longe. A Turquia fica em cima da Síria”.

Em seguida, ao buscar a embaixada brasileira, foi questionado por que não iria para a Alemanha que é um país rico e oferece “salário e vida boa”. Mohammed respondeu: “Não estou procurando dinheiro. [...] não estou procurando ajuda de ninguém. Eu só quero viver livre. [...]”. Essa fala me remeteu a Hanna Arendt ao discorrer sobre sua própria experiência no refúgio:

Se formos salvos sentimo-nos humilhados e se formos ajudados sentimo-nos degradados. Lutamos como doidos por existências privadas com destinos individuais, uma vez que temos medo de nos tornarmos parte desse conjunto miserável de *schnorrers*² de quem, muitos de nós antigos filantropos, nos lembramos bem.³

Mohammed entrou no Brasil por São Paulo. Seu desembarque em Guarulhos já denota uma sensação de desamparo:

— *Não entendia e não falava nada em português e aqui não fala inglês. Eu estava no aeroporto e ninguém falava inglês. Fiquei bem doido porque se no aeroporto internacional ninguém fala inglês pensei como vou sair do aeroporto agora. Vou ficar perdido até achar uma pessoa [...]. Um brasileiro que estava fora do Brasil me ajudou. Arrumou um taxi para mim.*

A primeira impressão da cidade foi perturbadora. Estranhou a vagabundagem das ruas do Bexiga, bairro que o abrigou inicialmente. Sentia-se muito desconfortável com “homens fortes que vinham pedir cigarro”. Algo inconcebível para ele, pois orgulha-se de ser independente e prover suas necessidades. O barulho das madrugadas boêmias do bairro o levou a dormir dentro do carro, por algumas semanas, em um posto de gasolina distante de sua casa,

² Em iídiche significa mendigo. Em alemão – origem do termo – era usado para caminhoneiros que pediam pequenos objetos sem qualquer intenção de devolvê-los. Apesar de parecido, o termo é usado com significados distintos nestes idiomas.

³ ARENDT, H. *Nós, os refugiados*. Covilhã: LusoSofia: press, 2013, p. 7. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20131214-hannah_arendt_nos_os_refugiados.pdf. Acesso em: 21 mar. 2017.

pois precisou afastar-se do estranho barulho. Além disso, enfrentou dificuldade para conseguir o visto brasileiro e não obteve apoio da comunidade síria. Em suas palavras: “Os árabes daqui ninguém quer ajudar ninguém. Quando achei algum para me ajudar me pediu dinheiro porque iria perder um dia para resolver. Fiquei com mais raiva”. Mohammed diz não entender como pessoas, que viveram o mesmo que ele, não conseguem se sensibilizar com sua situação. Em função disso, diz: “senti raiva e nojo do povo e dos Governos árabes. Me afastei de todo árabe, até no *facebook*. Se era árabe ou descendente eu bloqueava”. Disse ainda: “Eu estava com raiva de mim mesmo que sou árabe”.

Com o objetivo de receber apoio para obtenção de documentos recorreu a uma ONG com reconhecida atuação junto a refugiados. No entanto, o auxílio que podiam oferecer nesse sentido levaria muito tempo até obter algum resultado. Essa longa espera era inviável, pois precisava trabalhar. Ficou sabendo que o escritório da Polícia Federal (PF) em Santos é menos movimentado que o de São Paulo. Então, dirigiu-se a Santos na esperança de agilizar sua documentação. No entanto, não tinha como comprovar residência no país e, por isso, foi impedido de prosseguir com a solicitação de documentos. Frustrado com a situação, após várias conversas com os agentes da PF, considerou desistir e retornou à rodoviária para embarcar de volta a São Paulo. Muito irritado, começou a gesticular e falar sozinho, de modo agressivo. Nesse momento um homem se aproximou para oferecer ajuda, mas inicialmente Mohammed não conseguiu ouvi-lo, como relatado abaixo:

— Então, estava com muita raiva na rodoviária. Estava maluco, xingando. Daí um brasileiro lá me perguntou se estava tudo bem. Eu o xinguei em árabe porque não entendia o que ele estava falando. Daí ele disse para eu falar em inglês. Então, perguntei o que ele queria: cigarro? Eu estava com raiva. Ele disse que não. Queria saber se alguém me assaltou. Eu falei que sou da Síria e não estava conseguindo os documentos. Ele me acalmou, me deu café e perguntou se eu queria dinheiro. Ele queria me ajudar. Disse para ele que tinha dinheiro, mas preciso documentos.

Contudo, logo Mohammed sentiu-se acolhido ao ouvir do rapaz que forneceria seu endereço para facilitar a obtenção dos documentos, como conta a seguir:

— *Calma cara. Seu problema agora é comprovante de endereço. Me deu o WhatsApp dele e disse ‘amanhã é minha folga, vou com você e vamos mentir na PF. Vou dar minha conta de luz e vamos avisar a PF que nós somos amigos no facebook há quase um ano e como você quer ser refugiado no Brasil eu disse para você que pode morar em minha casa. Vou te ajudar e você consegue um serviço para morar sozinho porque sou casado e tenho dois filhos.*

Mostra-se grato e muito feliz com a ajuda recebida. Diz que foi Deus quem o enviou, pois se não tivesse conseguido a documentação, lhe restaria retornar à Turquia. Para mais, de posse do visto humanitário – que legaliza sua permanência no Brasil – sente-se livre, como retrata sua fala:

— *É que eu queria muito a cidadania brasileira. Se eu precisar viajar agora eu não preciso de visto árabe. Se eu algum dia em quiser voltar para a Arábia Saudita, eu nunca vou fazer isso, mas se fizesse, tudo bem. O dono da firma não tem nem como pensar em pegar meu passaporte. [...].*

Contudo, mesmo de posse dos documentos, não conseguiu trabalho em São Paulo. Por isso, como citado acima, morou no Paraná e Santa Catarina. Nesses locais trabalhou como operador de máquinas, atividade realizada a partir do emprego de muita força física. Isso lhe rendeu uma cirurgia na coluna, no entanto, sente orgulho porque fez a cirurgia na rede pública de saúde e diz “aqui tenho praticamente todos os direitos que um brasileiro tem. Posso fazer o que quiser”.

Após aproximadamente dois anos no Sul, retornou à cidade de São Paulo. Relatou que o fez porque “tenho CNH⁴ brasileira. Trabalho no transporte”. Conta que fez o ensino fundamental no Brasil para aprender o idioma e que agora seu objetivo é continuar estudando e trabalhar em algo cujo rendimento vá além de prover sua subsistência, senão, diz Mohammed: “morrer é melhor para mim” (risos). A contragosto, por necessidade econômica, divide apartamento com mais dois sírios. Justifica dizendo: “Eu tenho uma doença na cabeça que eu gosto de fazer limpeza. Não gosto de lixo no chão. Nunca morei com ninguém por isso”. Diz que ficará no Brasil em definitivo porque valoriza “a liberdade de falar o que quiser, entrar e sair em qualquer lugar”.

⁴ Carteira Nacional de Habilitação.

Quando morou no Sul casou-se com uma brasileira cuja conversão ao Islamismo aconteceu antes de conhecê-lo. Viveram “três meses e 40 dias”. Sofreu profundamente com a separação, pois disse que se casou para permanecer casado, mas percebeu que diferente da Síria, no Brasil, nem sempre esse é o objetivo de quem se casa.

Entretanto, reconhece algumas dificuldades no viver no Brasil:

— *É sobre a mulher. Eu não consegui achar a mulher certa, por exemplo. Ninguém quer nada sério aqui. Cada uma fala ‘vamos curtir, vamos, sei lá’. Às vezes aparece mulher casada. Aqui está muito complicado (risos). Em nossa cultura a gente casa, não é para curtir. É para construir família, casa, filho [...]. Aqui não tem casamento, na verdade. Como o árabe brasileiro falou para mim. Aqui namora, curte e acabou, a próxima (risos).*

Entendo que tal dificuldade foi ampliada à medida que o casamento foi percebido por Mohammed como um meio de formar vínculos e, assim, amenizar os efeitos do desenraizamento. Assim, o término do breve casamento em solo brasileiro foi mais um luto a intensificar seu desamparo.

*

O relato de Mohammed me remeteu a estreita relação entre a intensidade das pulsões e a integridade do ego, apresentada por Melanie Klein no artigo *Notas sobre alguns mecanismos esquizoides*, publicado em 1946. Em sua clínica com crianças pequenas Klein observou que o desenvolvimento psíquico ocorre de forma não linear, em oposição a ideia de progressão das fases psicosssexuais descritas por Freud. Contudo, integra a sua teoria elementos psíquicos que caracterizam as fases evolutivas do psiquismo freudiano, por exemplo, ao reconhecer o incremento produzido pela libido (oral, anal e fálica) em relação pulsão agressiva que povoa a mente na tenra idade. Klein reconheceu duas posições psíquicas entre as quais o sujeito pode transitar ao longo da vida ainda que a posição esquizoparanóide (do nascimento ao quarto mês de vida) preceda a posição depressiva.

Ao descrever a posição esquizoparanóide reconheceu a presença de um ego rudimentar desde os primórdios da vida psíquica o que a levou a afirmar que a relação objetal é inaugurada na primeira mamada. A relação entre o ego pouco organizado e o objeto sobre o qual não tem controle, intensifica a percepção da pulsão de morte, “[...] a violência dos instintos, das emoções e dos conflitos precoces entre forças antagônicas. Uma intensidade de afetos e impulsos desproporcional à capacidade de contenção e organização do psiquismo infantil.”⁵ Assim, quando o seio é percebido como gratificante e amoroso o objeto bom é introjetado e o bebê sente-se seguro e acolhido. No entanto, quando esse mesmo objeto mobiliza sentimentos hostis como agressividade e frustração é introjetado como seio mau, fonte de persecutoriedade e ameaça à integridade do ego. Então, para não sucumbir a complexidade das forças que operam no em seu interior, cinde o objeto em dois: o seio bom (que gratifica), representante da pulsão de vida e seio mau (frustrador), representante da pulsão de morte. Assim, quando o seio é percebido como gratificante e amoroso é introjetado como objeto bom e o bebê sente-se seguro e acolhido. No entanto, quando esse mesmo objeto mobiliza sentimentos hostis como agressividade e frustração é introjetado como seio mau e leva o bebê projetá-lo (de volta ao ambiente externo) na tentativa de aplacar as angústias primitivas. Por meio de phantasias inconscientes o bebê ataca o objeto ameaçador com a finalidade de aplacar tais angústias e minimizar o desamparo. À medida que o objeto é cindido o ego é percebido de igual modo em função da dinâmica estabelecida pelos mecanismos de introjeção e projeção. Desse modo, o psiquismo do sujeito na posição esquizoparanóide se movimenta intensamente por meio da persecutoriedade que sua integridade. Nessa direção Mezan afirma:

Freud e Klein mostraram que a fantasia de perseguição nasce da projeção sobre outra pessoa da violência própria à mente infantil: ela nada mais é que a figuração do revide que, agredido pelos ataques imaginários do sujeito, o seio materno não deixará de assacar contra ele, e constitui uma defesa contra a ideia de abrigar em si impulsos de morder, despedaçar, explodir, envenenar e matar o objeto.⁶

Klein entende que a posição esquizoparanóide, como: (a) uma etapa normal do desenvolvimento humano comum a todos os bebês, independente da cultura em que vivem; (b)

⁵ CINTRA, E.M.U.; FIGUEIREDO, L.C. Melanie Klein: estilo e pensamento. São Paulo: Escuta, 2010, p. 59.

⁶ MEZAN, R. *Sociedade, cultura e psicanálise*. São Paulo: Blucher, Karnac, 2017, p. 220.

um ponto de fixação de psicoses e estruturas esquizoides decorrente da dificuldade de ingressar na posição depressiva ou elaborar as ansiedades característica desta posição; (c) um movimento de regressão temporária que pode ocorrer a qualquer momento, independentemente de um caráter evolutivo, diante de uma experiência traumática ou intensa dor psíquica o que entendo ocorrer com Mohammed ao se deparar com a burocracia e outros limites que se impuseram sobre seus desejos.

Na iminência de deixar o Brasil Mohammed é tomado por intensa raiva e desamparo. Submerge em fantasias persecutórias as quais projetou no homem que lhe interpelou, pois entendeu que seria “*mais* um homem forte” que ao invés de trabalhar, o exploraria pedindo cigarro. Nesse contexto, o xingamento dirigido ao transeunte pode ser compreendido como um ataque oral, expressão da agressividade desencadeada pela frustração imposta pelo seio mau. Xingar, portanto, foi a maneira encontrada para dar vazão aos impulsos primitivos de morder, retaliar, estragar ou anular o objeto ameaçador, aquele que não atende às demandas de Mohammed. No entanto, em seguida, teme ser atacado de volta pelo objeto que sofreu com seu sadismo, então, é tomado pela *angústia de aniquilamento*. Para aliviar tal angústia a projeta (de volta ao objeto) por meio de ataques agressivos. De modo semelhante reagiu a proibição de seu ingresso em alguns países árabes ao fantasiar um conluio entre maçons e governos contra o povo sírio. Segundo Klein, a angústia persecutória:

[...] surge da operação da pulsão de morte dentro do organismo, é sentida como medo de aniquilamento (morte) e toma a forma de medo de perseguição. O medo do impulso destrutivo parece ligar-se imediatamente a um objeto, ou melhor, é vivenciado como de um incontrolável objeto dominador⁷.

Na vida adulta esse funcionamento psíquico é retomado na relação com variados objetos em decorrência de experiências que promovem vulnerabilidade e intensa dor psíquica. Apoiada nesse modelo, entendo que o refúgio pode levar o sujeito a regredir à posição primeva de um psiquismo arcaico, como observei em Mohammed ao desconsiderar a historicidade dos conflitos de sua região de origem e projetar nas barreiras migratórias a persecutoriedade atribuída a um complô organizado contra os sírios, como mostrado em sua fala. No refúgio muitas pessoas

⁷ KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: _____. Inveja e gratidão e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 23.

tomam a forma de perseguidor. A raiva e a indignação, provocadas por Bashar Al-Assad, presidente da Síria, são projetadas em pessoas ou situações que parecem remeter a castração impingida pelo governo que suspendeu a vida dos sírios.

Em consonância com a teoria de Klein, entendo que Mohammed percebe o Brasil como um objeto cindido. Enquanto seio bom aparece na obtenção da cidadania brasileira, percebida como um passaporte para a liberdade e a inclusão na cultura, pois imagina que de posse desse documento poderá mover-se pelo mundo com autonomia, ou seja, sem impedimento para cruzar as barreiras legais impostas aos sírios. Diz que a partir desse momento, não será explorado pela elite econômica dos países árabes, seus possíveis empregadores, caso retorne a sua região de origem. Em sua fantasia, a cidadania brasileira o resgatará da condição de estrangeiro e o libertará do estigma atrelado a sua nacionalidade. Conseqüentemente, o desamparo sentido ao deixar a Síria ou na chegada a São Paulo será diminuído. Por outro lado, o seio bom e idealizado mobiliza raiva quando o ego se dá conta de sua dependência para obter o leite desejado, como a ajuda que gostaria de receber da ONG e de imigrantes árabes estabelecidos no Brasil, além do próprio visto humanitário que o legalizou no Brasil.

6.2 Nassim

“Não penso na casa onde eu morava, nasci e cresci.

Claro que sinto falta, mas não penso.

Depois de um tempo você entra em outra vida.

Ficou longe de lá”.

Nassim

Solteiro, 29 anos de idade, é o único filho homem de um casal com cinco filhos. Nassim morava em Damasco, cidade onde nasceu, mas se reconhece palestino. Seu avô nasceu na Palestina e refugiou-se na Síria na ocasião da divisão do Estado Palestino. Portanto, seu pai já nasceu na Síria e, como Nassim, nunca foi a Palestina. Tem duas irmãs casadas com refugiados palestinos nascidos na Síria, uma tem 34 e a outra, 32 anos de idade. As irmãs solteiras são estudantes e moram com os pais, atualmente no Líbano. Uma tem 30 e a outra tem 16 anos de idade. Apesar de jovem não temia ser convocado para integrar as forças armadas, ao contrário de Mohammed, como mostrado na entrevista anterior. Como é o único filho do sexo masculino,

o Governo não pode convocá-lo para a guerra. Observo que alguma norma ainda permanece intacta em meio ao caos que domina a Síria, em especial as relacionadas a religião.

Chegou ao Brasil em 2015 e logo aprendeu o idioma local. Até então, falava inglês, além do árabe, naturalmente. Assim que atingiu desenvoltura para se comunicar em português começou a trabalhar e mantém-se nesse emprego. É garçom em um restaurante que emprega refugiados das mais diversas nacionalidades. Nos últimos anos é o único que trabalha na família, pois seu pai já tem idade avançada. Em decorrência disso, boa parte de sua renda é enviada a seus genitores.

Sobre a guerra, conta que o caos foi se intensificando aos poucos, até chegar o momento em que ficou insustentável permanecer no país, visto que não conseguia transitar com segurança pelas ruas de Damasco. Em suas palavras: “Quando a guerra começou fiquei com medo por causa de minha família, tinha medo de perdê-los. Na hora que eles saíram foi bom. Fiquei normal, passeava no meio de tudo aquilo. Mas, chegou em um limite que não deu mais.” A gota d’água veio quando não conseguia mais se deslocar até o trabalho. Nesse momento, decidiu sair do país. Em 2011 mudou para o Líbano quando se reencontrou com sua família.

Diz que na Síria “está tudo caído por causa da guerra. Olha para os prédios e está tudo furado de buraco por causa das bombas, dos tiros. [...]. Essa guerra vai ser longa. Não vai acabar muito fácil. Vai diminuir, mas ainda dura uns três anos”. Vários amigos de Nassim morreram durante a guerra. Outros, assim como seus primos, se espalharam por diferentes países. Cada um escolheu o país de refúgio a partir de critérios individuais, em especial, da expectativa formada sobre o que o novo lugar poderia (talvez) oferecer. Nassim decidiu refugiar-se no Brasil motivado pelo tipo de viagem que o conduziria até aqui, como conta: “Foi mais fácil vir para cá. Bem normal pegar um avião. Do Líbano desci em Dubai e peguei outro avião para o Brasil. Não tinha aquelas coisas perigosas de ir para a Europa e morrer no mar.” A seguir, discorre sobre sua saga até chegar ao Brasil:

— *Tinha muita gente saindo do Líbano e muitos amigos e primo me chamou para ir para a Europa. Disse não, pois é difícil entrar nesses países e não sei como vão tratar a gente. Meu amigo disse ‘vamos tentar um visto no consulado do Brasil em Beirute’. Falei: será que é fácil pegar assim? Ninguém está aceitando refugiados palestinos. Daí tentamos. Na primeira vez não consegui. Me pediram muita coisa. Mas, aceitaram meu primo, então, veio sozinho. Tentei de novo e deu certo. Seis meses depois vim atrás dele. Cheguei aqui e senti um país diferente, com designer, artistas, mas também tem morador de rua, coisa que na Síria nunca teve. É muito diferente: o metrô, a língua.*

O primo a quem se referiu acima, o abrigou em sua primeira noite em São Paulo. No dia seguinte, o conduziu a uma ocupação que acolhe refugiados de diversas nacionalidades. Algo novo para Nassim que “não sabia o que significa ocupação. Mas, foi legal. Eu gostei de lá. Tinha um lugar quentinho para dormir, não fiquei embaixo de chuva. Não paga nada para ficar lá. Está ótimo. Não saí do meu país para passear ou gastar dinheiro.” Permaneceu seis meses nessa ocupação. Em seguida, foi morar com um grupo menos numeroso, constituído por refugiados e brasileiros. Reconhece que “não é muito fácil conviver com ninguém. As pessoas pensam diferente.” Contou que os primeiros meses no país foram muito difíceis, principalmente por sentir falta da família. “No começo, três, quatro meses, senti muita falta. Mas, passou um ano, dois anos, já estou acostumado”. Afirma que hoje gosta de viver em São Paulo.

Após um ano no Brasil, tentou visitar sua família no Líbano, contudo, não conseguiu entrar no país. Voltou de Dubai, onde fazia conexão para o Líbano. Foi uma experiência traumática, como revela sua fala:

— *Cheguei até Dubai e não me deixaram embarcar no avião para o Líbano porque sou palestino. Não aceitam palestino lá. Dormi três dias lá tentando sair para outro lugar e chegar até minha família. Não deu certo, então, voltei para cá. Foi muito difícil. Minha mãe foi internada em um hospital no mesmo dia. De coração, de tristeza. Eu também passei mal de tristeza no aeroporto. Fiquei a viagem toda, quase 11 horas, vomitando e com dor de barriga. Chegando aqui fiquei mal quase duas semanas, depois passou. É muito difícil faltar só três horas para ver sua família que já faz tempo que não ver eles e não conseguir entrar. E Líbano é um país árabe. No Brasil aceita o mundo inteiro. Por que isso? Eles falam a mesma língua que eu falo, temos a mesma religião, o mesmo problema e eles não aceitam.*

Ao reerguer-se desse episódio voltou a juntar dinheiro e buscar outros meios para entrar no Líbano. Rever sua família é seu objetivo em curto prazo. Pretende melhorar sua situação financeira para constituir uma família, o que ainda entende distante porque mantém, financeiramente, a família de origem. Diz que sua futura esposa pode ser de qualquer nacionalidade, pois isso não é um problema para ele.

Ao perguntar sobre sua religião disse: “sou mulçumano, sunita. Mas, para mim mulçumano é tudo igual, mas as pessoas falam de seitas. Desculpa não quero falar de religião. É uma coisa complicada.”

Ao longo da entrevista, em diversos momentos, percebi em Nassim certa inibição ao falar das diferenças culturais que lhe causam algum mal-estar, por exemplo, ao dizer que se assusta com o modo como o brasileiro se veste e com o fato de comer carne de porco. Logo em seguida se retrata dizendo que entende perfeitamente tais diferenças, pois a religião local permite tais hábitos. Prossegue ressaltando que a maioria dos brasileiros é bacana porque conversa com estrangeiros. Tece elogios à beleza natural do país e novamente mostra-se assustado diante das diferenças culturais, em especial em relação aos moradores de rua, diz: “Meu país tem guerra, meu país não é pobre, mas também não é rico, mas não tem ninguém dormindo na rua, usando droga. Não tem assalto, violência”. Por fim, encerra sua fala dizendo que convive bem com tais dissonâncias culturais.

Entendo que ao apontar aspectos negativos do Brasil, é tomado pelo sentimento de culpa, já que em sua fantasia atacou o seio bom: o país que lhe deu *um lugar quentinho para dormir*. Como um bebê que teme ser retaliado ao ferir o objeto, Nassim faz uma reparação ao exaltar as qualidades do país e justificar as diferenças que o incomodam. A inibição se repetiu quando perguntei sobre sua religião.

*

Muitos elementos emergiram no relato de Nassim. Escolhi discutir o modo como a herança psíquica participou da construção de sua subjetividade.

Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1912), Freud mostra a dupla borda sobre a qual a psique, suas instâncias e ramificações se apoiam na relação entre o Eu (neurótico) e o outro. Especificamente, na segunda tópica do aparelho psíquico apresenta o Eu como: (a) uma

instância herdada do narcisismo dos pais; (b) resultado das identificações da criança com seus pais e/ou seus substitutos (professores, outras figuras parentais), e; (c) ainda com os ideais coletivos. Esses três aspectos emergiram no relato de Nassim como pode ser observado ao longo dessa análise.

De acordo com Freud a chegada de um filho reaviva o narcisismo dos pais. Assim, atribuem ao herdeiro características supra valorizadas e suprimem os traços menos valiosos. Delegam a realização de seus desejos e aspirações aos filhos.⁸ À vista disso, ao nascer cada indivíduo traz consigo algo que começou a ser transmitido desde o momento de sua concepção (sonhos, crenças, fantasias, temores, afetos) quando já havia uma comunicação entre o psiquismo da mãe e o psiquismo do futuro bebê. O sujeito, então, se constitui a partir das gerações que o antecederam. A interação entre o psiquismo da díade mãe-bebê é continuada após o nascimento, pois o novo ser precisa de uma matriz psíquica (biológica e cultural também) por meio da qual se fará singular. As experiências psíquicas, no entanto, formam-se na interação do espaço psíquico e subjetivo de um sujeito com o outro e, concomitantemente, de uma geração para outra, representado na psique desde a formação da pulsão.⁹

Cada família elegerá os canais de comunicação para transmitir seu legado. No início, a transmissão ocorre por meio do afeto e cuidados físicos dispensados ao bebê. A cada interação a transmissão dessa herança se intensifica. Rituais e mitos familiares, a língua, mecanismos de defesa, idealização, entre outros conteúdos psíquicos, são transmitidos e adquirem significado. A herança psíquica estabelece parâmetros na relação familiar ao mesmo tempo em que serve de referência identitária. Quando a mãe transmite ao bebê o que aprendeu com sua mãe, que por sua vez aprendeu com sua avó, como a culpa e o tabu, torna-se difícil identificar o ponto de origem da *transmissão intrapsíquica entre gerações*.¹⁰

Com o passar do tempo as trocas avançam na direção de regras educativas. A essa altura já não me refiro ao bebê. Penso na criança as voltas com a conflitiva edipiana. Angustuada entre o desejo incestuoso e o temor a castração percebe que violar a lei sagrada (a proibição do incesto) pode custar sua integridade. Mas, é a interdição do incesto abre espaço para a

⁸ FREUD, S. (1914/1988). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In: _____. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Tradução Jayme Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

⁹ KAËS, R. *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

¹⁰ FREUD, S. (1913/1995). Totem e Tabu. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

identificação com as figuras parentais. Nesse sentido, a psicanalista Maria Cecília de Anhaia Mello afirma:

A identificação procede desse duplo e o transgeracional, é no seu princípio, essa troca de identificações com os objetos parentais, particularmente evidente no estabelecimento do superego, o que permite pensar os excessos de um processo, ele mesmo constitutivo do humano.¹¹

Vale lembrar, o superego é fundado pelas experiências que levaram ao totemismo, portanto, remete à ancestralidade. No texto *Totem e tabu* (1912-1913) Freud afirma que após o assassinato do pai originário o que se transmite a geração seguinte é essencialmente o tabu e a culpa:

[...] o interdito de matar o pai, é transmitido pelo efeito do duplo movimento e [...] de uma dupla necessidade: pela impossibilidade de não transmitir o traço e o recalçamento do que ele representa no recalçamento, e pelo processo de identificação apropriativa. Essa apropriação é efeito do desejo do outro pelo objeto do outro. A vertente da pressão para transmitir, que pertence ao coletivo e da qual o grupo é o intermediário, tem como correlato a vertente do desejo individual de se apropriar de algo do outro, constituindo correlativamente o outro e o sujeito.

A partir do complexo de Édipo Freud cunhou o conceito de herança psíquica. Reconheceu que a transmissão psíquica ocorre por duas vias. A cultura/tradição garante a continuidade do legado, de geração em geração. A outra via de transmissão é constituída “por essa orgânica da vida psíquica das gerações ulteriores.”¹² Sendo assim, as experiências psíquicas formam-se na interação do espaço psíquico e subjetivo de um sujeito com o outro e,

¹¹ SILVA, M.C.P. A herança psíquica na clínica psicanalítica. São Paulo: Casa do psicólogo, 2013, p. 34.

¹² KAES, R. Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In: R. KAËS; H. FAIMBERG et al. (org.) *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 51.

concomitantemente, de uma geração para outra, representado na psique desde a formação da pulsão.¹³ Nesse sentido:

De acordo com o psicanalista francês André Green (1995), a pulsão não é psíquica em sua fonte, ela se torna psíquica no encontro com o objeto. Isso lhe permite afirmar que o objeto é revelador da pulsão e que pulsão e objeto formam um par inseparável.”¹⁴

Grosso modo, entendo que a transmissão da herança de Nassim se deu por meio das histórias contadas sobre o refúgio de seu avô, da Palestina para a Síria. No entanto, a questão central é entender o que Nassim herdou de seus antepassados. Seu legado é de fato o “desejo” de retornar à Palestina? Os meandros de sua história convocam a ampliação do conceito de herança psíquica, como mostro a seguir.

Entre os psicanalistas que continuaram as pesquisas sobre herança psíquica destaco o francês Rene Kaës. Entre suas contribuições reconheceu duas modalidades de herança psíquica: (a)intergeracional e (b)transgeracional. Esse conceito favorece o entendimento do legado em questão.

A *herança intergeracional* é transmitida por meio dos processos psíquicos que determinada geração transfere para a geração seguinte. Ocorre em duas direções, tanto entre os pais e seus bebês quanto entre os filhos e seus pais, o que caracteriza uma transmissão ascendente.¹⁵ Esse tipo de transmissão é mediado pela capacidade de pensar. Parte do legado é refundado pela geração atual e, então, é fortalecido. A outra parte é recusada ou negada. À vista disso, o novo membro da família recria sua existência e se diferencia do outro. A elaboração da herança evita, portanto, que o ego sucumba a alienação, a sensação de vazio e a estranheira.

A singularidade se forma a partir dos vínculos parentais, por meio dos investimentos narcísicos, da complementaridade, da diferenciação e das renúncias. Como afirma a psicanalista Maria Cecília de Anhaia Mello:

¹³ KAËS, R. *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

¹⁴ GREEN, A. *Propédeutique: la métapsychologie revisitée*. Paris: Edition du Champ Vallon. 1995 apud JUNGUEIRA, C.; COELHO JR. N.E. *Limites e possibilidades de diálogo: a teoria pulsional e a teoria das relações de objeto*. Cad. psicanal. vol.35 no.29 Rio de Janeiro dez. 2013, p.97.

¹⁵ Kaës, R. (1993); Silva, M.C.P (2013).

A herança intergeracional é constituída de vivências psíquicas elaboradas: fantasias, imagens, identificações, que organizam uma história familiar, uma narração mítica, da qual cada indivíduo pode extrair os elementos necessários à constituição de sua história familiar individual neurótica.¹⁶

A narrativa de Nassim indica que sua energia psíquica não opera nessa direção. Ao contrário, remete a modalidade de herança apresentada a seguir.

De acordo com Kaës a *herança psíquica transgeracional* se dá por meio da identificação com elementos psíquicos não elaborados. Portanto, relativos ao traumático. Alguns membros do grupo familiar os introjetam de modo incontestado, ao longo de várias gerações. Desse modo, o legado psíquico implica supressão dos limites e do espaço subjetivo individual. No entanto, garante a continuidade narcisista e a manutenção dos vínculos. Perpetua um ideal narcísico sustentado pela lealdade aos antepassados. “[...] Ampara e assegura as continuidades narcísicas, a manutenção dos vínculos intersubjetivos, a conservação e complexidade das formas e da vida: ideais, mecanismos de defesa, identificações, certezas, dúvidas.”¹⁷ Portanto, é na herança transgeracional que se inscreve o negativo, o patológico. Isso ocorre quando o conteúdo transmitido permanece desligado.

De acordo com a psicanalista francesa Haydée Faimberg na transmissão psíquica o interjogo estabelecido entre o narcisismo dos pais e o espaço psíquico do filho se dá em dois momentos. O primeiro momento desse amor narcísico denominou *função de apropriação*. O segundo, relativo ao ódio narcísico, foi designado *função de intrusão*.¹⁸ Ambas as formas são características da regulação narcísica de objeto e configuram um regime narcísico da ordem da *apropriação/intrusão*.

[...] na função de apropriação, os ‘pais internos’, ao se identificarem com o que pertence ao filho, apropriam-se da identidade positiva deste.

¹⁶ ANHAIA MELLO, M.C.P.S. M. Resenha de "A herança psíquica na clínica psicanalítica" de Maria Cecília Pereira da Silva. *Psychê*, vol. VIII, núm. 13, jan-jun, 2004, pp. 156-158. Universidade São Marcos São Paulo, Brasil. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/307/30701315.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2021, p. 209.

¹⁷ KAËS, R. O sujeito da herança. In: R. KAËS; H. FAIMBERG et al. (org.) *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 9.

¹⁸ FAIMBERG, H. Escuta da telescopagem das gerações: pertinência psicanalítica do conceito. In: KAËS, R.; FAIMBERG, H.; ENRIQUEZ, M.; BARANES, J.J. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo: 2001, p. 135.

Na função de intrusão, ao expulsarem ativamente no filho tudo o que rejeitam, definem-no por sua ‘identidade negativa.’¹⁹

As redes das identificações funcionam, portanto, como veículo da transmissão psíquica transgeracional. Esse tipo de identificação condensa três gerações, o que Faimberg denominou *telescopagem das gerações*.²⁰ Vale lembrar, na família de Nassim a crença no retorno a Palestina está na terceira geração, pois seu pai já nasceu na Síria. Esse cenário me lembrou um questionamento que Freud fez no texto *Moisés e o Monoteísmo*: “Quais são as maneiras e os meios empregados por determinada geração para transmitir seus estados mentais à geração seguinte?”²¹ Transpondo essa indagação para a história de Nassim pergunto: como a ligação (eternizada) com a palestina foi transmitida?

O luto de seus avós pela perda da terra natal passou a rondar as gerações seguintes como um potencial trauma, a saber:

[...] Questões não representadas em uma geração habitam na família como um presente, ausente. Presente como perturbação. Ausente como representação. Aqui alcançamos, em nossa temática, a fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional²².

A ideia de retorno a terra de seus antepassados é corrente. Abaixo, reproduzo uma fala de Nassim sobre a falta que sente de sua terra natal, ou melhor, de suas terras natais.

¹⁹ FAIMBERG, H. A telescopagem das gerações a propósito da genealogia de certas identificações. In: KAËS, R.; FAIMBERG, H.; ENRIQUEZ, M.; BARANES, J.J. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: psicólogo: 2001, p. 81.

²⁰ FAIMBERG, H. A telescopagem das gerações a propósito da genealogia de certas identificações. In: KAËS, R.; FAIMBERG, H.; ENRIQUEZ, M.; BARANES, J.J. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Caso do psicólogo: 2001, p. 136.

²¹ FREUD, S. (1912). O retorno do totemismo na infância. In: _____. Totem e tabu. *Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XIII. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p. 159.

²² PAIVA, A. A fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n.07, Jan/Fev/Mar 2009, p. 79. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo207.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

—*Mas, nunca esquece a casa (a Síria) e a Palestina que não conheço ainda. A Palestina está no sangue, no coração. Quero continuar no Brasil, mas de qualquer modo a Síria e a Palestina são meus países. Mesmo eu ficando aqui, vai chegar um dia que eu quero ir para a Palestina. Até lá, o lugar é o Brasil. Hoje meu país é o Brasil, está na frente da Síria (mas, não da Palestina – grifo meu).*

Essa fala me remeteu ao conceito de *identificação inconsciente alienante*. Esse tipo de identificação está submetido ao regime da regulação narcísica e assegura um sistema próprio de reprodução. De acordo com Faimberg, a *transmissão alienante* ocorre do seguinte modo:

Os pais perdem a função de fiadores, para a criança, do valor de investigação das verdades psíquicas e ocupam seu lugar. A criança fica sujeita ao que os pais dizem e calam. Passa então a depender (de maneira paradoxal), para sua própria sobrevivência psíquica, dessa versão narcísica fundadora que é mantida em silêncio pelos pais, perdendo assim o livre acesso à interpretação de seu próprio psiquismo.²³

A lealdade a seus antepassados é, portanto, o resultado dessa identificação alienante que impede integrar autenticidade à sua identidade. Mesmo morando muito distante (fisicamente) de seus pais organiza sua vida em torno das necessidades destes. Disse: “vim de um país muito longe para ajudar minha família.” Para mais, penso que ao dizer que a Síria ficou longe sente que este luto é passível de elaboração. No entanto, a Palestina – tão idealizada quanto a Pasárgada de Manuel Bandeira²⁴ – é percebida como um destino inevitável: “vai chegar um dia que eu quero ir para a Palestina.” Desse modo, a idealização do objeto perdido (por seus antepassados) eleva as características da sonhada Palestina a perfeição, o que ajuda entender a não elaboração do luto.

Ademais a longa espera desse retorno à Palestina me faz pensar nesta crença como uma utopia, no sentido apresentado pelo psicanalista Christian Dunker: “[...] uma ilusão que se sabe

²³ FAIMBERG, H. A telescopagem das gerações a propósito da genealogia de certas identificações. In: KAËS, R.; FAIMBERG, H.; ENRIQUEZ, M.; BARANES, J.J. *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Caso do psicólogo: 2001, p. 136.

²⁴ Poema inspirado no modo idealizado como se concebia os campos persas e, portanto, remete a um lugar onde se teria tudo que desejasse da forma como bem entendesse, como mostra o recorte a seguir: “[...] vou-me embora pra Pasárgada. Aqui eu não sou feliz. Lá a existência é uma aventura. [...]. Em Pasárgada *tem tudo*. É outra civilização. [...].”

ilusão, justamente por isso ela exerce a função reguladora própria do ideal.”²⁵ O que mais uma vez, me faz acreditar que essa constituição responde por parte significativa do sofrimento de Nassim em torno das questões identitárias.

Como afirma a psicanalista Belinda Mandelbaum “o que urge transmitir é da ordem do traumático, do que foi excessivo, com a esperança de que as gerações seguintes possam transformar em linguagem simbólica, em representações passíveis de serem pensadas.”²⁶ Desse modo, permanece aprisionado no desejo do outro que lhe antecedeu. Ao mesmo tempo, essa alienação intensifica o sentimento de pertença ao grupo familiar e impede Nassim de reescrever as histórias que ouviu e, então, contá-las à sua maneira.

Entendo que seus antepassados não elaboraram o desamparo provocado pelo refúgio. Essa experiência produziu uma ferida narcísica que permanece aberta à medida recorreram a recusa para lidar com a dura realidade. Nessa história, a realidade recusada é a perda da Palestina. Mas, não no sentido de negar que essa perda ocorreu, o que remeteria a uma alucinação. A realidade recusada se manifesta na não aceitação da perda, o que implica manter a crença e a luta pelo retorno a terra de origem. Desse modo, o cerne de sua herança é restabelecer o idílico: o retorno à Palestina.

Diferente do apontado por Mandelbaum, entendo que a herança de Nassim não inclui um pedido de elaboração do traumático. Diversamente, o pedido é não deixar a perda já sofrida acontecer. Então, sem contestação Nassim tomou para si a responsabilidade de velar um morto do qual não pode se despedir. Esse legado interdita o trabalho psíquico do luto. Com isso, Nassim acumula lutos: o recebido por herança (relativo ao refúgio de seus antepassados) e o decorrente do refúgio atual. Consequentemente, permanece aprisionado aos ideais herdados, como se o passado tivesse tatuado em seu inconsciente.

O excesso contido no legado de Nassim ultrapassou a função da inscrição familiar. Assim, tornou-se um refugiado em seu legado. Provavelmente faltou-lhe continência para reconhecer um conflito na fronteira entre o ego e a herança familiar. Como mostrou Kaës:

²⁵ C.I.L. DUNKER, *Psicanálise e contemporaneidade. Novas formas de vida?* Stylus (Rio J.) n.33 Rio de Janeiro nov. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2016000200010>. Acesso em: 15 out 2020.

²⁶ MANDELBAUM, B. Resenha. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v.41, n. 3, 2007, p.176. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v41n3/v41n3a16.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

O material psíquico dessa transmissão constitui o objeto transgeracional; aquele que se coloca como objeto de um outro, fala de um ancestral, de um parente de gerações anteriores, que oculta fantasias, provoca identificações, intervém na constituição de instâncias psíquicas.

Nesse contexto, a transmissão psíquica é uma forma pouco eficiente de lidar com a angústia e com a dor. Pois, o trauma é transmitido em função da incapacidade de retê-lo, lembrá-lo ou ressignificar “a falta, a doença, a vergonha, o recalçamento, os objetos perdidos, e ainda enlutados.”²⁷

No início dessa discussão me propôs compreender a singularidade de Nassim à luz dos aspectos apontados por Freud na constituição do Eu. O recorte apresentado até este ponto permitiu entender dois desses aspectos: (a) a herança narcísica dos pais, e; (b) as identificações com as figuras parentais. Freud relaciona o terceiro elemento da herança psíquica aos ideais coletivos. Nesse sentido, diversos grupos sociais funcionam como grupos psicológicos. São constituídos a partir de um ideal que se põe a serviço da clivagem do ego. A coesão do grupo é intensificada pelo contágio em torno de um legado transmitido por meio de um regime narcísico intrusivo.²⁸ Na cultura de Nassim esse fenômeno pode ser observado, por exemplo, no movimento pela *causa palestina*. Em sua história individual, essa causa parece acomodar a alienação narcísica em torno do luto não elaborado pelas gerações anteriores. Esse parece ser o pilar de sua herança psíquica: a luta pela retomada da Palestina. Como assevera Freud, ao pertencer a um grupo psicológico a singularidade do sujeito é diluída. Concomitantemente, a possibilidade de simbolizar o legado psíquico é reduzida significativamente. Com isso, estabelecer uma fronteira entre o ego e herança não simbolizada continua distante.

Em suma, a herança psíquica intergeracional contribui para a formação estruturante da personalidade. Ao passo que a herança psíquica transgeracional abarca formas desestruturantes, *a parte maldita da herança psíquica*.²⁹ Desse modo, Nassim vive a clivagem de um ego

²⁷ KAËS, R. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In: EIGUER, A. (Org.). *A transmissão do psiquismo entre gerações*. São Paulo: Unimarco, 1998, p. 14.

²⁸ FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In: _____. *Cultura, sociedade e religião. O mal-estar na cultura e outros escritos*. São Paulo: Autêntica, 2020.

²⁹ Eiger (1998) *apud* PAIVA, A. A fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, Porto Alegre, n.07, Jan/Fev/Mar 2009. Disponível em: <<http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo207.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

pontuado por vazios. A introjeção do luto promoveu uma organização alheia ao ego uma vez que pertence ao outro. No entanto, paradoxalmente, ao buscar refúgio no Brasil, Nassim aposta na esperança de reconstruir a vida em um ambiente seguro.

6.3 Rawa

“Já nasci refugiada palestina na Síria”.

Rawa

Nasceu na Síria, em Homs, há 23 anos, é a mais nova de quatro filhos. Tem duas irmãs casadas e um irmão solteiro. Rawa tem origem palestina. Aos oito anos de idade, seu pai saiu fugido da Palestina com a família, na ocasião da criação do Estado de Israel. Desde então, viveu na Síria. A fala a seguir mostra como este é um aspecto importante em sua história.

— Por motivos políticos, já nasci refugiada palestina na Síria, mas tenho todos os direitos das pessoas que têm nacionalidade síria. [...]. Então, já tem 71 anos que estamos resistindo, mas não tem nada certo ainda. [...]. Tem uma lei na ONU, Lei nº 194 que diz que retornaremos para a Palestina para pegar as terras e casas que os sionistas roubaram das famílias deles [dos palestinos]. (Grifo nosso).

Na transição da infância para a adolescência a guerra abalou fortemente sua vida ao interromper o cotidiano que emoldurava seu cotidiano além de impingir a responsabilidade de cuidar de seu pai, à época totalmente dependente dela. Além disso, de modo geral.

— Eu tinha 12 anos, estava crescendo, abrindo meus olhos para a vida e aconteceu isso. Entrou uma bala no braço de meu pai. Machucou muito. Ele ficou três anos na cama e desenvolveu um câncer porque a bala ficou na coluna. Na hora do atentado ele caiu e ficou com problemas na coluna por causa da queda. Como sou a caçula tive que cuidar dele até porque minha mãe não é novinha. Tinha que cuidar de minha escola, mas não conseguia ir à escola. Tem dias que não conseguia ir apesar de ficar a cinco minutos de minha casa.

Peço a Rawa para contar como a guerra começou. A intensidade de sua fala revela como o terror desmantelou sua vida e se inscreveu na ordem do incompreensível:

— Na verdade, até agora ninguém entendeu o que aconteceu. Em um mês aconteceu uma bagunça, um caos dentro do país inteiro. No primeiro mês, a gente não conseguia sair das casas. Ninguém entende. Ainda não entrou na nossa cabeça o que está acontecendo em nosso país. Como sou refugiada da Palestina não posso me envolver em política. Ficou tudo normal até junho de 2012 quando apareceu o grupo do Estado Islâmico. Veio mais bagunça e ninguém sabia o que estava acontecendo.

Em 2014, aos 17 anos de idade, aventurou-se sozinha em uma viagem clandestina à Turquia para fugir da guerra. Deixou a Síria somente com uma mochila, afinal não podia levantar a suspeita que estava deixando o país. Sua mãe e o motorista do ônibus eram as únicas pessoas que sabiam de sua viagem. Cinco horas se passaram do momento em que decidiu deixar a Síria até embarcar rumo à Turquia. Não teve despedida na Síria, ficou para o trabalho de elaboração do luto.

Então, relata essa experiência: “Saí fugida para a Turquia, ilegal. Fiquei 24 horas no caminho, passei por todos os grupos de lá: o Estado Islâmico, grupos do Governo e outros.” Foi um trajeto perigoso, feito à noite. Para cada barreira tinha um discurso apropriado, conforme foi instruída pelo atravessador. Uma parte do trajeto foi feito a pé, quando teve que correr por 15 minutos, “em silêncio e sem olhar para trás”. Após chegar à Turquia prosseguiria para a Europa, mas o Governo local identificou a viagem e, por isso, esse plano foi cancelado. A seguir, o relato de sua viagem de fuga:

— *No caminho, várias regiões são do Assad, então quando perguntam para onde vou, tenho que dizer que vou para a faculdade que está naquela cidade. Depois você entra na parte do soldado do governo, daí tem que falar que vou para a casa de minha tia, depois na região do estado islâmico, com vários grupos brigando querendo controlar a região, então tem que se vestir como eles aceitam. Depois de sete horas eu e outras pessoas descemos no lugar combinado com o motorista que contratei. Entramos em outro carro e um outro motorista nos levou. Região do estado islâmico, em um lugar pegou minha identidade e me questionou que eu estava fugida. Parou o carro e disse que eu estava fugida. Conversei com ele e perguntei se eu fosse sua irmã? Então, ele deixou passar. O estado islâmico brigou com o motorista que trouxe problemas, isso significa que trouxe palestinos. Ficamos em uma casa até as quatro horas da manhã e saímos em outro carro, já com outras pessoas para fugir. Entramos em uma região que não pode acender a luz do carro, o celular ou o isqueiro. Era fronteira, de um lado estado islâmico e do outro os soldados da Turquia. Descemos do carro e andamos por 15 minutos, uma criança guiava a gente. Atravessamos um buraco de três metros, correndo sem poder olhar para trás. Mas, a menina de 20 anos de idade caiu e gritou. Combinamos não deixar ninguém para trás porque agora essa é minha família. Puxamos a menina, corremos e a polícia turca pegou a gente e nos reteve por 40 minutos até revistar tudo. Pegaram um maço de cigarro e nos liberaram. Como o dinheiro ficou em meu corpo e no da menina e como não podem tocar em mulher, não tivemos problema com isso.*

Como disse Rawa “ser refugiada é uma coisa complicada”. Antes de vir para o Brasil viveu sete meses na Turquia, o mostra o relato abaixo.

— *Fiquei sete meses na Turquia. Considerei viajar para Europa e não deu certo porque a viagem é muito perigosa e cara. Eu só tinha 17 anos. Meu irmão falou que o Brasil aceita nosso documento, então a gente decidiu se encontrar aqui. Foi difícil porque eu não tinha documentação de entrada na Turquia, então tive que pagar mais mil dólares para sair de lá. Foi muito caro para mim. Consegui fazer um documento válido por 48 horas só para sair do aeroporto. A parte da embaixada brasileira foi fácil. Em 15 dias saiu o documento. Mas, para sair da Turquia foi difícil.*

O período em que viveu na Turquia foi marcado por intenso sofrimento, disse: “Passei muito racismo e outras dificuldades no período que fiquei na Turquia”. Além disso, nesse período seu pai faleceu, portanto, sua mãe ficou sozinha na Síria. A essa altura a família estava

dispersa pelo mundo até que em dado momento o irmão, que se encontrava na Malásia, informou que o Brasil aceitava o ingresso de Palestinos. Então, combinaram se encontrar em São Paulo, exceto a irmã que mora na Jordânia desde bem antes da eclosão da guerra da Síria. Quando já estava no Brasil conseguiu autorização para sua mãe entrar no país.

O refúgio em solo brasileiro foi significado como uma experiência ambígua, como mostra a fala a seguir:

— *Juntar todos no Brasil foi muito fácil e muito perigoso ao mesmo tempo. Fácil para pegar o visto e para chegar ao Brasil porque foi de avião. Fácil conseguir a passagem porque não é muito caro, uns mil ou 1.200 dólares. Mas, perigoso porque não tínhamos ninguém aqui. Não sabíamos a língua, nada em português. Meu cunhado, minha irmã e o filho deles chegaram primeiro. Ele reservou hotel pela internet. Mas, depois disso, onde morar, arrumar trabalho, fazer documentação foi muito difícil.*

Rawa foi recebida no aeroporto pelos familiares que vieram antes dela. Diz que foi muito bom, no entanto: “quando saí do aeroporto, sábado à noite, falei *tchau*. Vou voltar no mesmo avião. Não vou ficar nesse país. Cheguei em Guarulhos, né! Senti muito medo. [...]”. A mãe e o irmão de Rawa optaram por morar no Sul do país onde têm um bar e servem comidas sírias. Sua irmã, o cunhado e o sobrinho moram em São Paulo. Rawa preferiu alugar um quarto na casa de amigas a morar com sua família, algo similar a uma república de estudantes. Tem um namorado refugiado palestino, de fato, nascido na Palestina. Ainda em relação aos primeiros dias em São Paulo, em dado momento, disse: “achei tudo muito estranho”. Então, pedi que falasse mais sobre essa sensação e ela diz:

— *Estranho de estrangeiro. É tudo muito diferente. As ruas, o rosto das pessoas, a linguagem do corpo. Porque eu não entendia as palavras, então observava a linguagem do corpo. Aqui precisa de muito cuidado para andar nas ruas, foi difícil.*

Seu primeiro emprego em São Paulo foi caixa de restaurante. Nesse local, trabalham refugiados de diversos países. No entanto, é conhecido como um restaurante árabe, provavelmente, porque essa cultura é predominante no ambiente, seja pela comida ou pela música executada. Constantemente, os clientes demonstravam curiosidade em torno das diferenças culturais (entre Síria e Brasil) e a interpelavam sobre sua condição de refugiada.

Com isso, se sentia como uma espécie de atração do ambiente e reduzida a uma única experiência de sua história de vida: o refúgio.

— O maior problema é que não posso tirar o nome refugiada da frente de meu nome. Sempre na frente de meu nome tem a palavra refugiada. Sou uma pessoa, ser humano. Então, não é refugiado em primeiro lugar. É que tudo no mundo é comercial e agora o comercial são os refugiados.

Após dois anos nesse trabalho pediu demissão. Iniciou uma psicoterapia, mas logo interrompeu. Suponho que a possibilidade de atravessar as fronteiras internas e aproximar-se do estranho intensificou sua angústia e a psicoterapia foi sentida como uma ameaça ao familiar, no caso, sua crença no legado transgeracional. No entanto, justifica dizendo que a psicoterapia não funcionou porque “achei que ele [o psicólogo] me atendia só para falar para todo mundo que estava ajudando refugiados.”

Passou a procurar trabalho em sua área de formação: cinema. No entanto, ao saberem que Rawa é refugiada os recrutadores mudavam a finalidade da entrevista. Propunham relatar sua experiência em torno do refúgio e assim protagonizar um vídeo como se dissessem *sua vida dá um filme*. Essa proposta embutia um convite para manter-se distante do desejo que retomara e assim manter distante de seu lugar de pertencimento. Rawa se enfurecia e encerrava a conversa dizendo que não buscava “ficar na frente da câmera e sim atrás da câmara. Minha vida não é roteiro para vocês”. Nesse momento consegui entender a intensidade do assédio da mídia alegada por várias ONGs que procurei como primeira via de acesso aos participantes dessa pesquisa, como apontei anteriormente. Bem, apesar de não estarmos em uma sessão de análise, foi inevitável apontar a transferência, pois claramente Rawa falava para mim. Então, eu disse: *bem, e hoje sou eu quem está falando contigo sobre refúgio.*

Retomando a fala de Rawa, diz que ficou mais de um ano para conseguir falar uma frase inteira em português, apesar de entender o que as pessoas falavam. Relata que essa época foi especialmente difícil:

— Eu entendia e não conseguia responder. As pessoas falavam coisas erradas sobre a luta palestina e sobre os judeus. E você sabe, esse é um assunto delicado. Eu não conseguia me comunicar e tinha vontade de matar a pessoa. Foi muito difícil.

Ao longo da entrevista, em diversos momentos, sua origem palestina apareceu como um componente de sua identidade. Por exemplo, ao dizer:

— *Fico perdida. Sou de onde? Tenho a Palestina no meu coração. Nasci e cresci na Síria. Então, tenho sentimento pela Síria e agora estou seguindo minha vida no Brasil. Então, eu sou de onde? Eu vou para onde agora? Isso me deixa perdida [...]. Tenho coisas da Síria, da Palestina e do Brasil também. Tenho agora o jeito da vida brasileira e tenho o árabe. Quem sou eu? Para mim, tenho que ter um lugar. Tenho que achar uma resposta para esta pergunta.*

Perguntei a resposta incluiria ser de todos esses lugares e ela prontamente respondeu: “*Não. Essa resposta não serve. Preciso ser de um só lugar.*”

*

O relato de Rawa mostra que o refúgio estremeceu a certeza sobre si. No entanto, as questões identitárias antecedem o refúgio atual. Remetem ao legado transgeracional a partir do qual se constituiu. Logo no início da entrevista Rawa disse: “*Já nasci refugiada palestina na Síria.*” Nesse momento me veio a imagem de Rawa me entregando seu cartão de visitas. A identidade *refugiada palestina* aparece antes de qualquer outra característica. Essa cena me remeteu ao conceito de *identificação pelo sintoma*, quando o ego apresenta disponibilidade afetiva em relação a algo que o outro vive (no caso, pais e avós). É influenciado pelo afeto ou admiração que nutre pelo objeto. “[...] A identificação pelo sintoma torna-se assim indício de um ponto de coincidência entre os dois egos, ponto que tem de ser mantido recalçado.”³⁰

A necessidade de apresentar-se como uma refugiada palestina indica a lealdade ao legado familiar. Desse modo, a identificação com as figuras primárias é sentida como imutável, como se fosse um legado genético e não psíquico. Essa forma de identificação está associada a herança primária, ou seja, a lei totêmica. De acordo com Freud “o totem é o antepassado comum

³⁰ Freud, S. (1921) *apud* KAËS, R. Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In: R. KAËS; H. FAIMBERG et al. (org.) *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 61.

do clã: ao mesmo tempo, é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos.” Na história de Rawa a lei sagrada é manter a crença no retorno a Palestina. Transgredi-la, portanto, sugere a inserção de Rawa entre os pecadores, os traidores. Em consonância com Freud,³¹ a transgressão a lei totêmica implica punição automática. É sempre vingada pelo clã. Em Totem e tabu defende que as proibições primárias relativas ao tabu constituem duas leis fundamentais. São estas, não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do próprio clã totêmico.³² Quem desobedece a lei paterna é punido por intensa culpa e desamparo. Depreendo, portanto, que na fantasia de Rawa, se diferenciar desse legado equivale o assassinato do pai – provavelmente porque não está bem estabelecido.

Contudo, para Rawa o lugar de origem está permeado por sentimentos ambivalentes. Ora é lugar de pertencimento, como mostrado acima, ora é lugar de aprisionamento. Enquanto aprisionamento ou alienação, leva a sentir-se uma eterna refugiada palestina (ou na Palestina). Como mostra sua fala: “se for pensar no futuro, quero pegar nacionalidade e voltar para a Palestina.” Assim como Nassim, ela não conhece a Palestina. Então, como voltar para onde nunca esteve? Ou a questão seria, voltar (concretamente) para o lugar de onde não conseguiu sair.

Em suma, a herança transgeracional coloca o sujeito às voltas com o resgate, a perda e a apropriação do legado psíquico que se repete de uma geração para outra. Nesse sentido, a filiação, o parentesco e a relação de consanguinidade são “uma questão de escolha, de manipulação e reconhecimento social”. Desse modo, por meio do nome e pela fala, os sistemas de parentesco organizam a identificação e os relançam às gerações seguintes.

*

Voltando a sua chegada a São Paulo, curiosamente a angústia que permeou os primeiros dias na cidade se dissipou quando foi a Higienópolis – bairro com expressivo número de sinagogas. Diz que passou a ter uma visão bem melhor da cidade e sentiu-se *segura*. Explica

³¹ FREUD, S. O horror do incesto. (1913). In: _____. Totem e tabu. Obras completas de Sigmund Freud, vol. XIII. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995, p.22.

³² FREUD, S. Tabu e ambivalência emocional. (1913). In: _____. Totem e tabu. Obras completas de Sigmund Freud, vol. XIII. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

que a infraestrutura do bairro lhe trouxe uma sensação familiar. Lembrou a Síria, naturalmente, antes de ser assolada pela guerra civil atual. Paradoxalmente, ao perceber que estava em território repleto de símbolos judaicos parece que o familiar foi restabelecido. Rawa vestiu o Hatta³³ e ficou atenta à reação das pessoas. Disse: “os seguranças olhavam e comentavam entre eles.” Ao encontrar o “inimigo” no país de refúgio o conflito intrusivo a partir do qual sua identidade foi forjada se fortaleceu. A sensação de ser vista pelo “inimigo” parece devolver-lhe o sentimento de pertença. Como pontuado, as identificações primárias foram tecidas a partir do conflito entre judeus e palestinos.³⁴ A perda da Palestina é a ferida narcísica de seus antepassados, ainda não elaborada. A visita a Higienópolis provavelmente deu-lhe a sensação de atender aos ideais familiares. Assim, entende que está continuando o legado e sendo leal aos seus antepassados.

Apoiada na teoria winnicottina, a psicanalista Rahel Boraks afirma que o desamparo pressupõe dois seres: o amparado e o que ampara. Remete a um estado relacionado à conquista do intersubjetivo. Desse modo, “a agonia está ligada e surge do Co subjetivo, no momento no qual, prevalece a necessidade de estar em, sendo a agonia referência à ausência desse elemento fundamental.”³⁵ Essa compreensão ajuda a entender por que Rawa sentiu-se segura e viva ao perceber que pisava em um território que lhe remetia à sua herança, ao familiar. Nesse sentido, entendo que a visita a Higienópolis favoreceu o surgimento *de fantasias que reforça um nascer para dentro*. Como afirmou Boraks “o adentramento no mundo e a apropriação deste de modo pessoal, tem a ver com a participação em relações de proximidade que protegem o indivíduo do que poderia ser uma situação de grande sofrimento em torno de agonias impensáveis.”³⁶ À vista disso, entendo que a fantasia de ser vista pelos seguranças lhe remeteu a sustentação psíquica primária que favorece a integração do self. Rawa parece ter experimentado a (re)apropriação de si mesma abalada pelo refúgio.

³³ Lenço muito usado pelos homens do Oriente Médio, também conhecido por *keffiyeh*, entre outras denominações. Foi associado ao movimento nacionalista palestino, na Revolta Árabe (1916-1918). Contudo, ganhou popularidade, em nível mundial, a partir do momento em que o líder palestino Yasser Arafat o adotou como sinal de identidade do povo árabe.

³⁴ Vale lembrar que seu legado familiar foi forjado a partir do refúgio de seus avós para a Síria em decorrência da divisão do território palestino com o povo judeu. Entendo que não cabe aqui tomar esse fato pela perspectiva jurídica, sociológica ou política uma vez que me propôs a ouvi-lo à luz do simbólico, dos elementos psíquicos.

³⁵ BORAKS, R. *Entre a agonia e o desamparo*. Trabalho apresentado em reunião científica, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, set. 2020.

³⁶Idem, *ibidem*.

No entanto, tal familiaridade não parece tão confortável como outrora. Sua identidade *refugiada palestina*, em algum nível, sinaliza um conflito com sua identificação a traços das culturas síria e brasileira. A fala reproduzida a seguir mostra que se reconhece também a partir de traços da cultura brasileira.

— *São Paulo é meu lugar. Mas, essa não é a resposta. Dentro do Brasil meu lugar é São Paulo. [...] Eu não penso no futuro. Vivo dia a dia. Mas, vou para um país árabe porque é mais confortável. Mas, agora já peguei muita coisa dos brasileiros, então já não seria muito confortável. Outra coisa é que iria começar do zero porque não tenho nada lá. (Grifos nossos).*

As marcações acima apontam a ambiguidade que permeia o discurso sobre si mesmo. A narrativa articulada (no plano consciente) indica que Rawa percebe as variadas culturas em sua vida como valores estanques. No entanto, nas entrelinhas, a ambiguidade prepondera ao escapar que gosta do Brasil. Reconhece a possibilidade de (re)construir uma vida aqui. Além disso, diz ter assimilado traços da cultura local: *“Tenho agora o jeito da cultura brasileira e tenho árabe também.”* Em algum nível percebe que após assimilar traços da cultura brasileira já não seria confortável viver na Palestina. Essa mudança intensifica o conflito entre permanecer fiel ao legado familiar e a identificação com a nova cultura e a apropriação de sua singularidade.

Para mais, a reflexão sobre a Palestina como um lugar de aprisionamento me remeteu ao conceito de *identificação pelo sintoma*, o que acontece quando o ego apresenta disponibilidade afetiva em relação a algo que o outro vive (no caso, pais e avós). É influenciado pelo afeto ou admiração que nutre pelo outro. “[...] A identificação pelo sintoma torna-se assim indício de um ponto de coincidência entre os dois egos, ponte que tem de ser mantido recalçado.”³⁷

Rawa se vê aprisionada diante da busca de uma resposta hermética para perguntas que gritam dentro dela, como: *“Sou de onde?” Quem sou eu? Eu vou para onde agora?”*. Vale observar que corrigiu a fala por meio da qual reconhece sua identidade com a cidade de São Paulo, praticamente um ato falho: *“São Paulo é meu lugar”*. Imediatamente censura dizendo *“mas, essa não é a resposta”*. Enquanto sujeito do inconsciente, Rawa vive um conflito entre

³⁷ Freud, S. (1921) *apud* KAËS, R. Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In: R. KAËS; H. FAIMBERG et al. (org.) *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 61.

“a necessidade ‘de ser um fim para si mesmo’ e ser ‘o elo de uma cadeia à qual está sujeito sem a participação da vontade.’”³⁸ O aprisionamento ao legado psíquico a coloca, em uma espécie de Faixa de Gaza, uma zona de conflito caracterizada pela ambivalência entre pertencer (pela via da alienação) e contestar o que lhe aprisiona. Apropriar-se de sua singularidade implica romper com o legado psíquico (o estranho que habita o ego). A ambivalência lhe parece algo ameaçadora.

Desse modo, a pergunta que se faz (*de onde sou?*) precede o refúgio no Brasil, o que faz do estranho um íntimo desconhecido. Perguntei a Rawa se a resposta incluiria ser de todos esses lugares e ela prontamente respondeu: “*Não. Essa resposta não serve. Preciso ser de um só lugar*”. Rawa indica ter travado uma briga interna entre afetos e desejos singulares e a herança transgeracional, o que a levou a crer na lealdade a nacionalidade palestina como a única forma de existir. Ao dizer que precisa ser um único lugar, entendo que se refere a Palestina, é como se dissesse: não posso me reconhecer pertencendo a qualquer outro país que não seja a terra de meus antepassados. Ressignificar a herança psíquica implica a reconstrução da identidade, o que sugere o rompimento com a lealdade em torno da herança entre gerações. Algo inconcebível para Rawa.

Esses afetos foram intensificados pela insegurança que a guerra instalou no ambiente e pelo refúgio. Entendo que os questionamentos de Rawa em torno de sua identidade pronunciam o medo do colapso: “um impensável estado de coisas subjacente à organização defensiva.”³⁹ Um colapso do *self* unitário que ocorreu no início de sua constituição quando a herança transgeracional se instalou em seu psiquismo. Comprometeu sua singularidade e a apropriação de si mesmo quando as identificações intrusivas alienaram o ego no desejo herdado, nesse sentido, estrangeiro.

O estranho contido na diferença cultural emerge no contato com o outro, na fronteira que confronta o eu diante do estrangeiro. Denuncia a eminente presença de algo que não se tem clareza de onde vem, mas que se intui chegar a qualquer momento, o que remete ao medo, à solidão e ao desamparo. O estranho denuncia o desamparo que a ausência do familiar evoca. Por outro lado, nada mais familiar do que a inquietude que nos habita. Essa experiência provoca

³⁸ KAËS, R. *As alianças inconscientes*. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

³⁹ WINNICOTT, D.W. O medo do colapso. (1963). In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (org.). *Explorações psicanalíticas*: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 71.

valores negativos, perigosos, hostis e odiosos da estranheza. Contudo, também se sustenta no desejo de desvendar o desconhecido, de conhecer a alteridade e a estranheza desse encontro.⁴⁰

No texto *Das unheimliche*, escrito em 1919, Freud esclarece que “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito de familiar”. Além disso, *unheimlich* indica ainda angústia e o desvelar de um conteúdo psíquico que deveria permanecer reprimido, mas emerge na consciência.⁴¹ A partir da junção desses dois significados, entendo legítimo pensar que o termo remete a uma angústia específica, decorrente do retorno de afeto penoso que fora recalcado, relativo a um trauma.

Ao discorrer sobre *das unheimlich*, Freud referiu-se principalmente aos complexos e ansiedades infantis reprimidos, além de crenças primitivas, já superadas, mas que retornam à consciência de modo assustador.⁴² Disse que o primeiro estrangeiro emerge no desejo de eliminar o pai diante da ameaça configurada por sua aproximação, quando a criança percebe que este vem para interromper sua exclusividade sobre sua mãe. O amor/desejo pela mãe e o ódio pelo pai castrador marcam a intensidade dessa vivência. Assim, Freud mostrou que a ambiguidade é um elemento constitutivo do psiquismo.

Entretanto, a ambiguidade não é exclusiva da neurose edípica. Reside no estranhamento relativo a qualquer experiência que fora varrida da consciência (recalcada), por isso, nos remete ao familiar (*heimlich*), ainda que retorne de modo diferente ou distorcido. Como afirma o psicanalista Garcia-Roza “só há *unheimliche* se houver repetição. O estranho é algo que retorna, algo que se repete, mas que, ao mesmo tempo, se apresenta como diferente.”⁴³ O diferente decorre da modificação do conteúdo reprimido. Ao trafegar do inconsciente para a consciência esse conteúdo sofre alguma distorção para burlar censura. Somente desta forma poderá atingir sua meta: atribuir sentido ao incompreensível ou estrangeiro.

Outro aspecto importante em sua narrativa ocorreu no ambiente de trabalho. Ao dizer que as indagações dos clientes foram recebidas como uma espécie de carimbo denota um

⁴⁰ ROSSO, N.; PRUDENTE, R.C.A.C. A língua não dominada e a emergência da angústia: Do verbo a Babel contemporânea. *Cadernos de Psicologia – CESJF*, v. 1, n. 1, p. 340-361, jun., 2019. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/1991/1286>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

⁴¹ QUINODOZ, J-M. *Ler Freud: guia de leitura da obra de Sigmund Freud*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

⁴² FREUD, S. (1919). *O estranho*. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. V. XVII. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, p. 235-269.

⁴³ GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

aspecto que não se restringe a experiência individual, muito embora seus efeitos permeiem a subjetivação. Refiro-me ao estigma atribuído em torno de sua nacionalidade, o que foi nomeado pelo sociólogo Irving Goffman como uma modalidade de estigma atribuída a partir das diferenças de raça, nação e religião.⁴⁴ Nesse caso, o efeito do estigma desacredita o sujeito apresenta significativa e específica discrepância entre a *identidade social virtual* e a *identidade social real*, como nomeia Goffman. As perguntas lançadas indicam o estigma foi dirigido aos povos do Oriente Médio, pois frequente são tratados como um só povo, apesar das diferenças culturais de cada país dessa região. Ao ignorar a singularidade de uma nação esta é descaracteriza.

*

Ao não conseguir se expressar na língua estrangeira (o português), a angústia se manifesta enquanto expressão do luto pela perda da língua materna. Assim, um forte elemento constitutivo da identidade já não promovia alteridade tampouco permitia a expressão da singularidade. Ao contrário, explicitava a ruptura com o familiar e isolava Rawa em sua estrangeiridade. Essa quebra deixa um vazio no espaço de representação na estrutura psíquica o que faz o sujeito submergir no caos, pois “a língua estrangeira, que representa um novo sistema de signos – significantes e significados, – confronta-se com o sistema anteriormente consolidado – universo simbólico construído pela linguagem materna.”⁴⁵

O mal-estar instaurado pelo estranho não é uma prerrogativa de Rawa. Ao contrário, uma experiência vivida por outras pessoas em situação similar. Isso aconteceu com o escritor e jornalista polonês Ryszard Kapuscinski quando saiu de seu país pela primeira vez.

Desagradável e humilhante, esse sentimento talvez explique o medo e a incerteza que o homem experimenta quando é confrontado pela

⁴⁴ Goffman reconhece mais dois tipos de estigma: (1) relativo às deformidades físicas; (2) os que consistem em culpas, fraqueza, crenças falsas e rígidas, desonestidade, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego e tentativas de suicídio, entre outros.

⁴⁵ ROSSO, N.; PRUDENTE, R.C.A.C. A língua não dominada e a emergência da angústia: Do verbo a Babel contemporânea. *Cadernos de Psicologia* – CESJF, v. 1, n. 1, p. 340-361, jun., 2019. Disponível em: <<https://seer.cesjf.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/1991/1286>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

primeira vez por uma pessoa ou coisa estrangeira, bem como sua atitude defensiva, sua vigilância, sua desconfiança⁴⁶.

Em suma, para Rawa o conflito é sua língua enquanto componente identitário. Mas, que conflito? No campo da consciência, a disputa entre palestinos e judeus pelo território já ocupado. No entanto, a escuta do inconsciente mostra que seu embate se dá entre o Ego e a herança transgeracional. Em última instância, o conflito é entre pulsão de vida e pulsão de morte. Sendo a vida a apropriação de sua singularidade e a morte a alienação ou aprisionamento no desejo do outro.

6.4 Rima

*“Vivi um mundo escuro. Hoje eu sei que não é assim.
[...]. Isso ficou de bom: a coragem”.*
Rima

Nasceu em Latakia, no litoral sírio, onde morou com a família até 2011. Sua cidade abriga o principal porto do país. Mudou-se para Damasco e lá viveu até 2015, quando decidiu solicitar refúgio ao Brasil. Antes de chegar a esse destino fez duas viagens ao Líbano: uma para solicitar o visto de entrada no Brasil e outra para embarcar para São Paulo. Disse que a Alemanha seria a opção mais óbvia, pois tem duas irmãs morando lá e o Governo oferece apoio para o refugiado reconstruir a vida. No entanto, entende que a Alemanha é um país interessante somente para passear porque é tudo muito organizado e ela não gosta disso. “Me sinto bem no Brasil porque é muito distante disso.” Ressaltou o fato de a viagem para o Brasil ser muito segura “porque é feita de avião”, o que também foi fortemente valorizado pelos demais entrevistados.

⁴⁶ KAPUSCINSKI, R. apud KAËS, R. Comment penser le transculturel aujourd’hui? *Rivista Plexus*, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.rivistaplexus.eu/index.php/plexus/article/view/158>>. Acesso em: 05 mai. 2018.

Rima é de uma família com cinco filhos. Dois irmãos continuam morando na Síria, assim como sua mãe, e duas irmãs moram na Alemanha. Seu pai faleceu há mais de 20 anos. É engenheira agrônoma e trabalhou no Ministério da Agricultura até mudar-se para São Paulo. Pediu afastamento por cinco anos e como está aqui há exatamente cinco anos precisa retornar para legalizar sua saída do trabalho. Está com passagem comprada, mas teme não conseguir retornar porque alguns protocolos foram alterados. Disse que agora o visto de sírios para o Brasil somente é concedido se provar residência e emprego fixo, além de saldo de 10 mil dólares em conta corrente, o que diz ser impossível em tempo de guerra. Pouco antes da entrevista a mim concedida, soube de uma moça que foi presa ao tentar deixar a Síria legalmente. Por isso, está apavorada. Vai procurar se informar melhor para evitar que o mesmo ocorra com ela. Ano passado voltou para visitar a família e foi tudo bem tranquilo.

A entrevista foi realizada no parque do Ibirapuera por sugestão de Rima que faz aula de yoga lá aos domingos. Encontramo-nos em um lugar tranquilo e bonito, no entanto, o clima inicial da entrevista contrastava com esse ambiente. Foi muito simpática e alegre, mas mostrou resistência em relação à gravação da entrevista. Cedeu depois que expliquei novamente sobre a finalidade do áudio e após assegurar-lhe que não seria ouvido por outras pessoas. Contudo, falava baixo, olhava para os lados e voltou a dizer que não queria que gravasse a entrevista. Perguntou se eu podia anotar ao invés de gravar. Interrompi a gravação para que ela se sentisse bem. Ainda assim, pouco depois perguntou se eu podia enviar o áudio para ela. Percebi o quão incômodo essa situação estava para Rima, então, disse que poderia deletar a gravação e assim o fiz, em sua frente. Então, relaxou um pouco mais.

Em seguida, ao pedir que contasse sobre a guerra da Síria, explicou que é muito difícil lembrar de tudo que passou e começou a chorar, disse: “Dói muito, fiquei com depressão por isso. Agora estou bem, mas ainda é difícil”. Pergunta se eu preciso conhecer sua história por ela, pois deu uma entrevista para uma revista muito famosa e eu poderia ler a matéria. Começa a buscar no celular o nome da revista, mas teve dificuldade para localizar. Logo perguntou se poderia ficar famosa com a entrevista que concedia a mim. Começamos a sorrir e a tensão foi abrandada. Pediu que eu perguntasse o que queria saber, pois assim seria mais fácil. No entanto, prossegue dizendo que não é refugiada e não admite ser chamada assim, pois quando chegou ao Brasil teve que se virar sozinha, pois “o governo não me ajudou em nada e refugiado é aquele que recebe apoio do governo: casa, salário, trabalho”. Rima passou a cozinhar e vender esfirra na rua. E, novamente, fala que foi muito difícil:

— *É por isso tudo que não aceito me chamar de refugiada. Sou imigrante. Batalhei sozinha. A Alemanha oferece um salário de 800 euros mensais, casa e trabalho. E aqui não tem nada disso. Trabalhei em muitas coisas. Foi muito difícil. Não gosto de lembrar disso.*

Faz um silêncio reflexivo e, na sequência, chorou de modo muito profundo, mas com discrição. Em seguida, pede desculpas e diz que isso está acontecendo porque há muito tempo não falava sobre esses episódios. E assim, ao longo da entrevista chorou por diversas vezes do período em que a violência da guerra demoliu em seu cotidiano.

Ao voltar a falar sobre a guerra, diz: “ninguém entende o motivo dessa guerra. Não tem sentido algum. Veja esse verde à nossa volta. Isso tudo é lindo. É vida, então não faz sentido a guerra”. Fica em silêncio e expressa:

— *A Rússia e o Irã financiam a guerra porque querem a riqueza de nossa terra. Então, ainda não acabou. Mas, ninguém explica o motivo da guerra. Começou com as pessoas protestando contra o governo e foram presas. A partir daí não parou mais. Vi muita gente morrendo. Nunca fui atingida, mas por cinco minutos a bomba não caiu em cima de mim. Tinha que sair, atrasei um pouco e quando abri a porta para sair, a bomba explodiu na praça ao lado. Por cinco minutos eu teria morrido. Mas, vi crianças mortas.*

Contou que uma bomba muito forte caiu no prédio de um ministério que ficava em frente ao prédio no qual trabalhava. Seu prédio tremeu, foi evacuado e todos foram dispensados por dois dias, pois não era seguro voltar ao trabalho. Nesse ataque, 20 pessoas que trabalhavam no prédio atingido morreram. No dia seguinte, recebeu uma mensagem de seu chefe, via *e-mail*, pedindo que ela ficasse duas semanas em casa porque o perigo continuava. Em seguida, abaixa a cabeça e chora por alguns minutos.

No entanto, disse que a vida voltou ao normal na Síria dois anos após o início da guerra. Então, as pessoas podiam andar pelas ruas, apesar dos ataques. “Não tenho medo de nada. O risco não me intimida porque já sei que posso morrer a qualquer momento.” Conta que na cidade em que sua família mora não tem perigo, portanto, estão a salvo da guerra.

Em suas palavras: “Ninguém vai morrer, mas a guerra afeta a todos. Perdi muitos amigos”. Rima volta a chorar. Disse que antes da guerra tudo era bom na Síria. “Tinha confiança nas pessoas, a vida era mais fácil e mais barata que agora. A natureza era linda. Agora, está

tudo diferente”. Rima perdeu muitos amigos e parentes e, por isso, entrou em depressão. Foi medicada ainda na Síria e fez psicoterapia por cinco anos. Sua terapeuta mudou-se para a Alemanha, mas quando se sente muito mal faz algumas sessões por *messenger*. Diz: “ela resolve tudo muito rápido. Me dá livros para ler.” No Brasil, continuou o tratamento psiquiátrico, mas desde que começou a trabalhar no *spa* suspendeu os remédios “porque as coisas melhoraram”.

Continua a conversa dizendo que até pouco tempo achava que não podia sorrir, pois não tinha motivo.

— *Passei por muitas coisas, muito difíceis. Vivi um mundo escuro. Hoje eu sei que não é assim. Já não tenho medo de nada porque passei pelo pior. Se precisar morar na rua eu encarro porque já vivi pior que isso. Isso ficou de bom: a coragem. Não tenho medo de correr riscos porque já corri os piores. Podia morrer e não morri.*

Afirmou que não veio para o Brasil por causa da guerra, pois viria morar aqui a qualquer momento, a saber:

— *O Brasil é muito antigo para mim. Vem lá de trás. Desde criança amava tudo daqui: o verde, o clima, a Amazônia. Você não sabe o que as cores verde e amarelo representam para mim. Eu amo muito essas cores. Era um sonho de criança. Quando cheguei aqui não acreditei. É verdade! Estou aqui.*

Em São Paulo fez muitos amigos e já namorou um brasileiro. Diz que sua facilidade para fazer amizades vem de sua extroversão. Tentou validar seu diploma em uma Universidade pública. No entanto desistiu em função do preço e do tempo que levaria para obter a validação. Precisava trabalhar, então buscou alternativas. Entregou seu currículo em um *spa* urbano e após dois anos a chamaram. Há três anos trabalha como massoterapeuta. Diz gostar muito do que faz. Na Síria especializou-se em medicina esportiva e atendia a um time de futebol profissional. Conciliava essa atividade com o trabalho no Ministério. Diz não pensar mais na agronomia, se abriu para outras possibilidades. Em suas palavras “a agronomia ficou no passado, agora a vida é outra. Estou feliz. Quero ficar aqui para sempre. Esse é meu lugar.” Atualmente faz um

curso de banho e tosa, pois pretende abrir um *pet shop*. Ama cachorros e gatos, tem alguns. Sua ideia é continuar conciliar o trabalho atual com o *pet shop*.

Quando chegou ao Brasil foi morar em um *hostel*. Atualmente aluga um quarto em uma casa de família situada em um excelente bairro da cidade. Trouxe o contato de um conterrâneo que estava morando em São Paulo com uma família síria que imigrara há mais de 40 anos. O anfitrião de seu amigo a apoiou muito, a levou à igreja, a ajudou a vender as esfirras, já que não falava nada em português. “Precisa ter marketing para mostrar às pessoas e eu não sabia falar português”. Esse senhor a quem chama de tio, a levou à PF, preencheu formulários e ensinou a andar na cidade e a usar o metrô. Recentemente ele faleceu, o que foi fortemente sentido por Rima. Não se sentiu amparada pelo governo, o que parece despertar certa revolta. O contrário disso, recebeu do senhor que ajudou a traduzir a nova cidade e a apoiou nos primeiros passos na direção da autonomia financeira.

Pergunta se já sabia cozinhar ou aprendeu para vender esfirras. Rima abre um largo sorriso e diz:

— Na Síria todos cozinham, até mesmo se você é o presidente. É a parte mais bonita de nossa cultura. Aprendi o básico quando criança e adulta eu já cozinhava tudo. Tem muita comida boa lá que não se faz aqui nos restaurantes. Minha mãe cozinha muito bem. Mas, também é um sofrimento porque você não para de comer.

Ao final da entrevista coloco meu material (caderno e caneta) de volta a pasta. Rima lança um olhar desconfiado e pergunta o que tenho dentro da pasta. Digo que guardei o caderno e caneta e que também tem ali o carregador do celular. Com bastante naturalidade abro a pasta e mostro seu interior. Ela sorri e pergunta em que direção eu vou. Em seguida indaga sobre o que aprecio na cozinha árabe, pois gostaria muito de fazer um prato para mim.

*

Ao longo da entrevista observei como a dinâmica transferencial deu o tom de nosso encontro. No início, Rima mostrou-se bastante desconfiada em relação ao destino de seu relato.

Como citado acima, foi necessário interromper a gravação da entrevista para dirimir sua angústia. Ainda assim o mal-estar permaneceu. Então, deletei o que já estava gravado e seguimos com tranquilidade. Contudo, ao ouvi-la com interesse e respeitar seus medos o mal-estar arrefeceu. Acredito que minha resposta à sua angústia contribuiu para mudar o clima da entrevista. Como assegura Winnicott o que se registra são os efeitos da confiabilidade e não somente as palavras proferidas. Nessa direção, apoiada no pensamento Winnicottiano, a psicanalista Elsa Oliveira Dias afirma:

A mãe mostra ao bebê que é confiável, não com palavras, mas, através dos cuidados, por saber, a cada momento, o que ele necessita. [...] a comunicação é silenciosa e a confiabilidade está garantida. Ou bem a comunicação é silenciosa e a confiabilidade está garantida, ou bem é traumática, produzindo a experiência de uma angústia impensável ou primitiva.⁴⁷

De acordo com Winnicott, nos primórdios da vida psíquica o fracasso ambiental abala a confiança do bebê em si mesmo e no mundo. Nessa direção, entendo que na vida adulta o mesmo acontece quando eventos violentos são produzidos pelo ambiente, como a guerra e o refúgio. À vista disso, compreendo o temor de Rima ao contar-me sobre sua vida. Nesse cenário, “o indivíduo não pode entregar-se aos acontecimentos da vida e fica todo o tempo tomando conta do ambiente, à espreita de alguma invasão ou tomando conta do frágil si-mesmo, sempre passível de ser perdido, aniquilado.”⁴⁸ A meu ver, sua reação inicial está relacionada a insegurança e a ameaça instaladas pela quebra da confiabilidade no ambiente. Refiro-me ao caos que assolou a Síria quando o governo local (o ambiente mais amplo) reprimiu com extrema violência os anseios de seu povo.

Em diversos momentos, o relato de Rima sinalizou a abertura para o novo, o diferente. Diz-se feliz no trabalho e bem adaptada a São Paulo. Envolveu-se com as pessoas e com a cultura, o que favorece a manutenção da vida psíquica. A curiosidade pelo outro é determinante para a construção do laço social no país de refúgio. Sua dor não a impediu de continuar a vida. Ao contrário, as conquistas em solo brasileiro promoveram uma experiência transformadora.

⁴⁷ DIAS, E. O. *Sobre a confiabilidade: decorrências para a prática clínica*. Nat. hum. v.1 n.2 São Paulo dez. 1999, p. 297. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v1n2/v1n2a04.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

⁴⁸ DIAS, E. O. *Sobre a confiabilidade: decorrências para a prática clínica*. Nat. hum. v.1 n.2 São Paulo dez. 1999, p. 298. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v1n2/v1n2a04.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

Como disse: “vivi um mundo escuro. Hoje eu sei que não é assim. Já não tenho medo de nada porque passei pelo pior. [...] Isso ficou de bom: a coragem. [...]” E como disse Guimarães Rosa, “o que ela [a vida] quer da gente é coragem.”⁴⁹ É um bom recurso para o estrangeiro levar na bagagem.⁵⁰

A fala transcrita acima lembrou-me Winnicott ao dizer que em dado momento é necessário comunicar ao paciente que o colapso temido, na verdade já aconteceu. Para Rima a elaboração do traumático foi o porta-voz dessa compreensão. Winnicott localiza o medo do colapso nos primórdios da vida. Então, o ego ainda é imaturo para integrar todos os fenômenos psíquicos. Em relação ao adulto o medo do colapso se manifesta à medida que “a experiência original da vida primitiva não consegue converter-se em algo passado enquanto o ego não a recolher dentro de sua experiência presente e de seu controle onipotente atual.”⁵¹ Acredito que a violência extrema produzida pelo ambiente abala a integração já conquistada. A intensidade com que o inesperado invade o psiquismo do adulto remete-o a angústia primitiva, representada pelo medo do colapso.

Além disso, as memórias trazem o horror da guerra, o que implica reacender uma dor insuportável. Nessa direção, no texto *Além do princípio do prazer*, Freud relata:

*“Não é de meu conhecimento, contudo, que pessoas que sofrem de neurose traumática estejam muito ocupadas, em suas vidas despertas, com lembranças de seu acidente. Talvez estejam mais interessadas em não pensar nele”*⁵².

Contudo, essa ideia sempre falha. O reprimido encontra variadas maneiras para chegar à consciência. Em algum momento a resistência fracassa. Então o recalçado escapa para o consciente – ainda que parcialmente – seja por meio dos atos falhos, dos sonhos, da somatização, entre outras produções do inconsciente. Até porque, como afirmou Freud: “Quando a reação é reprimida, o afeto permanece vinculado à lembrança”.⁵³ Portanto, os afetos

⁴⁹ ROSA, G. Grande sertões: veredas – “O diabo na rua, no meio do redemoinho.” 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

⁵⁰ Aqui faço um parêntese e retomo um aspecto abordado na apresentação desse trabalho quando relatei minha experiência pessoal com o interesse pela temática em questão. Agora, me dei conta de outra semelhança entre os refugiados e minha história: coragem. Principalmente para recomeçar e começar de novo e, de novo.

⁵¹ D.W. WINNICOTT. O medo do colapso. *International Review of psychoanalysis* (1974), 1, 104.

⁵² FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: _____. *Obras completas de Sigmund Freud*. Tradução Christiano Monteiro Oiticica. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1920, p. 25.

⁵³ Idem, *ibidem*.

e o choro que emergiram ao longo da entrevista mostram que há um importante trabalho de elaboração a ser feito. Para dar continuidade a vida Rima tentou proteger-se do traumático, principalmente, evitou suas memórias.

Em dado momento, explica seu choro dizendo: “tinha muito tempo que não pensava nisso.” Com isso, o luto ficou encriptado em seu psiquismo, em uma espécie de sepultura secreta. Como afirmam Nicolas Abraham e Maria Torov, psicanalistas húngaros, o sujeito recorre a fantasia de incorporação movido pela ideia de recursar o luto ou introjetar o objeto perdido.⁵⁴ No entanto, segundo Abraham e Torov:

A incorporação não passa de uma fantasia que dá segurança ao ego. A realidade psíquica, por sua vez, completamente outra. [...]. Desde sua cripta imaginária em que, desvitalizadas, anestesiadas, dessignificadas, a fantasia acreditava pô-las em hibernação, as palavras indizíveis não cessam de desenvolver em sua ação subversiva.

Deste modo, a hipótese de um frágil equilíbrio ganhou força em minha escuta. Retomando a transferência, a mudança afetiva evidencia-se sobretudo quando diz que gostaria de fazer para mim o prato sírio de minha preferência. Dado que a culinária é um orgulho nacional, nada mais importante a oferecer-me. Além disso, Rima mostra que a comida foi preservada no rompimento com a cultura. Permitindo-lhe assim experimentar no Brasil um elemento carregado de memória afetiva. Mostrando, dessa forma, os aspectos vivos de seu psiquismo. A comida síria remete à origem, a sua riqueza e a capacidade de preservar uma parte da história – a que não lhe causa sofrimento. Para mais, ao reconhecer que tem algo importante para oferecer ascende seu narcisismo, essencial para a reconstrução de si mesmo. Refiro-me ao narcisismo primário, quando a criança toma a si mesmo como objeto de amor. Esse investimento libidinal evolui em direção ao objeto. Contudo, não pode ser eliminado à medida em que é um dos sustentáculos da vida psíquica.

Ao final da entrevista pergunta “*para que direção você vai ao sair do parque?* Pergunta bastante significativa em sua história de vida. Provavelmente, inúmeras vezes a fez a si mesma.

⁵⁴ ABRAHAM, N.; TOROV, M. *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta, 1995, p.251.

À propósito, as pessoas se fazem perguntas dessa natureza ao longo da vida. Exceto, quando recorrem ao refúgio psíquico.

6.5 Amal

“Como eu odeio ser árabe porque passei por tantas coisas”.
Amal

Natural de Idlib, cidade com aproximadamente 165 mil habitantes antes do início da guerra civil em curso. Amal deixou a Síria com seis anos de idade, dois anos após o início da guerra. Hoje tem 16 anos, faz uso da Hijabe (ou *hijab*, o véu mulçumano). Antes de vir para o Brasil, morou cinco anos na Jordânia, em acampamento da ONU. Chegou ao Brasil há cinco anos. Amal foi indicada por uma amiga minha (assistente social e psicanalista) que trabalhou em uma ONG que acolhe refugiados. Encontramo-nos em sua escola. Estava na companhia de sua avó que não fala português. Caminhamos pelo bairro até achar uma padaria para conversarmos, na companhia da avó que pacientemente aguardou sem fazer interrupções. Contudo, mostrou-me seu caderno e abriu um largo e orgulhoso sorriso quando elogiei sua caligrafia. Amal tinha muito a falar. A entrevista durou pouco mais de duas horas. Em dois momentos pediu para interromper a gravação, pois não autorizava publicar o que me confiava em segredo. Desse modo, a parte não gravada estaria fora do alcance de seus pais, caso tivessem acesso ao texto.

Amal mora e estuda com seus pais, um irmão de 20 anos e uma irmã de cinco anos de idade, em um bairro no centro da cidade de São Paulo. Sua avó paterna mora entre sua casa e a casa de outro filho que também vive em São Paulo. Na cidade, vive também um tio materno que se refugiou com sua família. A avó nunca havia estudado, pois se casou aos 13 anos de idade e foi morar em Dubai. Amal relata que quando sua avó se casou levou uma boneca na mala. Hoje, aos 75 anos de idade e viúva, juntou-se aos filhos e decidiu estudar. As três gerações estudam na mesma escola: Amal, a avó e a mãe. Diz que sua mãe pediu para ficar na mesma sala de aula que ela para controlar seu comportamento. Contudo, não obteve sucesso, pois Amal

a convenceu do contrário. Nesse sentido, se diz uma adolescente brasileira, bem distante do modo que viveria se estivesse na Síria.

Atualmente, Amal estuda em uma escola pública voltada à Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os alunos dessa instituição são majoritariamente adultos, de baixa renda e de variados gêneros, a escola promove fortemente a inclusão. Antes de ingressar no ensino público, estudou em uma renomada instituição, mas não se adaptou e pediu para sair. Sobre isso diz:

— Eu estou nessa escola porque não consigo me adaptar com as crianças. Não sou adulta, mas meu espírito é de adulta. Não posso fazer nada. Eu estudava em uma escola maravilhosa, em período integral. Mas, minha depressão começou a aumentar lá. Me sentia uma formiga no meio de elefantes. Me sentia incapaz de estar lá, incapaz de tudo. Todo mundo falava de coisas tão bobas e riam. Eu não achava graça nenhuma. Quando eu falava de minhas coisas as pessoas achavam frescura. Mas, a vida me fez crescer, me amadureceu. Aprendi muito na escola da vida. Acho que já sou formada nessa escola.

Assim que nos apresentamos, pôs-se a falar como se já tivesse estabelecido um vínculo de confiança. Da mesma forma fez sua mãe quando se juntou a nós para assinar o consentimento para a entrevista. Entreguei-lhe o TCLE e ela disse: “isso não é necessário? Você está mais do que aprovada”. Tentei entender se a confiança que transferia a mim era oriunda de sua filha ou da pessoa que nos colocou em contato. O breve contato que tivemos nessa ocasião não permitiu entender, no entanto, ao ser entrevista (em outra data) sua disponibilidade para a pesquisa ficou evidente. Deixo esse registro, mas a questão será interpretada em seu material (a próxima entrevista a ser apresentada) quando esse conteúdo aparece outras vezes.

Peço para Amal falar sobre a guerra e ela responde:

— A guerra é como se você estivesse morrendo todos os dias. Você não sabe que horas vai morrer. Sua vida vale uma bala. Então, só de pensar fico sei lá, me desligo do mundo. Outro dia resolvi dormir cedo, mas não parei de pensar. Quando notei já eram seis horas da manhã. Já vi mortes em minha frente, já fugi de mortes. São tantas loucuras que prefiro que seja mais específica. Me pergunte.

Então, pergunto como ela se deu conta que o país estava em guerra. Relatou que entendeu que havia uma guerra quando precisou se esconder e parou de fazer tudo: brincar na rua, ir à escola e passear: “[...] se você sair sabe que não volta. Tive que ficar longe de meu pai sem saber onde ele estava. Ele ficou preso por ajudar as pessoas. Salvou a vida de pessoas atingidas pela guerra”. Conta que sua pior lembrança da guerra foi ao retornar a Idlib, após uma viagem à Turquia quando a família foi sondar a possibilidade de refugiar-se neste país. Sobre essa experiência disse:

— *Quando a gente entrou a minha cidade estava cheia de tanquinhos apontados para gente. Todos armados, apontando para a gente e eu tive que andar no meio daquilo para ir até a minha casa e pegar algumas roupas para fugir de novo. Eles não imaginavam que íamos fugir ou que somos contra o presidente porque senão não teríamos saído de lá.*

Sua cidade foi invadida no início da guerra e continua sofrendo ataques até hoje. “Muitas pessoas morreram. Minha casa foi bombardeada, a metade da casa caiu. Quando saímos, os vizinhos que diziam que nos amavam roubaram tudo”. Amal diz que o início da guerra foi o período mais difícil para ela, em suas palavras:

— *[...] acabou comigo. Você acorda de um dia para o outro sem nada. Tinha tudo e acorda sem nada. Não é a questão do dinheiro, é da alma. Parece que você está viva sem alma porque minha alma ficou lá. Meu coração bate por bater porque perdi realmente o que era meu: meu país. Não posso voltar mais para lá. Perdi grandes amigas, morreram. O melhor amigo de meu irmão morreu na guerra. Só para te falar as coisas que acontecerem comigo vai demorar mais de um ano. Eu gostaria de falar uma parte disso para o mundo.*

A percepção de Amal sobre a guerra mostra uma maturidade pouco comum a adolescentes que vivem distantes desse ambiente, como mostra a fala a seguir:

— *Eu não fechava os olhos para não sonhar. Todos têm o direito de sonhar, mas naquela época não podia porque meu único pensamento era sobreviver. Não estava pensando no futuro, não estava pensando em nada. Eu achava que não tinha futuro. Achava que minha vida iria acabar com uma bala ou com uma bomba. Meu! São tantas lembranças ruins. Não sei como passei por isso tudo, sério. Acho que sou gato de sete almas. Só pode porque foram tantas coisas que eu passei. Já passei por vários problemas muito maiores do que hoje estou passando. Cada dor pode ser pequena ou grande, é dor. Não é porque passei por coisas maiores que não significa que não posso sentir mais dor.*

Apesar de tudo que viveu na Síria, atribui à Jordânia o pior momento de sua vida. A salvo dos bombardeios, mas exposta a outros riscos e à dureza de se viver em “uma tenda que abria com o zíper, o banheiro longe 30 minutos, tinha cobra no campo, era um deserto. Vários estupros, sequestros, várias meninas vendidas”. Morou com a família em um acampamento da ONU para refugiados. No último ano na Jordânia, sua mãe estava grávida e Amal precisou assumir boa parte dos afazeres domésticos, como buscar água a uma hora e meia do acampamento. Após narrar essa experiência, diz: “Sou guerreira, viu!”. No dia que sua mãe teve bebê precisou ficar sozinha na tenda e diz ter visto uma assombração. Ao abrir os olhos via algo estranho. Diz que além dela, várias mulheres viram fantasma no acampamento:

— *Um cara que aparecia na casa delas do nada e batia a cabeça delas na parede. Elas acordavam dois dias depois. Eram tantas loucuras. Às vezes, acho que é drama das pessoas para aparecer. Às vezes, acho que realmente diante de tudo que passamos um fantasma não vai assustar ninguém. O próprio diabo foi o governo da Síria, o presidente.*

Segundo sua narrativa, os soldados de Al-Assad batiam em todos, mataram milhares de crianças, decapitaram pais de famílias, estupravam mulheres e riam do povo. No entanto, o governo alegava que matava terrorista. E Amal indaga: “quando que crianças de um ano de idade são terroristas? E tudo isso é feito por orgulho. Al-Assad é o capeta em forma de pessoa.” Pergunto quando a guerra vai acabar e ela responde:

— *Não sei quando a guerra vai acabar, mas a Síria acabou. Não tem mais volta. Era uma vez a Síria na geografia. Ninguém vai querer recuperar a Síria. As pessoas que realmente iriam recuperar a Síria já morreram ou saíram do país e não querem voltar ou são pessoas que já perderam tudo por causa da guerra e não tem a esperança de voltar para aquele país que foi tudo para eles.*

Sente muita tristeza e um vazio quando pensa na guerra. Reconhece que essa experiência vai marcar sua vida para sempre. Mas, como agora está no Brasil prefere falar das coisas maravilhosas que há aqui. Muito alegre, conta que participou das Olimpíadas do Rio de Janeiro, em um lugar de destaque, concedeu entrevistas a importantes programas de TV e para uma revista voltada ao público adolescente. Diz que é alegre, comunicativa, cheia de vida e faz amizades com facilidade.

A saída da Jordânia também foi marcada por obstáculos. Para chegar ao Brasil voaram até o Catar onde pretendiam se hospedar em um hotel e, no dia seguinte, pegar o voo para São Paulo. Nesta ocasião, o hotel não aceitou que a mãe de Amal se hospedasse lá por causa de sua nacionalidade. “Os sírios não são bem-vindos”. Somente Amal, seu irmão e a irmã de 20 dias de vida que tinham documentos brasileiros podiam dormir no quarto. Vale ressaltar a origem dos documentos brasileiros: Como não foi possível pegar os documentos antes de deixar a Síria, o Brasil enviou passaportes para que pudessem chegar aqui.

— *Não tinha nenhum documento falando que eu sou realmente uma pessoa. O Brasil me mandou um passaporte para vir para cá e com esse passaporte consegui fazer um RNE de refugiado. E quando fizer 18 vou ter cidadania brasileira, com muito orgulho. Na Síria só pode ter RG com 18 anos, só tem registro de nascimento. Não trouxe o registro porque não estava em casa quando foi bombardeado.*

A sugestão do hotel foi que as crianças dormissem no quarto e a mãe aguardasse na recepção do hotel. Ofereceu as cadeiras da recepção para sua mãe dormir. Todos, então, dormiram sentados na recepção para não se separarem. Seu pai veio antes para o Brasil justamente para agilizar a ida da família. Foi assim que conseguiu o passaporte dos filhos. Fez a mesma rota e, do mesmo modo, não pode dormir no quarto do hotel no Catar. Em relação a esses episódios, Amal conta o seguinte:

— *Nem com dinheiro para pagar a hospedagem você pode [se hospedar]. Tem pessoas más. Às vezes olho para o passado e falo caraca como superei tudo isso! Como eu odeio ser árabe porque passei por tantas coisas. Tenho uma história realmente louca. Sei que meninas passam por muitas coisas, por isso, às vezes, acho que sou feminista.*

Pergunto a ela o que é ser feminista. “É como o machista ao contrário. Fala mal de homem, maltrata homem. A mulher sempre sofre, sempre é vítima. Mas, nem todas”. Pergunto se o homem brasileiro é parecido com árabe e ela responde: “homem é homem. Mas, nem todos os homens são ruins. É como as mulheres. Depois dessas coisas que estou falando você vai me ver no cemitério por causa de meus pais (risos).”

Sua narrativa passa a centrar-se na ideia de contar ao mundo o que sente injusto, como: alguns preceitos islâmicos, o preconceito, a submissão e o abuso de mulheres. Diz que em relação a essas questões a guerra teve um lado positivo.

— *Me deixar aqui nesse mundo: Brasil. As pessoas maravilhosas que conheço hoje em dia, pessoas diferentes. Aprendi a amar cada um. Amar as diferenças. A gente começa a gostar pela aparência e passa a gostar pela própria pessoa.*

Tem poucas lembranças boas de seu pai. Sente o irmão muito distante, apesar de dividiram o quarto. Diz que ninguém da família lembrou-se de seu último aniversário. “A única pessoa que lembrou foi minha amiga da escola que é sapatão e me deu essa pulseira”. Sente que não pode dividir suas aspirações e angústias com seus pais. No entanto, fez amizade com uma senhora brasileira com quem compartilha seus sentimentos e, por isso, a reconhece como uma espécie de mãe de consideração. Após falar sobre o que se espera da mulher mulçumana, diz: “Eu adoro ser diferente. Você deve pensar nessa menina se perdeu!”. Então, digo a Amal que pode ter se perdido ou se encontrado, depende do modo como se olha para isso. Amal responde:

— *Nossa! Real. [...] Vou te falar um pouco sobre ser eu mesmo porque da guerra já falei. Sou uma pessoa que sempre está sonhando. Sempre tem um sonho diferente. Porém, meus sonhos parecem que nunca serão realizados porque não tenho o apoio de meus pais, eles me julgam. Pelo meu pai sou vista como prostituta porque sou a menina que eu sou. Eu apanho, sou sem voz perto dele. Ele me machuca, me agride com as palavras. Realmente me sinto órfã pelos meus pais. A questão não é tê-los vivos, mas sim comigo. É diferente. [...] De boa, até cachorro sabe fazer um filho. Mas, para ser pai precisa ter carinho.*

Conta que apesar da proximidade física, sente seus pais como dois estranhos. Disse que está cansada de fingir que gosta do seu pai e o respeita. Apanha dele ao contrariar suas regras ou simplesmente porque perdeu o chip do celular dele. “A primeira vez que me bateu perdi o respeito por ele. Batia também na Síria, tinha seis anos, a primeira vez. Tenho a marca da cinta nas costas. Ele me agrediu como se eu fosse uma inimiga.” Retrata seus pais como pessoas preconceituosas e lembra-se que ela também pensava desta forma.

— *Eu tinha preconceito com preto, gays, lésbicas, porque aprendi com meus pais e eles falavam bosta. Pode botar tudo isso que estou falando já que não vai sair com meu nome. Quanto mais eles têm preconceito mais contra eles eu viro. A minha história é tão longa e tantas coisas que eu vivo. Quando vejo preconceito e o olhar de deboche de meu pai, mais fico com nojo e ódio dele.*

Sua família, principalmente o pai e a avó, espera que ela se case com um rapaz mulçumano e obedeça ao marido. Diz que jamais seria mandada por um homem. “Coitado, está super enganado porque só vou casar quando tiver meu trabalho, meu dinheiro, meu apartamento. Vou controlar meu futuro. Não vou deixar nenhum homem me controlar”. Espanta seus pretendentes dizendo que não é boa dona de casa e fingindo que é vesga. Em seguida, de modo ambíguo, diz que não se vê casada e com filhos, contudo, reconhece o desejo de ser mãe:

— *Meu sonho é adotar um bebê negro porque sou apaixonada pelas crianças e vejo que o preconceito é super alto com negros. Com mulçumanos também, mas com negro é muito pior. E tipo assim eu queria ser a mãe. Quero ter filhos meus, mas primeiro quero adotar um bebê negro para enfrentar o mundo eu e ele e pronto. Vai ser estranho, mas quero realmente demonstrar que ele não é negro por ser preto. Quero que ele seja como eu quero ser. Deixar a criança livre. São tantos motivos, mas principalmente porque eu gosto. Gosto de aventuras. Por ser uma pessoa especial é muito lindo, porém tem várias aventuras.*

Diz que já foi pedida em casamento umas trinta vezes. Coloca uma série de defeitos nesses pretendentes e diz que não consegue se achar nesses homens. Narra um sonho no qual se casava vestida de branco, com um bebê no colo. Diz que é um sonho de criança, pois atualmente sonha sempre reunida com várias mulheres lutando por respeito. “Mas, na minha religião diz que a mulher é braço curto, precisa do homem para fazer as coisas”. Então, pergunto se o fato de morar no Brasil permitiu que ela olhasse diferente para essas questões. Ela diz que sim. “Se estivesse na Síria tenha certeza de que eu iria te julgar porque você não usa véu. Eu iria cuspir nos amigos porque são sapatão, lésbicas”. Nesse momento fiquei em dúvida se falava de modo figurado ou literal. Sua fala esclarece:

— *Se eu fosse realmente como minha cultura, minha religião quer que eu seja, iria cuspir e apedrejar. Eu não seria essa menina sonhadora, lutadora ou guerreira que não está nem aí para a sociedade, só quer ser feliz e não quer machucar ninguém.*

Amal continua narrando seu terror particular.

— *Lá eu estava preocupada com a sobrevivência. Então, só aqui veio a surpresa, um vazio enorme. Em minha cultura não posso fazer isso, não posso fazer aquilo. Não tem nada para fazer, então vem um vazio. Meu pai diz por que não arruma a casa? Você tem sim coisas para fazer. Mas, isso não é para adolescentes. Não vai aumentar nossa autoestima. Se dou um sorriso meu pai reclama. Diz que estou parecendo uma prostituta. Então, quem me ver dentro de casa não diz que sou a mesma pessoa. Sou uma pessoa em depressão. Fico muito mal, com os olhos acabadíssimos. Fiz cortes para me matar. Tentei coisas, mas não deu certo. Queria pular da janela, mas tem rede. Estava sentindo muita pressão de meus pais e em conflito com minha sexualidade.*

Diz que veio de um mundo muito fechado, bem diferente do que encontrou no Brasil. Exprime essa percepção dizendo:

— Agora, parece que um ovo quebrou e um pintinho saiu e eu disse: nossa! Que mundo diferente! Acho que foi isso que aconteceu comigo. Estou crescendo. Acho que renasci quando cheguei ao Brasil. Não tenho medo de ser quem eu sou. Ainda tem coisas que preciso falar, mas não me sinto pronta para falar. Às vezes, falo, cara, será que Deus me perdoa um dia?

Prossegue contando o distanciamento de seus pais. “Eu já fui uma refugiada e acho que vou ser uma segunda refugiada para poder ser quem eu sou. Para fugir de meus pais.” Lamenta tal afastamento, no entanto, entende que não há outro caminho. Ela me pergunta se tenho algum preconceito e emenda dizendo que está confusa em relação a tudo. Diante disso, apoia-se em suas próprias certezas, relatando:

— Eu sou sábia. Sei exatamente onde entrar e onde não entrar. É uma escolha da gente, o que a gente quer ser ou não. Minha mãe falou para eu não ter amizade com sapatão, lésbica e gay porque ela acha que leva para o mundo das drogas. A sapatão olhou para mim e falou assim: se você pensar um dia em beber ou usar drogas você vai se ferrar comigo, vai apanhar de mim e de seus pais. Para você ver, a pessoa que sua mãe acha que é sua inimiga e vai te levar para o caminho mau, te protege como se fosse um bebezinho. Hoje em dia, são poucos detalhes que realmente preciso para ser feliz. Não estou pedindo grana ou castelo. Estou pedindo o amor puro. Realmente verdadeiro. Essa minha amiga é como se fosse uma irmã, a gente se diverte. Ela já passou por tudo que eu estou passando quando ela enfrentou o preconceito por sua sexualidade.

Gostaria de conversar sobre tudo com os pais, mas estes não estão abertos a isso. Quer conversar sobre religião, sexo, tatuagem e piercing. Mas, seu pai foi taxativo ao dizer que isso é coisa de vagabunda, de vadia. Relata que fez duas tatuagens e colocou um *piercing* escondida de seus pais. Pagou tudo isso e sapato de salto alto com o cartão de crédito do pai. Com a provocação característica de uma adolescente, narra: “não sei como ele não vê. Está lá. Não vê por que não quer”. Volta a falar que também já foi preconceituosa, mas mudou a partir do momento que “percebi coisas sobre mim.” Continua:

— *Entrou uma menina lésbica na escola antiga e começou a olhar para mim porque eu usava o véu, achava eu. Ela tinha um jeito muito de menina, unha grande e tudo. Tive preconceito com isso. Mas, foi no EJA que realmente mudei porque conheci menino gay e trans e todos foram superlegais comigo.*

Além disso, conta que sentiu atração por uma colega casada. Rapidamente explica que não tiveram contato físico. Mas, trocou algumas carícias com outras garotas e diz que algo mudou nela. Agora, não sabe exatamente do que gosta.

Antes de encerrar a entrevista, pergunto sobre o contato que teve com uma ONG que recepciona refugiados. Ela diz que fez algumas sessões de psicoterapia e gostou muito porque “eles fazem as pessoas sobreviverem quando elas acham que estão mortas”.

*

Amal narrou muitas experiências difíceis desde o início da guerra, à época uma criança de seis anos de idade. Amal temia ser destruída a qualquer momento, como diz a seguir. “Eu não fechava os olhos para não sonhar. Todos têm o direito de sonhar, mas naquela época não podia porque meu único pensamento era sobreviver.” A ideia de uma vigília permanente surge como uma estratégia para não sucumbir aos ataques bélicos, a humilhação e ao entorpecimento comum ao terror. Como afirma Marcelo Viñar, “É uma espécie de injunção primária. É preciso viver, é preciso ter a coragem de continuar a viver, sobrevida do corpo ou do pensamento: um tipo de dever cego, premente, em vez de inteligente.”⁵⁵

Outrossim, o sonho é uma manifestação alheia ao controle da consciência. Portanto, dormir é entregar-se completamente as leis inconsciente, ao indomável. A ideia de entrar em contato com o registro do traumático evidencia a temida e iminente destruição. O relato de Amal aponta para essa direção: “Não estava pensando no futuro, não estava pensando em nada. Eu achava que não tinha futuro. Achava que minha vida iria acabar com uma bala ou com uma bomba. Meu! São tantas lembranças ruins.” Desse modo, o excesso de memória se apresenta

⁵⁵ VIÑAR, M. O terror, o lugar do psicanalista. In: VIÑAR, M. & M. *Exílio e Tortura*. São Paulo: Ed. Escuta, 1992, p.101.

como um desafio que parece grudar no psiquismo em oposição a elaboração do traumático. O sujeito não consegue esquecer a cena tampouco os acontecimentos aos quais fora exposto. De acordo com Koltai: “a lembrança permanece presente, sem modificações e sem se fragmentar em vários fantasmas.”⁵⁶

Para mais, aos seis anos de idade, suponho que Amal estava às voltas com a triangulação edípica, fantasia ameaçadora produzida em seu interior. No trauma decorrente da imaginada sedução incestuosa o caráter sexual é o protagonista. Contudo, não elimina o terror. Nesse contexto, além de violento o terror é sagrado e secreto. Desse modo, “é preciso desconhecê-lo e cujo desconhecimento é fonte de pavor. O preço disso é o indizível. [...]”⁵⁷ Não por acaso, o período de latência sucede o complexo de Édipo. A amnésia se instala no pós-trauma dando uma trégua as ameaças internas.

Em dado momento da entrevista me pergunto como o horror da guerra atravessou o conflito edípico. A coexistência de fontes traumáticas intensifica o excesso pulsional e a precariedade para simbolizar. Desse modo, as fronteiras entre fantasia, alucinação e realidade (externa) esmaece e a distinção da natureza traumática fica nebulosa. Consequentemente, o desamparo e a dissociação ameaçam a integridade psíquica. De qualquer modo, a memória do trauma é permeada de fantasia, independentemente da natureza do trauma ou da idade em que foi vivido.

Por tudo isso, dormir, sonhar representam uma destruição iminente remete ao medo do colapso. Em consonância com o psicanalista Decio Kurfinkel, em última instância, o que entra em colapso é função do sonhar. Kurfinkel assevera que o colapso de sonhar indica uma quebra ou uma falha na organização do Eu e o conseqüente desmoronamento de uma organização defensiva.⁵⁸ Desse modo, em oposição ao recalçamento defendido por Sigmund Freud, o indivíduo submerge em um estado de dissociação.

O desamparo e a vulnerabilidade se intensificaram quando morou em um acampamento para refugiados, na Jordânia. Como disse, viveu em “uma tenda que abria com o zíper” e andava quilômetros para buscar água. Essa experiência parece ter massacrado seu narcisismo, sua

⁵⁶ KOLTAI, C. (p.65). *Os errantes, um desafio para a psicanálise: uma clínica da errância?* In: *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 52, n. 3, São Paulo, 2018 (p.65), pp.60-72.

⁵⁷ VIÑAR, M. O terror, o lugar do psicanalista. In: VIÑAR, Maren & Marcelo. *Exílio e Tortura*. São Paulo: Ed. Escuta, 1992, p.103.

⁵⁸ GURFINKEL, D. *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2001.

dignidade. Além disso, a exploração da vulnerabilidade dessa comunidade pode ser observada nos estupro, sequestros e no comércio de meninas e adolescentes. O excesso pulsional em que Amal estava mergulhada se intensifica com a gravidez de sua mãe. À época, a responsabilidade da casa é transferida a Amal. O distanciamento de sua mãe e a chegada de um irmão parece ter relação com o fantasma que a assombrou quando estava sozinha na tenda. Mas, Amal sobrevive. Como disse, “sou uma guerreira.”

Amal atribui seu sofrimento a sua origem. Sente que cobram dos sírios a dívida da humanidade. A nacionalidade síria se sobrepõe a identidade. Haja vista quando sua mãe não pode hospedar-se em um hotel no Catar. A cada experiência Amal se dá conta que ser síria lhe rouba a leveza da vida: os sonhos, a paz e um cotidiano minimamente previsível. No entanto, por outro lado, ao dizer que odeia ser árabe parece se referir aos pais. Afinal, herdou destes sua origem: a nacionalidade alvo de preconceito e a religião que cerceia seus anseios. Sente raiva da herança que castra sua liberdade. Especialmente, sente ódio e desprezo pelo pai, aquele que encarna a severidade. Como disse Amal, ele a trata como se fosse uma inimiga. Parece-me que estende esse sentimento para a figura masculina de um modo mais amplo. Tudo isso alimenta um conflito relativo à sua sexualidade à medida que o complexo de Édipo é retomado na adolescência. Inconscientemente a atração por meninas e o desprezo pelos homens soam como uma revanche a figura paterna.

Conta que na Síria só pensava em sobreviver e assim mantinha-se ocupada. Ao chegar ao Brasil saiu dessa posição e, então, se deparou com questões centrais em sua vida. Reputa essa experiência ao início de uma depressão. Tais questões não estão diretamente relacionadas aos horrores da guerra civil da Síria, mas ao distanciamento dos pais e as agressões físicas, entre outros. No entanto, seu ingresso no Brasil mostrou a possibilidade de se libertar da masmorra onde cumpria uma sentença determinada pela família e pela cultura. O cheiro da liberdade acende a esperança de viver à sua maneira, o que ainda parece distante. Essa situação lhe devolve a sensação de prisioneira (em sua própria casa, em sua história). O que pode ser observado na seguinte fala: “Eu já fui uma refugiada e acho que vou ser uma segunda refugiada para poder ser quem eu sou. Para fugir de meus pais.”

À propósito, a escolha do nome fictício veio quando buscou identificar uma palavra que a define. Amal, em árabe, significa esperança. Entende que suportou tudo que já viveu porque acredita que pode fazer diferente do que foi prescrito por sua família. Contudo, em alguns momentos, essa esperança não é visível e, então, entra em sofrimento. A ideação suicida é

recorrente, por isso, entendi apropriado encaminhá-la a um serviço de psicoterapia. O TCLE atribui tal responsabilidade ao pesquisador quando a narrativa traz à tona algum sofrimento psíquico aos participantes da pesquisa. Ainda que tal sofrimento anteceda a entrevista, apareceu em sua fala e não deixaria de encaminhá-la. Ao contrário de outros entrevistados que se recusaram a adotar um nome fictício, Amal encontrou nesse caminho proteção e segurança para dizer o que pensa sem sofrer retaliações de sua família.

Amal chega ao Brasil no início da adolescência. Ou seja, logo após perder as referências do universo infantil e da cultura de origem. Outra vez, sem lugar ou direção. A adolescência é uma terra de errância. É uma reedição da primeira neurose, o complexo de Édipo. Nesse sentido, em relação a adolescência Melman assevera.

[...] podemos caracterizar essa crise como o encontro daquilo que se descobre, naquele momento, não ter sido uma privação, isto é, a manutenção na promessa de que esse objeto fantasiado, esse objeto ideal, seria entregue ou restituído a termo e no momento desejado, mas sim o encontro maciço, eventualmente traumatizante, daquilo que na realidade tinha sido instaurado com o fantasma original, isto é, a castração.⁵⁹

Contudo, a experiência de Amal me remete ao conceito de adolescente gregário cunhado por Contardo Calligaris.⁶⁰ Como resposta a falta de reconhecimento que gostaria de receber de seu pai passa a procurar reconhecimento nos colegas da escola. O grupo de amigos se reconhecem como pares e assim aplaca o desamparo, o senso do perdido.

Amal aproveita todas as possibilidades para expressar sua singularidade. Tem uma força psíquica que a faz acreditar em mudanças. No entanto, como é comum na adolescência, recorreu a onipotência para reagir ao cerceamento familiar. Provoca o pai ao pagar suas compras com o cartão de crédito dele. Vale lembrar que consome os símbolos condenados por seu pai, como salto alto, tatuagem, entre outros. Inclusive apostou em algo bastante distante de sua cultura para chamar a atenção do pai. Fez tranças afro em todo o cabelo, como se dissesse, agora ele vai me notar. No entanto, ao prendê-las sob Hijabe (ou *hijab*, o véu mulçumano) percebeu que fez “uma tolice.” O comprimento de seu cabelo e número de tranças o deixou muito volumoso. Em suas palavras “eu parecia um extraterrestre. Só tinha cabeça. Tudo bem, agora já foi. Vou

⁵⁹ MELMAN, C. Haveria uma questão particular no pai na adolescência? Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Porto Alegre, ano V, n.11, 1995, pp.7-24.

⁶⁰ CALLIGARIS, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

esperar uns dias para tirar, não posso passar recibo.” Amal sente-se sozinha e sofre à medida que a família não a escuta e não respeita sua singularidade.

No entanto, a onipotência (dar conta da vida sozinha) e a idealização (todas as pessoas em São Paulo são confiáveis) dá sinais de fragilidade. Amal relata com surpresa que alguns amigos a decepcionaram muito. Confirmando assim a idealização que colore suas amizades e a desilusão que a falha de tal mecanismo impõe.

6.6 Hanadi

“Sinto falta do vento. Ah! O vento da Síria é maravilhoso.

[...] Meu país era um paraíso na terra.

Mas, depois dessa guerra, ele faleceu”.

Hanadi.

Casada, 36 anos de idade, veio de Idlib e conseguiu a cidadania brasileira poucos meses após entrar no país. Assim como sua filha adolescente e sua mãe, usa a *hijab*. Na Síria, até o início da guerra, seu marido tinha fábrica de fios elétricos e produzia azeite em sua própria fazenda onde plantava azeitonas e engarrafava o óleo. Tinham um padrão econômico elevado e viviam com conforto. Hanadi diz que a vida do povo sírio foi estragada quando um professor atribuiu aos alunos a pichação que ele fez no muro de uma escola em protesto ao governo. Somou-se a isso a reação de um “governo sem coração”, relata que:

— O presidente tem uma religião diferente da nossa. Quem está com ele tem tudo. Esse professor ficou com raiva e escreveu a opinião dele na escola e alguém avisou à polícia e ao governo. Em pouco tempo chegaram vários carros de polícia, parecia filme de ação. O professor disse que foram as crianças quem escreveu. Ele estava com medo dele morrer. A polícia levou quase 15 crianças e bateu até alguns morrerem. Como as crianças não voltaram para casa as famílias perguntavam onde estão nossas crianças? A polícia disse: vão para casa fazer outra criança, se você não consegue, a gente se deita com sua esposa. Você pode xingar Deus, mas não pode falar da polícia. Para não passar essa notícia para fora da Síria o governo mandou a polícia atirar nos manifestantes.

Esse episódio desencadeou diversas manifestações que tomaram conta do país, como relatado na seção *Síria: Guerra. E paz?* Hanadi ressalta a grande preocupação de Al-Assad em conter notícias sobre os protestos. Com isso, evita que o exterior conheça o que enfrentavam internamente. Diz ainda que a imprensa internacional não informou a luta exatamente como ocorreu:

— *Notícia de nosso país chegou no exterior que era luta do estado islâmico com o Daesh,⁶¹ mas não tem nada disso. É tudo mentira. Nossa guerra começou pequena e cresceu matando muita gente. Os militares não queriam matar porque seus familiares estavam protestando também e podiam morrer. Começaram a fugir e pedir refúgio nos países vizinhos. O povo não queria guerra, mas não respeitaram as crianças e a liberdade do povo, então protestaram.*

Em dado momento da entrevista, Hanadi diz:

— *Não tenho vontade de olhar para trás porque quando olha para trás fico triste, tudo machuca. Perdi um irmão porque defendia a liberdade e queria proteger o país. As pessoas hoje comem planta porque falta tudo: luz, gás. Meu irmão tinha uma terra que dava para ele 250 mil dólares por ano, tinha fruta, mas ficou fora da terra. As pessoas cortaram as plantas e estragou tudo. Era tão rico. Um dia acordou e não tinha mais nada. A gente fica triste demais, mas agradecemos a Deus porque a família está perto, está salvo. O que dói mesmo é a morte de meu irmão. Eu era muito próxima dele. Tenho lembranças tristes.*

Os homens de sua família (marido e irmãos) participaram ativamente dos protestos contra o Governo ajudando civis feridos. Em função disso, no início da guerra, seu marido ficou preso durante um ano, em Damasco. Um de seus irmãos morreu atingido por uma bomba. O enterro foi feito no local do combate por seus amigos de *front*. A família não pode sequer velar o corpo. Segundo informou mais de 150 pessoas de sua família morreram desde o início da

⁶¹ Grupo fundamentalista também chamado Da'ish e mais conhecido no Ocidente como Estado Islâmico (EI).

guerra. Esse mesmo irmão desertou do exército sírio para não matar civis, como fez Mohammed, o primeiro entrevistado.

Pouco depois de libertos, seu marido e um cunhado foram ao Egito sondar a possibilidade de refúgio para a família. Diz que foi uma viagem. Temiam ser entregues à polícia síria porque o presidente egípcio é amigo de Bashar Al-Assad. Então, foram para um acampamento de refugiados na Jordânia, na fronteira com Damasco. Desse período traz lembranças duras. Assim como Amal, ressaltou que morou em uma tenda cuja fechadura era um zíper. Viu muitas crianças morrerem em decorrência do frio ou de incêndios causados pelo aquecedor. Mas, relativiza a situação ao mostrar o lado feliz: “mas, por outro lado, era feliz porque estava perto de meu país. Então pensava não vai demorar para voltar para meu país”. Hanadi suspira e diz: “ficava perto do céu da Síria. Eu podia experimentar o vento da Síria. É na fronteira”. Ao mesmo tempo, reclama que o governo jordaniano não permitia que os refugiados trabalhassem, o que aumentava a precariedade da vida no acampamento.

— Tem que viver de ajuda. Se chegou ajuda você come se não chegou precisa esperar. Não gostamos assim porque temos saúde para trabalhar. Meu marido abriu uma loja de câmbio no campo de refugiado e abriu uma loja de eletrodomésticos. Daí a polícia disse que não queria ele trabalhando nisso. Precisa pagar cinco mil dólares para trabalhar nisso. É complicado você está refugiado e ter que pagar isso. Então, ele fechou o negócio, ficou com raiva. Se não paga eles avisam a Síria que estamos lá. Refugiado precisa de proteção e não de maldade.

Durante esse período, Hanadi engravidou e deu à luz uma menina que chegou ao Brasil com dois meses de vida, hoje tem cinco anos de idade. Sua gravidez era de alto risco e, por isso, esperou o bebê nascer para vir para o Brasil. Perguntei como surgiu a ideia de vir para o Brasil e não para outro país. Então, responde: “Deus”. Disse que boa parte dos países árabes não aceita refugiados sírios. Então, seu cunhado pesquisou na internet um lugar onde os sírios poderiam viver com tranquilidade e achou o Brasil. Hanadi concluiu: “em um dia muda tudo.”

Seu cunhado sugeriu que viesse para o Brasil, ainda grávida, pois, assim, conseguiria trazer toda a família. Mas, pelo risco da gravidez esperou dar à luz. Seu marido decidiu vir antes para providenciar o ingresso dos filhos que saíram da Síria sem documento. Contudo, seu passaporte caducaria nos próximos 16 dias. Conseguiu a garantia do governo brasileiro para

ingressar nessa condição. Aqui, contou com a ajuda de uma ONG internacional, conseguiu visto temporário para os filhos embarcarem para o Brasil. Seu marido optou por não retornar à Jordânia para buscar a família, pois temia ser preso. “O exército pega todo mundo, não quer saber quem falou ou não do governo. Além disso, meu marido iria querer ajudar à família, os idosos. Ele se sente humilhado se não ajuda, então, ficaria mais difícil sair,” diz Hanadi. No consulado brasileiro, na Jordânia, retirou os passaportes e a família embarcou para São Paulo. A ajuda da ONG ultrapassou a obtenção do visto. Segundo Hanadi, esta instituição “comprou as passagens de avião para gente. Deram roupa de criança, fralda, comida e assim recomeçamos aqui. Colocaram pessoas perto da gente [tradutores] nos primeiros dias porque não falávamos nada em português.”

Hanadi chegou a São Paulo com três filhos, sendo um destes Amal, uma das participantes da pesquisa. Ainda amamentava quando engravidou, poucos meses depois de sua chegada, em 2016. Estava com oito meses de gestação quando deu à luz uma menina. A bebê morreu no segundo dia de vida em decorrência de um problema cardíaco. No entanto, Hanadi atribui a morte da recém-nascida aos desígnios de Deus. Conta que a bebê juntou dois dedos fazendo o sinal do testemunho ao profeta Mohammed. Para ela, isso indicava que sua filha não sobreviveria, em suas palavras:

— Disse ao médico que minha filha não iria viver porque ela quer morrer como as crianças da Síria. Acredito no profeta Mohammed – mensageiro de Deus. É como você acredita em Jesus. Eu confiei em Deus porque quando tenho raiva meu corpo fica muito mal. Eu fico calada para não deixar os outros tristes. Trabalho demais para deixar todos felizes. Quando Deus escolhe uma coisa dá certo, mas como ela nasceu antes do tempo. Eu errei um pouco. Não era para engravidar logo.

Narra que sua adaptação ao Brasil foi difícil. Veio de uma cidade pequena em comparação a São Paulo. Não conhecia metrô. Na Síria não usava mapa para se orientar porque dominava seu território. As diferenças culturais assustaram, contudo, convive com tranquilidade com a vizinhança. Logo no início procurou aprender o idioma local. A família alugou um apartamento e algum tempo depois foi assaltada, em 2019. Os ladrões entraram no apartamento e levaram significativa quantia em espécie. Depois desse evento, mudaram de apartamento porque já não se sentiam seguros. Por outro lado, diz que no Brasil pode frequentar

a mesquita. Em sua cidade somente os homens podem ir ao templo, exceto no mês do Hamadan,⁶² quando é permitido a presença de mulher, mas sem as crianças. Aqui está inserida em um grupo de mulheres que rezam juntas e estudam o Corão. “Parece família. Quando alguém falta à aula, as outras pessoas ligam para saber se está tudo bem. Dizem que têm saudade. Isso é tão importante, são pessoas tão gentis.”

Quase no final da entrevista, suas filhas entram. Apresenta-me à caçula. Amal me cumprimenta e se dirige à mãe dizendo que quer fazer psicoterapia e ela precisa autorizar.⁶³ Hanadi diz que Amal não precisa de psicoterapia, basta entregar a Deus. Desenvolta, Amal protesta: “você está errada porque terapia não tem nada a ver com Deus. É outra coisa”. Hanadi diz temer a violência e se preocupa com a filha andando pela cidade. No final, autoriza a psicoterapia e Amal se retira levando a irmã junto.

A presença da filha caçula me remeteu às entrevistas de Nassim e Rawa que, desde bem pequenos, ouviam histórias sobre o refúgio de seus antepassados da Palestina para a Síria. Então, pergunto a Hanadi que história ela vai contar à caçula sobre a guerra? Responde dizendo que contará a verdade, até porque a Síria está destruída e, por isso, não é possível voltar. “Damasco retrocedeu 500 anos. Acabou”.

Antes de encerrar a entrevista pergunto se há mais alguma coisa que gostaria de falar. Ela diz que é muito importante agradecer a todos que ajudaram os refugiados. “Até um sorriso que dão para gente já nos ajuda muito.”

*

A escuta da Hanadi fez-me pensar se ela comunica uma serenidade sofrida ou um sofrimento sereno. Resignada, se apoia na religião para suportar suas agruras. Não se permite sentir, pois implicaria sofrimento a ela e seus familiares. Parece fazer enorme esforço egóico para não sucumbir a tristeza, ao luto. Então, valoriza tudo, como disse: “até um sorriso ajuda o refugiado.” Contudo, como assevera Freud no texto *O mal-estar na cultura*, o homem não é constituído somente de ternura e necessidade de amar e ser amado. É inerente a este uma

⁶² Nono mês do calendário islâmico quando é praticado jejum e um ritual específico. É um dos pilares do islamismo.

⁶³ Quando a entrevistei ofereci a possibilidade de encaminhá-la a psicoterapia.

inclinação para a agressividade.⁶⁴ A pulsão de agressão também é constitutiva e necessária para ligá-lo a vida. Portanto, não se inscreve somente no excesso e na destrutividade – o que está diretamente ligado a agressão (ato de machucar a si ou aos outros). Este tipo de funcionamento psíquico, no entanto, a agressão que não se manifesta no contato com o outro é se manifesta como punição contra o próprio ego.

A agressão é introjetada, interiorizada, mas, na verdade é enviada de volta para o lugar de onde veio, portanto, é voltada contra o próprio Eu. Lá, ela é assumida por uma parte do Eu, que se opõe ao restante como Supereu, e então, como consciência moral, exerce contra o Eu essa mesma disponibilidade rigorosa para agressão [...].⁶⁵

Para mais, parece-me que Hanadi recorreu a uma espécie de dissociação instrumental, ou mecanismo de defesa, para preservar um quantum de vitalidade psíquica. Ou ainda, em consonância com o psicanalista David Zimmerman, o funcionamento psíquico de Hanadi remete a um estado de desistência. Refere-se a um ego sem vitalidade “cujo desejo maior consiste em não ter desejos.”⁶⁶ Desse modo, coloca-se a serviço da felicidade da família. Convoca para si a responsabilidade/culpa pelas catástrofes. Para exemplificar reproduzo uma de suas falas que apontam tal funcionamento. “Quando Deus escolhe uma coisa dá certo, mas como ela nasceu antes do tempo. Eu errei um pouco. Não era para engravidar logo.” Desta forma, Hanadi encontra na religião a explicação que aparentemente lhe protege do sofrimento. Em consonância com Freud, “[...] tudo que lhe sobrou, como último consolo e fonte de prazer possíveis em seu sofrimento, foi uma submissão incondicional. [...]”⁶⁷

Resgato um aspecto pontuado na narrativa de sua filha. Quando pedi autorização (por escrito) para Amal conceder entrevista prontamente Hanadi pergunta: “isso não é necessário? Você está mais do que aprovada,” Sua solicitude me chamou atenção. Após entrevistá-la ficou mais claro o quanto procura ceder as solicitações da filha. A apoia em assuntos que o pai jamais

⁶⁴ FREUD, S. (1930-1936). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos*. São Paulo: Companhia das letras, 2010. Tradução: Paulo César de Souza.

⁶⁵ Idem, p. 92

⁶⁶ ZIMMERMAN, D. *Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica. Uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999, p.116.

⁶⁷ FREUD, S. (1930-1936). *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos*. São Paulo: Companhia das letras, 2010. Tradução: Paulo César de Souza.

admitiria. Parece tentar exercer uma espécie de mediação velada. Teria por objetivo atenuar as divergências entre seu marido, pai de Amal (rígido e retaliador) e filha adolescente com sede de descobrir o mundo, em especial, o mundo interno.

No texto Totem e Tabu (1913), Freud assevera que a transmissão da herança psíquica é inevitável. Em suas palavras:

Nenhuma geração pode ocultar à geração que a sucede, nada de seus processos mentais mais importantes, pois a psicanálise mostrou que todos possuem na atividade mental inconsciente um '*apparatus*' que os capacita a interpretar as reações de outras pessoas, isto é, desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos" (p. 162).

A vista disso, perguntei a Hanadi o que contaria sobre o refúgio a filha caçula. Diz que contará a verdade. Contudo, sua fala indica que o conteúdo traumático foi pouco elaborado. Para amenizar o sofrimento que marcou sua vida na última década recorreu fortemente a mecanismos de defesa. A intensidade dessa operação instalou um estado psíquico desvitalizado. Calou-se diante da dor, pois não confia em sua capacidade de enfrentamento, ou seja, elaborar as angústias depressivas, como luto e culpa. Portanto, se sua energia psíquica permanecer estagnada, provavelmente transmitirá a sua filha um trauma não elaborado. No entanto, não é possível saber como lidará com essa transmissão. Diferente da afirmação de Freud, o êxito na elaboração da herança psíquica não é alcançado por todos os herdeiros. Sendo assim, sua filha conseguirá estabelecer uma fronteira entre o ego e o narcisismo dos pais? Ou ficará aprisionada, identificada com o sintoma herdado, como ocorreu com Rawa e Nassim? Só o futuro saberá.

6.7 Salam

“Se você fica na Síria, você vai desaparecer”.

Salam

Natural de Damasco, 51 anos de idade, é casado e tem três filhos. É formado em *designer*, com especialização em cerâmica. Exerceu diversas atividades artísticas e empresariais, concomitantemente. Na Síria tinha uma lanchonete e uma fábrica de placas de gesso, era professor de escultora e tocava alaúde⁶⁸ em um grupo musical, instrumento que também fabrica. No Brasil, tem um restaurante e mantém algumas atividades artísticas que desenvolvia na Síria.

A entrevista foi realizada em sua casa. Salam me recebeu no portão, me convidou para entrar e conduziu-me por um corredor que me parecia infundável. Um cheiro intenso e maravilhoso de comida síria ocupava o ambiente e, assim, comunicava sua cultura, seu trabalho e um meio para resgatar memórias. A intensidade dessa comunicação foi por mim apreendida de imediato. Me levou para o quintal e disse que estava fazendo um alaúde e precisava terminar. Deu-me as costas e dedicou-se a talhar o instrumento musical típico de sua terra. Fiquei em pé olhando a execução de uma atividade artística, laboral e cultural. Meus sentidos foram convocados intensamente nessa recepção onde os gestos, comportamentos, cheiros e símbolos sobrepunham as econômicas falas. Em seguida, pensei que havia a possibilidade de Salam querer concluir a construção do alaúde para então falar comigo. Bem, quanto tempo levaria? Pus-me a pensar sobre a inusitada experiência.

Alguns minutos depois, deixou o alaúde de lado e disse que podíamos conversar. Me conduziu ao jardim onde estavam seu filho e dois amigos que conhecera na república onde morou ao chegar a São Paulo. Serve um café fresco e deliciosos biscoitos sírios, feitos por ele. Um desses amigos ajudou a traduzir o que Salam não entendia, pois não tem domínio do idioma. Essa configuração me lembrou relatos de psicanalistas que atendem no *front*. Nessas situações, os atendimentos psicológicos ocorrem em um cenário bem diferente do consultório, como, por exemplo, em acampamentos de refugiados, embaixo de árvores e na presença de outras pessoas. Aliás, ocorre também em hospitais de Paris, a exemplo do trabalho desenvolvimento pela

⁶⁸ Instrumento musical de cordas dedilhadas. Tem forma de meia pera e cravelhas no braço em ângulo reto. Acredita-se que a origem do no alaúde é relacionada a palavra árabe al'ud, que significa madeira.

psicanalista Rose Marie Moro, onde a presença de um tradutor é determinante para que o trabalho aconteça.

Após transcorrido bastante tempo de entrevista, menciona – *en passant* – que na Síria morava em um bairro de refugiados palestinos. Assim fico sabendo que seus pais são palestinos refugiados na Síria. Ao contrário de Rawa e Nassim que se apresentam a partir da identidade palestina, uma espécie de cartão de visita, essa questão não é central para Salam. Então, peço para falar mais sobre isso e ele diz que sempre se sentiu muito bem na Síria, “como se fosse um sírio, mas sou palestino”. Seu tom de voz e a expressão facial, no entanto, transmitem suavidade. Indica certo distanciamento da história de refúgio de antepassados, percepção que se fortalece quando diz: “Tem volta à Palestina, mas não para mim, é para outras gerações”.

Seu pai foi preso em 1973 quando protestou contra a participação da síria na guerra do Yom Kippur. Foi torturado e após 90 dias na prisão morreu ao receber choque elétrico. O casal teve sete filhos. Bem antes da guerra, cinco saíram para estudar no exterior e não retornaram à Síria. Dois filhos moram na Suíça, o que atraiu a mãe de Salam, outros dois vivem na Inglaterra, um desses é diretor de um importante banco, outro nos Estados – onde fez pós-doutorado em Direito e outro permanece na Síria. Muito antes da guerra, ao visitar seus irmãos da Inglaterra, foi incentivado a juntar-se a eles. Não considerou a ideia, pois gostava da Síria e tinha muito trabalho, inclusive exportava cerâmica para o Líbano e a Líbia. Em 2013, em decorrência da guerra atual, sua mãe refugiou-se na Suíça.

Além da morte do pai de Salam, outra ação de extrema violência atingiu a família. Na década de 1980 um de seus irmãos foi estudar na China. Participou de um protesto local e, por isso, foi deportado para a Síria. Ao chegar, foi preso no aeroporto. Salam conhecia alguém influente no Exército a quem pagou pela liberdade do irmão. No entanto, impuseram uma condição. Seu irmão deveria sair em definitivo do país – hoje trabalha como tradutor em um hospital, na Inglaterra. Mesmo antes da guerra civil atual a Síria reprimia qualquer expressão contra a ordem imposta.

Em 2010, Salam percebeu que algo duro estava por vir. Entendeu que, como um sopro de esperança, a primavera árabe chegaria a seu país para conter a ditadura. No ano seguinte, começaram os embates que cresciam em meio ao cotidiano. Salam se deu conta da gravidade da situação quando saquearam seu ateliê. Então, constatou: “acabou o sonho de que a guerra não chegaria a esse ponto. Precisava sair da Síria porque aquilo não iria parar”. Diz que o

trabalho é o mais importante em sua vida. Em seguida fala: “minha vida é trabalho e na guerra não tem trabalho. Então, resolvi sair.”

O primeiro destino do refúgio foi o Líbano, onde viveu de 2012 a 2015. Contudo, não gostou dessa experiência. O custo de vida é bastante elevado, assim como o preconceito dirigido aos palestinos, diz: “A vida no Brasil não é fácil, mas é mais fácil que no Líbano.” Sua vinda para o Brasil foi sugerida por uma brasileira, amiga de seu irmão que vive nos Estados Unidos. Ela conseguiu o visto de entrada para Salam e seu filho mais velho, hoje com 27 anos de idade. Sua esposa e um casal de filhos ficaram no Líbano. Nesse momento, receberam a visita de uma ONG católica, com sede em Roma. Essa ONG conseguiu a documentação para a família de Salam viver na Itália. Então, diz que quando organizou sua vida no Brasil, a família já estava bem adaptada a Roma. Pensou muito no filho (11 anos de idade) que sofreu com a mudança de escola e de língua, do Líbano para a Itália. Mas, agora que está com excelentes notas, fluente em italiano, fazendo várias atividades artísticas e com muitos amigos. Entende que seria um retrocesso submetê-lo a outra mudança, um impedimento para seu crescimento. Orgulhoso, fala que o filho é muito inteligente. Sua filha tem 26 anos e a esposa, 45 anos de idade. Pretende visitar a família logo que receber o passaporte brasileiro. Trouxe o filho mais velho porque estava na idade exigida para ingressar no exército e o hezbollah estava na fronteira do Líbano. Portanto, a probabilidade de ser convocado estava próxima. Desde que chegaram ao Brasil seu filho mostra-se apático, entristecido e com dificuldade para relacionar-se. Perguntou se eu poderia ajudá-lo e, em seguida, diz que o rapaz recusa qualquer ajuda nessa direção.

A mesma pessoa que conseguiu a documentação para ingressar no Brasil pediu a uma amiga para recepcioná-los no aeroporto e apresentá-los a um senhor árabe que vive em São Paulo há muitos anos. A partir desse contato foi morar em uma república com outros sírios recém-chegados e começou a vender roupa na Feirinha da Madrugada, *na calçada*, como enfatiza. Essas pessoas tornaram-se seus grandes amigos. Encontrá-los foi um alívio em meio a estranheza da nova terra. Lembrei de uma expressão popular e digo a Salam “como se estivesse encontrando água no deserto.” Abre um largo sorriso e fala que entendi bem o que é ser árabe.

Ainda com poucos meses no país aproximou-se das atividades que lhe são caras. Comprou sardinha fresca, cozinhou e começou a vender em sua própria casa. Percebeu que tinham desprezado uma cama em uma lixeira na rua onde morava. Então, a recolheu e

transformou a madeira em peças para vender. Atualmente tem um restaurante (ele é o cozinheiro) e fabrica alaúde.

Tanto ele quanto sua família tinham excelente poder aquisitivo. Perderam grande parte do patrimônio, incluindo imóveis que foram destruídos por bombas. Salam diz não pensar muito sobre isso porque se pensar não conseguirá olhar para o futuro e diz: “prefiro fabricar alaúde para sentir que estou andando para frente. Quando pensa para trás você volta para trás e só vê tristeza.” Digo a ele que quando falou que voltou a fabricar o alaúde, seu rosto se iluminou. Ele concorda e diz que gosta do trabalho artístico porque “a madeira é viva. É uma energia grande para a vida. Não gosto de fazer a mesma atividade o tempo todo, precisa diversificar.”

Diz que a vida no Brasil é livre e isso é melhor que dinheiro. Não sentiu preconceito, foi bem recebido e conheceu muitas pessoas. Logo que chegou ingressou em um conjunto musical formado por árabes, judeus e cristãos. Diz: “Não gosto que a seita religiosa defina a pessoa. Gosto de pessoas. Você é muçumana ou cristã para Deus, não para mim”. Sente que precisa pensar novamente em um trabalho grande para a vida dar certo no Brasil, mas não sabe se terá tempo para isso, mas está seguindo.

Sente muita falta da vida em família, pois “árabe gosta de morar junto com a família”, a seguir:

— Tomava café da manhã diariamente na casa de minha mãe. Mas, ela saiu em 2013. Isso desorganizou. Não vejo minha mãe há 8 anos. Com o passaporte de refugiado palestino é muito difícil viajar. Estou esperando o passaporte brasileiro para visitar minha mãe.

Tem saudade, mas não considera retornar a Síria. Seus amigos que permanecem lá dizem para ele ficar no Brasil, pois hoje na Síria só tem fome e guerra. Pergunto por que muitos sírios não saíram. Salam diz só ficou quem não tem dinheiro para deixar o país ou não tem visto de entrada em outro país, pois até o Líbano fechou a fronteira.

Ao perguntar se ele gostaria de falar mais alguma coisa, um de seus amigos que até então permanecia calado, pede para acrescentar em minhas anotações que o presidente da Síria é muito ruim. “Ele deu a Síria para a família dele, deixou o povo sem nada.”

Ao terminar a entrevista Salam diz que vai jantar e pede que eu aguarde. Fico conversando com os demais (seu filho e os dois amigos que acompanharam a entrevista). Logo depois Salam retorna com dois pratos de comida e me convida para jantar. As outras pessoas também se serviram e integram a mesa do jantar. O sabor dessa comida fez jus ao cheiro delicioso que tomava conta do ambiente quando cheguei a casa de Salam.

*

Salam parece sofrer muito com a destruição de sua vida. Contudo, demonstra que em alguma medida elaborou o trauma do refúgio. Consegue arregimentar recursos, inclusive artísticos, para prosseguir com a vida executando diversas atividades mostrando assim uma visão integrada da realidade. Sua família se dividiu para assegurar uma condição privilegiada aos filhos.⁶⁹ No entanto, sua capacidade de encontrar soluções foi preservada. Isso é possível quando se tem um objeto integrado, bem constituído no mundo interno. Desse modo, a história pregressa, as relações primárias influenciam fortemente a capacidade de reagir ao evento traumático. Contudo, ressalto que um ego bem estabelecido não blinda o sujeito do sofrimento ou do trauma. No entanto, permite-lhe não sucumbir ao terror.

O modo como Salam me recebeu foi bastante significativo. Ajudou a compreender a metacomunicação. O cheiro da comida e a construção do instrumento musical (elementos de sua cultura) são atividades que permitem resgatar o narcisismo abalado por intensos rompimentos. Esse era o seu cartão de visitas: a expressão de sua subjetividade, a parte da vida que resistiu a guerra. Era importante para ele mostrar primeiro sua sensibilidade e a riqueza que pode produzir, pois é praticamente impossível viver sem o narcisismo constitutivo. Então, em seguida iniciamos a conversar.

Retomo o momento em que surge, naturalmente, a informação sobre a origem de seus pais. Salam disse que sempre se sentiu muito bem na Síria, “como se fosse um sírio, mas sou palestino.” No entanto, diferente dos entrevistados que o antecederam (Nassim e Rawa) ele fala sobre sua ancestralidade com muita tranquilidade. Indica certo distanciamento da história de refúgio de antepassados, percepção que se fortalece quando diz: “Tem volta à Palestina, mas

⁶⁹ Talvez o setting clínico indicasse outros elementos que influenciaram a separação da família. No entanto, em um breve contato emergiu elementos que revelassem algo além do que pontuei.

não para mim, é para outras gerações”. Salam indica ter elaborado sua herança e assim se desvencilhou do aprisionamento identitário que os entrevistados citados acima mostraram. Como disse: “prefiro fabricar alaúde para sentir que estou andando para frente.” Então, digo a ele que quando falou que voltou a fabricar o alaúde, seu rosto se iluminou. Ele concorda e diz que gosta do trabalho artístico porque “a madeira é viva. É uma energia grande para a vida. Não gosto de fazer a mesma atividade o tempo todo, precisa diversificar.”

6.8 Anas

“Guerra aqui? Dentro de quem?

[...] Quem eu sou agora?”

Anas

Natural de Damasco, é o caçula de seis filhos, tem 33 anos de idade. Aos 24 anos de idade fugiu da Síria para o Líbano. Dois anos depois veio para o Brasil. Chegou a São Paulo em 2015, mora sozinho. É jornalista, mas no Brasil, até o início da pandemia da COVID-19 trabalhava com eventos culturais, em parceria com uma ONG destinada ao acolhimento de refugiados. Desenvolvia perfumes sob encomenda, uma tradição em seu país. É palestrante e estudante de teatro. Está escrevendo um livro sobre sua experiência com a guerra e deseja ser diretor de cinema.

Percebeu que a Síria estava em guerra ao ser acordado pela explosão de uma bomba, em 22 abril 2011, às 6h, como disse: “Nunca vou esquecer”. Levantou-se atordoado, sem entender exatamente o que se passava, correu para rua, vestido somente com cueca. Ouviu gritos e percebeu que tinha um homem dentro de um carro em chamas. Ao retirá-lo do veículo percebeu que esse homem estava sem as pernas, diz:

— Foi uma bomba embaixo do carro dele. Na hora não entendi muito. Chegou uma ambulância e ele foi. Quando cheguei em casa e vi meu corpo todo sujo de sangue, eu desmaiei. Quando acordei disse: acho que tem uma guerra. Foi muito marcante para mim. Antes disso, achava que eram problemas pontuais.

Inicialmente diz não encontrar qualquer justificativa para a guerra da Síria: “Não tem palavras, não quero xingar. Até porque palavrão não cabe nesse lugar, porque palavrão é uma raiva. Não cabe.” Faz uma pausa e diz: “Estava vendo um povo brigando e morrendo por nada, pelo próprio ego.” Em seguida atribui o conflito à incidência dos Estados Unidos sobre a Síria:

— *Eles foram muito bobos, deixaram os Estados Unidos mexerem na Síria de forma totalmente horrível. Pagaram para destruir a Síria. Mandaram coisas novas para destruir nosso país (estados islâmicos, Primavera Árabe). Só querem proteger a entrada do gás para a Europa. E a Rússia está com fronteiras abertas para Europa. Não tem nada a ver com o povo sírio. O povo sírio é educado, todo mundo estudou, porque é obrigação ir para a escola e aprender inglês. Estudamos o ambiente da Amazônia, sei todas as frutas de lá.*

Apesar da força do episódio relatado acima, essa bomba não foi o único ato de extrema violência. Anas perdeu muitos familiares para a guerra: sua avó, sobrinho, tios e primos. Muitas mortes violentas em um curto período de tempo, somado à impossibilidade de realizar o velório.

— *Meu corpo não aceita morte até hoje, porque não vi o corpo, não fiz parte do enterro. Fui criado em um lugar que precisa fechar isso. Nosso luto inclui uma celebração de três dias para despedir a alma da morte e a gente perdeu isso.*

No auge da guerra, um de seus irmãos sumiu por dois anos até ser localizado em uma cadeia. Então, a família pagou por sua liberdade e providenciou uma fuga para o Líbano. Mas, próximo à fronteira foi sequestrado por um grupo clandestino que o manteve preso seis meses. Só então, a família pode pagar o resgate e a viagem ao Líbano foi concluída. Anas diz que a primeira prisão de seu irmão se deu em função de um equívoco bastante comum produzido pela profusão de homônimos, o que se reproduz na filiação. Então, é necessário conhecer o nome dos avós para identificar a pessoa abordada pela polícia. No entanto, na guerra isso não acontece, nas palavras de Anas: “até procurar a diferença a pessoa está morta.”

Aos 22 anos quando iniciou um estágio na TV estatal. Ao longo dos anos ampliou suas atividades nesse trabalho chegando a participar de um programa ao vivo, diariamente. No entanto, com a guerra iniciaram também muitos boatos apontando possíveis terroristas, o que lhe deixou preocupado. Certo dia, ao sair do trabalho foi a casa de um professor e, na saída, ambos foram sequestrados pelo Estado Islâmico. Permaneceram por uma semana no cativeiro,

foram torturados e, por fim, seu professor foi assassinado. Anas foi libertado mediante pagamento de resgate, por sua família. Tudo isso foi vigiado pelo governo que tomou Anas como um delator. O sequestro produziu muitos ferimentos, então ao ser libertado foi ao hospital. “Quando sai do hospital o governo mandou me perguntar como entreguei meu professor. Diante disso, fugi para Líbano para salvar minha vida porque se fosse conversar com o governo só Deus sabe se eu voltaria.” Assim, o terror atingiu o ápice em sua vida.

No Líbano trabalhou com crianças e jovens em campo de refugiados. Diz que por meio desse trabalho pode “transformar em amor a situação que me fez mal.” Apesar disso, sofreu com a xenofobia e durante sua estadia foi acompanhado constantemente pela ideia de que “o Líbano não me queria lá”. Esse mal-estar tornou-se insuportável quando se deparou com uma faixa na porta de um cemitério com a seguinte inscrição “proibido o enterro de sírios”. Esse fato intensificou o sentimento de vulnerabilidade e o desamparo ao constatar a impossibilidade de inscrever-se nesse lugar. Então, foi pesquisar na internet os países que poderiam conceder-lhe abrigo. Conta que o único país que lhe ofereceu essa possibilidade foi o Brasil, então solicitou autorização junto a embaixada brasileira no Líbano e de posse do *laissez faire*⁷⁰ embarcou para São Paulo.

A experiência em solo brasileiro é extensa. Vou começar apresentado o assombro revelado pelas diferenças culturais. Ao chegar ao Brasil ficou assustado com a população de rua e logo quis saber se seriam refugiados?

Anas falou com indignação que “as pessoas acham que é comum viver na rua, para mim não é comum. Não é comum ver um humano puxando uma carroça cheia de lixo. No mundo árabe não tem mais animal fazendo esse trabalho. Como vou aceitar um homem fazendo isso”. Outra questão difícil foi se perceber diminuído, precisando de ajuda, o que se formulou ao recorrer a uma ONG. Além disso, sentiu-se exposto ao ser solicitado a contar sua história, supostamente para o atendente entender que auxílio conceder, então, diz:

⁷⁰ Documento de viagem expedido pelo governo de um Estado, geralmente nas embaixadas fora do país, ou por uma organização internacional. Sua finalidade é permitir o trânsito de apátridas, de cidadãos de territórios não reconhecidos ou na ausência da posse de seus documentos, muito comum em situação de conflito e cassação dos direitos políticos.

— *Esse é um lugar tão horrível. [...] Você vai abrir tudo para ele, no final ele está fazendo uma ficha, não tem nada para fazer. Que lugar tão ruim porque está abrindo uma experiência dentro da pessoa e não tem nada para dar a ela. Quando vejo ong ou projeto falando muito meu coração não me deixa ficar calado. Para que tanto barulho na mídia para dar quatro cestas básicas, meu você está trabalhando com vidas. Parem com isso. Você está quebrando o orgulho, a autonomia, dignidade. Tem que ter cuidado com tudo para falar com o refugiado.*

Em 2012, sua família espalhou-se pelo Líbano, Egito e Alemanha em busca de proteção à vida. Em 2020, como algumas regiões cessaram o conflito, seus familiares retornaram à Síria uma vez que não se adaptaram no exterior. A casa da família foi destruída e o que sobreviveu os ataques bélicos foi roubado pela população. Mas, conseguiram reabrir o negócio da família: uma loja de material para manutenção de piscinas. Já no Brasil, Anas não quis retornar à Síria. Escolheu continuar aqui porque já fez laços e sente que avançou em relação a elaboração dessa intensa experiência, diz:

— *Quando sai do país sua vida vira de cabeça para baixo. O café da manhã pode se tornar almoço. O que precisa chorar vai te fazer. A família se torna estranho e o estranho se torna família. Seu país vira meu corpo. Essa é a minha liberdade. É ele que pode te devolver seu equilíbrio. Estou procurando preciso me respeitar dentro desse lugar. [...] Mudei meus gostos, a comida é muito diferente. Então, mudei hábitos e agora estou começando a me sentir um pouco estabelecido, então, eu vou voltar para que? Estragar tudo que consegui aqui. Eu cansei.*

Contudo, sente muita falta e se preocupa com a família que ficou distante. Diz: “O que está acontecendo lá? Eu falo com minha mãe de manhã e lá já é boa tarde. Isso é o mínimo. Imagina outras coisas. Não estou tranquilo.” Quer regularizar sua situação para visitar sua família no futuro, o que lhe custará muito, como relata a seguir:

— *O governo da Síria acabou de lançar uma lei que as pessoas que têm mais de 34 anos e não serviram o exército precisam pagar oito mil dólares, se não pagar eles vão confiscar os bens da família. Então, estou muito batalhando por um empréstimo para pagar e vou ficar quatro anos pagando o empréstimo. É injusto. Mesmo eu estando fora da Síria. E o mundo não vê isso. Precisa olhar para as minorias e não é só para refugiados. Não é só sobre mim.*

De fato, o refúgio é dispendioso. As viagens, a documentação, as propinas, montar e desmontar uma moradia, o que provoca a sensação de eterno recomeço.

— *Estou sempre correndo atrás de pagar coisas. Trabalhei dois anos no Líbano para pagar para soltar meu irmão, depois paguei a viagem para o Brasil, depois para me instalar aqui e depois fui ver minha família e perdi quase nove mil reais e não vi minha família. Estou escravo do dinheiro para tentar ser normal, conseguir o mínimo.*

Depois de alguns anos no Brasil, voltou ao Líbano para rever a família, mas sua entrada no país foi impedida. O Líbano não reconheceu o documento *laissez faire*, pois não diz respeito a sua legislação. Emitido pelo Brasil, garante a entrada de Anas no Brasil, nada além disso.

— *Tive que voltar do aeroporto. Para que o governo brasileiro me deu esse passaporte que não resolve minha vida. Para que recebe refugiado se não conhece a situação dele? Foi um dia de viagem, mas me atrasou dois anos porque voltei com mais um trauma. Voltei acabado, não tinha vontade de trabalhar. Não quero viajar mais para lá. Dinheiro está difícil. Não estou reclamando, mas te mostrando a minha situação. É um sentimento pesado. Imagina as famílias que não tem educação, não sabem resolver nada. Quando a moça falou que eu não podia entrar, fiquei triste e com tanto medo que comecei falar em português, sem perceber. E a moça começou a gritar ‘você está falando comigo em gringo? Você fala árabe comigo’.*

No Líbano sugeriram que se dirigisse a fronteira da Síria. Se fosse até a fronteira provavelmente ficaria retido, pois saiu ilegalmente. Não deixaram telefonar para a embaixada do Brasil em Beirute, o que possivelmente não resolveria. Contudo, responsabiliza o governo brasileiro que teria lhe “concedido um passaporte falso, que não vale para nada.”

Ao ser impedido de entrar no Líbano e não rever sua família, seu desamparo se intensifica e entende que a solução para tal limitação é tornar-se um estrangeiro, então diz: “Quero me tornar estrangeiro para começar a me conectar com o mundo. Porque me pergunto: o que fiz de minha vida.” Ao perguntar-lhe o que significa ser estrangeiro, Anas diz que é ser dono de suas próprias mudanças. Fazer escolhas que não precisem ser submetidas as questões políticas de seu país, pois hoje “não posso escolher nada. Minha família está louca para me ver, mas não posso ir, só quando me tornar brasileiro.” Anas refere-se ao passaporte brasileiro que será concedido ao obter êxito no processo de solicitação de refúgio, em trâmite.

Nos primeiros anos fora da Síria evitou falar sobre o que viveu desde a instalação da guerra. Achava que o silêncio era essencial, pois evitava ser tomado pela raiva “como tantos sírios que entraram para criminalidade.” Diz não ter ficado com raiva de tudo. Só não queria sofrer. “Muita gente que passou pelo mesmo, pegou arma porque sofreu e quis revidar. Eu fui para o caminho oposto.” Mais recentemente, adotou a escrita e as *lives* para contar sua história e no intuito de buscar visibilidade para as minorias, além de apresentar sua cultura. Entendo que é uma tentativa de elaboração do trauma, o que pode ser observado em sua fala:

— *Estou traumatizado. A escrita está me ajudando com isso. Acho que disso vou começar a enxergar a luz. Hoje o trauma não é só meu. É um lugar de unidade. Consegui ajudar outras pessoas com trauma. Não precisa ter causa, exceto causa direitos humanos.*

Diz não ter medo de falar. Ao contrário, hoje entende que por meio da fala pode chamar a atenção para o sofrimento das minorias. “Eu comecei a escrever porque tenho coragem de falar. Imagina se 30 milhões de refugiados tentar escrever? O que fará o mundo com a nova leitura? Essas pessoas têm visões diferentes porque tem culturas diferentes.” Diz ainda: “Quis falar com você porque você disse que queria saber exatamente o que eu vivi, uma visão psicológica, como no meu livro que quero ensinar para as pessoas o que é o trauma. Não foi pedido para contar a história de superação, como a mídia faz. Falo muitas coisas e na reportagem diz ‘coitado sofreu e agora está feliz no Brasil.’”

Em vários momentos, sua fala expressou o sentimento de não ser visto e defendido. Disse que em decorrência do isolamento social as pessoas estão com medo de morrer, não voltar a ver os parentes hospitalizados e perder o trabalho. Enquanto, há 10 anos, os sírios enfrentam tudo isso sem perspectiva de término, pois “a guerra não vai acabar com a vacina.” Reclama da indiferença internacional: “já se acostumaram com o número de mortes na Síria. Isso é sério. Deveriam falar o nome das pessoas e não os números”.

Está escrevendo uma “série psicológica” e um livro. Este último, intitulado *Bola de papel*. A inspiração para o nome veio da analogia em relação a experiência acumulada desde sua saída da Síria. Cada experiência seria um papel que se juntou aos outros e fez a bola crescer. Um de seus textos ajuda a lhe conhecer mais, a seguir:

— *Eu quem tenta entender o que está acontecendo. Guerra aqui, dentro de quem? De quem é essa guerra? É do povo. Quero ficar longe de você porque estou imaginando o que vai acontecer. Como o ódio deixa vocês cegos. Quero ficar longe para não desistir deles. Quero falar protejam suas energias a partir de agora porque vão precisar dela no futuro. Um dia irão precisar de mim e falar ele foi longe.*

Contudo, Anas reconhece o acolhimento recebido no Brasil, por meio das amizades e das trocas no campo do trabalho, como o principal meio que “ajudou a passar as fronteiras dentro de mim mesmo.”

*

Anas protesta a impossibilidade de velar os mortos, elemento perturbador à elaboração do luto. A impossibilidade de realizar esse ritual é uma consequência da desorganização da própria cultura. Consequentemente, abala os referenciais identitários e descaracteriza o pertencimento ao grupo. Assim, dois lutos se sobrepõem. Um por morte de pessoas queridas, outro, pelo ritual. Como disse Anas:

- Meu corpo não aceita morte até hoje porque não vi o corpo, não fiz parte do enterro. Fui criado em um lugar que precisa fechar isso. Nosso luto inclui uma celebração de três dias para despedir a alma da morte e a gente perdeu isso.

Dessa forma, “a guerra civil mata primeiro as referências sociais e culturais antes de matar o homem.”⁷¹ O refugiado traz a morte (os elementos destruídos, danificados) dentro de si, apesar de manter a esperança em busca da reconstrução da vida.

No Brasil a miséria das ruas assusta Anas. Diz que em seu país não tem ninguém vivendo ao relento. A primeira vez que se deparou com esse cenário imediatamente perguntou se os moradores de rua são refugiados. Entendo que se identificou com a população em situação de vulnerabilidade. Arriscaria dizer que este choque o levou a indagar se no Brasil sua vida seria pior do que na Síria. Teria ele fugido do caos para viver em situação que lhe pareceu mais

⁷¹ HAMAD, N.; MELMEN, C. Psicologia da imigração. São Paulo: Instituto Langage, 2019, p.91.

precária? Além disso, identificou-se com a invisibilidade dessas pessoas. Sente-se diminuído, mendigando um visto de entrada, o pertencimento a nova cultura.

Algo similar ocorreu em sua visita a uma ONG. Sentiu-se exposto quando pediram para relatar sua história, o que implica remexer em uma ferida que ainda sangra. Em suas palavras, “*esse é um lugar tão horrível. [...] Você vai abrir tudo para ele, no final ele está fazendo uma ficha, não tem nada para fazer. [...]*” Mais uma vez a burocracia e a indiferença se colocam entre a dignidade e o narcisismo. Anas se sente violentado ao expor seu sofrimento, as memórias do trauma e a vulnerabilidade em que se encontra. Então, alerta “*tem que ter cuidado com tudo para falar com o refugiado.*”

O refúgio aflorou seu interesse por ações humanitárias e pela solidariedade. Como disse: “quem conhece o limite da dor não consegue mais ser cego.” Anas não esquece das pessoas que vivem nas ruas de São Paulo. Cozinha para elas e sempre que vai entregar as refeições leva algum amigo brasileiro. Sua intenção é revelar o rosto de cada uma dessas pessoas que já fazem parte da “paisagem da cidade,” foram dessubjetivadas e abandonadas. Do mesmo modo ocorreu com os sírios mortos na guerra, inominados, ganharam números. Essa fala me remeteu ao texto em que Ecléa Bosi se refere a memórias povoadas de nomes.⁷² Afinal o pesquisador está diante de pessoas e não de conceitos.

No entanto, a resposta solidária e a indignação apoiam-se em um apelo ideológico por meio do qual busca dar sentido a sua vida. Fala com veemência, revolta e agressividade. Parece mover-se pelo ódio. Nesse contexto, um sentimento vitalizante à medida que o protege do efeito melancólico do trauma. O vivo e o morto se equilibram nesse modo de sobrevivência psíquica.

Ao ser barrado na Síria projeta sua raiva no Brasil que lhe teria concedido um passaporte sem utilidade. Contudo, o *laissez faire* não é passaporte. É um visto concedido por determinado país, no caso o Brasil, permitindo ao estrangeiro (sem visto ou documentação) ingressar no próprio país. Apesar do conhecimento e formação de Anas, decidiu arriscar. Um conjunto de afetos como dor, esperança, ódio e ilusão o impulsionou para uma tentativa fadada ao fracasso. No trauma a comunicação entre o conhecimento de cunho intelectual e os afetos não mantém estreita relação. As fronteiras internas enfraquecem. Logo, as fronteiras geográficas e legais ficam pouco visíveis. Para Anas é incompreensível desejar o reencontro com a família,

⁷² BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 18 ed.: lembranças de velhos. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

conseguir dinheiro para custear a viagem, chegar tão próximo e ser impedido pela legislação. Sentida, literalmente, como a letra fria. Indiferente a condição de sujeito do refugiado.

Anas recorreu a escrita para elaborar o traumático. As grandes guerras mostraram a importância desse recurso. Os sobreviventes dessas catástrofes encontraram na escrita um meio de acesso ao incompreensível. Assim, começavam a simbolizar o que não fora representado, inicialmente. Entre outros, Primo Levi é uma referência nesse universo. Em consonância com o autor entendo que narrar a própria história possibilita libertar-se dela.⁷³ Por sua vez, Viñar reconhece que a neurose traumática tanto impele o sujeito a falar quanto a silenciar, calar a memória do traumático, a seguir:

Por um lado, uma necessidade visceral de tudo falar, para que o vivido, por mais insensato que seja, não fique relegado a um delírio privado, cuja desrealização acomete o sujeito em sua própria certeza de existência. [...] Por outro lado, a vontade de tudo silenciar, para que a dor vivida nos tempos de tortura, cárcere e perseguição possa sair de cena, como se o silêncio pudesse carregar consigo o apaziguamento de uma memória sitiada, que não permite mais espaço para qualquer outra lembrança não contaminada por tais eventos. Doravante, essa dupla injunção coloca o sujeito na delicada questão sobre qual distância ele consegue se colocar frente a tais episódios que acontecem, sem espaço psíquico e social de inscrição.⁷⁴

Contudo, a psicanálise nos mostra que a fala desprovida do pensar dificilmente leva a atribuição de sentido, a representação. Se o excesso pulsional ainda transborda as associações são escassas. À vista disso, nesse momento, parece-me que a escrita de Anas está mais próxima de uma catarse, no sentido de expurgar o traumático. Desse modo, parece não assegurar a possibilidade de reconstruir a ligação entre os elementos recalçados.

⁷³ LEVI, P. *É isso um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

⁷⁴ VIÑAR, M. O enigma do traumatismo externo. Notas sobre o trauma e a exclusão: seu impacto na subjetividade. *Psicanálise. Revista da sociedade brasileira de psicanálise de Porto Alegre*, v. 12, n.1, 2010, p 205-215, p. 52.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de vários séculos a sociedade ignorou as dimensões do sofrimento psíquico. Até o final do século XIX o paradigma organicista descreditava o discurso de pacientes histéricos uma vez que os sintomas da chamada *doença dos nervos* não eram produzidos por lesões orgânicas. Em Viena, o mistério em torno da histeria instigou a curiosidade do jovem neurologista Sigmund Freud que se dedicou a investigar as dimensões psíquicas na produção dos sintomas. Esse caminho levou Freud a entender a relação entre os afetos não simbolizados – recalcados no inconsciente - e a produção de sintomas que se manifestavam no corpo. A partir desse estudo fundou a psicanálise.

Se no início Freud priorizou a compreensão dos processos intrapsíquicos, em seus últimos trabalhos explorou a relação do homem com a cultura, mais especificamente a relação entre a vida social e a singularidade do sujeito. Os chamados textos culturais foram elaborados a partir de suas reflexões sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o recrudescimento do nazifascismo, além da devastação provocada pela gripe espanhola (1918-1919) que levou sua filha Sophie à morte, em 1920. As produções de Freud em torno dessas questões mostram que as dimensões individuais (psiquismo) e grupais (cultura) se influenciam mutuamente, seja promovendo identificações, censo de pertencimento, trauma ou o desalojamento do Eu.

No texto *O mal-estar na cultura (Das Unbehagen in der Kultur)* Freud aprofunda o diálogo entre a cultura e mundo interno. Este texto rendeu-lhe uma das mais importantes honrarias da literatura mundial, o Prêmio Goethe, concedido pela Alemanha e segue como um dos seus trabalhos mais lidos por pessoas de variadas áreas do saber em diversos países. Em consonância com Vladimir Safatle (filósofo e pesquisador no campo psicanalítico) entendo que um dos motivos que explica tal interesse é porque “sem a categoria de ‘mal-estar’ não é possível pensar os destinos do sujeito na atualidade.”

Na última década, o alto número de pessoas que deixaram seus países para se protegerem da destrutividade da guerra inscreveu o refúgio como um mal-estar contemporâneo. O sujeito desalojado de sua cultura é também violado em seu psiquismo. A guerra destrói um cotidiano, bens materiais, vínculos sociais, familiares e os referenciais internos. Muitos sírios recorreram ao refúgio como uma saída para reconstruir a vida. Para tanto, se distanciam da

cultura de origem, da família e dos amigos. São tomados por intenso desamparo diante da perda de referenciais construtivos. O refúgio é, portanto, uma experiência repleta de ambiguidades.

No capítulo anterior discuti algumas implicações do refúgio na vida do sujeito, como: trauma, desamparo, abalo identitário, entre outros. A seguir discorrei sobre algumas implicações que ainda não foram discutidas, apesar de citadas nas entrevistas.

Começo pela disponibilidade do primeiro entrevistado para conversar comigo. Se ofereceu para cruzar a cidade e encontrar-me, pois queria muito contar sua história. Nesse contexto, o desejo de falar e ser ouvido é um sinal de saúde. Pois, quando o trauma não é narrado intensifica o mortífero no interior do sujeito. Narrar a experiência traumática contribui para a reconstrução de si mesmo. As palavras ecoam um sentido que favorece a ligação da energia até então desligada em um psiquismo vazio, aterrorizado. Nessa direção, o psicanalista Moustapha Safouan afirma que “entre dois sujeitos, não há senão a palavra ou a morte, a salvação ou a lápide.”⁷⁵ O silêncio conduz a morte da memória à medida que minimiza a capacidade de elaboração do conteúdo à deriva, sem sentido. Ao mesmo tempo não lembrar ou não falar sobre o traumático mantém o sujeito refugiado em sua dor psíquica. Contudo, de qualquer modo as lembranças do trauma se manifestam. Geralmente, por meio de uma linguagem cifrada, como os sintomas, por exemplo. A presença de um ouvinte colabora para a reverberação do simbólico, ou seja, para a reconstrução de uma cadeia associativa.

No entanto, há uma distância significativa entre o *setting* clínico tradicional e o da pesquisa acadêmica. Apesar de terem propósitos e resultados distintos falar sobre o traumático é quase sempre organizador. Como disse Fernando Frochtengarten, no livro *Memórias de vida, memórias de guerra*, “a vida é vivida quando contada.”⁷⁶

A reconstrução da identidade inclui fortalecer o que sobreviveu a violência. Por isso, metade dos entrevistados recusaram um nome fictício. Ao contrário, demonstraram a necessidade vital de não se esconderem. Sair da clandestinidade, romper com o silêncio estão diretamente associados a apropriação de si mesmo. No entanto, o refúgio não poupa o nome e sobrenome. A nova língua tem sons e grafia diferentes da língua de materna. É bastante comum o refugiado ser solicitado para repetir seu nome, pois também são estrangeiros. Inclusive, nessa

⁷⁵ SAFOUAN, M. *A palavra ou a morte*. Como é possível uma sociedade humana? Campinas, SP: Papyrus, 1993.

⁷⁶ FROCHTENGARTEN, F. *Memórias de vida, memórias de guerra: um estudo psicossocial sobre o desenraizamento*. São Paulo: Perspectiva / FAPESP, 2005.

pesquisa descobri que meu nome se aplica ao gênero masculino. O que diferencia é a letra “s” no final. Um dos entrevistados se chama Anas. Nesse sentido, Hamad e Melman afirmam:

Não se entra impunemente em uma nova cultura ou língua. Uma perda ocorre, mas nunca é aquela que acreditamos que seja. Uma das formas dessa perda é a queda das referências habituais, que permitem ao sobrenome ou nome do indivíduo que os usa, seja reconhecido em sua identidade sexual e seu pertencimento.⁷⁷

Para mais, o refugiado deixa sua terra de origem movido pela esperança em (re)construir a vida em um território pacificado. Além disso, quando assolados pela violência de governos totalitários buscam também a liberdade para falar, escolher, enfim, viver à sua maneira. A escuta dos sírios refugiados em São Paulo remeteu-me, mais uma vez, a Guimaraes Rosa. “*A vida é assim: esquentada e esfria, apertada e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.*”⁷⁸

Certamente essa demanda não é restrita ao refugiado. Contudo, em comparação ao sujeito fixo em sua terra natal, a intensidade da violência e a extensão da destrutividade se apresentam para o sujeito refugiado em uma intensidade pouco comum nos territórios pacíficos.

⁷⁷ Ibid, p.67.

⁷⁸ Idem, ibidem.

REFERÊNCIAS

ACN. **Aid to the Church in Need**. Vaticano, 2016. Disponível em: <https://www.acn.org.br/wp-content/uploads/attachments/RLRM-2016-Siria.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2019.

ACNUR. Agência da ONU para refugiados. **Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados**. Brasil. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/acnur/>. Acesso em: 07 jun. 2019.

_____. **Construindo comunidade de prática para refugiados urbanos**: relatório da mesa redonda do Brasil. Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2015/Brazil_Roundtable_Report.pdf. Acesso em: 14 jun. 2017.

_____. **Convenção de 1951**. Brasília, 2001-2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/convencao-de-1951/>. Acesso em: 31 dez. 2019.

_____. **Dados sobre o refúgio**, 2019. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/>. Acesso em: 12 out. 2019.

_____. **Deslocados internos**. Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/deslocados-internos/>. Acesso em: 29 abr. 2018.

_____. Exilio y destierro, ¿Qué significan? Comité Español de ACNUR. Madrid, 2019. Disponível em: <https://eacnur.org/es/exilio-y-destierro-que-significan>. Acesso em: 13 jun. 2019.

_____. **Global Trends: Forced displacement in 2018**, 2018. Disponível em: <https://www.unhcr.org/5d08d7ee7.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2019.

_____. O ACNUR no Brasil. **Legislação**. Brasília, DF, 2015. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/acnur-no-brasil/legislacao/>. Acesso em: 25 dez. 2018.

_____. **Migrações, refúgio e apatridia**. Brasil, 2019. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/05/Migracoes-FICAS-color_FINAL.pdf. Acesso em: 19 jul. 2019.

_____. **Proteção e assistência em São Paulo**. Brasília, DF, Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Refugiados_Prote%C3%A7%C3%A3o-e-assist%C3%Aancia-em-S%C3%A3o-Paulo.pdf. Acesso em: 17 jan. 2019.

_____. **Protegendo refugiados no Brasil e no mundo**. Brasília, 2018. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Protegendo-Refugiados-no-Brasil-e-no-Mundo_ACNUR-2018.pdf. Acesso em: 26 maio 2019.

_____. **Refúgio em Números**. 4. ed. Brasília, 2019. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros_versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf. Acesso em: 12 out. 2019.

_____. **Refúgio no Brasil:** a proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas. Brasília (2010, p.15) Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil_A-prote%C3%A7%C3%A3o-brasileira-aos-refugiados-e-seu-impacto-nas-Am%C3%A9ricas-2010.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

_____. **Sírios terão visto humanitário para entrar no Brasil.** Brasília: 2013. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2013/09/24/sirios-terao-visto-humanitario-para-entrar-no-brasil/>. Acesso em: 14 mar. 2018.

_____. **Tendencias globales:** desplazamiento forzado em 2017. Madrid, 2017. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/unhcrsharedmedia/2018/Global_Trends_Forced_Displacement_in_2017/TendenciasGlobales_2017_web.pdf. Acesso em: 17 jun. 2019.

ÁLVAREZ-OSSORIO, I. Una independencia turbulenta. In: _____. **Síria contemporânea.** Espanha: Síntesis, 2009, p. 49-61. Disponível em: https://www.academia.edu/2335914/Siria_contempor%C3%A1nea. Acesso em: 15 nov. 2018.

AMORIM, A. S. **A globalização do radicalismo islâmico:** um estudo de caso da Al Qaeda sob a luz do choque de civilizações. 2008. Dissertação (mestrado). Universidade de Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1486>. Acesso em: 17 fev. 2019.

ANDRADE, G. B. A Guerra Civil síria e a Condição dos refugiados: um antigo problema “reinventado” pela crueldade de um conflito marcado pela inação da comunidade internacional. **Revista de Estudos Internacionais (REI)**, ISSN 2236-4811, v. 2, n. 2, p. 123, 2011. Disponível em: <http://www.revistadeestudosinternacionais.com/uepb/index.php/rei/article/viewFile/69/pdf>. Acesso em: 14 jul. 2018.

ANHAIA MELLO, P.S. M. **Reseña de "A herança psíquica na clínica psicanalítica" de Maria Cecília Pereira da Silva.** Psychê, vol. VIII, núm. 13, jan-jun, 2004, pp. 156-158. Universidade São Marcos São Paulo, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/307/30701315.pdf>. Acesso em: 14 out. 2021.

ARENDT, H. **Nós, os refugiados.** Covilhã: LusoSofia Press, 2013. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/20131214-hannah_arendt_nos_os_refugiados.pdf. Acesso em: 21 mar. 2017.

ASSUMPÇÃO, M. N. H. **As causas históricas do conflito na Síria.** Trabalho de conclusão de curso de especialização em Ciências Militares, 2015. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2015.

BALINT, M. (1968). **A falha básica:** aspectos terapêuticos da regressão. 2 ed. São Paulo: Zagodoni, 2014.

BARRETO, L. P. T. F. A Lei Brasileira de Refúgio – sua história. In: _____. (org.) **Refúgio no Brasil:** A proteção brasileira aos refugiados e seu impacto na América Latina. Brasil: 2010, ACNUR. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/estrangeiros/livrorefugiobrasil.pdf>. Acesso em: 18 maio 2019.

BAUMAN, Z. **Estranhos a nossa porta.** Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BBC NEWS. **Brasil**. 25 jan. 2011. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/01/110125_perfil_hezbollah_ji. Acesso em: 10 jan. 2020.

BION, W. R. Notas sobre la memoria y el deseo. **Revista de psicoanálisis**, Buenos Aires, v. 26, n. 3, p. 679-681, 1969.

BITTENCOURT, A-M.; L. Exílio, repatriação e falso *self*: rupturas e suturas. **FEBRAPSI. Revista Brasileira de Psicanálise. Exílios e repatriações**, São Paulo, v. 51, n. 51, p. 85-95, 2017.

BORAKS, R. **Entre a agonia e o desamparo**. Trabalho apresentado em reunião científica, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, set. 2020.

BORGES, T. W.; PEIRANO, C.; MORO, R. M. A clínica transcultural: cuidando da parentalidade no exílio. **Estud. psicol.** Campinas, v. 35, n. 2, p. 149-158, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v35n2/0103-166X-estpsi-35-2-0149.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02752018000200004>.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 18. ed.: lembranças de velhos. 18 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Secretaria nacional de justiça. **CONARE refugiados em números**. 3. ed. Brasília, 2018. http://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf. Acesso em: 15 abr. 2018.

_____. Ministério da justiça. **CONARE renova medida que facilita emissão de vistos a pessoas afetadas pelo conflito na Síria**. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/news/conare-renova-medida-que-facilita-emissao-de-vistos-a-pessoas-afetadas-pelo-conflito-na-siria>. Acesso em: 05 mai. 2018.

_____. Ministério da justiça e segurança pública. **Governo brasileiro facilita visto humanitário afetados pelo conflito da Síria**. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/collective-nitf-content-1570631506.17>. Acesso em: 31 dez. 2019.

_____. Ministério de Justiça. Secretaria Nacional de Justiça, Comissão de Anistia, Corte Internacional de Direitos Humanos. **Jurisprudência da Corte Interamericana de Direitos Humanos: Migração, refúgio e apátridas**. Brasília, 2014. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/anistia/anexos/7-migracao-refugio-e-apatridas.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2018.

_____. **Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017**. Lei de Migração. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm#art124. Acesso em: 18 jan. 2019.

_____. **Lei 13.455**. O Brasil criou, por meio da Lei 13.455/2017, uma condição para acolher os migrantes internacionais ao ampliar a aplicação do visto temporário para acolhida

humanitária, o chamado visto humanitário. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Lei/L13445.htm. Acesso em: 18 jan. 2019.

_____. Ministério da Justiça. **Nova lei de migração está em vigor para facilitar regularização de estrangeiros**. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/news/nova-lei-de-migracao-esta-em-vigor-para-facilitar-regularizacao-de-estrangeiros-no-brasil>. Acesso em: 21 jul. 2019.

_____. Casa civil da presidência da república, imprensa nacional. Diário oficial da união. **Portaria interministerial nº 9, de 08 de outubro de 2019**. Disponível em: <http://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-interministerial-n-9-de-8-de-outubro-de-2019-220791848>. Acesso em: 31 dez. 2019.

_____. Ministério da Justiça. **Refúgio em números**. 4. ed. Brasília, 2019. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-nu%CC%81meros_versa%CC%83o-23-de-julho-002.pdf. Acesso em: 22 set. 2019.

_____. Secretaria Nacional de Justiça e Cidadania. **Relatório de Gestão 2015/2016**. Brasília, 2016. Disponível em: http://www.justica.gov.br/noticias/secretaria-nacional-de-justica-e-cidadania-divulga-relatorio-de-gestao-2015-2016/relatorio-de-gestao-snj-2015-2016-versao_divulgacao.pdf. Acesso em: 02 abr. 2017.

_____. CONARE. **Resolução Normativa n. 17**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=29&data=24/09/2013>. Acesso em: 12 jan. 2019.

BRASIL, E. N. **Migração Síria Contemporânea: da partida a (Re)Inserção**. 2017. 83 f. Trabalho de conclusão de curso. Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, faculdade de Sociologia. Brasília, 2017. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19310/1/2017_EmanueldeNazarethBrasil.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

BRESSER- PEREIRA, L. C. **Nação, Estado e Estado-Nação**. São Paulo, 2008. Disponível em: <http://bresserpereira.org.br/papers/2008/08.21.Na%C3%A7%C3%A3o.Estado.Estado-Na%C3%A7%C3%A3o-Mar%C3%A7o18.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2020.

CALEGARI, M.; JUSTINO, L. Refugiados sírios em São Paulo: O direito à assistência. **Anais do Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”**, a ser realizado no dia 12 de abril de 2016 no Memorial da América Latina, São Paulo. Disponível em: http://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/arquivos/9_MC.pdf. Acesso em: 12 jan. 2019.

CARNEIRO, W. P. O conceito de proteção no Brasil: o Artigo 1 (1) da Lei 9.474/97, p. 96 In: JUBILUT, L. L.; GODOY, G. G. (org.). **Refúgios no Brasil: comentários à Lei 9.474/97**. São Paulo: Quartier Latin do Brasil, 2017. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/Ref%C3%BAgio-no-Brasil-Coment%C3%A1rios-%C3%A0-lei-9.474-97-2017.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.

CASTLES, S. Entendendo a migração global: Uma perspectiva desde a transformação social. **Revista Internacional de Mobilidade Humana**, Brasília, v. XVIII, n 35, p. 11-43, jul./dez.,

2010.

CHINALLI, M. *A chegada da peste: cem anos da viagem de Freud aos EUA (1909-2009)*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 4, n. 7, out. 2010, p.53-62. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14064/11245>>. Acesso em: 20 nov. 2021.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CINTRA, E. M. U.; FIGUEIREDO, L. C. **Melanie Klein**: Estilo e pensamento. 2 ed. São Paulo: Escuta, 2010.

CONARE. **3ª edição do relatório Refúgio em Números**, Brasília, 2018. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/04/refugio-em-numeros_1104.pdf. Acesso em: 14 dez. 2018.

COSTA, R. P. **Uma história da Síria do século XXI: para além do sectarismo religioso**. 2016. 136 f. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-24082016-153949/publico/2016_RenataParpolovCosta_VCorr.pdf. Acesso em: 28 dez. 2019.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa & projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELOUYA, D. Migração, tempo e esperança. In: _____. *Análise, teimosia do sintoma e migração*. São Paulo: Blucher, 2021, p.325-339.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (org.). **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DEVEREUX, Georges. **Essais d'etlmpsihiatrie générale**. Traduit de l'anglais par T. Jolas et H. Gobard, 3. éd. rev. et corr., Paris : Editions Gallimard, 1977.

DIAS, E. O. *Sobre a confiabilidade: decorrências para a prática clínica*. Nat. hum. v.1 n.2. São Paulo dez. 1999, p. 10. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v1n2/v1n2a04.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2022.

DOTH, C.J.T. A terra prometida brasileira: sírios em busca de um novo lar. **Leopoldianum**, v. 43, n. 121, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/viewFile/754/635>. Acesso em: 09 out. 2018.

DUNMORE, C. UNHCR. **Syrian refugee aid plan launched as births in exile hit 1 million**. Amman, Jordânia, dez. 2018. Disponível em: <https://www.unhcr.org/news/latest/2018/12/5c0f976b4/syrian-refugee-aid-plan-launched-births-exile-hit-1-million.html>. Acesso em: 15 jan. 2019.

EGEA, A.V. **O misterioso coma das crianças na Suécia**. El país, Madri, 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/16/internacional/1516104075_060422.html>. Acesso em: 10 abr. 2020.

ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. **Síria**. Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/S%C3%ADria/482622>. Acesso em: 28 dez. 2019.

FAIMBERG, H. A telescopagem das gerações a propósito da genealogia de certas identificações. In: KAËS, R.; FAIMBERG, H.; ENRIQUEZ, M.; BARANES, J.J. **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Caso do psicólogo: 2001, p. 81.

FALICOV, C. J. Migración, pérdidas ambiguas y rituales. Trabajo presentado en el **VIII Congreso Nacional de Terapia Familiar de la Asociación Mexicana de Terapia Familiar**, octubre 5, 2001, y en Conferencia organizada por CEFYP, Buenos Aires, Noviembre 10, 2001. Disponível em: <http://www.redsistemica.com.ar/migracion2.htm>. Acesso em: 18 jan. 2019.

FIGUEIRAS, I. R. **Recortes da diáspora síria**. Fortaleza: Demócrito Dummar, 2017. 104 p.

FIGUEIREDO, L. C. **Elementos para a clínica contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Escuta, 2018.

FIGUEIREDO, L. C.; MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *J. Psicanál.*, v. 39, n. 70, São Paulo, jun. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017. Acesso em: 14 jan. 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Dois dias após saída dos EUA, Turquia inicia ataque contra curdos na Síria**. São Paulo, 09 out. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/10/apos-trump-retirar-tropas-turquia-inicia-operacao-militar-contra-curdos-na-siria.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FREUD, S. (1916/7). Fixação em traumas: o inconsciente. In: _____. *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. Conferência XVI. Tradução José Luís Meurer. 1976, p. 325.

_____. *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). In: _____. **Cultura, sociedade e religião. O mal-estar na cultura e outros escritos**. São Paulo: Autêntica, 2020.

_____. (1930-1936). **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos**. São Paulo: Companhia das letras, 2010. Tradução: Paulo César de Souza.

_____. (1929). O mal-estar na civilização. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XXI. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1919). Introdução à psicanálise e às neuroses de guerra. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 223-226.

_____. (1919). O estranho. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 235-269.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.17-179.

_____. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: _____. **Obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud**. Tradução Jayme Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____. (1924). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: Obras completas de Sigmund Freud, 2 ed., vol. XIX, 1988.

_____. (1893). Estudos sobre a histeria. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Tradução Jayme Salomão. Vol. II. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. III. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. (1893). Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: Comunicação preliminar. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. II. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. (1955/1920). *Memorandum* sobre o tratamento elétrico dos neuróticos de guerra. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Tradução Eudoro Augusto Macieira de Souza. Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. (1017). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: _____. **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. Obras completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

_____. (1919). Introdução a *psicanálise e as neuroses de guerra*. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Tradução Jayme Salomão. Vol. XVII. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____. (1911). Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol.12. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Tradução Christiano Monteiro Oiticica. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1920.

_____. O ego e o superego (ideal de ego). In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.41-51.

_____. (1927). O futuro de uma ilusão. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p.15-71.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In: _____. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Tradução Jayme Salomão. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

_____. (1932/3). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. Por que a guerra (1932/1994). 2. ed. Tradução Jayme Salomão. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

_____. (1013). Totem e Tabu. In: _____. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. (1912). O retorno do totemismo na infância. In: _____. Totem e tabu. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol. XIII. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FROCHTENGARTEN, F. **Memórias de vida, memórias de guerra: um estudo psicossocial sobre o desenraizamento**. São Paulo: Perspectiva / FAPESP, 2005.

FUKS, B. B. Vozes do exílio: sobre o impossível da identidade. **FEBRAPSI. Revista Brasileira de Psicanálise. Exílios e repatriações**, v.51, n. 51, p. 32-47. São Paulo, 2017.

FULGENCIO, L. A noção de trauma em Freud e Winnicott. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 6, n. 2, dez., 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302004000200003. Acesso em: 22 fev. 2020.

G1. **Oposição da Síria forma conselho nacional para combater o regime**. São Paulo, 02 dez. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2011/10/oposicao-da-siria-forma-conselho-nacional-para-combater-o-regime.html>. Acesso em: 09 jan. 2020.

_____. **A transformação ideológica do Exército Livre da Síria**. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/a-transformacao-ideologica-do-exercito-livre-da-siria.ghtml>

GARCIA-ROZA, L. A. **Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

GREEN, A. Propédeutique: la métapsychologie revisitée. Paris: Edition du Champ Vallon. 1995 apud JUNGUEIRA, C.; COELHO JR. N.E. Limites e possibilidades de diálogo: a teoria pulsional e a teoria das relações de objeto. *Cad. psicanal.* vol.35 no.29 Rio de Janeiro dez. 2013. GREEN, A. Le concept de limte. (1976). In: _____. *La folie privée: psychanalyse des cas-limites*. Paris: Gallimard, 1990.

GOFFMAN, I. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. São Paulo: LTC, 1981.

GRINBERG, L.; GRINBERG, R. **Psychoanalytic perspectives on migration and exile**. New Haven: Yale University Press, 1989.

GURFINKEL, D. *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*. São Paulo: Casa do psicólogo, 2001.

HAMAD, N.; MELMEN, C. **Psicologia da imigração**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

HENNING, L. M. P. Em busca de um destino: redefinição no contexto das migrações no século XXI. **Atas do V Colóquio Internacional SOFELP**. Migrações, cidadania e direitos humanos:

um *puzzle* para a educação? 2016, p. 50. Disponível em: <http://sofelp.com/gallery/v%20congresso%20sofelp.pdf#page=50>. Acesso em: 18 jun. 2017.

HOUAT, S. F. **A criação do Estado de Israel e um Estado Único como solução dos conflitos**. 2006. 125f. Monografia apresentada ao Curso de Direito do Centro Universitário do Pará, Belém, 2006. Disponível em: Acesso em: 15 nov. 2019.

HUFFPOST. **Na busca por sobrevivência, como ficam as emoções dos refugiados?** 2016. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2016/06/20/na-busca-por-sobrevivencia-como-ficam-as-emocoes-dos-refugiados_a_21688007/. Acesso em: 15 abr. 2018.

INDURSKY, A. C. Pensando as tramas e enlaces da clínica com refugiados. In: CONTE, B.S.; HENZEL, S. (org.). **Exclusão e inscrição psíquica: da escuta psicanalítica no social**. Porto Alegre: Evangraf, 2012. Disponível em: <http://sig.org.br/wp-content/uploads/2015/04/Livro-Exclus%C3%A3o-e-Inscri%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

JUNSKOWSKI, B.L. **Síria: histórias da guerra**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Paraná, Faculdade de Artes, Comunicação e Designer. Curitiba, Paraná: 2017. Disponível em: <http://docplayer.com.br/53509432-Universidade-federal-do-parana-bruna-leticia-junskowski.html>. Acesso em: 02 maio 2019.

KAËS, R. **As alianças inconscientes**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

_____. O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura. **Psicologia USP**, 2003, 14(3), 15-33.

_____. Comment penser le transculturel aujourd'hui? **Rivista Plexus**, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.rivistaplexus.eu/index.php/plexus/article/view/158>. Acesso em: 05 mai. 2018.

_____. Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In: EIGUER, A. (org.). **A transmissão do psiquismo entre gerações**. São Paulo: Unimarco, 1998, p. 5-19.

_____. Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In: KAËS, R.; H. FAIMBERG et al. (org.) **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

_____. O sujeito da herança. In: KAËS, R.; H. FAIMBERG et al. (org.). **Transmissão da vida psíquica entre gerações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 9-25.

HAMAD, N.; MELMAN, C. **Psicologia da imigração**. Rio de Janeiro: Instituto Langage, 2019.

KANAT, K.; USTUN, K. U.S. Turkey Realignment on Syria. **Middle East Policy**, v. XXII, n. 4, inverno de 2015. Disponível em: <https://www.mepc.org/journal/us-turkey-realignment-syria>. Acesso em: 27 abr. 2019.

KEHL, M.; FORTES, M.I. De uma clínica do refúgio: violência, trauma e escrita. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.* v.22 n.3, São Paulo, Jul./set. 2019. Epub Oct 24, 2019.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1415-47142019000300520&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 09 abr. 2020.

KHOURY, J.M. **Pelos caminhos de São Paulo**: A trajetória dos sírios e libaneses pela cidade. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-10032014-095235/publico/2013_JulianaMouawadKhouri.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2020.

KLEIN, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: _____. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1981. pp. 20-43.

_____. (1955). Sobre a identificação. In: _____. **Inveja e gratidão e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1991, pp. 170-204.

KOLTAI, C. Os errantes, um desafio para a psicanálise: uma clínica da errância? In: **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 52, n. 3, São Paulo, 2018, p.60-72.

KUPERMANN, D. **Estilos do cuidado**: a psicanálise e o traumático. São Paulo: Zagodoni, 2017.

KUPERMANN, D. Sobre a produção psicanalítica e os cenários da universidade. **Psico.**, v. 40, n. 3, pp. 300-307, jul./set. 2009. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/25530258.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2019.

LAPLANCHE, J. PONTALIS, J.B. **Vocabulário de Psicanálise**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEVI, P. **É isto um homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MANDELBAUM, B. Resenha. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v.41, n. 3, 2007, p.176. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v41n3/v41n3a16.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

MARCOU, E. **Portal R7**. (REUTERS). Imigrantes enfrentam polícia síria na fronteira com a Turquia. Portal R7, 03 mar. 2020. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/risco-de-nova-crise-migratoria-preocupa-a-europa-entenda-03032020>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

MARTINS-BORGES, L. Migração involuntária como fator de risco à saúde mental. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, v. 21, n. 40, Jan./Jun., 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/remhu/v21n40/09.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.

MELMAN, C. Haveria uma questão particular no pai na adolescência? **Rev. Assoc. Psican. de Porto Alegre**. Porto Alegre, ano V, n.11, 1995, pp.7-24.

MENEZES, R. La guerra civil siria en clave regional: el impacto en los países vecinos. **Anuário CEIPAZ**, Espanã, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/oMu7KH>>. Acesso em: 27 abr. 2019.

MEZAN, R. **Freud, pensador da cultura**. 8 ed. São Paulo: Blucher, 2019.

_____. Nasrah e seus irmãos: sobre os limites da tolerância. In: _____. **Sociedade, cultura e psicanálise**. São Paulo: Blucher/Karnac, 2017, p. 60.

_____. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 227-241, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a15.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2019.

_____. Que tipo de ciência é, afinal, a Psicanálise? **Nat. Hum.**, São Paulo, v. 9, n. 2, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302007000200005. Acesso em: 02 mai. 2018.

_____. Questões de método na história da psicanálise. In: _____. **O tronco e os ramos: Estudos de história da psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 623 p.

_____. Sobre a pesquisa em psicanálise. **Psychê.**, Ano 2, n. 2, São Paulo, 1988.

_____. **Sociedade, cultura e psicanálise**. São Paulo: Blucher, Karnac, 2017.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. Refúgio em números. 5 ed. Brasília, 2020. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados/Ref%C3%BAgio%20em%20n%C3%BAmeros/REF%C3%9AGIO%20EM%20N%C3%9AMEROS.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2021.

MISLEH, S. **Al Nakba**: um estudo sobre a catástrofe palestina. São Paulo: Sundermann, 2017.

MOREIRA, J. B. **A Problemática dos Refugiados no Mundo**: Evolução do Pós-Guerra aos dias atuais. Campinas, 2006. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_909.pdf. Acesso em: 14 jun. 2017.

MORO, R. M. Psicoterapia transcultural da migração. **Psicologia USP**, v. 26, n. 2, p. 186-192, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v26n2/0103-6564-pusp-26-02-00186.pdf>. Acesso: 22 out 2015.

MORO, R.M.; LACHAL, C. **As psicoterapias**: modelos, métodos e indicações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MOTT, M. L. Imigração árabe: um certo oriente no Brasil. In: IBGE. **Brasil**: 500 anos de povoamento. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

MOTTA, I. F.; ROSAL, A. S. R.; SILVA, C. Y.G. **Psicologia**: relações com o contemporâneo. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.

NAFFAH NETO, A.; CINTRA, E. M. U. Paradoxo, noite e mistério: os labirintos da pesquisa psicanalítica. In: KUBLIKOWSKI, I.; KAHHALE, E.M.S.P.; TOSTA, R.M. (org.) **Pesquisas em psicologia clínica**: contexto e desafios. São Paulo: Educ, 2019. Disponível em: <https://www.pucsp.br/educ/ebook/egratis.htm>. Acesso em: 28 dez. 2019.

NASIO, J.D. **Édipo**: o complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Introdução as obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, 304 p.

NASSER, S. H. Olhares sobre as revoltas no mundo árabe. **Projeto História**, São Paulo, n. 46, p. 115-133, Abr, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/17133/13753>. Acesso em: 16 jun. 2019.

NASSER, R. M. Turbulências no mundo árabe: rumo a uma nova ordem? **Revista Tempo do Mundo**, v. 3, n. 2, ago. 2011. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6204/1/RTM_v3_n2_Turbulencias.pdf. Acesso em: 13 abr. 2019.

NASSER, R. M.; ROBERTO, W.M. A Política Externa Turca no Pós-2011: das revoltas árabes à ascensão do Estado Islâmico. **Rev. Carta Inter.**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, 2016, p. 5-27. Disponível em: <https://cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/555>. Acesso em: 27 abr. 2019.

NERUDA, P. Para todos. In: **Plenos Poderes**. 3 ed. Buenos Aires: Editorial Losada, 1974.

NOGUEIRA, L. C. A pesquisa em psicanálise. **Psicol. USP**, v.15, n.1-2, São Paulo, jan.jun, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642004000100013. Acesso em: 12 dez. 2018.

O GLOBO. **Rússia e Turquia não chegam a acordo sobre violência na Síria e tensões voltam a aumentar**. 11 fev. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/russia-turquia-nao-chegam-acordo-sobre-violencia-na-siria-tensoes-voltam-aumentar-24241876>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

_____. **Síria avança na ofensiva contra último reduto rebelde**. 23 ago. 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/siria-avanca-na-ofensiva-contra-ultimo-reduto-rebelde-23899336>>. Acesso em: 04 mar. 2020.

OLIVEIRA, J. P. F. **O Conselho de Cooperação do Golfo e sua atuação na manutenção do status quo na Primavera Árabe**. Dissertação de mestrado. 2013. 107 f. Departamento de pós-graduação em Ciências Políticas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-9FYF6M/disserta__o_jo_o_paulo_ferraz_oliveira.pdf?sequence=1. Acesso em: 02 jan. 2019.

OLIVEIRA, T. **As subjetividades no entre-mundos: escuta psicanalítica de uma família migrante**. Disponível em: http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/anexos/AnaisXIVENA/conteudo/pdf/trab_completo_217.pdf. Acesso em 23 out 2015.

ONU. **Organização das Nações Unidas**, 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

ONU NEWS. **Síria: ONU quer aumentar apoio a vítimas de deslocamento recorde em Idlib**. 11 fev. 2020. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2020/02/1703741>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

PAIVA, A. A fragilidade do símbolo e a transmissão transgeracional. **Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n. 7, Jan/Fev/Mar., 2009. Disponível em: <http://www.revistacontemporanea.org.br/revistacontemporaneaanterior/site/wp-content/artigos/artigo207.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PEREIRA, R.; GIL FILHO. Uma leitura da mundanidade do luto de imigrantes, refugiados e apátridas. **GeoTextos**, vol. 10, n. 2, p. 191-214, dez. 2014. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/10116/8810>. Acesso em 23 out 2015.

PEREIRA, L. C. **Nação, Estado e Estado-Nação**. São Paulo: Bresser Pereira Website, 2008. Disponível em: <http://bresserpereira.org.br/papers/2008/08.21.Na%C3%A7%C3%A3o.Estado.Estado-Na%C3%A7%C3%A3o-Mar%C3%A7o18.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2020.

PEREIRA, R. L. **As relações internacionais entre os países do Levante: política, cultura e segurança**. Dissertação de mestrado. Disponível em: <http://recil.grupulusofona.pt/bitstream/handle/10437/8181/As%20Rela%C3%A7%C3%B5es%20Internacionais%20entre%20os%20Pa%C3%ADses%20do%20Levante%20-%20Pol%C3%ADtica%2c%20Cultura%20e%20Seguran%C3%A7a..pdf?sequence=1>. Acesso em: 16 fev. 2019.

PINTO, P. G. H. Ritual, experiência mística e Lei islâmica nas comunidades sufis de Alepo, Síria. **Anuário Antropológico/2004**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005, p. 51-94. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202004/2004_paulopinto.pdf. Acesso em: 07 jan. 2019.

QUINAGLIA, M. C. **Com lenço e com documento: condições de vida da população refugiada síria em São Paulo**. 2018. 294 f. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas-São Paulo, 2018. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/332529/1/Quinaglia_MariliaCalegari_D.pdf. Acesso em: 25 jan. 2019.

QUINODOZ, J-M. **Ler Freud: guia de leitura da obra de Sigmund Freud**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RAMOS, A.C.; RORIGUES, G.; ALMEIDA, G.A. (Orgs.) **60 anos de ACNUR: Perspectivas de futuro**. São Paulo: CL-A Cultural, 2011. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/60-anos-de-ACNUR_Perspectivas-de-futuro_ACNUR-USP-UNISANTOS-2011.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2018.

REINO UNIDO. MINISTÉRIO DA RELAÇÕES EXTERIORES. **France and the levant**. H. M. Stationery Office, Londres, n. 66, jan, 1920. Disponível em: <https://dl.wdl.org/11769/service/11769.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2018.

RODRIGUES, G. M. A. O futuro do refúgio no Brasil e seu papel no cenário humanitário. *In*: BARRETO, L. P. T. F. **Refúgio no Brasil: A proteção brasileira aos refugiados e seu impacto nas Américas**. Brasília: Ministério da Justiça, 2010, p. 136. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/central-de-conteudo/estrangeiros/livrorefugiobrasil.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2018.

RODRIGUES, M. **Brasil prorroga por 2 anos emissão de visto especial a refugiados sírios**. Portal G1, Brasília, 21 set. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/brasil-prorroga-por-2-anos-emissao-de-visto-especial-refugiados-sirios.html>. Acesso em: 05 maio 2018.

ROSA, J. G. **Magma**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

ROSA, G. **Grande sertões: veredas** – “O diabo na rua, no meio do redemoinho.” 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, M. D. A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 4, n. 2, p. 329 – 348, set. 2004. Disponível em: <http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/1509>. Acesso em: 17 jan. 2019.

_____. **Psicanálise, política e cultura: A clínica em face da dimensão sócio-política do sofrimento**. 2015. 144 f. Tese de livre-docência apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/06/psicanc3a1lise-cultura-e-polc3adtica-livre-docencia-maio-2015impresso.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.

ROSA, M. D. et. al. A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 497-511, set., 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142009000300006>. Acesso: 21 out 2015.

ROSAL, A. S. R. **Vida de expatriado: a narrativa de executivos brasileiros solteiros**. 102f. Dissertação (mestrado). Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15406/1/Anna%20Silvia%20Rosal%20de%20Rosal.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2019.

_____. O triângulo edípico e a construção da identidade. In: CERVENY, C.M.O.; MOREIRA, A.A. **Relações triangulares: dois é bom, três é demais?** Curitiba: Juruá, 2018, p. 30.

_____. Criança de terceira cultura: a construção da identidade transitando entre países. In: MOTTA, I.F.; ROSAL, A.S.R.; SILVA, C.Y.G. **Psicologia: relações com o contemporâneo**. São Paulo: Ideias & Letras, 2018.

ROSSO, N.; PRUDENTE, R. C. A. C. A língua não dominada e a emergência da angústia: Do verbo a Babel contemporânea. **Cadernos de Psicologia – CESJF**, v. 1, n. 1, p. 340-361, jun., 2019. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/1991/1286>. Acesso em: 26 jan. 2020.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUSSAR, A. **O que é a jurisdição e quais são suas características?** Disponível em: <https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/203261/o-que-e-a-jurisdicao-e-quais-sao-suas-caracteristicas-andrea-russar>. Acesso em 13 fev. 2020.

SAFOUAN, M. **A palavra ou a morte.** Como é possível uma sociedade humana? Campinas, SP: Papyrus, 1993.

SAGLIO-YATZIMIRSKY, M.C. Temps du trauma, terre de l'asile. **La lettre du Collège de France**, 42-43, 2018, 16.

SAFRA, G. SAFRA, G. Investigação em psicanálise na universidade. *Psicol. USP*, v.12, n. 2, São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642001000200014&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em: 10 nov. 2019.

_____. Em busca da singularidade da natureza humana. **Jornal do CRP**, São Paulo, Ano 17, EDIÇÃO ESPECIAL, n.115/116, mar./jun., 1999. Disponível em: <http://crpsp.org/fotos/pdf-2016-08-03-11-59-47.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

SANTANA, A. L. Hezbollah. **Infoescola**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/hezbollah/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SANTOS, E. S. Apontamentos sobre as angústias impensáveis em Winnicott. **Rev. Filos., Aurora**, Curitiba, v. 23, n. 33, p. 475-492, jul./dez. 2011, p. 476. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/viewFile/1582/1489>. Acesso em: 21 fev. 2020.

SANTOS, S.J. Disponível em: **À lupa – a guerra na Síria**, 2014. https://www.ces.uc.pt/myces/UserFiles/livros/1097_%c0%20lupa-Guerra%20na%20S%edria.SofiaJoseSantos.RedeAngola.Fevereiro2014.pdf. Acesso em: 15 dez. 2018.

SÃO PAULO. Cidade. **Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes**. Disponível em:

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/imigrantes_e_trabalho_decente/crai/>. Acesso em: 26 out. 2019.

SÃO PAULO. Estado. Museu da Imigração do Estado de São Paulo. **Hospedaria de Imigrantes de São Paulo**: Tudo começou há 130 anos. São Paulo, jun. 2016. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/hospedaria-de-imigrantes-de-sao-paulo-tudo-comecou-ha-130-anos/>. Acesso em: 07 jan. 2020.

SÃO PAULO. Estado. Museu da Imigração do Estado de São Paulo. **Histórico**. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/o-museu/historico/>. Acesso em: 07 jan. 2020.

SÃO PAULO. Estado. Museu da Imigração. **Sobre os poucos registros para sírios e libaneses na Hospedaria dos Imigrantes**. Disponível em: <http://museudaimigracao.org.br/sobre-os-poucos-registros-para-sirios-e-libaneses-na-hospedaria-dos-imigrantes/>. Acesso em: 07 jan. 2020.

SARAMAGO, José. **Historia de la emigración**, 2009. Disponível em: <https://cuaderno.josesaramago.org/52205.html>. Acesso em: 19 jul. 2019.

SOFOCLES (496 a.C.-406 a.C?). **Édipo rei**. Tradução Paulo Neves. Porto Alegre: L&M, 2013.

RANK, O. (1924) **Trauma do nascimento**: e seu significado para a psicanálise. São Paulo: Cienbook, 2016.

SAS, S.A. Situations sociales traumatiques et processus de la cure. **Revue française de psychanalyse**, v. 66, p. 923-933, 2002/3 Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-francaise-de-psychanalyse-2002-3-page-923.htm#>. Acesso em: 22 dez. 2019.

SCHIVARTCHE, M. **A mentira no discurso do paciente e suas ressonâncias no analista**. 2015. 179 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15445/1/Marcia%20Schivartche.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2020.

SEGAL, H. **Psicanálise, literatura e guerra**. Artigos 1972-1995. Org. Steiner, J. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

SILVA, D. N. Guerra Civil na Síria. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/conflito-na-siria-primavera-que-nao-consegue-se-estabelecer.htm>. Acesso em: 08 jan. 2019.

SILVA, M.C.P. **A herança psíquica na clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2013.

SILVA, M. B. D.; CREMASCO, M. V. F. **Migração e Refúgio, contribuições da Psicologia**, s/d. Disponível em: <http://www.dedihc.pr.gov.br/arquivos/File/2015/migracaorefugio-psicologia.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2017.

SÓFOCLES. [427 a.C.?]. **Édipo Rei**. Porto Alegre: L&PM, 2013, p. 87.

SOLLER, C. (1937). De um trauma a outro. São Paulo: Blucher, 2001.

SPINOZA, B. **Traité théologique-politique**. Paris: PUF, 1670/1999.

STURM, G.; BAUBET, T.; MORO, M. R. Culture, trauma and subjectivity: The french ethno-psychoanalytic approach. **Traumatology**, 2010, v. 16, n. 4, p. 27-38. Disponível em: <http://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1177%2F1534765610393183>. Acesso em: 25 mar. 2018.

TODOROV, Z. **O homem desenraizado**. Record: Rio de Janeiro, 1999.

TOSTA, M. R. O fazer do pesquisador e a pesquisa psicanalítica. In: KUBLIKOWSKI, I.; KAHHALE, E.M.S.P.; TOSTA, R.M. (Orgs.) *Pesquisas em psicologia clínica: contexto e desafios* [recurso eletrônico]. São Paulo: EDUC, 2019.

TRUZZI, O. Religiosidade cristã entre árabes em São Paulo: Desafios no passado e no presente. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, July/Dec., 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872016000200266. Acesso em: 14 fev. 2020.

UNHCR. **Resettlement**. Genebra, Suíça, 2021. Disponível em: https://www.unhcr.org/resettlement.html#_ga=2.67157395.345240848.1619887271-741060973.1595342319. Acesso em: 01 mai 2021.

_____. **Myd-Year Trends**, 2014. Disponível em: http://unhcr.org/54aa91d89.html#_ga=1.115211783.1476942605.1445380644. Acesso em 20 out 2015.

_____. **Sistema de refúgio brasileiro: desafios e expectativas** (2016), Brasília – DF. Disponível em: http://www.acnur.org/fileadmin/scripts/doc.php?file=fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Sistema_de_Refugio_brasileiro_-_Refugio_em_numeros_-_05_05_2016. Acesso em: 02 abr. 2017.

_____. **Refugees: an historical view**. New York, 1981.

USSEM, R. Thirde culture kids: focus of major study - TCK Mother. *Pens History of Field. The newspaper of international schools services*, 12 (3), jan. Princeton, NJ, 1999.

VEIGA, D. S. Até as raposas têm tocas: o problema da concentração fundiária na Palestina na época de Jesus. **NEARCO – Revista Eletrônica de Antiguidade e medievo**, v. 10, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/nearco/article/view/33405/pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

VELOSO, A. M. **Na busca por sobrevivência, como ficam as emoções dos refugiados?** São Paulo, jun. 2016. Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2016/06/20/na-busca-por-sobrevivencia-como-ficam-as-emocoes-dos-refugiados_a_21688007/. Acesso em: 16 jan. 2019.

VENTURA, M. M. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Rev. SOCERJ.**, v.20, n. 5, p. 383-386, set./out., 2007. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/34829418/o_estudo_de_caso_como_modalidade_de_pesquisa.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1524324280&Signature=4G0oDDJlvt4UcK2VrvHpJjUxwAo%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3Dsetembro_outubro_O_Estudo_de_Caso_como_M.pdf. Acesso em: 21 mar. 2018.

VIÑAR, M. O enigma do traumatismo extremo. **Percurso**. Figuras políticas do mal: limites do humano. Ano XXVI, jun. 2014. Disponível em: http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1085&ori=edicao&id_edicao=52. Acesso em: 01 nov. 2019.

_____. O enigma do traumatismo externo. Notas sobre o trauma e a exclusão: seu impacto na subjetividade. *Psicanálise*. Revista da sociedade brasileira de psicanálise de Porto Alegre, v. 12, n.1, 2010, p 205-215.

_____. O terror, o lugar do psicanalista. In: VIÑAR, Maren & Marcelo. *Exílio e Tortura*. São Paulo: Ed. Escuta, 1992.

_____. Entrevista concedida a revista *Percurso*. *Psicanálise entrevista*, v. 1. Org. Selaibe, M.; Carvalho, A. São Paulo: Estação liberdade, 2014.

VISENTINI, P. G. F. **O grande Oriente Médio: da descolonização à primavera árabe**. Campos, 2014. 336 p.

WINNICOTT, D. W. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: _____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 38-54.

_____. O conceito de trauma em relação ao desenvolvimento do indivíduo dentro da família. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (org.). **Explorações psicanalíticas**: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p. 102-115.

_____. (1963). O medo do colapso. In: WINNICOTT, C.; SHEPHERD, R.; DAVIS, M. (org.). **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994, p.70-76.

_____. As comunicações entre o bebê e a mãe e a mãe e o bebê, comparadas e contrastadas. In: JOFFE, W. G. (org.). **O que é a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Imago, 1972.

_____. (1974). O medo do colapso. *International Review of psychoanalysis*, 1, 104.

ZAHREDDINE, D. A crise na Síria (2011-2013): Uma análise multifatorial. **Revista Conjuntura Astral**, v. 4, n. 20, out./nov., 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/43387/27333>. Acesso em: 02 jan. 2019.

ZIMERMAN, D. E. **Fundamentos psicanalíticos**: teoria, técnica e clínica. Artmed: Porto Alegre, 1999.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, **Anna Silvia Rosal de Rosal**, aluna do Doutorado em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de SP, estou desenvolvendo a pesquisa intitulada **O refúgio à luz da psicanálise** (nome provisório), orientada pelo Prof. Dr. Renato Mezan. Venho convidá-lo (a) a participar da pesquisa, cujo objetivo é compreender – à luz da psicanálise – os significados atribuídos a experiência de refúgio. Para tanto será realizada entrevista com os participantes. Cabe ressaltar que este procedimento é de baixo risco. No entanto, estaremos atentos (as) para eventuais desconfortos que evidenciem a necessidade de intervenção e consequente encaminhamento do participante.

Os participantes não receberão nenhuma compensação financeira ou benefício direto por participarem do estudo. No entanto, benefícios podem ser gerados, pois os procedimentos acima referidos permitem a cada participante uma reflexão em torno da experiência em foco, além do estudo poder gerar benefícios para outras pessoas que estejam vivenciando a mesma situação. O sigilo em torno da identidade e da privacidade dos participantes ficam garantidos por esse termo. As entrevistas serão gravadas e transcritas e o áudio inutilizado após seu uso. A recusa em participar da pesquisa não implicará em nenhum prejuízo ao participante.

A pesquisadora coloca-se à disposição para informar os resultados obtidos tão logo a pesquisa seja concluída, o que está previsto para dezembro de 2021. O encontro poderá ser marcado pelos telefones abaixo especificados. Os resultados também ficarão disponíveis na Biblioteca Central da PUC-SP Nadir Figueiredo e poderão ser divulgados para fins acadêmicos.

Dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa poderão ser dirigidas ao Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, sito à R. Ministro Godói, 969 – sala 63- Térreo 99 – CEP: 05015-001 – Perdizes – São Paulo – SP – Tel. (11) 3670-8466 – E-mail: cometica@pucsp.br

APÊNDICE B – CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, portador do RE: _____ declaro:

- Haver compreendido os objetivos da pesquisa "título da pesquisa", inclusive os riscos envolvidos;
- Haver compreendido que posso me retirar da pesquisa a qualquer momento, sem qualquer consequência para minha pessoa;
- Haver concordado com a gravação em áudio dos procedimentos, que deverão ser mantidos por cinco anos, com a garantia de acesso restrito ao próprio pesquisador.
- Haver autorizado à divulgação e publicação dos dados obtidos para fins de ensino e pesquisa, com a garantia de sigilo em torno de minha identidade.

Assinatura do participante

RE: _____ Fone: _____

E-mail:

Pesquisador Responsável: Anna Silvia Rosal de Rosal

RG: 02.502.351-96 SSP/BA

Fone: (11) 98629-4255

E-mail: rosalderosal@gmail.com

Assinatura

São Paulo, _____ de _____ de 2018.